

CASSANDRA
COMO CRIAR PARA SI UMA MENTE HYBRIDA

Júlia Katunda e Filipe Doutel
(desorgs.)

Ilustrações e Capa: galinha de Sandra Martinelli, ovo de Júlia Katunda, foto de Nídia Bastos, ilustração de Alecs Kintaro e arte final de Carlos Patrício

AGRADECIMENTOS

Alexandre Margutti Fonoff, Alexandre Saadeh, Ana Carolina Neves, Andréa Cristina Bustamante Costa, Ana Maria Milenkovich de Almeida, Andréa de Abreu Feijó de Mello, Beto de Jesus, Carlos Alberto Fausto, Carlos Otávio Patrício, Carmita Helena Najjar Abdo, Cíntia Matsuda, Danilo Tomic, Davi Araújo, Delmo Luís Brás Altério Filho (*in memoriam*), Dênis de Moraes Ferrari, Denise Gama de Sousa, Eunice Correa, Evelyn Cremonese, Fábio Herrmann, Fábio Roissmann Timoner, Flávio Neves Soares, Francisca Doutel, Francisco Assumpção Jr., Giuliana Cividanes, Guilherme Peres Messas, Helena D’Azevedo Marques, Izabel Cristina Rios, Jairo Goldberg, João Paulo Consentino Solano, José Carlos Bustos, Leda Herrmann, Leon da Silva, Luciana Gonçalves, Luciana Saddi, Luciana Inês Domschke, Luís André Piancó de Castro, Magda Guimarães Khouri, Márcia Pompermayer, Marcelo Ribeiro de Araújo, Marcelo Feijó de Mello, Márcio Del Fiol (*in memoriam*), Marco Aurélio Monteiro Peluso, Maria do Perpétuo Socorro, Maria Tereza Vergara Gouveia, Marion Minerbo, Martinus Van deBilt, Mirian Fernandes, Mírian Regina Moretti, Nídia de Castro Bastos, Odécio Rocha Campos Filho (*in memoriam*), Olga Reggiani, Osmar Mesquita Neto, Osmares Santos, Paulo César Peréio, Paulo Otávio Guimarães, Regina Yoko Oyagawa, Sérgio Miguez, Urias Roberto da Silva, Valéria Bigliani, Valter Camilo Kiefer, Virtual Arte & Informática, Zanchi Fairbanks & Associados

para nossos filhos, familiares e amigos
e Bruno (*in memoriam*)

"Ah! Se você soubesse quantas vezes pensei nisso! E o que me alenta é saber que a civilização e a miséria do século desequilibraram muitos homens. Esses debilóides que não encontram rumos na sociedade são forças perdidas. No mais sórdido café de bairro, entre dois simplórios e um cínico você vai encontrar três gênios. Estes gênios não trabalham, não fazem nada... Convenho consigo que são gênios de barro... Mas esse barro é uma energia que, bem utilizada, pode ser a base de um movimento novo e poderoso. E este é o elemento que quero empregar.

— *Empresário de loucos?...*

— Essa é a frase. Quero ser empresário de loucos, dos inúmeros gênios apócrifos, dos desequilibrados que não têm acesso aos centros espíritas e bolcheviques... estes imbecis... e eu o digo por experiência... bem enganados..., suficientemente reauecidos, são capazes de executar ações que lhe poriam os cabelos em pé. Literatos de balcão. Inventores de bairro, profetas de paróquia, políticos de café e filósofos de centros recreativos serão a carne de canhão de nossa sociedade."

Roberto Arit

ÍNDICE

O Hybrido, a galinha e o ovo	13
<i>Júlia Katunda e Filipe Doutel</i>	
Manifesto por uma psiquiatria hybrida	19
<i>Júlia Katunda e Filipe Doutel</i>	
A Cabeça do bebê tem água	25
<i>Júlia Katunda</i>	
A Navalha de Ockham e o Leito de Procusto	37
<i>Filipe Doutel e Júlia Katunda</i>	
Caixa de Diálogos: Desarquitectura da loucura	55
<i>Júlia Katunda</i>	
Manifesto dos jovens analistas	85
<i>Ana Patituoci; Cristina Franch; Júlia Katunda e Paulo Jerônimo de Carvalho</i>	
A razão cínica e as teorias da mente	89
<i>Filipe Doutel e Júlia Katunda</i>	
Os intelectuais e o funil (do Brasil)	113
<i>Filipe Doutel</i>	
Lesbos revisitada	125
<i>Júlia Katunda</i>	
A síndrome de D. Pedro II	143
<i>Filipe Doutel</i>	
Onze (TAAAAAAAAAAT)	153
<i>Filipe Doutel</i>	
Ramo de ameixeira com picanço	157
<i>Filipe Doutel</i>	
A lição do chefe Nhambikwara	159
<i>Filipe Doutel</i>	
O Cinema tem noção de que nós o assistimos?	163
<i>Filipe Doutel</i>	
Bel-shar-usse vê a escrita na parede	165
<i>Filipe Doutel</i>	

Geminianas	167
<i>Júlia Katunda</i>	
Naufrágios	171
<i>Filipe Doutel</i>	
Revolução tem gosto de buceta	173
<i>Filipe Doutel</i>	
O Sedes no Abrap	175
<i>Júlia Katunda</i>	
Cartas (1 a 8)	179
<i>Júlia Katunda ou Filipe Doutel</i>	
Ônibus 174, televisão 171	207
<i>Filipe Doutel</i>	
A Professora edipiana	211
<i>Filipe Doutel</i>	
As regras do jogo	217
<i>Filipe Doutel</i>	
África, Terra Santa	223
<i>Filipe Doutel</i>	
De como Harry Potter reinventou Paulo Freire	227
<i>Filipe Doutel</i>	
História da Carochinha	235
<i>Filipe Doutel</i>	
A vida íntima dos ciborgues	237
<i>Filipe Doutel</i>	
Missa de esquerda	241
<i>Filipe Doutel e Marco Aurélio Monteiro Peluso</i>	
The Soft Machine	249
<i>Júlia Katunda e Filipe Doutel</i>	



O HYBRIDO, O OVO E A GALINHA

Júlia Katunda e Filipe Doutel

*A disciplina é para os mortos.
Vivo desorganizando.*

Fabrizio Carpinejar

Híbrido é o adjetivo que qualifica a resultante do cruzamento de espécies diferentes, daquilo que se afasta das leis naturais ou que é composto de elementos diferentes, heteróclitos, disparatados. Entre os animais a hibridação produz bichos estéreis, como a mula, já nas espécies vegetais os enxertos geram descendência e multiplicam a variabilidade; as árvores frutíferas, por exemplo, têm florações hibridizadas. Na gramática, diz-se de vocábulos compostos com elementos de diferentes línguas (ex.: televisão, palavra que mistura o grego *tele* com o latim *visio*). A palavra entrou na língua portuguesa no século XIX oriunda do francês *hybride* e, este, por sua vez, deriva do latim *hybrida*, substantivo feminino que significa bastardo, de sangue misturado; aplicável a homens ou animais. O ‘Y’ vem da forma usada preferencialmente por Horácio e Valério Máximo, influenciada talvez pelo falso cognato grego *húbris*, ultraje, violência, impetuosidade, ‘tudo que excede a medida’. A *húbris* dos humanos leva à *nêmesis* (vingança) dos deuses; o híbrido essencialmente subverte a boa ordem das coisas.

Hibridar é um verbo que designa uma intervenção na ordem da geração, uma ausência de regularidade, de normalidade, algo que está no campo da anomalia. Por híbrido queremos dizer uma criação única, o salto do transgênero — que é feito um a um —, a via que se abre sob o signo do sujeito e não do indivíduo; que não postula a divisão entre sujeito e massa, mas a subjetividade de massa. A miscigenação não tem exemplo prévio, não tem série histórica e, em geral, não é estocável, nem

repetível. Raramente deixa registros depois de si. Entre o que é disforme, estranho ou híbrido percebemos que a perturbação da rotina, do senso comum, é índice de uma manifestação: o *élan* evolutivo deriva muitas vezes do aberrante, daquilo que está separado, assinalado com a marca da abjeção e do sagrado. Quando alcança a potência simbólica, a mistura se faz síncope, crise, força bruta que desconhece a inteligência diretriz e chega animada de uma paixão que a autoridade espiritual ainda não domou. Mas não há partido, o híbrido é sem bandeira: preto para os brancos, branco para os pretos e igual a nenhum.

Campos de hibridação se produzem na diagonal da *mathesis universalis* quando se conectam rizomas, cada vez que se ouve o que diz o louco, sempre que atentamos para a periferia e a horizontalidade, quando se corroem os dualismos do pensamento discreto das “idéias claras”: sintético/natural, homem/animal, corpo/mente, singular/universal, arte/natureza, humano/máquina, razão/paixão, vivente/coisa, matéria/energia, transcendência/imanência. Trata-se mais bem de uma exame socrático, feito à revelia do bom-tom burguês e na contramão das ideologias *mainstream*, buscando efeitos paródicos ao *samplear* referências, editar *grooves*; um corte-e-cole com as linhagens, um *dub* de séries e castas. O híbrido é um experimento que atravessa gêneros e espécies, descompromissado com a permanência, dispensando os aparelhos da hereditariedade, os registros e anais; é o trabalho não-mercado-ria, anacorese e quizomba, a troca que se auto-anula, o que está vivo e não tem resto — amor brujo, relíquia de orgias arcaicas. Nele está inscrita uma recusa em fazer escola, é um anti-movimento, a utopia selvagem do tribalismo: “pé em Deus e fé na taba”.

Os antigos inventaram os semi-deuses, as divindades antropomórficas, os *daimons*, íncubos e súcubos, as personificações de fenômenos naturais, os *djins*, os heróis; criaturas que iam do divino ao demoníaco, metade animal e metade humanas. Os modernos se movem entre homúnculos e centauros mecânicos: homens-máquina e máquinas humanizadas, os *robots*, as quime-

ras, os mosaicos, as interfaces, as redes cibernéticas, os clones, as células totipotentes, a inteligência artificial. Para além do que poderia argumentar uma posição moralista, a hibridação não provém exclusivamente do arbítrio humano, não é necessariamente *contra natura*, porque vemos a natureza constantemente embaralhando as suas diferenciações, multiplicando as possibilidades da vida e da morte. Os vírus, seres de fronteira, carregam informação de um *filum* ao outro, genes migram dos procariontes para os vertebrados, células incorporam bactérias, a flor se acopla à abelha; a biologia delira numa profusão teratológica. Que chance teria a vida se insistisse numa pureza qualquer?

A economia-mundo desenvolvida por meia dúzia de nações ocidentais tomou o mapa-múndi, venceu e convenceu a tudo e a todos; a tal ponto que, ser moderno, atualmente significa ser ocidentalizado. Esta civilização enlouqueceu, a si mesma e às outras, por causa do sistema dos objetos, processos e produtos híbridos com que entulharam o ecúmeno. Estes objetos, difundidos em escala pelo espaço de fluxos, são artefatos sincréticos e participam de contextos muito variados: da experiência perceptiva e emocional, do mundo das relações significantes, da economia de mercado, do jogo político, etc. Trecos e troços que só podem circular sob a condição implícita de estarem marcados pela ausência de alguma coisa que é o seu sentido próprio — sem embargo das lantejoulas, é um fato comprovado que as pessoas só compram o que já está morto.

Na rede da cultura, circuitaria de comunicação e trocas, é que se produziu o intercâmbio, o melting pot chamado civilização. Civilizar, vejam só, é miscigenar. A civilização que massificou os híbridos, não por acaso, é a mesma que proíbe que se diga o seu nome; isto porque, ao se chamar um híbrido de híbrido, pode-se destruir inadvertidamente a miragem que sustenta os alicerces do nosso cotidiano. O *Sanctum* da mercancia é oco e o fetiche é um híbrido: “relação material entre pessoas e relação social entre coisas”; o dilema é antigo: capitalismo ou esquizofrenia? O híbri-

do utiliza extensivamente as máquinas “suja” da biologia e os circuitos “limpos” da comunicação, por isto é que consegue resistir ao biopoder; por isto é que consegue dizer aos taxonomistas: sou ornitorrinco! O híbrido está no que é neutro e complexo, opositivo, seu alvo está na natureza conflitual do discurso, na renúncia ao enciclopedismo da Verdade. O que neles sobra em autonomia lhes é negado em consistência ôntica: todo híbrido refaz a filogênese e a psicogênese por sua conta e risco, ninguém lhe empresta insígnias. E nunca encontra a tradição e a universalidade a seu favor, só blasfêmias e abominação. Terá de reinventar a roda, redescobrir a pólvora. *Da capo.*

Intercomutadores, idiorritmos, oogônia, bimutualismo, germinação, *asa foetida*, neoplasias, superfetação, amálgama, mórulas, desencantamento, categute, melopéia, enantiomorfos, consumidor moderno, endometriose, penetração cruzada, vitriolo, segundos e terceiros mensageiros, sincícios, flores fênicas, atraso, precário balanço entre o teórico e o factual. Híbrido é criar conjuntivo, con-criar, recolher e recircular os restos, o lixo da civilização; não é a mesma coisa que criar ex nihilo, a partir do nada como o deus sozinho — não é a sonata que nasce inteira, virgem ateneica, na cabeça do gênio. O híbrido hesita entre o ovo e a galinha. “Eles” não hesitam, acreditam que, possuindo a galinha, têm o ovo. *The harder they come..* Galinhas são idiotas. Galinhas, assim como as ovelhas, formam rebanho, mas não se organizam; “por isso a galinha é o disfarce do ovo”. Vocês já sabem o que uma quis dizer, a outra disse: Nós somos os propositores. Cabe a vocês o sopro.

“A variedade, o próprio conflito, são a vida, a uniformidade é a morte.” (Piotr Kropotkin).

Há uma velho *folklore* (sabedoria popular), conhecido como o Mito da Caverna, versão *reloaded*:

O Filósofo saiu da caverna em que se encerravam os homens e se maravilhou com a luz e a verdadeira aparência das coisas, de que os outros conheciam apenas as sombras. Ao voltar, pôs-se a descrever para seus companheiros os prodígios que descobrira, causando neles um profundo mal-estar. Muitos quiseram até expulsá-lo da caverna para sempre. Até que o Rei chamou-o a um canto e lhe pediu que tentasse amainar a dor que causara a seus semelhantes. Como era de índole dócil, o Filósofo assentiu e, daquele dia em diante, ficou encarregado de dar notícias do mundo lá de fora, porém, de uma maneira que fosse suave e pouco chocante. Com o tempo, perceberam que alguns dentre eles também se esgueiravam para fora da caverna: as crianças, porque sempre conseguem se extraviar; os poetas, em busca de inspiração para seus cantos; os loucos, por precisarem de espaços abertos e algumas mulheres a quem chamavam prostitutas. Um acordo sem palavras existia entre a comunidade de que nenhum dos trânsfugas, nem mesmo o Filósofo, poderia se tornar Rei.

P.S.: Amiga (o) que te arriscas neste livro, não temos outro exórdio: ou mudas este país, ou não verás país nenhum.

MANIFESTO POR UMA PSIQUIATRIA HYBRIDA *

Júlia Katunda e Filipe Doutel

“...o mundo, estando suspenso no vazio, assenta-se sobre a dúvida.”

James Joyce

Estado da Arte

O que traduziríamos por uma psiquiatria híbrida? Certamente um desconforto, uma inquietação, uma sensação de mal-estar na ainda recente civilização do Prozac. Vivemos uma época que nos possibilita virtualidades infinitas de experiências e artigos de consumo, ao lado disso, multidões injustificáveis de seres humanos são mantidos na miséria; viver, pensar, agir impõem-nos a tarefa inédita de entender todos os mundos que nos atravessam. O marketing científico fez a década de 90 do século passado ficar conhecida como a década do cérebro. Disciplina já com mais de 200 anos, a psiquiatria obteve súbita e merecida notoriedade — na última vez em que ganhara destaque no século XX, tinha sido malhada impiedosamente pela antipsiquiatria dos anos 60/70. Se é fato que o psiquiatra de hoje tem de ser mais cientista que o de ontem, também é verdade que ele terá de ser ainda mais resolutamente um humanista, sob o risco de estarmos a gestar uma moral Dr. Jekyll/Mr. Hyde. Chegamos a um ponto em que se faz necessário dar conta de avanços e retrocessos, propor direções e, principalmente, elaborar uma ÉTICA condizente com os novos tempos.

A ciência tem se valido de poucas mas eficientes estratégias para produzir seus resultados. Simplificando bastante podemos elencar 5 regras práticas: o ser é, o não-ser não é, exclui-se a contradição (princípio do terceiro excluído), exige-se a reprodutibilidade dos resultados e a falsificabilidade (termo popperiano¹⁴ que indica que uma teoria precisa ser passível de teste experimental, a “falsificação” da mesma). A partir deste esquema singelo foi possível chegar às vacinas, à eletricidade e à

Lua, com estes princípios também se espera chegar aos arcanos do cérebro humano. Desde o fim da Antigüidade, momento em que a ciência pôde se libertar das exigências da religião, começaram a ser lançadas as bases do que viria a ser a ciência moderna. Francis Bacon em 1620 com o *Novum Organum*^{2[iii]} e René Descartes^{3[iii]} em 1637 com o seu *Discurso do Método* são os arautos desta nova maneira de investigar a natureza.

No livro de Descartes, não obstante a palavra método vir sempre grafada em maiúscula, o autor nos avisa logo que aquele é o *seu* método, abstendo-se terminantemente de indicar qual deveria ser *o* método de bem conduzir a razão. Dessa modéstia não sofrem os novos adeptos da neuropsiquiatria (eles também fazem hibridismos!), psiquiatras ávidos de transformar a psiquiatria numa subespecialidade da neurologia, um apêndice provisório de uma genética que lhes porá sobre a mesa o diagnóstico e o tratamento antes de o paciente entrar na sala. Urde-se uma psiquiatria sem sujeito, uma corruptela cognitivo-comportamental das idéias de Skinner^{4[iv]} que sofre de fobia congênita a tudo que diga respeito à produção de *sentido*.

Cumprе reconhecer o esforço de uma psiquiatria que, a partir dos anos 50, se aliou às neurociências e à biologia molecular buscando um estatuto de cientificidade: os sistemas de classificação foram simplificados, eliminaram-se as obscuridades da nosografia, foram desenvolvidas formas de operacionalizar a pesquisa, escalas, tabelas, instrumentos estatísticos e... a revolução efetivamente ocorreu. Uma brilhante geração de psiquiatras abriu caminho substituindo estruturas anquilosadas, os departamentos foram tomados de assalto, os psicanalistas, fenomenologistas, vitalistas, existencialistas, etc., foram defenestrados e a nova divisa foi hasteada com pompa e circunstância: *publish or perish*. Remédios modernos, lançados em agressivas campanhas publicitárias passaram a oferecer uma saúde mental cosmética, o mundo *yuppie* prometia uma felicidade sem efeitos colaterais. Expurgada dos jalecos

e das esquisitices, embalada em ternos Cerruti e gravatas Hermès, a psiquiatria perdia o seu ranço de especialidade médica dada a confinamentos compulsórios e crueldades tipo eletrochoque. A *rentrée* não poderia ter sido mais triunfal: alicerçada em um poderoso *lobby* industrial, assediada por uma mídia ávida por novidades e em total sintonia com uma sociedade obcecada pela aparência saudável, uma certa psiquiatria anglo-americana floresceu e ganhou as revistas da moda e as publicações científicas da área.

Foi esta alegre farra que consagrou um livro-emblema nos anos 90: *Listening to Prozac*^[v] (escutando... o Prozac?!), bíblia de toda uma geração de alienistas que crescia aprendendo que o efeito de certas drogas é mediado pelo próprio meio. Traduzindo em bom português: a propaganda é a nova alma da medicina da alma. A psiquiatria atual decididamente é *fashion*^{3/4} em que pese a metáfora capenga, uma vez que a moda promove releituras, rejeita discursos hegemônicos, dialoga com outras áreas, sustenta anacronismos, enfim, É HÍBRIDA. Porque não haveríamos de pleitear a mesma liberdade para uma disciplina médica que é depositária de tamanho cabedal de contribuições oriundas de diferentes discursos e práticas como é o caso da psiquiatria? A psiquiatria é uma atividade complexa porque implica multiplicidades que se retomam numa prática clínica, numa relação humana, com tudo o que isso tem de indeterminismo e abertura. Todo e qualquer recorte teórico, usado de forma doutrinária neste lugar, será passível de reduzir, empobrecer, a perturbadora experiência que é estar frente a frente com outro ser humano. Escute o paciente.

Doença é um construto teórico, algo que foi criado de modo a dar conta do fato de que as pessoas passam por sofrimentos e morrem. Quando se constata que 95% dos indivíduos que entram em contato com o vírus da raiva ficam doentes, somos levados a pensar que o conceito “doença” tem valor heurístico, ele interpreta bem o que vemos na realidade. No caso das “doenças” mentais este conceito é bem mais problemático. A psiquiatria não

conseguiu até hoje um sinal inequívoco, um exame complementar que detecte, uma alteração em tomografias ou ressonâncias que diga: o senhor ou a senhora tem, teve ou terá isto ou aquilo. Criou-se então o conceito de “transtorno”, baseado exclusivamente em grupos de sintomas e aí começam os problemas. Por ter limites mais imprecisos, este conceito, se mal utilizado, dá margem a tendências empulhações. Há candidatos a novos diagnósticos psiquiátricos que impressionam: a síndrome que acomete quem fez parte de um júri popular, aqueles que se envolvem constantemente em acidentes automobilísticos ou que têm compulsão por Internet e por aí vai. Não faltam nem os que, ironicamente, proponham a felicidade como distúrbio psíquico^{6[vi]}. Perder a noção do ridículo talvez seja um novíssimo transtorno mental.

Nos Estados Unidos do Brasil...

Duas gerações de psiquiatras brasileiros foram enviadas aos centros de excelência europeus e norte-americanos a partir dos anos 80 para aí beberem do rio do esquecimento e refazerem a nossa história. Desde tempos imemoriais nossos bacharéis retornam da Europa impregnados de francesias e inglesias (deliciosa expressão de Gilberto Freyre) que passam a impor com um proselitismo furioso aos botocudos e tupinambás. Recorde-se o exemplo de Oswaldo Cruz. O problema destes doutos doutores e PhDs é que não querem importar o modelo todo $\frac{3}{4}$ da Inglaterra, primeiro país a respeitar uma Magna Carta, ou dos EUA antitruste, dos direitos civis defendidos a ferro e fogo. Lhes interessa antes pinçar um determinado aspecto que, descontextualizado, melhor satisfaça os interesses que representam. Porque, se a psiquiatria que pregam é nova, os métodos que usam para implantá-la são a fêrula da exclusão e a chibata da intolerância. Porque a psiquiatria de resultados que segue os ditames do DSM-4^{7[vii]} da poderosa Associação Psiquiátrica Americana (parece sempre só haver uma América) não é ruim em si e nem melhor ou pior que as outras – só erra ao se pretender a verdade revelada.

Assim é que assistimos ao descredenciamento de departamentos de pós-graduação não alinhados com o tipo de pesquisas quantitativas em voga. Isto num país que precisa de TODO o tipo de pesquisa que pudermos produzir. Os critérios, coincidentemente, beneficiam as instituições em que se fabricam os critérios. A sanha estatística, em muitos casos, é de fancaria, porque afinal psiquiatras não são matemáticos, então tem de se contratar um para fazer os números baterem e a tese sair. Poucos e bons são os que entendem a fundo os malabarismos estatísticos dos próprios trabalhos. Estabeleceu-se um simulacro do Consenso de Washington na psiquiatria: acabou a história e só há uma forma válida de pensamento e pesquisa; os mais aptos se reproduzem. Ora, a filosofia da ciência insiste em nos apresentar à exaustão exemplos de descobertas científicas vindas das direções de onde menos se esperava.

Não há regras para prever as quebras de paradigma. Como dizia Paul Feyerabend^{8[viii]}, não há Método, cada cientista é responsável por construir e fundamentar a consistência de suas teses. As matemáticas abrigam teorias que ainda esperam por testes de falsificabilidade como a Teoria das Catástrofes^{9[ix]}, mas não se promovem caçadas aos seus defensores e nem se descredenciam os departamentos que a defendem. O pós-modernismo nas artes eliminou até mesmo o conceito de vanguarda, ou seja, não há mais nas artes uma elite produzindo o verdadeiramente moderno. Cada artista tem de sustentar o mundo que criou através de suas obras, suas atitudes e intervenções. A pedagogia abandonou as cartilhas. Porque então a psiquiatria haveria de se aferrar a modelos neopositivistas de produção de saber, se entregando voluptuosa às delícias do pensamento único? Pedir à psiquiatria que seja híbrida não é só o óbvio, é também a antítese de um movimento saudosista porque se está ciente que o estado de coisas anterior ao domínio da psiquiatria anglófona ERA MUITO PIOR. Desejamos a modernização em todos os sentidos, que comece pelas mentalidades, modifique o *modus faciendi* das políticas de saúde e chegue até aos pilares da formação médica. Não é

aceitável que importantes revoluções modernizadoras no Brasil tragam a reboque a intolerância à diversidade, que sempre estejamos com vergonha do que temos de mais admirável. Não somos contra ninguém, não queremos acabar com nada, não nos interessa destruir, nós só queremos mais e melhor.

^{1*} I Simpósio realizado em 10/03/2001, São Paulo. Texto publicado na Pulsional Revista de Psicanálise. Ano XIV, nº 145, maio, 2001, p.44-48.

^{2[i]} Popper, K. - *Conjectures and Refutations. The Growth of Scientific Knowledge*, London, Routledge, 1963.

^{3[iii]} DESCARTES, R. - *Discours de la Méthode*, Librairie Larousse, Paris, 1973.

^{4[iiii]} BACON, F. - *Novum Organum*, Nova Cultural, Coleção Os Pensadores, São Paulo, 1999.

^{5[iv]} SKINNER, B. F. - *Science and Human Behavior*, New York, Free Press, 1966.

^{6[v]} KRAMER, P. - *Listening to Prozac*, New York, Viking Press, 1993.

^{7[vii]} BENTALL, R. P. - “A proposal to classify happiness as a psychiatric disorder”, *Journal of Medical Ethics*. v.18, p. 94-8, 1992.

^{8[viii]} ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA – *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-4)* 4ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

^{9[ix]} FEYERABEND, P. - *Against Method*, New York, New Left Books, 1975.

^{10 [x]} THOM, R. - *Stabilité structurelle et morphogenèse*, New York, Benjamin, 1972.

A CABEÇA DO BEBÊ TEM ÁGUA

Júlia Katunda

O bebê apresenta essa vitalidade, querer-viver obstinado, cabeçudo, indomável, diferente de qualquer vida orgânica. Com o bebê só se tem relação afetiva, atlética, impessoal, vital.

Gilles Deleuze

Introdução

Este trabalho apresenta o atendimento do bebê de uma paciente psicótica que há dez anos frequenta o CAPS Itapeva (Centro de Atenção Psicossocial Prof. Luís da Rocha Cerqueira). A metáfora essencial é a clínica do autismo, em que a analista se oferece como tradutora dos atos de fala do bebê bem como das interrupções do seu desenvolvimento (1). A discussão que proponho trabalha na interseção de vários campos: as vicissitudes da psicose e sua exaustiva atualização do foracluído, o laço mãe-bebê, a visão médica, o enfoque psicanalítico, uma clínica nômade; propriamente trata-se de uma transversalidade como a epígrafe já poderia sugerir. Gilles Deleuze propunha a filosofia tal qual uma caixa de ferramentas. Cada conceito possuiria uma habilidade singular, a nós restaria usá-los conforme a necessidade se presente e a pertinência se verifique.

Acredito poder resgatar o fundo e o sentido destas questões na clínica com bebês, em que a mais avançada tecnologia médica necessita estar junto do melhor instrumento de investigação psíquica, resgatando os três sentidos conferidos por Freud ao termo Psicanálise: 1-um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, 2- um método (baseado nesta investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e 3- uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. Proponho a psiquia-

tra como uma especialidade híbrida(2), pois acredito que ao fazer trabalhar as narrativas teóricas depositadas na literatura, a psicanálise se estabelece como a verdadeira ciência da psique, seguindo a proposição freudiana.

Do caso

O bebê tinha nascido com um problema que deixava Eugênia preocupada, mas nada era evidente no seu discurso cheio de idéias contraditórias sobre o marido. Passava o dia falando que o pai do seu filho estava com outra mulher. Dizia que Lázaro tinha fugido com a enfermeira do hospital em que foi internada logo depois do nascimento do filho. Tem tanta certeza porque presenciou o início do namoro. Deram-lhe remédio para dormir e aproveitaram a sua cama para fazer sexo! Pensava ela: “a esta altura eles estão morando juntos. Ele dá todo o dinheiro pra ela... já comprou uma máquina de lavar que eu sei por que eu ouvi o cara, que estava na esquina quando eu passei de ônibus, dizer em voz alta que conhece o Lázaro e viu-o tirando a máquina da loja...”

Inúmeras falas carregadas de afetos paradoxais, de recados trágicos, mesquinhos e infelizes. Para Kristeva (3), a sintomatologia psicótica transita por um narcisismo pré-edipiano não “sulcado pelo desejo erótico feito por um objeto externo, mas sim por suas pré-condições arcaicas, biológicas ou semióticas, modelada em definitivo pelo erotismo dos pais e do entorno”.

Entre as falas da traição havia uma outra queixa difícil de realizar e que acusava um duro golpe. David, o bebê que tiveram, nasceu com hidrocefalia. Fazia o acompanhamento com o neurocirurgião e ainda assim sua cabeça aumentava a cada dia. Estava angustiada com o fato de ele estar com tantas dificuldades e ela ser incapaz de resolver esta situação. Também não conseguia contar com o marido que havia saído de casa depois de muitos desentendimentos. A partir desta escuta, estabeleceu-se uma nova estratégia de intervenção, pois está demonstrada a associação entre as emoções expressas dos familiares e os episódios

de recaída com sintomas produtivos, justificando-se a abordagem familiar. Neste momento, combinamos transferir o atendimento para junto do bebê que estava agora na casa da avó. Eugênia morava num apartamento próximo, estava muito desorganizada, mal dava conta de si, que diria de um bebê.

A hidrocefalia em sentido literal significa “aumento de água na cabeça”, pode ser decorrente de erro no desenvolvimento somático ou tratar-se de uma obstrução produzida por uma neo-formação. O livro de Pediatria Básica de Eduardo Marcondes (4) faz saber que “ainda se acha difundido o conceito de que esta doença tem prognóstico grave, não se justificando o tratamento. A existência de numerosos hidrocefálicos tratados e com o processo compensado, levando uma vida normal, mostra o erro de tal conduta. Evidentemente nem todos os casos evoluem bem, o que é devido, em parte, à falta de diagnóstico precoce”.

Acredito que as crises, os sintomas, as paralisações no desenvolvimento, falam de uma impossibilidade de simbolização. São inevitáveis os eventuais desencontros do sujeito com suas necessidades, mas a não satisfação de necessidades constitutivas em idade muito precoce leva a comprometimentos mais profundos. O trabalho da psicóloga Silvia Ferreira (5) sobre a interação mãe-bebê mostra que a mãe se dirige à criança dialogicamente, atribuindo-lhe turnos, ou seja, um espaço temporal durante o qual o bebê pode se manifestar e também um trabalho interpretativo do fluxo comportamental de ambos os participantes da díade mãe-bebê. É neste movimento especular, constante e repetido, que se dá a constituição do sujeito, constituição que exige que alguém ocupe o lugar de **Outro primordial** (veremos mais adiante no esquema de Bouasse) para daí possa exercer uma função decisiva de *ilusoriamente antecipar* o desejo do bebê. A situação era pouco favorável ao bebê que além de nascer com uma patologia, não podia contar com sua mãe para ocupar este lugar e a avó que estava na suplência da mãe cumpria com os cuidados da ordem da *necessidade crua* com trocar suas fraldas,

alimentá-lo, levá-lo às consultas, era-lhe impossível ocupar-se do jogo infantil.

Kristeva (6) propõe que a palavra analítica opera em três níveis de representação: representação-palavra (significante), representação-coisa (significado) e representações de afeto (inscrições psíquicas móveis, submetidas aos processos primários de deslocamento e de condensação que ela chama de semióticas em oposição às representações simbólicas). Esta concepção estratificada da significância permite compreender como a palavra lógica, alicerçada nas representações infralingüísticas pode atingir o registro da matéria, do físico, o corpo. E ela conclui: “Um modelo forte do humano é assim proposto, de acordo com o qual a linguagem não está cortada do corpo e o Verbo pode, ao contrário, tocar a cada instante a carne – para o bem e para o mal”. Não é raro que os bebês filhos de pacientes psicóticos fiquem à mercê de situações que comprometem seu desenvolvimento. Era preciso estabelecer um campo que permitisse a atuação dos três níveis de representação já que a mãe, o pai e a avó não davam conta de articular nos seus pensamentos ambivalentes as fragilidades do bebê.

No atendimento de David vali-me do funcionamento mental familiar regido pela tópica do pós-parto, momento distintivo das modificações subjetivas, interativas e sintomáticas. Há uma notável mobilização psíquica da mãe e da família que neste momento se vê com uma capacidade distinta de estabelecer vínculos dada as revivências das próprias vivências infantis e à grande mobilização de afetos que os acometem. Temos um funcionamento mental característico que Cramer e Palácio-Espasa (6) chamam de “psicopatologia do pós parto”, ou da “parentalidade conflitiva”.

A “parentalidade conflitiva” é uma forma complexa de funcionamento em que os tensionamentos produzidos pelo encontro destas diversas tramas (pais, bebê, ambiente, família) induzem o sistema a uma forma de auto-organização, de tal modo

que o sistema instalado deixa de ser redutível à simples soma das partes. Dizem eles que “a parentalidade, sobretudo com o primeiro filho, realmente é uma nova fase do desenvolvimento, um *life event* muitas vezes difícil para a adaptação psicobiológica, com um cortejo de expressões psicopatológicas nos pais e mães que nem sempre existiam antes”.

Temos então uma configuração tripartite da situação clínica: o bebê, a mãe e a analista. (A avó faz parte da suplência da mãe.)

1) Do lado do bebê, a história se constrói a partir do nascimento do corpo que será investido libidinalmente. A psique se valerá das atividades das zonas sensoriais para engendrar suas experiências e, neste momento, psíquico e somático estão intimamente ligados, de tal modo que o Eu se torna biógrafo do corpo. O Eu só pode ocupar um corpo que possua história. Existem vários relatos mostrando efeitos da escuta de pais e bebês. Os bebês reagem às palavras dos psicanalistas bem como às reações de seus pais. Assim, para Piera Aulagnier, “o registro do escutado e da voz merecem atenção particular, devido ao lugar preponderante que ocupa o sistema semântico que constitui o Eu. Essa instância se caracteriza pelo fato de traduzir todo visto, todo percebido, todo experimentado num sentimento, condição para que a percepção exista para essa instância; por outro lado, a tonalidade desse sentimento dependerá não da objetividade da percepção, mas da significação projetada nela e interpretada como a causa de sua aparição e desaparecimento”. (8)

2) Winnicott (9) nos lembra que ao suportarmos a mãe podemos ajudá-la a melhorar a qualidade dos seus cuidados. Entretanto, o *holding* materno insiste na presença, é preciso assisti-la no real da vivência cotidiana, de uma forma em que se reconheça a natureza essencial da sua função. O amparo à mãe levou o atendimento para fora da instituição, direção imprevista, portanto, mas nem por isso se descaracterizou a escuta assim constituída.

3) A analista, não podendo deixar de responder a uma proposta de investigação, viu-se na contingência da clínica nômade de que fala Suely Rolnik (10). Com a necessidade de um mediador para criar modos de existência não-doente entre os territórios pelos quais circula a psicose, entre estes territórios e as famílias, entre ambos e as paisagens da cidade, confeccionou-se o acompanhante terapêutico. Ele se apresenta a este exercício valendo-se dos recursos teóricos e técnicos da psicanálise e da psiquiatria; a circulação nestes espaços o obriga a referenciar-se numa ética que privilegia as forças da processualidade, condição de vida cuja potência criadora pode criar uma consistência em que a saúde se torne possível.

Sabe-se que as perturbações no desenvolvimento e sintomas psicossomáticos costumam desaparecer quando se instaura a escuta analítica. E quando se trata de uma patologia orgânica instalada e descompensada, como se comportaria? Uma coisa não deixava dúvida: a necessidade de incluir o corpo erógeno, corpo sobre o qual a psicanálise se debruça, já que a investigação e intervenção somática realizada pela pediatria e pela neurologia estava estabilizada.

Do atendimento

Encontro o pequeno David aos seis meses de idade. A cabeça grande repuxava as sobrancelhas conferindo-lhe uma expressão de boneco assombrado, o característico sinal do “sol poente”. O olhar vivo. Tinha um atraso no desenvolvimento: não girava sobre o abdome, nem mudava sozinho de decúbito, também não se sentava sem encosto. Isto fazia com que a nuca fosse reta e dura como uma tábua de bater carne com uns fios de cabelo. Lá estava também a avó, Angélica, uma senhora pequena e vigorosa cuja vida parecia um suceder de infelicidades reentrantes. Estava aprendendo a aproveitar a vida e os bailes que sempre sonhara em frequentar. O nascimento de David alterou sua rotina e nem sempre calhava de Eugênia conseguir cuidar do bebê.

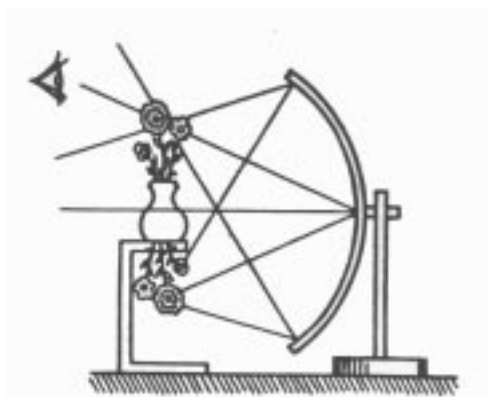
Desde os primeiros atendimentos vai sendo construído um *setting*. A casa tinha uma sala na frente, relativamente grande e também relativamente cheia de móveis de tal modo que acabamos usando um pequeno tapete próximo ao sofá. O bebê no centro; eu, a mãe e a avó dando o entorno. Então vinham assuntos sobre o bebê durante a semana, dos incômodos da mãe e da avó, das poucas boas notícias e das notícias sobre os muitos problemas. Não raro, Eugênia ocupava a sessão com suas desventuras, mesmo assim, vez por outra lograva responder aos movimentos do filho. Eventualmente até conseguia apreciar os acréscimos que David fazia em seu repertório. Como a mãe e a avó evitavam exercitá-lo, passei a brincar com ele, primeiro deitado, girando-o para um lado, depois para o outro, permitindo que ele se esparramasse pelo tapete, atitude que o autorizou a iniciar suas investigações corporais no espaço. Propus à mãe e à avó que experimentassem brincar com o bebê.

O bebê, ainda fora do uso da língua, mas já imerso neste universo, lança mão da rigidez de corpo, do choramingo, das vocalizações, do sonho e do olhar para se comunicar com a mãe. Estes são os atos de fala e é com eles que o bebê conduz a ação materna. A mãe detém o poder de estruturar o diálogo, mas é o bebê com seus atos de fala que alimenta a função. Segundo Leclaire(11), todo texto desempenha a função de limite do gozo e de organização do prazer, de lei. O texto é o portador da intenção legiferante, ou seja, intenção de estabelecer leis ou isolá-las em um determinado domínio. Nomeando os atos de fala do bebê, foi possível construir um texto. Para Leclaire, “tudo que se diz, tudo que se escreve, toda literatura, toda verborrêia constitui uma forma de reelaborar um texto já sempre aí, mesmo que esta reelaboração tenda para uma revisão ou recomposição”. Isto criou um campo de permissão para a mãe — e a avó se beneficiou disto — que passou a se posicionar diante das dificuldades de David.

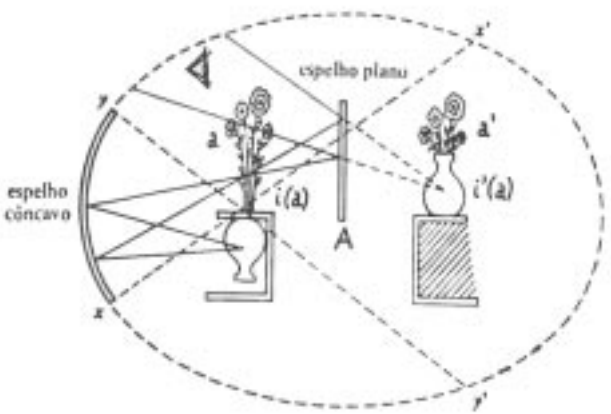
Mãe e filha, enquanto falavam, passaram a se lembrar de muitas histórias. Às vezes Eugênia falava ininterruptamente e

vez por outra introduzia novos elementos na sua ladainha. Surpreendentemente, um dia Angélica diz que aquelas histórias trágicas que Eugênia contava na verdade eram dela e não da filha. Abandonou o lar quando Eugênia, caçula da prole de quatro filhos, tinha seis anos. Estava farta de brigar e de apanhar do marido. Esta observação, decifradora do fantasma que se arrastava nas falas de Eugênia, foi determinante. Descolada da obrigação de gozar num fragmento de realidade que não lhe pertencia, deixou de lado os enunciados das traições, a agitação e a aceleração e começou a se reaproximar do marido.

Haviam se passado oito semanas do início do atendimento e dava para notar que definitivamente a cabeça de David não crescia mais no mesmo ritmo. Pedi para avó trazer anotadas as medidas da cabeça da consulta de puericultura e verificamos que realmente se estabilizaram. O neurocirurgião que fazia o acompanhamento informa que seguiria observando mais um tempo, mas que a drenagem cirúrgica se tornara desnecessária. A construção de um texto, incluindo os atos de fala do bebê, constituiu-se uma forma de reelaborar uma história plena de segredos enquistados que encontramos nas famílias de pacientes psicóticos.(12) Informada de que havia um texto proposto pelo bebê, a mãe passou a atentar para ele e deste modo dar-lhe condição de existência na família. Ao atribuir-lhe turnos e tentar antecipar seus desejos tal qual a “saudável loucura materna” de que nos fala Winnicott, a mãe tomou a posição de **Outro primordial**.



A experiência do buquê invertido



Esquema com dois espelhos

Esquema óptico de Bouasse utilizado por Lacan na sua metapsicologia nos permite formular o olhar do Outro primordial como constitutivo do eu e da imagem do corpo

Ou seja, a intervenção abriu um canal de interlocução entre a mãe e o filho. O esquema óptico de Bouasse na metapsicologia lacaniana parece responder as questões colocadas por esta clínica quando falha a instauração da relação especular. Segundo Lacan, seu estabelecimento exige o **prévio necessário**, a saber, um esquema óptico que permita a reunião de um objeto real (no sentido corrente do termo) e de um objeto imaginário (no sentido da imagem). O olho que olha a cena é que garante a constituição da imagem do corpo erógeno. O Outro materno, que cumpre a função de **Outro primordial** precisa ser posicionado no cone de difração luminosa para poder investir libidinalmente o bebê.(13)

Tal como prevê Cramer e Palacio-Espasa (14), é no encontro da conflitiva materna com o nascente funcionamento do psiquismo do bebê, do intrapsíquico e o interpessoal que se dá a “evolução das fantasias básicas, modos preferenciais de relações objetais e estratégias defensivas”, é aí que o terapeuta articula o seu entendimento. O real que atinge o cérebro bem como todo desenvolvimento do corpo, embora determine um limite, é apenas um ponto de partida para o processo que chamamos de subjetividade. O que determina o eixo central do desenvolvimento é o desejo dos pais, da criança, da geração.

A prática das terapias mãe-bebê, fornece um ponto de observação privilegiado porque os adultos que se consultam no período de pós parto — tempo que se prolonga até os 2 anos — funcionam sob a égide da metamorfose que os tornou pais. Este estado os constrange à obrigação de responder às exigências do filho de carne e osso e também à necessidade de investir de sonhos este objeto insólito e novo. Cramer (15) diz que ocorre aí um funcionamento em que se dá uma regressão para um estado

anterior à constituição do Eu, num Eu já marcado por uma vivência subjetiva de ruptura e de inquietante estranheza diante do recém-nascido. O funcionamento psíquico dos genitores, especialmente da mãe, deve incluir a representação mental do filho como um acréscimo ao território psíquico parental.

Os efeitos terapêuticos rápidos e profundos são devido à interpretação dos sintomas do bebê que provoca modificações maciças de investimentos e das representações parentais, e como vimos, permite que o filho seja descoberto e conseqüentemente liberado.

Um estudo sistemático de avaliação dos efeitos terapêuticos das terapias conjuntas confirma a impressão clínica de que as mudanças obtidas não são sintomáticas e passageiras. Tal capacidade de mobilização psíquica, que parece ser específica desse período, se torna uma oportunidade única tanto para intervenções terapêuticas breves, como para uma pesquisa de fundo sobre as mudanças psíquicas.

Referências bibliográficas

- 1.Lasnik-Penot, M.C. (org), O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas, Salvador, Ágalma, 1998. p. 23-35.
- 2.Katunda, J.& Doutel, F.(2001)Manifesto por uma psiquiatria híbrida. Pulsional Rev. Psicanal., nº145,2001
- 3.Kristeva, J., No princípio era o amor, psicanálise e fé, São Paulo, Brasiliense, 1987.
- 4.Marcondes, E. Pediatria Básica, São Paulo, Ed.Sarvier, Editora de livros médicos Ltda, 1985.
- 5.Ferreira, S., A interação mãe-bebê: primeiros passos. In Wandelely, D.B., Palavras em torno do berço, Salvador, Ágalma,1997. p. 77-88.

- 6.Kristeva, op.cit.
- 7.Cramer, B. e Palácio-Espasa, Técnicas Psicoterápicas Mãe-Bebê, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- 8.Aulagnier, P. “A violência da Interpretação”, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1979.
- 9.Winnicott, D. Da pediatria à psicanálise, São.Paulo, Francisco Alves Ed. 19878.
- 10.Rolnik, S. Clínica Nômade, In Pandjanjian, C.(org) Acompanhamento Terapêutico, São Paulo, Educ, 1992. p. 68-75.
- 11.Leclaire, S. Corpo Erógeno, Rio de Janeiro, Chaim Samuel Katz, 1976.
- 12.Correia, Olga B.R., Segredos de Família. São Paulo, Escuta, 1998.
- 13.Lasnik-Penot, MC., op.cit.
- 14.Cramer,B.,op.cit.
- 15.Cramer,B, op.cit.

(Texto publicado na revista Prática Hospitalar, ano VI, n. 33, mai-jun, 2004, pgs.108-112.)

A NAVALHA DE OCKHAM E O LEITO DE PROCUSTO: OS PROBLEMAS DO DIAGNÓSTICO EM PSIQUIATRIA.*

Filipe Doutel e Júlia Katunda

Totus mundus agit histrionem. **

*Uma psiquiatria verdadeiramente materialista define-se por
uma dupla operação: introduzir o desejo no mecanismo e introduzir a
produção no desejo.*

Gilles Deleuze e Félix Guattari

A medicina só consegue desenvolver um conjunto de hipóteses testáveis empiricamente quando passa a ter acesso ao corpo. Gregos e hindus praticavam a cremação, romanos, chineses, muçulmanos e cristãos tinham tabus religiosos que interdita-vam a realização de autópsias. No Renascimento, com a retomada do estudo e da representação do corpo, é que o racionalismo da era moderna iniciará o lento catabolismo da teoria dos quatro humores — incontestemente por mais de vinte séculos! Apoiado nos estudos de Harvey e Vesalius, cabe a Giovanni Battista Morgagni demonstrar pela primeira vez a necessidade de basear o diagnóstico, prognóstico e tratamento no conhecimento das condições anatômicas. Em seu livro de 1761 *De Sedibus et Causis Morborum per Anatomen Indagatis*, já encontramos compendiado o método da medicina moderna: clínico-anátomo-patológico. A psiquiatria como especialidade médica autônoma se constitui ainda neste mesmo Século das Luzes, em que a medicina implementa socialmente através da higiene pública e da tecnologia hospitalar a sua feição já decididamente científica e coletivista. Momento em que os discursos do saber e do poder se articulam, a prática médica em geral e diagnóstica em particular, passa a se dar num contexto de iniciativas regulares aplicadas de forma contínua ao corpo

social, suas categorias tornam-se progressivamente autônomas e passam a ser avalizadas pelas evidências produzidas no curso destes procedimentos. A psiquiatria é contemporânea tanto do nascimento da medicina científica, como do surgimento dos discursos sobre “o homem”.

Esta origem anfíbia responde por uma tensão fundamental na psiquiatria: se por um lado não pode prescindir de uma filiação científica ancorada na medicina, de outro, não consegue evitar a instância crítica das ciências humanas, saberes de problemática situação epistemológica. A própria definição do objeto de estudo de uma medicina da alma é equívoca; do que se ocupa a psiquiatria: do cérebro, da mente, do comportamento, do aparelho psíquico? Compreendida dentro do dualismo corpo-mente, a *res cogitans* e a *res extensa* cartesianas, a psiquiatria problematiza agudamente a distinção clássica, estabelecida por Wilhelm Dilthey no século XIX, entre explicação e interpretação que opõe ciências naturais e humanas. Nas primeiras, nos localizamos no compasso do reducionismo e do legalismo propriamente científicos, associados à verificação, predição e controle; já nas segundas, a autotematização antropocêntrica confere ao conhecimento um caráter hermenêutico, marcado pela polissemia da linguagem. Desta forma, compreendemos o diagnóstico em psiquiatria como a resultante dos vetores representados pela nosologia e a psicopatologia, seja, entre conclusões gerais, extrapoláveis potencialmente para todos e o recorte singular, histórico e irredutível do *pathos* individual. Como salienta Gentil Filho (1991), a psiquiatria “não é apenas ciência, ela é uma disciplina ao mesmo tempo ideográfica e nomotética, que contempla o que há de único no indivíduo e o que há de universal no conhecimento científico.”

Depois de colher merecidos sucessos ao longo das últimas décadas, os principais sistemas diagnósticos em psiquiatria encontram-se numa espécie de *moratória* quanto à publicação de suas novas versões até 2010 (Banzato, 2002). A Classificação Internacional de Doenças, publicada pela Organização Mundial de Saúde,

atualmente em sua 10ª. edição (CID-10) e a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Psiquiátrica (Norte) Americana, o DSM-IV, terão de ser discutidos em profundidade neste período. O momento é oportuno, portanto, para algumas reflexões acerca do papel destas classificações na medida em que isto nos permite articular os conhecimentos produzidos pelas neurociências, a psiquiatria e a psicanálise. Entendemos que a psiquiatria é o campo de mediação ideal para confrontar os resultados a que chegaram as ciências cognitivas e a psicanálise, opinião partilhada por um número cada vez maior de pesquisadores destas áreas. Assim se expressou recentemente o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia de 2000, o neurocientista Eric Kandel (1998):

“Psiquiatria, psicologia cognitiva e psicanálise podem determinar para a biologia que funções mentais precisam ser estudadas para se chegar a um entendimento sofisticado e significativo da biologia da mente humana. Nesta interação, a psiquiatria pode ter um duplo papel. Primeiro, poderá buscar respostas no plano que lhe é próprio, questões relacionadas ao diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais. Em segundo lugar, poderá levantar as questões concernentes ao comportamento que a biologia precisa responder se quisermos ter uma compreensão realística e avançada dos processos mentais superiores.”

Uma outra série de fatores credenciam a psiquiatria, enquanto especialidade médica, como interlocutora privilegiada deste debate. A medicina é hoje um conjunto heterogêneo de práticas ligadas à saúde intensamente investidas de tecnologia e, por este motivo, um serviço caro e fortemente *mediado*. A maior parte dos gastos e investimentos do setor estão relacionados à hotelaria hospitalar, convênios privados, medicações, equipamentos, próteses, exames complementares, etc., transformando a medicina moderna numa atividade essencialmente tecnocrática, em detrimento dos seus aspectos de profissão liberal. A relação médico-paciente, conseqüentemente, encontra-se em franca desva-

lorização frente ao chamado biopoder, que buscará ativamente, sempre que possível, intermediá-la tecnologicamente e limitá-la o alcance transformador. Era esta a percepção fundamental de Foucault sobre o impacto do capitalismo na passagem de uma medicina privada para uma medicina coletiva no século XVIII, ao afirmar que o corpo é uma realidade biopolítica e a medicina, uma estratégia biopolítica (Foucault, 1979).

O triunfo deste biopoder cada vez mais sem rosto, derivado em grande medida da eficácia de seus recursos, alterou radicalmente as estruturas do ensino, da assistência e da pesquisa médica. A competição oligopolística e a interação estratégica entre as empresas (de países ricos, bem entendido) e os governos, mais do que a mão invisível do mercado, condicionam hoje a divisão internacional do trabalho no setor da biotecnologia. Efeito conspícuo destas novíssimas relações de força, alguns congressos médicos tornaram-se autênticas feiras de negócios e certos médicos já não se distinguem de garotos-propaganda das novidades da indústria. O caso recente do *stavudine*, medicação que integra o coquetel anti-AIDS, é emblemático desta lógica que Noam Chomsky chama de “sistema subsídio-público/lucro-privado” (Chomsky, 2000). O fármaco, inicialmente desenvolvido em pesquisas financiadas com dinheiro público, foi apropriado pela indústria privada, patentado e posteriormente negada sua venda subsidiada aos países africanos, a despeito da notória situação epidêmica que estes países enfrentam.

Evidentemente, *lobbies* desta natureza não se contentam com o *marketing* corporativo ou o parasitismo da pesquisa básica, passando a submeter a própria concepção do adoecer às regras de mercado. A “criação” do transtorno de pânico (como a de muitos outros transtornos) foi, novamente, exemplar desta *démarche*. cooptou-se um esforço cientificamente legítimo da psiquiatria anglo-americana de se estabelecer parâmetros operacionais para o diagnóstico e tratamento da ansiedade, extrapolando os resultados assim obtidos para uma visão hegemônica do sofrimento psíquico¹.

Quando a psiquiatria se rende incondicionalmente ao *modus* capitalista, suas próprias categorias se confundem com a moldura ideológica deste discurso dando origem à clínica dessubjetivada do paciente/cliente. - O “cliente”, que sempre tem razão, pode “escolher” entre as diversas síndromes à disposição no “mercado” (a diversidade aparente não impede que para todas estejam indicados os antidepressivos de nova geração). Não admira que o modelo dominante da psicopatologia contemporânea seja o da compulsão: comer, se drogar, roubar, comprar, jogar, fazer sexo, se operar, trabalhar, conectar-se à rede e virtualmente qualquer atividade humana pode ser subsumida no imperativo consumista. O dispositivo de mídia atrelado a esta psiquiatria baseada em evidências incompletas - sim, porque, ao excluir o inconsciente, esta psicologia rasteiramente objetiva provoca uma grotesca distorção - é de uma eficiência diabólica: o paciente já chega à consulta “sabendo” o que o aflige. Já leu nas revistas e jornais, já viu na TV depoimentos de celebridades, achou *sites* na *web* com relatos em primeira pessoa (contribuição involuntária que desperta um alto grau de empatia), enfim, já exorcizou com a ajuda de “especialistas” o enigma contido em seu sintoma e pode trilhar sem medo o caminho de uma auto-ajuda sem mistérios turbinada por monoaminas.

Depreende-se da argumentação precedente o quanto está ligado a uma visada política, no sentido forte do termo, o recorte que atravessa os campos que interrogamos. Tradicionalmente, cientistas que se ocupam da pesquisa básica têm uma compreensível ojeriza à interferência da política na ciência, acusando a primeira de perverter a segunda. Cita-se freqüentemente o desastroso destino das idéias do inglês Francis Galton, primo de Darwin e introdutor das estatísticas na psicologia no início do século XX, que deram um aval cientificista à eugenia². Ou o caso do biólogo ucraniano Trofim Lysenko, que entre 1948 e 1964 baniu e executou geneticistas com o argumento de que a hereditariedade era contrária ao marxismo, levando ao colapso da agricultura soviética (Raw, Mennucci

& Krasilchic, 2001). Se a ciência é uma atividade caracterizada pela independência e neutralidade de seus procedimentos, o mesmo não ocorre com os seus produtos, açambarcados por uma tecnologia sobredeterminada ideologicamente pela sociedade de consumo. Para além da revisão constante dos conceitos e a “falsificação” experimental das teorias, a função e o lugar de uma crítica consistente deve incidir também sobre as condições desta apropriação tecnofascista, sob o risco de vermos a sociabilidade contemporânea tornar-se um pesadelo de ficção científica. Recordamos a este respeito as palavras do saudoso professor Milton Santos (2000):

“O período atual tem como uma das bases esse casamento entre ciência e técnica, essa tecnociência, cujo uso é condicionado pelo mercado. Por conseguinte, trata-se de uma técnica e de uma ciência seletivas. Como, freqüentemente, a ciência passa a produzir aquilo que interessa ao mercado, e não à humanidade em geral, o progresso técnico e científico não é sempre um progresso moral. Pior, talvez, do que isso: a ausência desse progresso moral e tudo que é feito a partir dessa ausência, vai pesar fortemente sobre o modelo de construção histórica dominante no último quartel do século XX.”

O século XX foi um período fértil em hipóteses acerca do funcionamento mental e questionamentos das estruturas da psiquiatria hospitalar, redundando em modificações do quadro conceitual e social em que se situavam as doenças mentais. Pioneiros como Tuke e Pintel, trabalhavam ainda na definição das grandes fronteiras entre a psiquiatria e o direito, loucura e criminalidade, desrazão e pecado — tarefa parodiada por Machado de Assis em seu conto “O Alienista” de 1882. No século XIX, em que pontificaram Morel, Kahlbaum, Magnan, Maudsley e Kraepelin, procurou-se acomodar a psiquiatria dentro dos domínios da medicina com a delimitação taxonômica das entidades nosológicas. A mais subversiva das metamorfoses no meio “psi” começa em 1900 com a publicação da “Interpretação dos Sonhos”, obra em que o neurologista Sigmund Freud sistematiza a descoberta do inconsciente

— a maior realização das ciências humanas no século XX. Nove anos mais tarde, convidado para uma série de conferências na Clark University nos EUA, Freud comenta com Jung que se preparava para levar a “peste” para a América.

Palavras que se revelaram proféticas. A história subsequente da psiquiatria norte-americana é a história da ascensão e queda da influência psicanalítica naquele país. Com a imigração de psicanalistas europeus, fugidos das perseguições políticas nos anos 30 e 40 do século XX, formou-se nos EUA a escola conhecida como psiquiatria dinâmica, caracterizada por um acento nas questões sociais e uma vertente psicodinâmica de base psicanalítica. Entre outras contribuições, veio desta psiquiatria dinâmica o impulso para o estabelecimento da *hospital community psychiatry* nos anos 50, psiquiatria de cunho social que viria a influenciar a anti-psiquiatria européia. No entanto, é forçoso reconhecer que o predomínio de psicanalistas nos postos de comando de uma especialidade médica atrofiou enormemente o desenvolvimento da investigação científica. A partir do final dos anos 60, quando estas lideranças vão sendo substituídas, pode-se notar claramente o caráter *anti-psicanalítico* que a psiquiatria norte-americana adquire desde então. Esta mudança, alavancada pelos progressos da psicofarmacologia, da epidemiologia e da psicologia comportamental, irá inscrever finalmente a psiquiatria no âmbito da medicina baseada em evidências.

A publicação do DSM-III (Manual Diagnóstico e Estatístico, 3ª. edição) em 1980, completava o esforço de dez anos de uma força-tarefa interdisciplinar liderada por Robert Spitzer, Eli Robin e John Endicott, que já desenvolvera em 1978 os RDC (critérios diagnósticos de pesquisa). É difícil exagerar os benefícios que a popularização desta classificação trouxe para a psiquiatria. Pela primeira vez, dispunha-se de uma tábua classificatória com categorias delimitadas por critérios precisos de exclusão e inclusão, que qualificava a morbidade mental como *transtorno* (mais que uma síndrome, menos que uma doença), combinava o diagnóstico

categorial e dimensional ao criar cinco eixos de avaliação, municiando, enfim, a comunidade internacional de clínicos e cientistas de um esperanto para se comunicar. Como todas as revoluções fazem vítimas, esta não foi diferente e assassinou a histeria, figura clínica milenar que acabou excluída também da edição seguinte da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), publicada em 1993. Eliminava-se, assim, a noção de que um conflito inconsciente pudesse causar distúrbios mentais; fato que não escapou a Leme Lopes (1980), aliás, o primeiro a propor o diagnóstico multidimensional na psiquiatria já nos anos cinquenta.

A psicopatologia, descentrada de sua posição na formação dos psiquiatras, teve, desde então, seu papel drasticamente limitado. O princípio de economia, que evita a multiplicação desnecessária de entes teóricos formulado pelo filósofo William de Ockham no século XIV, foi aplicado às principais escolas psicopatológicas e o sofrimento psíquico passou a ser encaixado no Leito de Procusto das entrevistas padronizadas e das escalas psicométricas. O diagnóstico em psiquiatria ficava submetido ao antolho de duas limitações metodológicas, visto que a aplicação simultânea de ambos procedimentos acarretava: a) perda das extremidades (i.e. a singularidade, a anomalia estatística) excedentes à média no procedimento procusteano e b) o desativamento dos seres feitos só de palavras, os *flatus vocis* da exclusão ockhamista - lembremos que o sujeito é um puro efeito de enunciação.

Nem tudo foram perdas, no entanto, uma vez que se ganhou um paradigma mínimo, um acordo programático a partir do qual se tornou possível aprofundar o trabalho clínico e a pesquisa. Este acordo básico, em permanente processo de reformulação como acontece na ciência, não é despiendo: a história recente e remota da psiquiatria é testemunha da diferença brutal entre o arbítrio da *doxa* (opinião), em que se move uma disciplina pré-científica e a *epistème* (conhecimento), conjunto de regras que permite organizar as condições do debate de idéias no interior de um dado sistema de práticas. Os grandes males da

psiquiatria decorrem, hoje como ontem, da falta e não do excesso de cientificidade.

Em qualquer conjunto de práticas discursivas, a crítica do pensamento único não deve se confundir com a recusa do necessário — e sempre provisório — consenso que sustenta o campo de interlocução em igualdade de condições. Assim, seguimos a opinião de Sonnenreich e Bassit (1979) quando afirmam que: “A doença é por definição um conceito médico. Os sofrimentos do indivíduo, as alterações do comportamento, a *çloucuraç*, podem ser vistos de vários pontos de vista. Quem faz um raciocínio médico a respeito de tais problemas, pode falar em doenças”. Mas não podemos concordar quando, a propósito dos distúrbios afetivos, afirma-se que as mudanças de critérios advindas com o DSM-III refletem apenas uma variação de perspectiva: “A mudança se deve a certo modo de ver as coisas, a certos pontos de vista. Nem se pode afirmar que os conhecimentos progrediram, que novas descobertas nos levaram para uma conceituação mais convergente.” (Sonnenreich; Kerr-Corrêa; Estevão, 1991). O relativismo desta postura leva à incomensurabilidade entre as teorias e à irresponsabilidade na prática: se as opções da nosografia resultam apenas de um “certo modo de ver as coisas”, se qualquer posição é sempre um ponto de vista parcial, todas as posições se equivalem e não há como avaliar objetivamente as decisões clínicas que daí decorrem. Se nenhum consenso existe, então tudo é permitido...

O estado de coisas na psiquiatria pré-DSM-III, gostemos ou não dessa verdade, ilustra bem as conseqüências disto: falta de critérios nas indicações de eletroconvulsoterapia (ECT), ausência de parâmetros objetivos de indicação de psicofármacos, dificuldades para avaliar a má prática, etc. A ausência destes balizamentos, muito mais do que o despotismo embutido no discurso médico, justificou as críticas de Basaglia, Laing, Cooper, Szasz e Foucault, entre outros. Karl Popper (1987) alertava para a diferença fundamental entre o relativismo e o pluralismo crítico; en-

quanto o primeiro conduz à ausência de direito e favorece a opinião do mais forte, o segundo pressupõe o livre concurso entre as teorias, sua discussão racional e eventual eliminação crítica.

A psiquiatria só é verdadeiramente humana quando é científica, longe da ciência e da arte ela não passa de um circo de horrores. A subjetividade, começamos a nos dar conta, é o verdadeiro objeto das ciências da mente e o horizonte comum que estas partilham com a psiquiatria e a psicanálise. Até mesmo a medicina de alta tecnologia ganhará em sentido na medida em que tiver acesso a um grupo de representações que ainda lhe estão vedadas: o orquestramento pulsional do corpo erógeno, a psicosssexualidade, a relação com o imaginário, a transferência, o recalque, etc. A atual configuração da resistência à psicanálise, cuja ponta-de-lança é a psiquiatria anglo-americana, procura inculpá-la de uma suposta anticientificidade, acusação que a maioria dos psicanalistas endossa alegremente, sem perceber que sobem no mesmo barco de obscurantistas de vários calibres. Estar do lado da singularidade, responder pelo não-todo a que o desejo remete o sujeito, não pode significar alinhar-se ao atraso. Inversamente, ao tratar da questão diagnóstica das doenças mentais sem se referenciar numa psicopatologia explícita (e, portanto, criticável) e rejeitando as evidências clínicas do inconsciente, a psiquiatria não poderia melhor justificar a pecha de anacronismo vis-à-vis das especialidades médicas.

Uma das principais influências da psiquiatria moderna vem de um empreendimento que combina tecnologia e cooperação multidisciplinar: as neurociências cognitivas, que congregam cientistas da computação, psicólogos cognitivos, neurobiólogos, lingüistas, filósofos e antropólogos. Começando por estudar as funções cognitivas elementares, este campo de pesquisa se expandiu rapidamente nas duas últimas décadas com o aperfeiçoamento das técnicas de neuroimagem e da biologia molecular. Superados os constrangimentos do behaviorismo radical, as neurociências passaram a estudar sistemas de complexidade cres-

cente: visão, memória, modelos de comportamento animal, redes neurais, consciência, etc. E o que revelam as pesquisas sobre a cognição — Reisberg (1997) expõe sucintamente: “Os dados revisados até aqui, tornam claro que o comportamento do sujeito e várias influências neste comportamento, são escondidos da sua vista. (...) Podemos lembrar, ver, entender a linguagem, raciocinar, tudo isto sem estar a par dos processos envolvidos e sem supervisão consciente destes processos.”³

A maior parte da atividade cerebral é inconsciente, o inconsciente é a silenciada novidade que o estudo do cérebro apresenta (Kihlstrom, 1987). O que não deveria surpreender aqueles que entendem o inconsciente como algo que *produz efeitos*. Mas onde ocorre o inconsciente — , será ele um efeito fantasmagórico da linguagem e/ou da fala, será que só ocorre dentro de uma sessão psicanalítica? Teria ele (sacrilégio horrendo) uma consistência material, um veículo, uma localização física? Pensemos por outro lado: como é que algo impalpável (chamemos de alma, mente ou inconsciente), alteraria um substrato material (digamos, o corpo) sem que isso se faça através do gasto de energia, contrariando as leis da física? Pior ainda seria admitir, como última flor da metafísica, a existência de dois tipos de inconsciente: um que se desvelaria nos consultórios e outro de uso exclusivo dos laboratórios. As neurociências vêm subvertendo as centenárias fronteiras entre as ciências do singular e do universal, uma vez que a emergência da mente constitui-se diretamente numa experiência em primeira pessoa; *a fortiori*, este sujeito cognoscente assim constituído, pauta-se por uma racionalidade afetiva e afeta-da cuja raiz inconsciente lhe escapa.

O dualismo mente-corpo tornou-se insustentável tanto à luz da psicanálise, quanto dos dados experimentais disponíveis — neurociências e psicanálise usam metodologias diversas e têm ainda poucos termos de mediação em seu diálogo, mas certamente não se ocupam de “objetos” distintos. Ciência e psicanálise não se confundem em seus escopos, mas possuem conver-

gências importantes. É à ciência que a psicanálise deve recorrer para se dotar de uma visão de mundo (*Weltanschauung*, recomenda Freud (1933) na Conferência XXXV. A psicanálise não é exata, mas é rigorosa; uma análise pessoal não é reproduzível, nem classificável, trata-se de uma experiência sem álibi. Mesmo assim, seu fundador reivindicou para ela um estatuto de cientificidade que seus próprios seguidores foram e são renitentes em admitir. Para Lacan, o que se descobre numa psicanálise é da ordem do saber, saber de um sujeito sobre o desejo que o atravessa, e não do conhecimento ou da representação, territórios preferenciais da ciência e da estética. A distinção entre saber e conhecimento, embora clássica, já não se aplica à ciência e mesmo à psicanálise mais modernas, insistir nesta querela é um equívoco desastroso.

Psicanálise e ciência operam no limite entre acaso e necessidade, com construções provisórias que procuram dar conta de um objeto que se nega a um conhecimento definitivo, a um pensamento de sistema; o movimento que as anima é pouco confortador: uma auto-crítica sistemática e constantes rupturas de campo. A importante releitura do método psicanalítico proposta por Fábio Herrmann (1979) atenta para estes fatos:

“Do objeto de saber psicanalítico diz-se *inconsciente*. Logo, inconsciente significa, primeiramente, a possibilidade de ruptura do campo significativo (dos sistemas de referência rotineiros) e, em segundo lugar apenas, um conjunto mais ou menos estável de significados coerentes que tais rupturas deixam à vista. Ao afirmar que um certo discurso comporta sentidos inconscientes, não estamos postulando que uma entidade misteriosa - çó inconscienteç -, participa da sua constituição; mas, pela ordem: que outros sistemas referenciais que os rotineiramente aceitos podem ser aplicados à compreensão do discurso; que efetivamente eles foram aplicados; e que o resultado obtido é coerente consigo mesmo.”

A confirmação experimental das hipóteses centrais da metapsicologia, a comprovação da eficácia terapêutica das *talking cures*, habilitam a psicanálise e a ciência ao debate sério. A psiquiatria, que entendemos como uma especialidade híbrida (Katunda; Doutel, 2001), pode servir como termo médio, o terreno propício para esta aproximação que sempre tem de ser retomada e cujas conseqüências políticas são vastas por remexer em latifúndios e sesmarias cujos donos relutam em largar o osso. A ciência pode muito bem adotar o discurso do mestre, a lógica da dominação, assim como a psicanálise pode se fechar ao progresso e se tornar um conglomerado de seitas: no fundo, a escolha sempre decorre da ética implicada.

A bioética, pedra angular da medicina e da biologia, tanto pode ser pautada por uma lógica de mercado como pode ser a ética do desejo. “Eis a ética da diferença que a psicanálise contrapõe à prática da psiquiatria serve do capital. Não devendo assujeitar-se nem ao discurso universitário nem ao discurso capitalista, a ciência - eis a tarefa que cabe aos cientistas - deve corresponder à estrutura do discurso que mais dela se aproxima: o discurso da histérica, pelo qual fala, por meio de seus sintomas, o sujeito da paixão, paciente sem deixar de ser agente” (Quinet, 2001). A discussão do diagnóstico em psiquiatria mostra que as fronteiras da biociência contemporânea ultrapassam o limiar de competência da crítica clássica, seja ela epistemológica, sociológica, hermenêutica ou moral: os estudos sobre o Mal de Alzheimer nos deixaram a alguns passos de compreender o envelhecimento cerebral, a neurobiologia da memória é a própria caixa preta do aparelho psíquico e a genética nos colocou às portas da clonagem humana. Não há como recuar, estamos votados ao diálogo transdisciplinar; somos chamados a elaborar uma ética que não pode ser normativa por envolver regiões de ponta no campo experimental, que se constitui retrospectivamente, no tempo segundo do *après-coup* como nos ensina a clínica.

BIBLIOGRAFIA

GENTIL FILHO, Valentim - Psiquiatria e Neurociências: a abordagem biológica em psiquiatria. **Temas.**, vol. 21, n. 40-41, pg. 127, 1991.

BANZATO, Cláudio E. M. - *Assigning things to their proper class: taxonomic issues and trends in psychiatry.* **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, vol. V, n. 1, pg. 11-19, 2002.

KANDEL, Eric R. - *A New Intellectual Framework for Psychiatry.* **Am. J. Psychiatry.**, v.4, n.155, pg. 459, April, 1998.

FOUCAULT, Michel - **Microfísica do Poder.** org. e trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1979, pg. 80.

CHOMSKY, Noam - **A democracia e os mercados na nova ordem mundial.** Lisboa, Antígona, 2000, pg.58.

RAW, Isaias; MENNUCCI, Lelia; KRASILCHIK, Myriam - **A Biologia e o Homem.** São Paulo, Edusp, 2001, pg.336-7.

SANTOS, Milton - **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo, Record, 2000, pg. 65.

SONNENREICH, Carol; BASSIT, William - **O conceito de psicopatologia.** São Paulo, Manole, 1979, pg.126.

SONNENREICH, Carol; KERR-CORRÊA, Florence; ESTEVÃO, Giordano - **Debates sobre o conceito de doenças afetivas.** São Paulo, Manole, 1991, pg. 5.

POPPER, Karl - Tolerância e responsabilidade intelectual. In: **Sociedade aberta, universo aberto.** Lisboa, Dom Quixote, 1987, pg. 97-9.

LEME LOPES, José de - **Diagnóstico em Psiquiatria.** Rio de Janeiro, Cultura Médica, 1980, pg. 124 *et passim.*

KIHLSTROM, John F. – The Cognitive Unconscious. **Science.**, n. 4821, v. 237, pg. 1445-72, 1987.

REISBERG, Daniel – **Cognition: Exploring the Science of Mind.** New York, Norton, 1997, pg.593.

FREUD, Sigmund – A questão de uma *Weltanschauung* (1933) In: **Obras Completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro, Imago, 1966, pg. 155-77.

HERRMANN, Fábio – **Andaimos do Real: uma revisão crítica do método da psicanálise.** São Paulo, E.P.U., 1979, pg. 180.

KATUNDA, Júlia; DOUDEL, Filipe – Manifesto por uma Psiquiatria Híbrida. **Pulsional Rev. Psicanal.**, n. 145, pg. 44-8, 2001.

QUINET, Antonio - A psiquiatria e sua ciência nos discursos da contemporaneidade. In: **Psicanálise e Psiquiatria: controvérsias e convergências.** Antonio Quinet (org.), Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2001, pg. 20.

* Texto elaborado a partir de trabalho apresentado no 2º. Encontro da Teoria dos Campos, São Paulo, 6 de outubro de 2001. Publicado em CALDERONI, D. (org.) **Psicopatologia: vertentes, diálogos.** São Paulo, Via Lettera, 2002.

** “Todo mundo representa”, divisa do Globe Theater de Londres, 1599.

¹ Mário Eduardo Costa Pereira recapitula este processo, concluindo: “Desse maneira, o problema dos acessos de angústia, delimitado por meio da categoria de transtorno de pânico, coloca de modo premente a questão do estabelecimento do estatuto psicopatológico desse fenômeno ansioso tão corriqueiro na experiência clínica, tanto mais que certos discursos psiquiátricos estritamente objetivantes, cada vez mais difundidos nos meios de comunicação de massa, apresentam-se como os únicos com legitimidade para dele dar conta.” COSTA PEREIRA, Mário E. - A criação do transtorno de pânico: os discursos psiquiátricos contemporâneos. In: **Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico.** São Paulo, Escuta, 1999, pg. 52.

² É de justiça aqui lembrar a decisiva contribuição das idéias de Herbert Spencer (1820-1903), que extrapolou a teoria da evolução para o campo da sociologia produzindo, com a sua tristemente célebre fórmula, *survival of the fittest*, poderosa justificativa para a opressão dos países colonialistas. No Brasil do primeiro terço do século XX a eugenia, como parte importante da razão de estado, tornou-se o princípio de cientificidade do qual a incipiente psiquiatria brasileira faria seu baluarte. Cf. FREIRE COSTA, Jurandir – **História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. Rio de Janeiro, Campus, 3^a. ed., 1980.

³ É impressionante a semelhança destas asserções com as observações pelas quais Freud justificava a necessidade do conceito de inconsciente: “... os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. Estes não só incluem parapraxias e sonhos em pessoas sadias, mas também tudo aquilo que é descrito como sintoma psíquico ou uma obsessão nas doentes; nossa experiência diária mais pessoal nos tem familiarizado com idéias que assomam à nossa mente vindas não sabemos de onde e com conclusões intelectuais que alcançamos não sabemos como.” (FREUD, Sigmund, O inconsciente. [1915] In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1996, pg. 172).



pensar é não saber
mude o mundo
sem tomar o poder

CAIXA DE DIÁLOGOS: DESARQUITETURA DA LOUCURA¹

Júlia Katunda

Só me interessa o que não é meu

O. de A.

A Caixa de Diálogos é um dispositivo inscrito na confluência que psiquiatria, terapia ocupacional, medicina, psicanálise, loucura e arte, podem hoje sustentar passadas décadas de entreveros ideológicos². Como pesquisa desenvolvida no atendimento de portadores de transtornos mentais graves, é uma proposta comprometida com a remissão dos sintomas psicóticos que fisiologicamente rendem à figura do doente sem sujeito. A Caixa de Diálogos, considerada a partir de suas atividades, é uma medicina em contato com a arte, a ação social, - essencialmente na produção de subjetividade - realizando performances, exposições e oficinas em associação com o terceiro setor, parcerias governamentais e voluntariado. É estratégia médica por visar a manutenção dos benefícios clínicos alcançados por longos períodos de tempo e a prevenção de novos episódios psicóticos e de internações; mas também dispositivo psicanalítico inscrito no atendimento público, deslocando-se da política para a clínica e desta para a metapsicologia e a arte. A Caixa de Diálogos propõe explicitamente uma subversão do primado da nosologia e da epidemiologia na formação das políticas de saúde, modelar o atendimento a partir do encontro e da escuta: “Quem determina quando e como deve ser acolhido é aquele que sofre o vazio da experiência psicótica. Um lugar de acolhida e participação (como define a instituição psiquiátrica contemporânea) deverá ter a flexibilidade construída pelas relações pessoais e pela criatividade. A experimentação constante, com diversas linguagens, é uma das formas de acesso a esse outro lado do sintoma – a permanente reconstrução³”.

A articulação de tão diversos discursos tem sua contraparte na forma, essencialmente transdisciplinar, que congrega as equipes, engajando as diversas competências e habilidades dos profissionais envolvidos nos projetos e oficinas. As atividades da Caixa de Diálogos se localizam em pontos diversos do *continuum* entre arte, terapia e política, embora se interliguem pela forma coletivista de auto-gestão de seus interesses e alvos específicos. Na passagem do *pathos* à arte, do sintoma à sublimação, do psicológico ao social, da mônada ao sujeito, constata-se que a loucura não fala apenas do conflito intra-psíquico, ela acontece entre os homens em sociedade, em grande intimidade com a cultura. Nunca, como na psicose, se evidenciam tão extensamente as fraturas e descontinuidades do equipamento institucional e discursivo que agenciam a inscrição subjetiva; nas produções da psicose a escuta flutuante se afina pelo ruído de fundo do pictórico, determinante das possibilidades existenciais. Ao psicótico, sujeito experimental por excelência, não está colocada uma solução de compromisso: ele não pode simplesmente “ter” um sintoma, porque ele é “tido” pelo sintoma³. Lembremos como Lacan entendia a literatura de Joyce - fazer-se um nome, tornar-se o *Sinthomé*. Daí a importância do diálogo artístico de Lygia Clark* (e Hélio Oiticica para os processos que se põem em movimento nestes grupos: a desrazão, a transgressão, não só confrontam as categorias da norma, como põem em jogo a corporeidade da constituição subjetiva e, simultaneamente, os modos de subjetivação do *corpus* político.

Quero salientar que esta modalidade de intervenção só pode ser pensada a partir da obra de Freud, pois, se o Isso e suas produções existiam antes da descoberta freudiana, também é válido dizer que, antes de Freud, não tinham existência objetiva para o Eu e, conseqüentemente, para a ciência médica e a cultura⁵. Elas só adquiriram um *status*, uma positividade, a partir do momento em que o Eu pôde forjar representações ideativas destes ‘objetos’, essencialmente heterogêneos a ele, adequadas a sua estrutura, inteli-

gível para a lógica do discurso. Em termos de metodológicos, situo meu trabalho na chamada *clínica extensa* **, clínica psicanalítica que, na sua radicalidade, se dá para além dos consultórios, em ressonância com o meio. Clínica radical, aqui no sentido etimológico de raiz, acepção que subentende o fato de que a clínica psicanalítica ao tempo de Freud não se restringia a uma prática de consultório. Foi depois que ela se transformou em psicologia individual e esta passagem resultou dos acordos *políticos* realizados no interior do movimento psicanalítico. A partir da extensão permissível da clínica e o nível da sua teorização foi estabelecida uma *clínica padrão*. Já há algum tempo, os “analistas de calças jeans”, segundo carinhosa definição de Elizabeth Roudinesco, para analista praticantes da *clínica extensa*, ampliaram os horizontes de ação engajando-se em novas configurações de manejo transferencial, numa sociedade que não oferece mais os pacientes e as situações analíticas *tradicionais*.

A psicose da clínica

A resistência à clínica do mental, psicanalítica ou não dentro da saúde pública abarca, no contexto brasileiro, vertentes bem distintas politicamente. À direita, sob a influência da psiquiatria anglo-americana, baseada em evidências - que bem poderia se chamar baseada-em-quase-todas-as-evidências, uma vez que suprime a evidência do inconsciente - busca-se constituir uma clínica dessubjetivada, autorizada num paradigma biológico míope que faz do homem neural uma fábula cognitivo-comportamentalista da seleção natural⁶. No outro extremo do espectro, a luta anti-manicomial também se mostra desconfiada da normatização embutida no discurso médico e da parafernália freudiana, que melindra com suas premissas universais do falo, castração, inveja do pênis, complexo de Édipo, os ouvidos libertários dos *partisans* da desospitalização. Seja do prisma da nosologia, seja do planejamento epidemiológico, a clínica da escura, do estar-com (sentido etimológico de terapia, *therapein*), encontra-se relegada ao sótão do anacronismo utópico. Frequentemente se credita à introdução dos medicamentos a acen-

tuada redução do número de hospitalizações nos últimos anos (nos EEUU de 554.000 em 1954 para 77.000 em 1993 segundo Craig 1997*), esquecendo que para isso contribuíram avanços de toda ordem nas tecnologias sociais. O fato é que sem o relevo dado pela clínica, a subjetividade desaparece tanto se elevarmos o corte, como na dimensão da estatística populacional, como se o fizermos muito baixo, nos desfiladeiros da neurobiologia.

A psicanálise como método de investigação/tratamento e teoria (metapsicológica) da mente começou com o estudo das neuroses. Neste primeiro momento a perspectiva científica tradicional, até certo ponto se encontrava mantida: o essencial do procedimento psicanalítico era o *deciframento* do sintoma, que dependia do manejo da transferência de modo a contornar a resistência que a repressão opunha ao trabalho da análise. Até aqui ainda se poderia dizer que a psicanálise operava dentro de uma lógica do sentido - a interpretação e a reativação da cena inconsciente na relação transferencial possibilitava a reconstrução histórica do sujeito (desobrigado dos juízos da consciência)⁷. Porém, a partir dos anos 20, inaugurados com o Além do Princípio do Prazer (1920), entra em ação a segunda tópica que trará importantes reacomodações neste panorama.

No que concerne à prática, a figura do analista passa a se realizar no registro da *intensidade* – este é o confronto que ele tem a fazer, se tiver pretensão de influenciar o conflito do sujeito. Os efeitos do ato analítico, a interpretação em análise, ficam remetidos definitivamente a uma concepção de posterioridade (*Nachträglichkeit*) e a problemática estende-se à produção de toda e qualquer representação inconsciente já que os registros quantitativos e qualitativos se apresentam com toda sua equivocidade. Casos graves de neurose, em que a inacessibilidade narcísica e a culpabilidade inconsciente se presentificam na reação terapêutica negativa, fazem sua aparição sob a égide do “imperativo categórico do superego”, o “fator moral” no caminho da cura psicanalítica**. De toda maneira, percebe-se o que desponta na clínica

freudiana desta fase, a repetição, a força constante (*konstante Kraft*) que a pulsão imprime ao psiquismo.

Na cena teórica, o que Freud introduziu com a nova teoria das pulsões vai permitir a investigação das relações objetais mais precoces e das formações clínicas que se organizam anteriormente à situação edípica. O conflito fundamental, o dualismo de princípios no psiquismo, passa a ser localizado além do princípio do prazer com a noção de repetição, acarretando pelo menos duas conseqüências decisivas: o afastamento da experiência de satisfação (*Befriedigung* do arco reflexo do instinto e o aparelhamento do gozo na linguagem. Segundo Lacan, este é campo freudiano propriamente dito; campo em que o objeto se constitui como objeto da pulsão enquanto se torna objeto para o desejo (objeto *a*), através da perda em gozo que o processo acarreta. Isto faculta à psicanálise abordar a questão sujeito/objeto numa articulação inteiramente nova dentro do pensamento ocidental: o sujeito do inconsciente, sujeito da enunciação, nasce assujeitado à alteridade (o que já era sabido desde Hegel), mas a novidade é o papel que caberá à pulsão (e ao recurso à fantasia), na relação deste com os objetos de seu desejo. Em torno deste furo central, a falta deste objeto perdido da satisfação, é que se organiza a estrutura do discurso, as cadeias da rede significante⁸.

Trabalhando com psicóticos percebo o quanto a clínica referenciada na primeira tópica freudiana operava num recorte ideológico muito “alto” na sua relação com a palavra. Na experiência psicótica falta precisamente o ponto de *capiton*, o ponto-de-basta, pelo que a relação do significante com o significado torna-se “sempre fluida, sempre prestes a se desfazer”*(- a não inscrição da metáfora paterna desarma o nó (borromeu) entre real, simbólico e imaginário. Por este motivo é que na clínica devemos atentar para o rastro, o que está aquém da “plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica”, aquilo que, ao contrário, está na condição destas**. O que chamo, seguindo Piera Aulagnier, de dimensão pictural da psicose, impõe ao analista

uma escuta radicalizada, que busca nos escombros do mito das origens e dos critérios de verdade do discurso do *logos* suas possibilidades: a presença do originário, a produção de uma *arquiescritura* como jogo *na* linguagem⁹.

A arte e a literatura de vanguarda nascem no momento em que o artista insere a subjetividade na ordem da objetividade, ao mesmo tempo em que se põe a refletir sobre a linguagem. Esta passagem equivale ao trânsito que vai da figuração do objeto ao gesto artístico, sem se deter na fetichização de ambos - todo o processo é problematizado pela arte do século XX. Nas artes plásticas, Octávio Paz dicotomiza as obras de Picasso e Duchamp; se no primeiro temos colagem, velocidade e fecundidade imagéticas, no segundo temos negação e retardo, reflexão sobre a imagem, pintura-idéia, máquina filosófica e a metáfora dos *ready mades*. “Picasso tornou visível o nosso século; Duchamp nos mostrou que todas as artes, sem excluir as dos olhos, nascem e terminam em uma zona invisível. A lucidez do instinto opôs o instinto da lucidez: o invisível não é obscuro nem misterioso, é transparente... (...) cada um à sua maneira, definem a nossa época: o primeiro por suas afirmações e seus achados; o segundo por suas negações e explorações.”***

Arte conceitual, instalação, arte performática, abstração, arte bruta, minimalismo, arte ambiente, *body art*, arte engajada, etc., todas estas direções se encontram esboçadas em Duchamp e desenvolvidas em Lygia Clark e Hélio Oiticica. Na obra deles reencontro o mesmo grau de questionamento dos limites e condições da representação e das relações desta com a subjetividade, com o corpo e com a transformação social que discerni há pouco nas produções psicanalíticas. Pode-se mesmo dizer que, nestes artistas toda essa gama de preocupações forma uma engrenagem de uma peça só com a seu fazer artístico e se traduz na interação que suas obras convidam da parte do espectador. Lygia e Hélio produziram uma arte que não faz do objeto um fetiche a entulhar museus; arte difícil, avessa à mercadorização e ao catá-

logo, que não fica quieta no seu nicho da história; arte que ativa quem dela se aproxima, que insiste como subversão atravessando a história da nossa arte, nossas instituições, nossa clínica, nossa sede de crítica...

O maquinário da subjetividade

A partir do momento em que a psicose e os chamados casos borderlines ganharam escuta, assim como os autistas através do atendimento de bebês, tornou-se necessário re-interrogar a identificação primária e reencontrar os caminhos pelos quais o funcionamento psicótico se estabelece na constituição do sujeito. Trata-se do “grau zero da identificação que mobiliza a pulsionalidade, os afetos e uma certa imagem do corpo do analista e do corpo do paciente”*. Especialmente porque o psicótico procura certificar-se de uma presença entorno da qual seja possível um espaço de inscrição, cabendo ao analista permitir ser tomado como suporte para tal.

Cornélius Castoriadis, fornece elementos teóricos preciosos dos investimentos afetivos que se dão no momento originário no texto *As raízes psíquicas e sociais do ódio*** ; segundo ele, a amarração da matriz psíquica se dá no narcisismo primário, numa relação narcisada com elementos sensoriais. O senso unitário é composto de sujeito idêntico ao objeto, momento em que desejo, representação e afeto são uma e mesma coisa. O desejo é, torna-se, imediatamente representação (posse psíquica) de desejo, portanto do afeto de prazer — , forma mais pura e vigorosa de toda força do pensamento. A esta estrutura ele dá o nome de mônada psíquica, por ser este o sentido ao qual a psique aspira retornar. Como ela se torna irrealizável no “mundo real”, a psique passa a forjar longas cadeias de mediação com substitutos, tornando o papel da identificação fundamental por preceder a toda e qualquer relação de objeto (além de tocar o real do corpo). Trata-se de uma aventura anterior e transversal ao Édipo¹⁰.

Toda aparição do desejo de representar tem sua fonte no desejo de forcluir a possível irrupção da necessidade (*anankê*). Neste momento, rompe-se a tranqüilidade deste originário psíquico, a energia deste amor-de-si se rompe em três partes, uma segue como auto-investimento no nó originário; outra parte se transfere sob a forma de si (*jê*) para o seio que Freud chama de eu-seio; e a terceira parte se transforma em ódio do mundo exterior e a tudo que é exterior à mônada psíquica (inclusive ao *Real-Ich* psíquico-somático que se encontra em desenvolvimento). A partir daí, os investimentos tomarão duas direções: sendo a primeira parte o egoísmo ontológico inerente necessariamente a todos os seres que se expressa como: o mundo é minha representação! As outras duas partes restantes se misturam e se encadeiam rapidamente, donde a ambivalência radical do desejo. “Para começar, da relação ao primeiro objeto de amor separado, a mãe”***. A ausência do seio é a destruição da totalidade do bebê, o desabamento do seu sentido de mundo. Esta destruição é disfarçada por uma criação imaginária: a alucinação do seio. Quando este artifício cessa de funcionar, o bebê resta com um buraco no seu mundo e passa a reagir pela angústia e pelo ódio. O buraco é a falta do seio, a falta de sentido (ou sua destruição), fonte de angústia. Como o bebê só possui um rudimento de inteligência indutiva, uma ligação se faz entre o buraco e o objeto que “normalmente” o obtura. O caráter deste objeto agora é duplo, ambivalente e cindido. São afetos de amor e de ódio que criam uma matriz de ambivalência que se manifestará em todas as relações do sujeito doravante.

O processo de maturação/socialização e formação do indivíduo social é em si mesmo um objeto estranho do ponto de vista da *mônada* psíquica. Ele será suporte da transferência do amor-de-si e também do ódio das instâncias que odeiam a tudo o que não seja originário. Na constituição do Eu, o amor-de-si se sobrepõe ao ódio, do qual ele é objeto, para assegurar sua sobrevivência. As identificações que formam o Eu pressupõem que ele seja concebido não como uma substância, e sim como espaço de auto-estima.

Em *Neurose e Psicose* (1924)*, Freud nos conta que o mundo externo governa o Eu por duas maneiras: em primeiro lugar, através de percepções atuais, presentes e renováveis; e em segundo, mediante o armazenamento de lembranças de percepções anteriores, as quais, sob a forma de um “mundo interno”, são uma possessão do Eu e parte constituinte dele. Na crise, o que se vê é a erupção do ódio e a recusa de novas percepções. O “mundo interno” perde sua significação, o Eu cria, autocraticamente, novos mundos a partir dos impulsos desejosos do Isso. Se, para Freud, qualquer conhecimento do fenômeno psíquico pode nos permitir uma ação sobre ele, Piera nos adverte que na clínica presenciamos a existência de um conhecimento do fenômeno psicótico cuja ação é inoperante no campo da experiência. Para ela, a clínica com psicóticos propicia uma “palavra-coisa-ação”** que irrompe no espaço psíquico do analista, fato que a levou a formular a instância do *originário* (sistema de representação anterior ao primário e secundário freudianos). O originário engendra o **pictograma**, marca que *ignora a imagem de palavra*. O pictograma tem como material exclusivo para sua elaboração a imagem corporal, atividade psíquica forcluída do conhecimento e, no entanto, sempre operante. Fundo representativo que persiste paralelamente aos outros dois sistemas.

O originário é uma forma de atividade comum a todos os sujeitos, diferente da atividade do secundário (relação Eu-discurso, ou sujeito-saber), que exige um certo nível de elaboração psíquica. O corpo e a organização sensorial fornecem modelos somáticos que o processo originário reflete nas suas apresentações. A relação psique-corpo tem sua origem no empréstimo que a primeira faz dos modelos fisiológicos do segundo, de modo a criar a inscrição pictográfica¹¹. A psicose se caracterizaria pela força de atração exercida pelo originário, atração que impõe este “a mais” representado pela criação de uma interpretação “delirante”, tornando “dizíveis” os efeitos da violência. Quanto à problemática psicótica, a razão não dispõe de recursos suficientes

para fornecer-lhe análise exaustiva. A loucura nos confronta com nossos limites e mantém um núcleo inacessível à razão. A psicanálise já avançou tornando familiar a radical estranheza do alienado, mantendo seu inquietante enigma.

O pensamento delirante remodela

A dificuldade maior, o que faz o discurso psicótico não ser perdoado é o fato dele confrontar os outros à *não evidência do evidente*, e por trazer à luz as categorias do poder: “poder do discurso, poder da realidade, poder da psique, poder da violência do campo social”^{***}. Na psicose vemos que o poder do discurso se manifesta pelo abuso; pretextando serviço a um saber superior, a vítima, além de não ter reconhecida a violência sofrida, é obrigada a *transformar em sentimento de culpa o mais legítimo direito de defesa*. “Enfim, o que está em jogo no delírio não é um negócio privado. Trata-se de testemunhar uma mensagem recebida e de *comunicá-la* publicamente: que todos saibam que a injustiça reina e a lei deve intervir sem tardar! Se não o *próprio* sujeito será levado a fazer justiça, por uma passagem ao ato.”^{****}

Hoje sabemos que a *resposta psicótica e o delírio são uma atitude extrema do Eu* que os inventa para defender a possibilidade de existir. Este é o poder de uma realidade que impede que o Eu possa verificar a competência de seus enunciados. No momento em que ele acredita poder objetivar a realidade para se constituir como objeto neutro de sua reflexão, retorna-lhe uma representação da sua própria relação ao objeto e aos objetos do mundo, uma apresentação dele mesmo que vai obrigá-lo a reverificar suas referências identificatórias, impondo-lhe uma busca interminável. A metáfora é a do satélite rodando no vazio do espaço sideral em busca de um sinal para retransmitir.

Sigamos com Piera Aulagnier o remodelamento dos processos psíquicos operados pelo pensamento delirante*: Didaticamente ela o demonstra pela maneira que cada uma das instâncias representa sua relação com o mundo:

1) o encontro entre originário e a organização do “não-eu”.

A primeira condição pede que no pictograma a realidade exterior não se preste a refletir, ou reflita mal, estados de fusão ou de totalização. O primeiro efeito do encontro com a realidade externa tem o poder de induzir um núcleo psicótico, se os encontros seguintes não puderem cicatrizar esta primeira ferida. Isto só é recuperável na reconstrução teórica feita pelo analista. Sabemos que as interpretações colocam as identificações em série desimbricando o conglomerado identificatório. À custa de uma subtração do gozo, podem indicar que aqui ele foi tomado por tal coisa, ali por aquela e com o tempo reconquistar – ou mais freqüentemente, criar – uma identidade.

2) O encontro entre o primário e o discurso identificatório.

A segunda condição fala do primário, condição e causa do reconhecimento, que a psique faz de um “não-eu”, salvo morte precoce. Esta representação, ainda que autocrática, pressupõe a introjeção dos elementos de informação que vêm do exterior e que se encontram na origem de uma percepção **. Aqui se localizam as fantasias e o inconsciente. A fantasia recusa o princípio da realidade e a alucinação do seio recria um fragmento do exterior adequado ao desejo do primário. A fantasia recusa a existência de um espaço fora do desejo, ela quer que o mundo seja igual à imagem que o desejo cria para si. Esta relação entre o primário e o mundo justifica a importância que atribuímos aos acontecimentos que se impõem ao sujeito. O papel que Freud atribuiu à necessidade (*ananké*) é a de fazer chegar a todos que não há conformidade entre o mundo e as figurações fantasmáticas. O desencontro entre representação e mundo não significa que não possa haver momentos de concordância entre a cena, fonte de prazer, e as percepções impostas pelo real. O que é necessário para o desenvolvimento da psique se refere a tudo que se encontre no registro da *diferença*: diferença entre dois estados, momentos de prazer e de desprazer, alucinação e satisfação real, etc. Sempre é bom que haja momentos

de concordância que permitam a separação entre o prazer devido ao objeto e o prazer da alucinação.

Na psicose, a realidade do desejo dos pais se manifesta pela ausência ou escassez de momentos de concordância entre figuração, fonte de prazer, e o prazer que se espera de sua presença. A realidade histórica carece de signos de um desejo positivo não conflitivo.

3) o terceiro encontro se dá entre o Eu e o discurso identificatório.

O encontro entre o Eu e o discurso identificatório, necessário para a constituição da psicose, mostra a pertinácia com que a psique se defende contra tal risco. O destino do psicótico nos confronta com a desmesura da angústia, do terror e do sofrimento. Como o louco pode habitar um mundo onde reina a perseguição, onde a palavra do Outro é quase sempre mensagem ameaçadora e onde sua própria palavra está destituída do poder de significação? Mas é igualmente surpreendente a resistência que a psique opõe a este destino. A realidade histórica do escutado se refere à significação que o discurso do porta-voz quer impor aos afetos vivenciados; afetos que perderiam a dramaticidade se a psique pudesse se oferecer signos sensatos para vincular os afetos, relativizando seus efeitos através do reconhecimento de que o desejo de prazer não é onipotente, tampouco o desejo de morte.

Na psicose, a imagem identificatória imposta pelos enunciados não oferece nem uma imagem do corpo unificado, nem uma imagem *de pensante* que valorize esta nova função que se é obrigado a exercer. Nem uma imagem do mundo na qual o desejo e o prazer tenham direito de cidadania sem serem obrigados a naturalizar-se numa língua estrangeira. Na história destas crianças, quaisquer que sejam suas singularidades, encontramos sempre o efeito dramático de um saber (de si, do mundo, da linguagem) que é imposto ao Eu, injunção que compromete a desidentificação e problematiza a transmissão.

O campo secundário ou o espaço do Eu se encontra minado. A potencialidade de simbolizar está amortecida, a construção da imagem corporal foi interrompida, as palavras da mãe não possibilitam a função de síntese, a criança passa a simbolizar por si mesma tudo o que vive numa língua estrangeira, em código não mais comunicável. Segundo Piera Aulagnier, neste momento o psicótico lança mão de três operações: “estratégica, cirúrgica e matemática.

- a) cria o pensamento delirante primário, ou seja, inventa seu enunciado sobre os fundamentos;
- b) tenta, graças a isto, tornar o secundário apto ao primário;
- c) emprega uma parte de sua energia num trabalho de auto-exclusão, desmentindo a confissão que ele se tinha feito, desconhecendo o que ele já conhecia, negando o que ele sabe ser e negando seu ser”.*

A psicose decorre do fato de o Eu reconhecer seu perseguidor no discurso ambiente, devido à impotência no discurso do Outro e ao desejo de apropriação do que lhe falta, fazendo seu (o Outro) o espaço psíquico e o trabalho de pensar. O Eu é confrontado a uma realidade histórica numa série de enunciados a ele referidos que estão em desacordo com as suas percepções; discurso no qual a língua fundamental carece da significação necessária à instituição da metáfora paterna e cuja conseqüência é a interdição de se nomear corretamente toda vivência. O Eu responde criando um sentido, lá onde não existia, graças à produção do pensamento delirante primário; as contradições, as inverdades, ele as interpreta como o manifesto de um sentido latente auto-criado, sentido que substitui o inominável da origem.

O Eu não pode habitar um espaço cuja organização tornaria ininteligível seu próprio desejo de vida, e é por esta razão que ele se retira para dentro de si e estabelece consigo mesmo um novo jogo para dar sentido ao que ele vive. Ele percebe a

incompletude, mas ele nega qualquer relação de causalidade entre o que se passa na cena do real - do não-desejo, da ausência da mãe. Ele afirma que o que ele experimenta é provocado por um desejo que lhe concerne: o desejo do perseguidor, o desejo de Deus, ou o seu próprio desejo de sofrer. Assim, ele mantém seus investimentos em relação à mãe, se permite acreditar, contra todas as evidências, nos postulados do seu discurso e preservar-se do perigo de não ter mais lugar onde ele possa existir, um lugar onde a palavra seja possível.

A violência da interpretação se refere essencialmente à diferença existente entre o volume de informação que o mundo fornece e a quantidade de informação que a psique do *infans* suporta. A mãe possui o privilégio de ser a mediação do discurso ambiente (porta-voz do Outro). A ação da repressão e o estabelecimento da instância do Eu já se realizaram na mãe e no discurso que ela dirige ao bebê, a violência se refere à diferença que separa o espaço psíquico da mãe, onde já houve a ação da repressão, e a organização psíquica em construção. Esta violência reforça naquele que a recebe a divisão pré-existente, origem da bipolaridade originária. A violência primária se impõe do exterior, a violência secundária apóia-se na primária, mas sempre como excesso. A primária é constitutiva, a secundária é nociva e desnecessária à atividade do Eu; não há nela outra finalidade senão a de “impor um modelo, o *diktat* de um discurso”*. O sujeito se torna psicótico quando as representações e os julgamentos da realidade vieram *repetidamente* revelar o não-desejo, a angústia, o segredo, a falta**.

Diálogos, obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica

A liberdade de criação como supra-economia.

Um dos pilares da teoria marxista assentava-se na suposição de que burguesia e proletariado se antagonizariam “naturalmente” em classes. A segunda metade do século XX encançou no ocidente, da demolição desta hipótese: o que se aspira é a afluência, os bens de consumo, o estilo de vida. O capitalismo não abole, não atenua, e nem se desfaz, a relação senhor/escravo; o que faz é torná-la mais invisível, mediatizando-a ao infinito em instâncias mais invisíveis quanto mais são trabalhadas e consumidas. A derrocada do Pai, do Senhor patriarcal, do senhor gordo de cartola típicos do século XIX, não representa um tipo de liberação real porque em seu lugar se abstrata do capital virtualizado¹². E, diante deste novo senhor, como dizia Lacan, somos todos proletários.

O que Deleuze e Guattari souberam discernir na psicose foi a resistência mais extremada ao totalitarismo paranóico do capital. Frente aos fluxos codificados, às engrenagens de captura, à aceleração das massas molares e as territorialidades seg-



mentadas da economia-mundo burguesa, a lentidão, a errância, a dispersão infinita das máquinas nômades do esquizo¹³. O esquizofrênico está para o poder açambarcante e corrosivo do globalitarismo, assim como a histérica estava para o discurso de mestria da ciência médica vitoriana; tudo o que ele quer e precisa do mundo é o *reconhecimento** de sua condição subjetiva de experimentador radical. Ele é - e só pode ser - um propositor.

A Caixa de Diálogos produz o corpo dos seus entendimento teóricos e realiza seus contratos terapêuticos num campo da hibridação de linguagens descendentes do teatro da espontaneidade, do Museu do Inconsciente, no espaço transicional em que se situam as obras de artistas como Lygia Clark, Ligia Pape, Hélio Oiticica e Artur Bispo do Rosário. A obra destes artista suplantou a racionalidade cartesiana ao incorporar as vivências dionisíacas, o samba, a marginália popular e rebelde. Muitos dos seus trabalhos acomodam o corpo de modo sensível e sensual, propondo o desregramento dos sentidos, liberando formas reprimidas ou recalçadas do imaginário social. Os estados de transgressão às rotinas automatizadas da arte destes artistas realizam uma outra vida coletiva e melhor contato afetivo com a realidade. Suas obras foram construídas a partir da crítica à cultura, não exatamente à cultura européia, mas à cultura dominante capitalista ocidental. Para Gui Brett**, eles mantinham esta crítica atrelada à crítica do estado de coisas existentes na arte, de como as pessoas se relacionam com o objeto de arte, da natureza do objeto de arte em relação à vida e a cada um.

Em certo sentido o trabalho deles foi universal porque alterou as percepções que as pessoas estabelecem consigo mesmas, com a arte e com a relação entre arte e vida. O trabalho de Lygia fez com que as pessoas descobrissem a vitalidade em si mesmas. A psicanálise era um interesse constante na sua pesquisa, e com a introdução do espectador, partilhou além da sua expressividade, a autoria da obra. Lygia despertou as pessoas de modo que a ênfase da sua rela-

ção artística mudou: ao invés de produzir a *imagem* do ser humano, ela parte para a *preparação* do humano para a vida propriamente dita. Isto está definido no seu trabalho *Terapia*. A obra destes artistas pretendia anular a mediação de modo a estabelecer uma relação imediata entre sujeito e objeto. A obra deles seria um enorme *não* à mediação do mundo em que vivemos e suas obras potencializavam a capacidade de dizer *não*.

A trajetória de Lygia é mais clara: dos planos, passando pelos Casulos aos Bichos ao trabalho que ela desenvolve com o corpo é um eterno despregar. É quase uma demonstração aristotélica de como o corpo é tomado pela construção. Seu trabalho é impregnar, no princípio o olho, depois as mãos num frenesi que toma o corpo inteiro. Trata-se de realizar a dialética da identificação (até a desidentificação que o sujeito inventa). A alegria no trabalho de Lygia está na sua inteligência. Há uma obviedade na discussão que ela faz na pintura, começando pela desarquitetura da tela. Para ela, arte é a *proposição*, e ela diz: “Somos os propositores: somos o molde; a vocês cabe o sopro”*.

Esta proposta, feita de híbridos - a partir dos restos do dia (assim como fazem os sonhos), de recursos linguageiros da cultura popular, da partilha da autoria, além da apropriação das novas tecnologias com a subversão das formas habituais de expressão (fato corriqueiro na psicose) -, permite o agrupamento de pessoas em empresas de devires, parcerias com o desconhecido inventivo que improvisa caminhos e soluções à medida que a condição de desamparo fundamental se apresenta como inevitável. A Caixa de Diálogos aspira intimidade com o inominável, campo de onde emergem as formas. O conhecimento exige que se interiorize o mundo exterior, é-se obrigado a recriar, através dos sentidos e faculdades internas, o drama da existência. Este é o trabalho do *logos poiêtikos*. O artista difere da maioria dos homens quanto ao seu poder de se deter e em seguida modificar radicalmente os estágios da apreensão humana. Ele aprende a corporificar os estágios do conhecimento numa obra que pode ser oferecida à contemplação.

Esta atitude assume grande importância pois a atualidade convoca a todos (analistas, cidadãos, pais e mães) a produzirem entendimentos sobre as produções da ágora telemática e assuntos como a democracia (a lógica transpólitica própria da velocidade como a aceleração e a rapidez) ou do achatamento do sujeito produzido pelo fluxo contínuo de imagens, tornam-se objeto de investigação obrigatórios neste exercício. O sujeito mesmo sem um transtorno prévio pode se torna incapaz de simbolizar aquilo que vê e que vive. A Caixa de Diálogos oferece uma utopia como contraponto a este estado de coisas. Interessamos investigar o informe, a não-técnica como disciplina, a liberdade de criação, condição que favorece que o rudimentar libere estruturas abertas.

Caixas de Diálogos: experimentos em ação.

a) A biblioteca **O Alienista**. Haviam na instituição livros acondicionados nas estantes de uma sala trancada. Desde o início 2002, articulamos um grupo de funcionários, que em conjunto com os pacientes interessados, estabeleceu alguns horários de abertura. Foi-nos permitido circular e operar um sebo de livros e CDs. A verba arrecadada era usada para pagar o trabalho dos pacientes. Neste momento perdemos o direito de operar a atividade monetária, fato que não nos produz surpresa. O trabalho com o transtorno mental grave se assemelha ao infinito ir e vir de Sísifo, aquele que rola a pedra até o alto da montanha. Perto de finalizar a tarefa, a pedra escorrega montanha abaixo, obrigando-o a re-iniciar o trabalho. O espaço é usado para as leituras, locações, consultas e investigações aleatórias. (O projeto é coordenado por Marly Noronha, auxiliar de enfermagem, atividade que acompanho na condição de supervisora.)

b) Grupo de atividade que deu nome ao projeto **Caixa de Diálogos** desde 1996. Neste grupo terapêutico *a priori* existe apenas o horário e a sala. A idéia é que as pessoas estejam no grupo como bem entendem. Pode falar, pintar, esculpir argila ou

massinha, ficar calado, jogar dominó, convocar a todos para resolver um problema insolúvel, ligar o rádio, reclamar da vida, pode faltar, pode participar, enfim uma atividade livre. Estatuto que permite que as pessoas se relacionem de acordo com suas características e disponibilidades: há os recebedores de cuidados, outros se transformam em terapeutas, uns são criadores inventivos, outros desocupados assíduos. Dispomos de alguns materiais para dar o tratamento artístico, mas estão longe de ser o ideal. Lygia Clark, quando trabalhou em Paris usava pedras da rua, sacos vazios de batatas, cebolas, plásticos que vem das roupas do tintureiro, luvas plásticas usadas para pintar os cabelos, inspirada na sua origem de país subdesenvolvido. Seu trabalho se vale da expressão do terceiro mundo, como uma criança quando descobre o *senso*. Sentir e crer na existência dos sentidos que procuram o prazer no imediato que é o momento é nascer e renascer no vir-a-ser. Como diz Hélio Oiticica em carta à Lygia *,”...é a sublimação da pobreza, mas de modo anedótico, visual, propositalmente pobre mas na verdade bem rica: é a assimilação dos restos de uma civilização opressiva e sua formação de consumo, a capitalização da idéia de pobreza”. Lygia nos liberou da preocupação de só poder trabalhar na posse de materiais excelentes. Combinação curiosa que dá consistência ao grupo que perdura no tempo.

Em 2001 e 2002 estabelecemos uma parceria com a pesquisa de poéticas pessoais coordenado pela artista plástica Cristiana Moraes, no **MAC-USP**. A parceria permitiu aos pacientes que tinham inspiração, ampliar sua pesquisa estética acompanhando um modo profissional de produção artística. Uma exposição das obras feitas com discussão dos trabalhos realizadas. Em 2003 recebemos a encomenda de manter os trabalhos em exposição na Lanchonete serviço, onde algumas obras foram comercializadas. (Gostaria de agradecer à Eliane Silva Costa a gentileza de oferecer o espaço para a exposição dos trabalhos do grupo. Esta atividade recebe a colaboração de Fabiana Lo Bello na coordenação.)

c) Oficina de informática **Caps Lóki** em atividade desde 2000. Os pacientes ministram aula de alfabetização digital para os outros pacientes do serviço. Estabelecemos uma parceria com a Associação Franco Basaglia (**AFB**), organização não-governamental ligada ao serviço que assumiu o pagamento das aulas. Também são realizados alguns trabalhos de digitação, confecção de cartões e formação de novos professores. A consequência imediata da alfabetização digital implica na inserção dos usuários cibernéticos na Internet (WWW), fato que nos obrigou a ampliar a parceria. (Esta oficina conta com a colaboração de Mirian Fernandes na coordenação.)

d) **Grupo da Galinha**. Iniciado em setembro de 2003, é o grupo que se formou a partir da ampliação das parcerias estabelecidas pela oficina de informática. A ong **Mosa** (Movimento Sociedade Ativa), veio se juntar a nós. O nome do grupo foi inspirado em frases de escárnio como “o ovo inventou a galinha para que ela botasse outro ovo” e na dinâmica estabelecida por Clarice Lispector para dar conta deste enigma: “ovo é coisa que precisa tomar cuidado. Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravesse os tempos a galinha existe ***”.

A atividade regular consiste em reunião semanal para produzir estratégias para executar o projeto Paciente Cidadão, o projeto apresentado pela ONG **Mosa** e visa fomentar parcerias que desenvolvam atividades artístico culturais. Já estão estabelecidas oficinas semanais de música e de teatro. Foram realizados os eventos Caia na Rede em 22 de junho e o Loucultura em 23 de outubro de 2004. Ambos eventos se deram no Caps Itapeva com apresentação dos trabalhos desenvolvidos no serviço – como dança, música, poesia instalações – e de grupos convidados que se desenvolvem em outras instituições. Em 2005, comemoramos o Centenário Nise da Silveira, durante uma semana no mês de setembro, por meio da associação de cinco serviços da saúde pública e três associações de familiares. Neste evento trouxemos as contribuições da “Mis-

são” de Mário de Andrade que foi Secretário da Cultura cassado pelo Estado Novo, e de Artur Bispo do Rosário, artista plástico que desenvolveu sua obra no interior de um manicômio. (Esta atividade é co-coordenada pela Terapeuta Ocupacional Márcia Pompermyer)

e) **Atendimento de bebês.** Bebês filhos de psicóticos têm indicação de acompanhamento nos dois primeiros anos de vida. São acompanhamentos difíceis pois, além de exigem deslocamentos na cidade, demandam em suas estratégias a convocação de diversos agentes. Em parceria com a Maternidade Sarah, encontram-se em andamento a produção de vídeos para a humanização do parto e da formação de profissionais na prevenção de patologias mentais ainda na fase de puericultura. (Atividade desenvolvida com a neonatologista e cineasta Nídia Bastos)

f) **Trem das Onze,** oficina desenvolvida com as musicoterapeutas Cláudia Trindade e Taís Romão dá voz ao pictográfico. Esta representação trabalha fora da imagem de palavra mas, ainda assim, produz identificações imaginárias, campo de consistência do psíquico.

g) Participação no projeto **Igual Diferente** do Museu de Arte Moderna (MAM) e com o **NAE** do Centro Cultural São Paulo que se desenvolvem em parceria com o Caps Itapeva, desde 2002. Estas parcerias visam criar uma rede de conhecimentos para integrar pacientes, técnicos de instituições de saúde, pesquisadores universitários e equipe de documentação. A idéia é que o diálogo multidisciplinar permita que em cada ponto desta rede possa haver reflexão e produção de conhecimento. Esta atividade tem antes o caráter de formação e educação. O terapêutico talvez se realize enquanto proteção do *socius*. A experiência disruptiva, respaldada pela comunidade, torna-se um ato criativo ou revolucionário.

A Caixa de Diálogos está em consonância com a proposta de pessoas, grupos e instituições que se empenham para que a diretriz em *saúde mental* seja o cuidado responsável, enquadre ético preconizados por Ulisses Pernambuco, Osório César, Luiz Cerqueira e Nise da Silveira. O que vemos é que a despeito do desenvolvimento das práticas psicoterápicas (sejam elas comportamentais, cognitivas ou não) e das inovações medicamentosas, ainda existem consideráveis dificuldades para tratar e reintegrar socialmente indivíduos psicóticos. Sabe-se o quanto a psicose pode devastar a vida de uma pessoa além de comprometer familiares e amigos. No Brasil, o trabalho de Nise da Silveira creditou à expressão estética *status* de espaço real, espaço à disposição do processo de expansão do sujeito, como o botão de uma flor que se abre para levar à luz tudo que fora produzido em suas entranhas e se encontrava escondido.

A Caixa de Diálogos propõe que se adentre o campo da clínica com o instrumento de investigação freudiano que permite a um só tempo elaborar a relação médico-paciente e estabelecer com precisão a ação terapêutica: “é lá onde estava o mais-de-gozar, o gozar do outro, que eu, na medida em que profiro o ato analítico devo advir”¹⁴. Foi no campo de pesquisa referido à medicina que se deu a criação da psicanálise, e o poder desta *escuta* a tornou uma preciosa ferramenta de investigação para muitas disciplinas. Este dispositivo se presta à diminuição das descompensações fornecendo ao serviço um padrão substitutivo, criando real alternativa à internação. As Caixas de Diálogos criam um ambiente propositivo, condição que incrementa a capacidade do coletivo de imaginar e se inventar perspectivas.

— Cuál será la actitude productiva com respecto a la naturaleza y a la sociedade, que nosotros, hijos de uma edad científica, asumiremos com placer em nuestros teatros? Será uma actitud crítica. Com respecto a um

rio esta atitud em construir diques; com respecto a um árbol fructífero, em hacerles injertos; com respecto a la locomoción, em construir vehículos y móviles; com respecto a la sociedad, em revolucionarla. Nuestras representaciones de la convivência humana están destinadas a los constructores de diques, a los cultivadores de frutos, a la fábrica de vehículos y a los transformadores de la sociedad, a quienes invitamos a nuestros teatros rogándoles que no olviden sus próprios y vivos intereses, a fin de confiar el mundo a su razón y sus corazones para que lo transformen según su próprio talento*.

¹Esta é uma pesquisa clínica desenvolvida no CAPS Prof. Luís da Rocha Cerqueira, São Paulo, bairro da Bela Vista, tendo se iniciado no PAM São Jorge, depois na UBS Vila Borges, ambos no Butantã.

² O serviço público é repleto de vicissitudes, o que se inicia em um mandato não se continua no outro, os programas coerentes não são mantidos, novas diretrizes se atropelam para servir de marketing ao atual mandatário, etc., etc. O clientelismo, o patronato e o paternalismo ainda são a regra; os servidores são “...os servos da gleba do governo, vivem com suas famílias em terra do Estado, sujeitos a uma evicção sem aviso.” NABUCO, J. **O Abolicionismo**. [1882] São Paulo, Publifolha, 2000, p.123. Para um estudo da saúde mental, confira GOLDBERG, J. **A Clínica da psicose**. Rio de Janeiro, TeCorá Editora/Instituto Franco Basaglia, 1994; e BOARINI, M. L. (org) **Desafios na atenção à saúde mental**. Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2002.

* WANDERLEY, L. - **O dragão pousou no espaço: arte contemporânea sofrimento psíquico e o Objeto Relacional de Lygia Clark**. Rio de Janeiro, Rocco, 2001, pg.112.

³ Como já disse em outro lugar (KATUNDA, Júlia. e DOUDEL, Filipe. Manifesto por uma psiquiatria híbrida. **Pulsional**, nº 145, maio, pg. 44-48, 2001), a psiquiatria é uma disciplina híbrida e a reconstrução que se segue à devastação psicótica se aproxima da experiência artística pelo fato da expressão criativa constituir-se em importante acesso à realidade psíquica.

⁴ “Então, uma definição de psicose: uma modulação que não é sem sintoma. Lacan passa do *ter* ao *ser*: Esta é a subversão do Seminário do sintoma; isto não é freudiano: ter um sintoma, o quarto elemento, quer dizer, o pai nomeante, isto que Freud viu bem na neurose. Lacan, agora, vai além de Freud porque se interessa pela psicose, quer dizer, pela demanda de análise. Ele passa do ter ao ser. Ele chama Joyce *Le Sinthome* ou o *simptôme*. Ele é *simptôme* ou *sinthome*, como quiserem. Se querem ir a antes do século XV, com Lacan vocês dizem *Sinthome*, se querem ir além do século XV, vocês dizem *Simptôme*. É parecido: na neurose temos um Sintoma, um quarto elemento, e na psicose, segundo Lacan, há uma tentativa de *ser* o sintoma. Se isto funciona, a gente não delira; se não consegue ser o sintoma, então é delírio. Isto é absolutamente capital”. JULIEN, Ph. **As psicoses: um estudo sobre a paranoia comum**. Rio de Janeiro, Cia. de Freud, 1999. p. 48-49.

* “A arte é o campo privilegiado de enfrentamento do trágico. Um modo artista de subjetivação se reconhece por sua especial intimidade com o enredamento da vida e da morte. O artista consegue dar ouvidos às diferenças intensivas que vibram em seu corpo-bicho e, deixando-se tomar pela agonia de seu esperneio, entrega-se ao festim do sacrifício. Então, como uma gigantesca couve-flor, abre-se seu corpo-ovo, de onde nascerá junto com sua obra, um outro eu, até então larvar.” ROLNIK, S. – Lygia Clark e o híbrido arte/clínica. **Percorso**, n. 16, v.1, 1996, pg. 44.

⁵ Se nos ativermos mais ao texto de Freud do que às instituições psicanalíticas, poderemos chamar a Caixa de Diálogos de dispositivo psicanalítico, operando de dentro e a partir do “paradigma freudiano”. Uma sucinta e completa definição deste se encontra nos verbetes que escreve para uma enciclopédia alemã em 1923; aí, Freud explicita os sentidos em que se pode tomar o termo psicanálise: “(1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.” FREUD, S. Dois verbetes de enciclopédia.

(1923), **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, vol. XVIII, 1996,pg. 253.. E, mais adiante, deixa claro o que chama de pedras angulares do *métier* analítico: “A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista.” (Op. Cit. pg. 264). A perspectiva do trabalho com a psicose também se apóia em Freud para quem, “a psicanálise demonstrou que não existe diferença fundamental, mas apenas de grau, entre a vida mental das pessoas normais, dos neuróticos e dos psicóticos. Uma pessoa normal tem de passar pelas mesmas repressões e lutar com as mesmas estruturas substitutas; a única diferença é que ela lida com estes acontecimentos com menos dificuldade e mais sucesso”. FREUD, S. Sobre a psicanálise (1911), **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, vol.XII, 1996 pg. 227.

** Cf.: HERRMANN, F - Da clínica extensa à alta teoria: a história da psicanálise como resistência à psicanálise. **Percorso**, nº 29, 2002, p.15-20.

⁶ O sistema diagnósticos em psiquiatria (DSM IV) teve suas atualizações adiadas até o ano de 2010 devido à inconsistência do modelo psicológico adotado, assunto discutido em DOUTEL, F; KATUNDA, J. A navalha de Ockham e o leito de Procusto: os problemas do diagnóstico em psiquiatria. *In*: CALDERONI, D. (org.) - **Psicopatologia: verbos, diálogos**. São Paulo, Via Lettera, pg. 107-117, 2002.

* CRAIG, C.R. Introduction to central nervous system pharmacology. In CRAIG,C.R., STITZEL, R.E. (Eds). **Modern pharmacology with clinical applications**. Boston, Little Brown, 5th ed., 1997, pp. 293-302.

⁷ Nesta altura as neuroses histérica e obsessiva eram concebidas como resultantes do conflito entre as exigências da sexualidade (pulsões sexuais) e do ego (pulsões de autoconservação); mas, Freud não deixa de antecipar: “É sempre possível que o estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (em especial das psicose neuroses narcisistas, das esquizofrenias) possa obrigar-nos a alterar essa fórmula e proceder a uma diferente classificação dos instintos primordiais.” FREUD, S. – Os instintos e suas vicissitudes (1915) **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, vol XIV, 1996, pg. 130 .

** FREUD, S. – O Ego e o Id. (1923) **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, vol. XIX, 1996, pg. 61-72.

⁸ “Poderíamos então dizer que através de sua teoria das pulsões, Lacan propõe ampliar a questão do surgimento do sujeito (do inconsciente,

sujeito da subjetivação) ao campo do Outro, no seu laço com o significante, com o surgimento do sujeito num laço de assujeitamento ao Outro real, que aparece aí em sua dimensão ao mesmo tempo de pequeno outro e Outro, desdobramento necessário para que possamos falar do seu desejo ou do seu gozo.” LAZNIK-PENOT, M.-C. Por uma teoria lacaniana das Pulsões. In: **Dicionário de Psicanálise**. Pg.218.

* LACAN, J. – **O Seminário**. Livro 3: As Psicoses. (1955-1956), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2ª. Ed., 1987, pg. 299.

** “*O rastro (puro) é a diferença* [différance]. Ela não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. É, ao contrário, a condição destas. Embora *não exista*, embora não seja nunca um *ente presente* fora de toda plenitude, sua possibilidade é anterior, de direito, a tudo que se denomina signo (significado/significante, conteúdo/expressão, etc.), conceito ou operação, motriz ou sensível”. DERRIDA, J. – **Gramatologia**. São Paulo, Perspectiva, 2ª. Ed., 1999, pg. 77.

⁹ “Na escritura, tal como proposta por Derrida, não há mais diferença textual entre imagem e coisa, o significante vazio e o significante pleno, o imitante e o imitado. O efeito é produzido pela sintaxe que dispõe o *entre* (“hímen”), importa somente ao lugar e não ao conteúdo das palavras. O jogo se joga no *entre*. O espaçamento e a articulação tornam possível a sintaxe, ordenando o jogo do sentido. O branco passa a ser a totalidade da série polissêmica dos brancos mais o lugar escritura onde se produz esta totalidade. Os sentidos jamais se encontram, tornando impossível a descrição, que sempre é representação. Tudo torna-se metáfora, uma vez que não há sentido próprio”. CHNAIDERMAN, M. – **Ensaio de psicanálise e semiótica**. São Paulo, Escuta, 1989, pg. 115.

*** PAZ, O. – **Marcel Duchamp ou o castelo da pureza**. São Paulo, Perspectiva, 3ª. Ed., 2002, pg.9.

* KRISTEVA, J. - O real da identificação. In: **As identificações**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994, p. 47.

** CASTORIADIS, C. Les racines psychiques et sociales de la haine. In: **Figures du Pensable – les carrefours du labyrinthe**. Paris, Gallimard, Vol. 6, 1997, pg.183-196.

¹⁰ “Já vimos que uma comunidade se mantém unida por duas coisas: a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais (identificação é o nome técnico) entre seus membros”. FREUD, S. Por que a guerra? (1933) **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, vol. XXII, 1996, pg. 201.

*** CASTORIADIS, C. **Op.Cit**, pg. 185.

* FREUD, S. Neurose e Psicose. (1924) **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, vol. XIX, 1996, pg. 167-171.

** AULAGNIER, P. **A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado**. Rio de Janeiro, Imago, 1979, pg. 20.

¹¹ “O mímico que mediatiza imagens do corpo é imediatamente inteligível para o psicótico, para o esquizofrênico, justamente porque ele não decifra linguisticamente o espetáculo do mímico, não coloca, como faz o público habitual, palavras naquilo que vê. O espetáculo do mímico fala diretamente à imagem do corpo”. DOLTO.F.-**A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo, Perspectiva, 1992, pg.32.

*** AULAGNIER, P. **Op. Cit.** pg. 275.

**** JULIEN, Ph.- **As Psicoses: um estudo sobre a paranóia comum**. Rio de Janeiro, Cia. De Freud, 1999, pg. 29.

* AULAGNIER, P. **Op.cit.** pg. 276-284.

** Para Freud, não há apenas *método* na loucura, há também um fragmento de “*verdade histórica*” responsável pela produção delirante e por sua compulsão. FREUD, S. Construções em Análise (1937), **ESB**, Rio de Janeiro, vol.XXIII, 1996, pg 285.

* AULAGNIER, P. **Op cit.**, pg. 283.

* AULAGNIER, P. **Op. Cit.** pg. 36.

** “Criança fala de pai / de mãe de amigo e irmão / professor fala de estado / de mundo e de nação. // Foi preso por ser calado / vou falar agora então / eu sou mais que advogado / aprendi com a criação. // Por isto não posso ter / o meu diploma na mão / mas tem na minha memória / os coices do cidadão”. CARNEIRO, G. D. - **A chave de uma história. Poemas de Gregório Delgado. São Paulo, Livraria do Desassossego**, 2003, pg.41.

¹²“O fato de que o tudo-saber tenha passado para o lugar do senhor, eis o que, longe de esclarecer, torna um pouco mais opaco o que está em questão - isto é, a verdade. De onde sai isso, o fato de que haja nesse lugar um significante de senhor? Pois este é precisamente o S2 do senhor, mostrando o cerne do que está em jogo na nova tirania do saber. Isto é o que torna impossível que nesse lugar apareça, no curso do movimento histórico - como tínhamos, talvez, esperanças -, o que cabe à verdade. O sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros. *Sociedade de consu*

mo, dizem por aí. Material humano, como se enunciou um tempo - sob os aplausos de alguns que ali viram ternura. Isto merecia ser apontado, pois o que agora também nos concerne é interrogar do que se trata no ato psicanalítico.” LACAN, J. **O Seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise.** [1969-1970] Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992, pg. 30.

¹³ “O delírio é a matriz geral de qualquer investimento social inconsciente. Qualquer investimento inconsciente mobiliza todo um jogo delirante de desinvestimentos, de contra-investimentos, de sobre-investimentos. Mas já vimos, a propósito disto, que há dois grandes tipos de investimento social, um segregativo e outro nomádico, que constituem os dois pólos do delírio: um tipo ou um pólo paranóico fascizante, que investe a formação de soberania central, que a sobre-investe tornando-a a causa final, eterna, de todas as outras formas sociais da história, que contra-investe os enclaves ou a periferia, e que desinveste todas figuras livres do desejo - sim, sou dos vossos, da classe ou da raça superior. E um tipo ou pólo esquizo-revolucionário que segue as linhas de fuga do desejo, que passa o muro e faz que os fluxos também passem, que monta as máquinas e os seus grupos em fusão nos enclaves ou na periferia, procedendo ao contrário do precedente: não sou dos vossos, sou desde sempre de uma raça inferior, sou um animal, um negro.” DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia.** Lisboa, Assírio & Alvim, 1966, pg.289.

* Sem este reconhecimento perde-se a autonomia necessária às funções do Eu, quebra-se o *contrato narcisista* e, conseqüentemente, a aderência ao campo social, campo dos enunciados de que se serve a subjetivação: “Quanto à criança, ela pedirá em contrapartida do investimento que ela fará do grupo e de seus modelos, que lhe seja assegurado um lugar independente do veredicto parental, que lhe seja oferecido um modelo ideal que os outros não possam renegar sem renegar as leis do meio, que lhe seja permitido guardar a ilusão de uma persistência atemporal projetada sobre o meio e, sobretudo, sobre um projeto do meio, que seus sucessores deverão retomar e preservar.” AULAGNIER, P. **Op. Cit.** Pg. 151.

** BRETTE, G. Lygia Clark: seis células. In: BASBAUM, R (org) **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias.** Rio de Janeiro, Rios Ambiciosos, 2001, pg.31-53.

* CLARK, L. **Nós somos os propositores.** [1968]. Catálogo da Sala

Especial do 9º Salão Nacional de Artes Plásticas, Paço das Artes, Rio de Janeiro, 1986.

* OITICICA, H. Carta de 15 de outubro de 1968.

** LISPECTOR, C. O ovo e a galinha. In: **A legião estrangeira**, São Paulo, Ática, 1977.

¹⁴ LACAN, J. **Op Cit**, pg. 50

Júlia Katunda

* BRECHT, B. - **Breviário de estética teatral**. Buenos Aires, La rosa blindada, 1963; pg.31.

MANIFESTO DOS JOVENS ANALISTAS

Ana Claudia Patitucci, Cristina Franch, Julia Katunda, Paulo Jeronymo Carvalho

POR MAIS DEPARTAMENTO DE PSICANÁLISE, POIS:

1. Mais Departamento significa plataforma institucional necessária ao desenvolvimento engendrado pela formação que o curso do departamento fornece;

Necessária porque, a um certo desenvolvimento, é exigido interlocução com pares para alcançar pelo menos dois objetivos:

i- interno, num sentido de construção de identificação mútua enquanto psicanalistas e, através disso,

ii- externo, num sentido de intervenção no movimento psicanalítico local, regional, global.

2. Mais Departamento significa que atualmente, a nosso ver, temos menos Departamento do que o necessário para a consecução desses objetivos. O Departamento de Psicanálise não tem conseguido ser uma instituição suficientemente presente e estável para fornecer o que chamamos plataforma; continente às pessoas e suas demandas.

3. Não é verdade que não exista Departamento. Existe. Existe mas está contraditório e pouco articulado com o percurso de desenvolvimento que seu próprio curso engendra nos jovens analistas que começa a formar.

4. O Departamento é uma decorrência óbvia, histórica, interessante, racional, etc do curso de psicanálise do SEDES do grupo da Regina Schnaiderman, do povo da SBP-SP, dos argentinos.

É uma decorrência pró mais formação continuada, é um espaço para o curso crescer e colher seus frutos. Cuidar de seus frutos.

5. O Curso é do Departamento ou o Departamento é do Curso? Essa é uma questão central, ao nosso ver.

No nosso entender o devir do Departamento como plataforma institucional suficiente à nova geração de analistas passa pela afirmação do Departamento frente ao curso e aos setores de modo geral.

6. A essência do programa Mais Departamento, sua alma, será uma política de reflexão e intervenção nas relações continente/conteúdo do Departamento e seus elementos setoriais.

As relações do Departamento com o Instituto Sedes Sapientiae deverão também ser refletidas e interferidas. Essas relações poderão evoluir para um comensalismo: uma relação de mútuo benefício entre entidades diferentes, mas ligadas historicamente.

7. Dado isso tudo, queremos:

a- um Departamento no qual um grupo com uma política expressa previamente possa ser legitimamente eleito para um mandato.

b- afirmação do Departamento e constituição de uma plataforma institucional a garantir, a uma geração de analistas, espaço de identificação e interlocução; crescimento, formação científica continuada e interlocução com o movimento psicanalítico local, regional e global.

c- uma política de formação de analistas que possa pensar e repensar nosso curso e dê conta da interação com os outros cursos e com a idéia de formação continuada.

d- desenvolver e acreditar na perspectiva clínica de pesquisa: valorizar a clínica como percurso epistemológico.

e- encontro semestral do departamento: almoço de confraternização e de boas vindas aos novos associados. Ritual de apresen-

tação de novos colegas aos velhos.

f- congresso bi-anual do Departamento, coincidente com o encerramento da gestão e com a eleição da nova. Congresso teórico-clínico.

g- boletim eletrônico para divulgação e contato entre os colegas. Um site do Departamento: uma política de publicação e comunicação.

8. Postulados:

– o Departamento é uma associação psicanalítica formada por psicanalistas.

– sua função é permitir identidade e desenvolvimento de seus associados. Algumas decorrências dessa tarefa é o desenvolvimento da psicanálise enquanto ciência e interlocução com o movimento psicanalítico.

– a pertinência ao Departamento pode ser livremente demandada à comissão de admissão por qualquer psicanalista a qualquer momento.

– psicanalista que conclua o curso central do departamento poderão, ao fim deste, demandar sua pertinência ao Departamento por uma via especial.

– psicanalista é aquele que trabalha com a psicanálise.

Ana Claudia Patitucci

Cristina Franch

Julia Katunda

Paulo Jeronymo Carvalho

A RAZÃO CÍNICA E AS TEORIAS DA MENTE- ESPECTROS DA MAIOR FRAUDE CIENTÍFICA DO SÉCULO XX

Filipe Doutel e Júlia Katunda

Atualmente, as idéias e propostas eugênicas emergem em contextos completamente diferentes; não se trata mais, pelo menos abertamente, da “higiene racial” que fermentou na primeira metade do século passado. Em seu mais novo *upgrade*, a eugenia é apresentada em termos de mercado: agora as manipulações genéticas são promovidas em nome da eficácia econômica, do aumento da *performance*, da otimização da qualidade e da relação custo-benefício. É uma eugenia à venda, com todo seu marketing dirigido aos consumidores dos mercados globalizados.

Paula Sibília

Talvez não haja muitas coisas mais inúteis que as tentativas, e a presente não é exceção, de aproximar as principais teorizações acerca da mente humana. Quando confrontados em debate, psiquiatras, psicanalistas e neurocientistas — que deveriam ser os mais gabaritados interlocutores — desenvolveram, ao longo dos últimos cinquenta anos, o péssimo hábito de escapar pela tangente, retirando seus lépidos traseiros da seringa do diálogo. Transdisciplinaridade, palavrinha mágica dos últimos tempos, não se obtém com simpósios, congressos e bocas-livres bancados pelo dinheiro público e privado. Pesquisa e clínica multidisciplinares envolvem transparência, cooperação e democracia institucional para produzir resultados além das boas intenções.

Não há, no momento, nenhuma teoria geral sobre o funcionamento da mente. A maioria das teorias acerca da mente sequer sobrevive aos seus autores. Na linha milenarista do fim-da-história, fim-da arte e outros fins, acredita-se até que o mistério da mente

humana é indecifrável, um dos limites do conhecimento científico¹. Na nossa opinião, os motivos da dificuldade que enfrenta a neurobiologia na direção de uma teoria consistente são bem mais prosaicos: o problema está nas instituições e nos profissionais envolvidos. A maior parte das instituições de assistência, formação e pesquisa têm um cunho autocrático e o conservadorismo de seus membros reforça a permanência de estruturas administrativas verticalizadas. Redes de saber ou máfias de poder?

Um dos principais motivos de divergência entre estes discursos do saber refere-se ao papel central da biologia na definição do campo — e do objeto — das neurociências e da clínica psi. Os mais renitentes focos de confusão concentram-se na interpretação dos pilares da biologia: a teoria da evolução das espécies e a descoberta do código genético. Desde muito cedo, e paradoxalmente partindo de familiares e seguidores de Charles Darwin, desenvolveu-se a mais daninha das pragas ideológicas: a eugenia². Os horrores do nazi-fascismo demonstraram que não existe mitologia científica inócua em termos políticos. Patente no século XIX e início do XX, latente nos dias de hoje, a eugenia é a expressão sintomática da resistência da civilização ocidental à moderna ciência biológica: já que o ser humano descende dos primatas, ao menos que se preserve algo da eleição divina na superioridade de algumas raças. O (ainda) necessário exorcismo desta patologia do pensamento que já atravessou três séculos, implica os pesquisadores da mente na construção de um paradigma da biologia mais complexo e abrangente.

A consolidação dos grupos de trabalho multidisciplinares processo que está em curso nas neurociências — costuma se fazer segundo três eixos com metodologias críticas próprias: o teórico, que compreende as hipóteses implícitas e explícitas assumidas; o empírico, que abrange as medições, experimentos de campo e de laboratório; e o histórico, que procura vincular teorias e práticas com as condições sociais em que são produzidas. Operando em conjunto, estas dimensões oferecem

um plano de consenso mínimo onde se articulam as questões lógicas, epistemológicas e de método; excluir qualquer destas modalidades de verificação, favorece o empobrecimento cognitivo e livra caminho às mistificações pseudo-científicas*.

A miséria do cientificismo é que para ele as perguntas da ciência têm respostas simples e estáveis³; da árvore do conhecimento científico — conceitos, deduções, induções e crítica —, o tecnocrata só prova os frutos efêmeros do primeiro ramo. Dissociar o orgânico do psíquico e do social, tem sido a encruzilhada fatal dos debates em torno das teorias da mente. Assim fazendo, psiquiatras, neurocientistas e psicanalistas, têm conseguido resguardar sua jurisdição sobre territórios específicos de atuação, ao preço de manter rodando em falso um diálogo adiado.

Embora as três seções subseqüentes examinem os nós epistemológicos e políticos das disciplinas que abordam, é necessário esclarecer que não se duvida do valor da racionalidade científica, que cada uma representa a seu modo, como uma frágil conquista em meio ao cinismo e à barbárie. Criticar a tecnociência que se tornou escudeira do poder econômico, não implica em reduzir a ciência a um cálculo, ao mero domínio operatório do mundo dos conceitos e dos laços sociais. Se a técnica é uma questão política, segue-se que os coletivos humanos que a instituem, realizam, de fato e de direito, uma micropolítica em atos. Como disse o mais anarquista dos epistemólogos: “As decisões que dizem respeito ao valor e à utilização da ciência não são decisões científicas; constituem o que nós poderíamos chamar de decisões ‘existenciais’; são decisões sobre a maneira de viver, pensar, sentir e se comportar” (FEYERABEND, P. *Farewell to Reason*. Londres, Verso, pg. 39, 1987).

O Homem de Piltown *

A psiquiatria dinâmica, que teve seu apogeu entre Bleuler e meados dos anos 70, era uma especialidade médica que conhe-

cia muito da mente e pouco do cérebro; a psiquiatria baseada em evidências, florescente desde a publicação dos RDC (*Research Diagnostic Criteria*) em 1978 até este início de século XXI, sabe muito sobre o cérebro, mas prefere esquecer o que sabia sobre a mente. Poderíamos bem chamar esta última de psiquiatria-baseada-em-quase-todas-as-evidências porque parece excluir do seu escopo os fenômenos inconscientes da circuitaria cerebral e, conseqüentemente, do adoecer mental. Esta tônica pendular deve-se menos ao conhecimento científico disponível que à disposição de ânimo da geração de psiquiatras que comandam os postos-chave da especialidade e foram treinados na hoje predominante escola anglo-(norte)americana.

A teoria da mente que guia, implícita e explicitamente, a clínica e a pesquisa na moderna medicina psiquiátrica deriva seus fundamentos da psicologia cognitivo-comportamental. Na base desta visão, conjugou-se o empirismo radical do aprendizado por estímulos condicionados e a compatibilidade com a evolução biológica, que determinariam afetos, atos e cognições. A doutrina cognitivo-comportamental, embora alicerçada em fatos científicos, divide a mente em módulos de comportamento que, por sua vez, são expressão de grupos neuronais selecionados pela pressão evolutiva: um verdadeiro Frankenstein de Piltown.

Muito embora a maioria das afecções mentais não se encaixe rigorosamente no modelo das doenças hereditárias, aplica-se-lhes um esquema unidirecional que vai dos genes ao comportamento, via biologia molecular⁴. A intenção vai ficando clara: minimizar a qualquer custo o “efeito sujeito” no sofrimento psíquico. Na busca pelos genes causadores do homossexualismo, do suicídio, das compulsões, da agressividade, da depressão e da ansiedade, a genética comportamental pode se confundir com a “naturalização” conveniente da conduta humana⁵. Diagnósticos para todos, remédios para todos e a cereja do bolo: uma epidemia mundial de depressão. A sociobiologia de E. O. Wilson e o gene egoísta de Richard Dawkins são só o começo — ou a continuação, se preferirmos.

Transtornos mentais não funcionam como as outras moléstias simplesmente porque a mente não é um órgão, ela é um “departamento virtual” do cérebro. Muitas das funções da mente são cumpridas por sistemas e grupos de neurônios “recrutados” de várias regiões anatômicas e obedecendo a redes conectivas altamente particularizadas. A organização funcional dos cérebros é variável como as impressões digitais: o cérebro de gêmeos idênticos não é igual, por exemplo. Os cem bilhões de neurônios do cérebro humano obedecem à programação codificada nos genes, é certo, mas os trilhões de conexões que se estabelecem entre eles são produtos de uma arquitetura que cada indivíduo constrói ao longo de sua biografia. Não há genes suficientes para dar conta do vasto repertório da afetividade e do comportamento dos seres de razão e linguagem. Cada sujeito é um trilhamento neuronal único.

A psiquiatria oficial já não é obcecada por manicômios, contratou boas assessorias de imprensa e tem um discurso mais palatável. Reivindicações da anti-psiquiatria são aceites, quando não defendidas, a desavença surda hoje está mais ao centro: as lideranças acadêmicas atuais não esquecem o quanto foram tolhidas pela psiquiatria psicanalítica, outrora dominante no ambiente anglófono⁶. Impondo-se do alto de um volume incontrastável de publicações, pesquisas epidemiológicas, avanços da psicofarmacologia, da biologia molecular e da genética, a psiquiatria baseada em evidências corre o sério risco de se tornar um baluarte do pensamento único no mundo psi. A psiquiatria científica e meritocrática representa um avanço saudável da medicina, o fundamentalismo cientificista, a aversão às ciências humanas, são a sua doença infantil.

Se comas insulínicos, impregnação neuroléptica, *gulags* para dissidentes, lobotomias, eletrochoques, anfetaminas para crianças hiperativas, foram ou são tidas como alternativas terapêuticas válidas da psiquiatria, por que não o serão, em futuro breve, o desativamento (*knock out*) de genes potencialmente patogênicos?

Um admirável mundo novo de emoções administradas se abre na era da higienização do *páthos*. Talvez se consiga finalmente extirpar a histeria.

Da Máquina de Turing ao Quarto Chinês

O cérebro é um computador, ou ainda, um computador pode pensar? O desafio do matemático David Hilbert a seus colegas durante um congresso em 1900, listava 23 problemas a serem resolvidos no século que se iniciava para estabelecer em solo seguro os fundamentos da matemática. O décimo da lista, conhecido como o Problema da Parada (*Entscheidungsproblem*), deu origem a duas das teorias matemáticas mais famosas do século vinte: a Máquina de Turing e o Teorema de Gödel.

Alan Turing idealizou em 1935 a máquina universal de computar, modelo teórico dos computadores atuais, desenvolvidos a partir da década seguinte. A máquina de Turing é um dispositivo abstrato que realiza quatro operações numa fita onde estão impressos *zeros* e *uns*: deslocar-se uma casa para a frente ou para trás ao longo da fita, apagar um 0 e imprimir um 1, ou vice-versa. Estas operações se realizam de acordo com uma série de regras, os programas, que constituem o *software* da máquina. Os programas são algoritmos, procedimentos mecânicos seqüenciais que realizam cálculos e seguem padrões formais de sintaxe (p.ex.: sob a condição A, realize ato B).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os proto-computadores e seu criador provaram-se imbatíveis em decifrar códigos secretos. No pós-guerra percebeu-se que aí havia também um modelo psicológico promissor: se o pensamento pode ser expresso em sentenças lógicas (como queriam o empirismo lógico de Frege, Russell e do Círculo de Viena) e as conexões entre sentenças lógicas podem ser realizadas por uma máquina de Turing, logo, temos uma máquina de pensar. A ciência cognitiva deslança a partir dos anos 50 apoiada em 3 princípios básicos:

1) o pensamento é uma propriedade emergente do cérebro.

2) o pensamento pode ser definido como uma computação de símbolos.

3) o cérebro é o *hardware* e a mente, o *software*.

No entanto, o desenvolvimento de procedimentos mecânicos expressos num conjunto de regras finitas, se alavancou a ciência da computação, não levou à máquina capaz de pensar⁷. Programas de computador, mesmo os que simulam redes neurais, reproduzem apenas uma das vertentes da linguagem e da mente humana: a operação de símbolos por meio de uma gramática (regras sintáticas) e o aprendizado de regularidades ou padrões de eventos. Existem estados no aparelho neuronal que sustentam cadeias de eventos de causalidade transitiva, como os estados mentais polissêmicos, nos quais vigora a lógica do sentido⁸ — o que *hardwares* e *softwares* *ainda* não conseguem emular. O problema está na confusão de níveis: assim como a semântica é irreduzível à sintaxe, a significação não brota do cálculo operatório.

Uma das dificuldades é imanente aos processos de computação: a questão da incompletude destes processos, demonstrada por Kurt Gödel em 1931. Segundo o Teorema de Gödel, os sistemas formais — como as línguas, as teorias matemáticas e os programas de computador — podem gerar sentenças que eles próprios não conseguem julgar sobre sua verdade ou falsidade e são, portanto, incompletos e indecidíveis. O que se faz pelos computadores é dotá-los de oráculos (geradores aleatórios de números que resolvem a situação de parada); já no caso da mente, supõe-se que tome decisões recorrendo a regras não-explicitas, meta-níveis, ou então, que os processos mentais sejam de natureza não-algorítmica, como os sistemas quânticos. Cientistas como Roger Penrose defendem que a atividade mental envolva dinâmicas não-lineares; para Penrose, o cérebro não é uma máquina de Turing, mas um computador quântico⁹.

De maneira que as coisas se complicam no sentido de chegarmos a uma teoria da mentação: é necessário tanto explicar o

surgimento da consciência (auto e alo-psíquica) a partir da fisiologia neural, como a questão correlata da atribuição de qualidades aos estados da mente (problema dos *qualia*). O Argumento do Quarto Chinês formulado por John Searle é um experimento mental (*Denkenexperiment*) que evidencia os principais obstáculos de uma ciência cognitiva baseada em modelos computacionais clássicos ou conexionistas, tais como os que sustentam os propositores da A.I. (Inteligência Artificial). Imagine-se uma pessoa trancada em um quarto no qual recebe perguntas expressas em ideogramas chineses; com estes, consulta um manual (o programa), executa as etapas contidas neste e produz respostas em chinês — tudo isto sem necessariamente compreender o idioma chinês.

Tal argumento aponta para o fato de que a atividade mental não pode se resumir a um programa, ou a uma série deles, porque os símbolos formais dos programas não são capazes de produzir os conteúdos qualitativos que nela ocorrem:

- “1. Programas são totalmente sintáticos.
2. As mentes têm uma capacidade semântica.
3. A sintaxe não é a mesma coisa que a semântica, nem é, por si só, suficiente para garantir um conteúdo semântico.

Conseqüentemente, programas não são mentes.” (SEARLE, J. – *O Mistério da Consciência*. São Paulo, Paz e Terra, pg.38, 1998.).

O mérito maior do filósofo norte-americano consiste em demonstrar *o viés anti-biológico* contido nas interpretações computacionais de linha dura, sem abandonar a concepção maquinaica. Não se duvida que o cérebro seja uma máquina, portanto passível de ser replicado artificialmente, mas não é uma máquina qualquer: trata-se da máquina orgânica capaz de suportar o fantasma do sentido. Para Searle, a mente é um computador biológico.

Em que pesem estas objeções, as premissas da A.I. não são absolutamente incompatíveis com as hipóteses psicanalíticas acerca do inconsciente¹⁰. O co-fundador do Laboratório de Inteligência Artificial do M.I.T. (*Massachusetts Institute of Technology*), Marvin Minsky, avança hipóteses sobre o psiquismo humano que poderiam ser descritas como uma “ecologia” de agências mentais. Assim, a mente não obedece a algumas leis gerais de funcionamento, menos ainda a um princípio único, assemelhando-se mais a uma “sociedade” cosmopolita formada por milhares de agentes que interagem entre si, estimulam-se ou se inibem mutuamente, competem por recursos limitados e sem uma estrutura coerente entre suas partes. De modo que estes módulos cognitivos, constituídos por unidades heterogêneas e sistemas relativamente independentes, acabam por ter boa parte da sua atividade situada fora do controle consciente. A “guerra civil” do psiquismo de que falava Freud, ganha nas teorias de Minsky um significado empírico: são agências mentais com cito-arquiteturas conectivas diversas, desenvolvidas ao longo dos milhões de anos da evolução biológica*.

O ponto fundamental quanto aos modelos teóricos aqui apresentados reside na impossibilidade de se estabelecer uma hierarquia epistêmica, um padrão de redutibilidade entre eles — todos, por princípio, são desejáveis e qualquer pensamento hegemônico deve ser encarado com suspeição. Gerald Edelman, neurocientista laureado com o Nobel de Medicina em 1972, é incisivo: “Um dia os praticantes em maior evidência na psicologia cognitiva e os mais arrogantes neurobiologistas empíricos compreenderão, finalmente, que foram vítimas, sem saber, de uma fraude intelectual.” (EDELMAN, G. *Biologie de la conscience*. Paris, Odile Jacob, pg.301, 1992.).

A Sociedade dos Anéis

Poucos psicanalistas conseguem perceber a seminal importância de um cientista como Eric Kandel dizer que a psicanálise é um ramo da biologia (KANDEL, E. - *Biology and the Future*

of Psychoanalysis: A New Intellectual Framework for Psychiatry Revisited. Am. J. Psychiat. 156: 4 April, 1999, pgs. 505-523.). À simples menção de tamanha heresia, rufam os tambores, brandem seus mísseis e deslançam torrentes de impropérios contra o bio-poder reducionista, cobiçoso dos mistérios iniciáticos da psicologia profunda¹¹. Psicanalistas, de maneira geral, não se vêem como cientistas, preferem sonhar que são críticos da cultura, artistas ou filósofos e acabam muito parecidos com religiosos sectários. São piores que os padres, dizia Gilles Deleuze.

Em que pese o fato de ainda ser a mais articulada e intelectualmente satisfatória teoria da mente, a psicanálise mostra não ser impermeável ao discurso cínico da contemporaneidade. Três ordens de impedimentos lhe emperram o caminho: a estrutura de suas instituições, a recusa ao diálogo com a ciência e a dificuldade em lidar com o mal-estar da modernidade. Esses fatores estão ligados entre si e dizem respeito, tanto às condições do aparecimento da Associação Psicanalítica Internacional (I.P.A.) fundada por Freud, quanto aos acontecimentos político-institucionais da era pós-freudiana.

Sob o forte repúdio do *establishment* médico e científico da época e a ameaça das dissensões internas, concebe-se no círculo em torno do fundador da psicanálise um comitê de sete encarregados de zelar pelo incipiente órgão coordenador do movimento psicanalítico e analisar os desvios na ortodoxia dos princípios fundamentais da teoria psicanalítica: a repressão, o inconsciente e a sexualidade infantil. Este círculo íntimo e secreto que compreendia o próprio Freud, Karl Abraham, Ernest Jones, Max Eitingon, Otto Rank, Sándor Ferenczi e Hanns Sachs, de maneira secreta e independente da recém-fundada IPA, juraram sua fé consagrada em anéis de ouro engastados com entalhes gregos da coleção de Freud, ao qual coube um anel com a efígie de Júpiter (JONES, E. – *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, v.2, pg. 163, 1989.).

Esta confraria deixou profundas marcas em quase todas as instituições psicanalíticas vindouras. O apego pelos grupos fe-

chados, o fetiche do *petit comité*, os autos-de-fé, os expurgos frutos da política comezinha, as fidelidades clínicas adquiridas em supervisão e análise pessoal, são marcas indeléveis do movimento psicanalítico, hoje mais profundas que nunca. As instituições psicanalíticas atuais são a maneira mais segura de se inibir a criatividade de seus membros: o mandarinato que controla as instituições de formação analítica briga incessantemente, se entredevora, acusa-se mutuamente de desvios da ortodoxia ou coexiste na indiferença sectária de escolas apoiadas na autoridade de seus fundadores.

A situação institucional da psicanálise de hoje pode ser comparada à condição pós-moderna como a define Jean-François Lyotard: “Guerra ao todo, testemunhemos o inapresentável, ativemos as diferenças”. Percebe-se que, nas escolas de psicanálise, a ativação das diferenças tem levado a um furioso relativismo que fez fracassar há pouco tempo a idéia de uma Associação Psicanalítica Mundial - curiosamente os psicanalistas parecem sofrer do que Freud chamou de “narcisismo das mínimas diferenças”. De visu, as instituições psicanalíticas parecem carecer, com uma certa urgência, de... análise institucional.

A elitização da psicanálise conduziu-a à esterilidade, neutralizou o poder disruptivo de uma das críticas mais contundentes à moralidade burguesa e estabeleceu uma situação autista para com a contemporaneidade política e científica. Além do estabelecimento das regras de formação, da análise didática, da boa interpretação, da freqüência, da duração da sessão e da cura-padrão, as academias psicanalíticas acabaram por definir inclusive o psicanalista-tipo — sobre o qual, ainda em nossos dias, há recomendações sobre a orientação sexual “correta”. Mal se disfarça nos grupos de psicanalistas uma forma velada de “eugenia psicológica”, que inclui balizamentos normativos empobrecedores e anti-democráticos *. Muita cabala e pouca democracia, os males da psicanálise são!

A recepção crítica da psicanálise pautou-se, nas tradições culturais em que se aclimatou de início (Inglaterra, França e EUA), por um posicionamento diante das alternativas “hermenêutica” ou “biológica”, ou nas palavras de Paul Ricoeur, entre as dimensões da “força” e do “sentido”, contidas na obra freudiana; desta maneira, estabeleceu-se a divisão entre o que era “aceitável” e o que era “inaceitável” nela¹¹. Tais amputações e reduções ortopédicas possuem uma força extraordinária: cristalizam-se ao longo do tempo e tendem a se reproduzir em meios distintos dos que as produziram. No Brasil, país em que a psicanálise se implantou e desenvolveu consistentemente, podem se observar mais ou menos os mesmos cismas entre as “linhas” psicanalíticas que pululam no cenário internacional¹³.

Freud enfatizava que a visão de mundo à qual se ligava a psicanálise estava do lado da ciência — não era arte nem filosofia e, menos ainda, religião — ; em várias ocasiões manifestou sua esperança de ver “idéias psicológicas” baseadas numa “subestrutura orgânica” ou substituir “termos psicológicos por expressões fisiológicas ou químicas”¹⁴. Ora, se não estiver vinculada ao referencial científico, o que distinguiria a psicanálise, digamos, da astrologia? Justamente o que há de radicalmente novo nas descobertas freudianas, em particular o estatuto do conceito-limite da pulsão (*Trieb*), é a possibilidade de se repensar a desgastada questão da relação corpo-alma para além das alternativas tradicionais: monismo/dualismo ou materialismo/idealismo. “Se a pulsão não é uma ‘força natural’, nem por isso ela deixa de ser potência corporal. (...) A partir de Freud, nem a alma poderá mais ser concebida como portadora de formas *a priori* que ela aplica necessariamente aos dados sensíveis, nem tampouco o corpo poderá mais ser considerado do ponto de vista médico-biológico. Freud anuncia um novo corpo e uma nova alma.” (GARCIA-ROZA, L.A. – *O Mal radical em Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 4ª. ed., pg. 55, 1999.).

A desnaturalização da pulsão advém do fato de que ela carece de um objeto de satisfação fixo, absoluto; o que Lacan per-

cebeu agudamente é que o objeto só se adequa à satisfação pulsional na medida em que for tomado como objeto do desejo, submetido, portanto, à castração e intermediado pela fantasia, que liga o desejo a uma rede de significantes¹⁵. O “traço unário” representa, paradoxalmente, a entrada do significante no real sob a forma da pura diferença; um real, ao qual nada poderia faltar, tem de comportar um fato simbólico — cujo objeto, justamente, falta. A esta privação é que o sujeito se identifica, constituindo-se no hiato do entre-dois significantes. Assim, desfaz-se tanto a ilusão de um sujeito curvado simplesmente às demandas instintuais, como o *deus ex machina* de uma ética humana regida pela normatividade do imperativo categórico. A questão é assim recolocada, seja do ponto de vista psicológico, filosófico ou científico, numa oitava acima: evitam-se os vícios complementares do idealismo e do realismo - o solipsismo idealista de Cila e o materialismo objetivista de Caríbdis, que confunde realidade com objetividade.

O campo em que se move a psicanálise é, certamente, difícil de ser delimitado; diríamos que, enquanto teoria metapsicológica da subjetividade, ela se encontra nos limites da experiência humana: a psicanálise pode pensar para além do inconsciente, do Édipo, da rede significante e até mesmo do princípio do prazer — ainda que o faça a partir da articulação do discurso com o gozo, do desejo com a linguagem. A definição de um campo, lição imorredoura da psicanálise, reside muito mais nos acordos tácitos, inconscientes, que nas premissas públicas; a extensão do campo psicanalítico, como diz Fábio Herrmann, remete à “extravagância de um campo que é a ruptura de todos os campos” (HERRMANN, F. – *Andaimos do real: uma revisão crítica do método da psicanálise*. São Paulo, E.P.U., pg. 200, 1979.). A ruptura que acreditamos necessária e urgente na psicanálise, tal como se encontra estruturada atualmente, é *uma ruptura do campo político* em que ela se dá. Trata-se de uma extrapolação do alcance metodológico do dispositivo da Teoria dos Campos, cujo vértice histórico-político não cessará de interrogar doravante os participantes da cena psicanalítica.

Concluindo: a objeção de Heidegger

Os mitos do progresso ininterrupto e da neutralidade são dos muitos que assolam a ciência, mas a sofisticação e o refinamento das teorias de que ela se serve para compreender o mundo que nos cerca, não são. A ciência não pode, embora se preste a isso, ser uma versão leiga da religião, nem tampouco deve se conformar em ser o braço desarmado do pragmatismo econômico. Entre o cientificismo triunfalista e o criticismo tecnofóbico, há um caminho do meio que não significa acomodação a soluções fáceis; o caminho do meio, ao menos neste caso, é o caminho das pedras. Como no estado de direito democrático, a atividade científica necessita de *checks and balances* constantes. A ciência moderna, desde Copérnico e Galileu, sobrevive graças às crises em que vive mergulhada. A cronificação da situação de crise imprime um regime de exceção de que quase nenhuma outra atividade humana é capaz: a auto-análise e a crítica radical desempenham nas ciências um papel que ultrapassa a metáfora política — nem as eleições livres, nem o parlamentarismo são comparáveis: a ciência avança muito nas revoluções. Uma constatação sombria: as revoluções políticas do século XX degeneraram em grotescas ditaduras.

Para as teorias da mente, o alicerce que a biologia fornece é de capital importância. Longe de ser uma garantia heurística, uma espécie de padrão-ouro epistemológico, o enfoque das ciências da vida dignifica os discursos que dela se aproximam. Colaboração quer dizer trabalho conjunto e não tutela. Como já ocorre na climatologia, na ecologia e na geografia populacional, as ciências da mente terão de fazer convergir especialidades diversas, conectar redes sócio-técnicas, integrando paradigmas e linguagens incomensuráveis. Tudo isto implicará, como viemos argumentando, em romper com os velhos hábitos e o *status quo* vigente nestas disciplinas tomadas isoladamente. O ilhamento produzido pela divisão social do trabalho é o maior obstáculo da transdisciplinaridade.

A medicina da alma já esteve a cargo de xamãs, sacerdotes, poetas, sofistas, filósofos e até dos carcereiros das instituições totais.

A psicologia cognitiva não deve se arrogar a tarefa de “limpar a casa”, expulsando os vendilhões, propondo a si o impossível de expurgar a verdadeira ciência da ganga ideológica. Ciência não se faz contra, se faz a partir da ideologia. A neurobiologia da mente pode se abrir a múltiplas formas de cientificidade — já se esboçam os contornos de uma “terceira cultura”, que amalgamaria as ciências naturais e as humanidades (Cf.: HYPERLINK “<http://www.edge.org/>” www.edge.org) — sem com isso perder o vigor crítico que caracteriza o empreendimento científico. As futuras ciências neurais, contrariando a objeção de Heidegger, poderão, sim, *pensar*.

Em ciência, por princípio, desconfia-se das teorias híbridas; na comunicação, ao contrário, as plataformas de hibridação geram linguagens e meta-linguagens com alto grau de interatividade. O mapeamento da experiência mental requer uma língua desconhecida, um dialeto ainda não inventado¹⁶. O estudo da mente desafia o método universalizante da ciência: a singularidade do seu objeto — a experiência subjetiva — se dá de forma intransferível, em primeira pessoa. O sujeito é um efeito significativo, diz-nos a psicanálise, o escândalo deste enunciado, porém, já foi absorvido pela cultura científica — o sujeito do inconsciente e a consciência egóica são ficções necessárias. Nas ciências modernas já não é imperativo nivelar diferenças, conjurar o poder da “ficção” em nome da “verdade” empírica; as singularidades podem e devem estar entre os objetos legítimos da investigação científica¹⁷.

Problemas científicos complexos como o aquecimento global, a manipulação genética, o buraco da camada de ozônio, etc., exigem uma articulação multidisciplinar e horizontal da comunidade científica — a política, gostemos ou não, passa pelos laboratórios, a natureza passa agora pela sociedade(. Novas formas de associação, de investigação, de revolução, de descoberta, só valerão se produzirem rupturas, crises — precisamos pensar além, *to think out-of-the-box*.

Em verdade, em verdade vos dizemos, é preciso que ainda haja caos dentro de vós.

Cf.: HORGAN, J. – **The End of Science: facing the limits of knowledge in the twilight of the scientific age.** Massachusetts, Helix Books/Addison-Wesley, pgs. 159-190, 1996.

² A maior fraude científica do século XX, foi gestada na segunda metade do século anterior. Tecida em torno da extraordinária contribuição para a biologia de Charles Darwin (1809-1882), a eugenia extrapola a teoria da evolução do seu âmbito estritamente científico para o terreno da especulação sociológica associada à idéia de melhoria racial. Evolucionistas de primeira hora como Sir Francis Galton (1822-1911) e Herbert Spencer (1820-1903) avançaram a suposição de que às etnias humanas sucedia o mesmo que às espécies animais e vegetais, sobrevivem (e dominam) as mais fortes e/ou adaptadas à competição por recursos naturais - survival of the fittest é a expressão cunhada por Spencer, ausente dos escritos de Darwin. O darwinismo social apesar de não ser uma ciência não deixou de influenciar cientistas como Buffon, Buckle, Spengler, Haeckel, De Pauw e Lombroso e deixar marcas profundas na antropologia, na medicina, na sociologia, na história, na teoria política e na economia do século XIX. Os arianos, povo indo-europeu, foram eleitos como os representantes da pureza da raça caucasiana, que, ao se espalhar pela da península índica à Europa setentrional aí deixaram as bases genéticas de civilizações superiores. A hipótese ariana é elaborado como doutrina pelo núcleo duro do eugenismo: Joseph-Arthur, conde de Gobineau (1816-1882) e Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), encontrando no *Anel dos Nibelungos* do compositor Richard Wagner, representado na cidade bávara de Bayreuth desde 1876, a sua forma artística maior. Restringir o alcance das idéias eugênicas a três ou quatro países europeus é, no entanto, simplificar demais a questão; o certo é que depois da virada do século XX, diversos países, o Brasil inclusive, desenvolveram projetos para melhorar geneticamente a espécie humana (cf.: o documentário sueco *Homo Sapiens 1900* de Peter Cohen, 1998). A implementação destes programas de higiene pública incluía a aprovação de leis e medidas de exclusão (os primeiros campos de concentração “domésticos”), pondo em prática a esterilização e castração de milhares de pessoas portadoras de deficiências físicas e mentais: a nave dos loucos se virou o *gulag* dos ideólogos da saúde social (cf.: BLACK, E. **A guerra contra os fracos.** Rio de Janeiro, A Girafa, 2003).

* “Já foi dito que, se a teoria não for recebida à porta de uma disciplina empírica, entra como um fantasma, pela chaminé e põe a casa de per

nas para o ar. Mas, não é menos verdade que, se a história não for recebida à porta de uma disciplina teórica que trate do mesmo conjunto de fenômenos, infiltrar-se-á no porão, como um bando de ratos, roendo todo trabalho de base.” PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo, Perspectiva, 3ª. ed., pg. 42, 2002

³⁶“A atitude do cientista implica em postura crítica permanente. Não há teoria, não há experimento, que por mais bem estabelecido que se julgue, consiga se furta à análise crítica. Diuturnamente as teorias são testadas, analisadas e remodeladas. Pouca coisa em ciência é definitivo. A posição central da crítica constitui a essência da racionalidade. Sem tirocínio crítico não há ciência.” COSTA, N.C.A. da – **O conhecimento científico**. São Paulo, Discurso Editorial, 2ª.ed., pg. 41, 1999.

* Na localidade de Piltdown em Sussex, Inglaterra, foram descobertos em 1912, dois crânios humanos, um dente e uma mandíbula que pertenceriam ao “elo perdido” entre o homem e o macaco. “O Homem de Piltdown” mostrou ser apenas uma hábil montagem de ossos de primatas e humanos, sendo definitivamente desmascarado em 1953. A razão cínica do cientificismo dá uma volta meta-irônica no parafuso: o homem de Piltdown é uma mentira que visa provar uma verdade.

⁴ A miséria do cientificismo é que nele a ciência só vale até certo ponto, e este ponto é aquele em que alguns preceitos e preconceitos têm de ser sacudidos. O debate natureza x cultura só tem sentido em neurociência se levarmos em conta que, assim como as combinações de genes contribuem para o comportamento social, os fatores sociais e ambientais influem sobre o material genético, modificando a expressão gênica e, por extensão, a função das células nervosas. Nenhum dualismo pode advogar uma separação absoluta: nature e *nurture* agem em concerto.

⁵ Na revista *Nature*, foi publicado um artigo que sustenta a tese de que o suicídio é causado exclusivamente pela disfunção do neurotransmissor serotonina. Vide: MANN, J. J. – Neurobiology of suicide. **Nature Medicine**, jan., v.4, n.1, 1998, pg. 25-30.

⁶ Neste particular, há o testemunho pessoal do psiquiatra e neurocientista Eric Kandel sobre a atitude defensiva e zelosamente anti-científica dos chefes de departamento psicanalistas que ele e sua geração suportaram durante a residência médica em psiquiatria na Harvard Medical School no começo da década de 60. (Cf.: KANDEL, E. A New Intellectual Framework for Psychiatry. **Am. J. Psychiat.** 155:4, April, 1998, pgs. 457-469.)

⁷ “Porém, com o passar do tempo, a replicação de pensamento inteligente em máquinas não se mostrou tão fácil por várias razões:

a) *muitas das sentenças lógicas e das regras de conexão que estão por trás do pensamento são não-conscientes* (o sujeito não tem consciência de todo o processo);

b) há situações em que o pensamento não computa baseado em regras, mas em regularidades (padrões);

c) haveria problemas de parada nas máquinas pensantes (situações em que, existindo regra, a máquina não é capaz de decidir para onde ir e fica rodando em falso ? *loping também* situações em que não há como decidir pela verdade ou falsidade de uma proposição, o que redundaria em parada da máquina);

d) a mente não se reduziria ao pensamento, sendo na verdade pensamento e algumas funções a mais.” [itálicos nossos] DEL NERO, H. S. – **O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano**. São Paulo, Collegium Cognitio, pg. 153, 1997.

⁸ Esta é uma distinção que remonta aos trabalhos do lingüista Roman Jakobson (*Aphasia as a Linguistic Topic*, 1951) sobre as afasias, nos quais diferencia, a partir do estudo de lesões neurológicas, as vertentes sintagmáticas (contigüidade) e paradigmáticas (similaridade) presentes na linguagem. Jakobson avança a hipótese de que a afasia repete, em ordem inversa, o processo de aquisição da linguagem. Um dos melhores estudos em nosso meio acerca da aquisição da linguagem examina a convergência do desenvolvimento neuropsicomotor e a fixação das cadeias significantes na origem do discurso. Franklin Goldgrub (**A Máquina do Fantasma: aquisição de linguagem & constituição do sujeito**. Piracicaba, Ed. Unimep, 2001.) alia, com originalidade incomum, pesquisa empírica, dados clínicos, literatura científica e teoria psicanalítica numa obra que suscita questões fundamentais para lingüistas, psicanalistas, educadores, psiquiatras e neurocientistas. O silêncio crítico em torno desta obra diz tudo sobre a qualidade do debate intelectual entre nós.

⁹ Cf.: PENROSE, R. – **The Emperor’s New Mind: Concerning Computers, Minds, and the Laws of Physics**. Oxford, Oxford University Press, 1989; **Shadows of the Mind: a Search for the Missing Science of Consciousness**. Oxford, Oxford University Press, 1994.

¹⁰ Nem o são as pesquisas em neurociência que se utilizam das hipóteses freudianas. Cf.: ANDERSON, M.C.; OCHSNER, K.N.; KUHL, B.; COOPER, J.; ROBERTSON, E.; GABRIELI, S.W.; GLOVER, G.H.;

GABRIELI, J.D.E. – Neural Systems Underlying Suppression of Unwanted Memories. **Science**, 9 jan, 2004, pgs. 232-35. Assim como outros pesquisadores da área, o psicanalista Daniel Widlöcher considera o estudo das representações inconscientes como ponte entre a psicanálise e a psicologia experimental: “Na verdade, é precisamente seu estatuto inconsciente que justifica esta escolha. Pois a representação inconsciente, ao escapar à observação introspectiva, é um evento psíquico identificado a partir de dados indiretos. (...) Representação de coisa e não de palavra, supõe-se que ela esteja próxima do dado perceptivo e seja independente dos efeitos semânticos e sintáxicos devidos ao seu tratamento pela linguagem. Vemos, portanto, que a distância não é tão grande entre a representação inconsciente que a psicanálise estuda e a evocação de uma imagem isolada que a psicologia experimental explora.” (WIDLÖCHER, D. – O paralelismo impossível. In: FÊDIDA, P. (org.) - **Comunicação e representação**. São Paulo, Escuta, pg.244, 1989.).

* Coerente com a esta visão pluralista das sub-estruturas orgânicas envolvidas nos processos mentais, é também a posição com relação ao tipo de atitude teórica requerida: “A ciência psicológica estará prejudicada até desenvolvermos uma visão geral em que caibam inúmeras teorias menores.” MINSKY, M. – **The Society of Mind**. New York, Simon & Schuster, pg. 322, 1985.

¹¹ Não se pode negar, porém, que alguma razão há nessas invectivas: a ciência biológica tem lá seu quê de arrogância ideológica. Os pilares da moderna biologia, a saber, a teoria da evolução biológica e a descoberta do DNA foram encampadas por posicionamentos radicais. O biólogo Stephen Jay Gould tem chamado certas interpretações da teoria darwiniana de “adaptacionismo panglossiano”, paradigma otimista em que cada característica de um ser vivo se explica pela utilidade que teve em termos de eficiência reprodutiva (Cf.: GOULD, S.J. – **Vida maravilhosa**. São Paulo, Cia. Das Letras, 1990.). Pouco depois da descoberta, juntamente com James Watson, da estrutura em dupla hélice do DNA, Francis Crick formulou em 1957 o Dogma Central da Genética (grafado em maiúsculas pelo próprio). Crick, reducionista convicto e prosélito do determinismo genético, propunha um esquema unidirecional: um gene contido na seqüência de bases nitrogenadas do DNA produz um RNA mensageiro, que, por sua vez, codifica a síntese de proteínas. Uma verdadeira linha de montagem centrífuga comandada pelo código genético do núcleo celular: DNA produz RNA, que

produz proteínas e enzimas que são a expressão das funções celulares. Esta visão dogmaticamente unívoca, no entanto, começa a ser desconstruída pela biologia molecular. Uma equipe dos NIH (Institutos de Saúde dos EUA) comandada por Ken-Ichi Hanada demonstrou recentemente que nem sempre respostas imunológicas (mediadas por proteínas) são produzidas desta forma (Cf.: Hanada, K.; Yewdell, J.W.; Yang, J.C. – Immune recognition of a human renal cancer antigen through post-transcriptional protein splicing. **Nature**. v. 427, 15 jan, 2004, pg. 252-256.). Em 1990, junto com o neurocientista Christof Koch, Crick proclamou em um seminário no Instituto de Tecnologia da Califórnia que era chegada a hora de fazer da consciência um objeto de estudo da investigação empírica? interdição para qual ele e os behavioristas muito haviam colaborado. A década seguinte ficou conhecida para a pesquisa como a Década do Cérebro.

*“Isto nos conduz à segunda questão: o risco de ‘normotização’ do psicanalista devido á normalização da formação perpetrada pelas instituições psicanalíticas. Afinal, o feitiço não pode se voltar contra o feiticeiro? Retomando brevemente a história do banimento de dois ilustres desviantes -Ferenczi e Kahn -, Ferraz sugere que o problema já está presente na própria seleção de candidatos a analistas, ato de extrema responsabilidade social, realizado por analistas incumbidos da transmissão e da formação, e que pode ser conduzido por critério estritos e esterilizantes de uma ‘normalidade’ ideal. Neste caso, um ‘critério’ pode ser *o manifesto de uma eugenia latente* e, portanto, a semente da morte da psicanálise e de sua ética plantada pelos próprios psicanalistas!” [itálicos nossos] GURFINKEL, D. Entre *orthos* e *pathos*. In: Prefácio a FERRAZ, F. C. **Normopatia: sobre adaptação e pseudonormalidade**. São Paulo, Casa do Psicólogo, pg. 15, 2002.

¹² No texto *A recepção da psicanálise na França* (In: MEZAN, R. – **Interfaces da psicanálise**. São Paulo, Cia. Das Letras, pg. 196-220, 2002), Renato Mezan analisa as particularidades da aclimatação da psicanálise ao ambiente intelectual e cultural da França, o protótipo da vertente “hermenêutica”. Acrescentaríamos que muitas das particularidades que ele atribui à leitura francesa não são exclusivas desta tradição e, à provável exceção da psicanálise do ego que se desenvolveu nos EUA, boa parte dos psicanalistas rejeitará as preocupações com o caráter científico da psicanálise que se observam ao longo da obra freudiana, jogando-as na vala comum do cientificismo positivista do século XIX em que o mestre

vienense se formou. O problema pode ser ainda mais delicado: como precisa Mezan, o que está em jogo é o que fazer da metapsicologia após a introdução do conceito de pulsão de morte; é toda uma visão do humanismo ingênuo que fica sem lugar: “Ora, é precisamente aqui que incide a dissociação imposta pelo ‘filtro francês’: o lado ‘força’ será sistematicamente desqualificado em favor do lado ‘sentido’, o qual é em seguida recuperado pela filosofias da consciência e da existência. Desde os anos 20, a metapsicologia - pois é dela que se trata - vai ser exorcizada como ‘mecanicista’, ‘positivista’; a prática da interpretação, tida por ‘humanista’, é em contrapartida incorporada como instrumento precioso para a compreensão da alma.” (MEZAN, R. **Op.cit.**, pg.200)

¹³ Abaixo, cotejamos 3 opiniões distintas sobre a psicanálise brasileira, cada uma com sua dose de verdade. Como de hábito, a menção elogiosa vem de fora:

“Essa capacidade crítica é exercida mais ou menos em todas as partes do mundo. Mas é certo que os países latino-americanos (o Brasil e a Argentina, em especial) estão hoje na vanguarda do renascimento do freudismo.” ROUDINESCO, E. - **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro, Zahar, pg.152, 2000.

“Além disso, não acredito que haja ainda no Brasil suficiente massa crítica de autores e gente analisada para criar uma psicanálise ‘à la brasileira’, um estilo que seja diferente da psicanálise inglesa e francesa; estamos ainda distantes disso, até pela pouca quantidade de autores originais.” MEZAN, R. – Entrevista a Manuel da Costa Pinto, **Folha de São Paulo**, caderno Mais!, pg. 5-11, 11 de junho de 1995.

“A diferença é que no primeiro mundo, as pessoas são obrigadas a produzir criações novas e diferentes e no terceiro mundo a produção não é voltada para a criação, mas para marcar a pertinência institucional, para definir qual dialeto você fala e qual o seu grupo de referência. (...) Parece-me que o discurso teórico brasileiro e o discurso teórico do campo da psicanálise, senso estrito, é para as pessoas saberem com quem estão falando, em qual espaço se encontram, quais as instituições participantes, quais as regras vigentes, quem reconhece e quem não reconhece o autor.” BIRMAN, J. – Os jogos de verdade da Psicanálise. São Paulo, **Percurso**, n.29, 2º. Semestre, 2002, pg. 110.

¹⁴ Cf. FREUD, S. Introdução ao Narcisismo. [1914], pg. 86 e Além do princípio do prazer [1920], pg.70, In: **Edição Standard Brasileira das**

obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago, 3ª.ed., vols. XIV e XVIII, 1996.

¹⁵ Uma intuição fundamental de Lacan diz respeito à função do objeto causa do desejo, o *objeto a*, pondo-o em relação com a fetichização das relações sociais: mais-valia, mais-gozar e mais-de-repressão. Slavoj Žižek aponta para as semelhanças, captadas por Lacan, entre a análise marxista do mundo das mercadorias, a leitura freudiana dos sintomas psíquicos e as modernas teorias da ideologia: “Eis aqui a diferença do marxismo: na perspectiva marxista predominante, o olhar ideológico é um olhar *parcial*, que deixa escapar a *totalidade* das relações sociais, ao passo que, na perspectiva lacaniana, a ideologia designa, antes, *a totalidade empenhada em apagar os vestígios da própria impossibilidade*. Essa diferença corresponde à que distingue as noções de fetichismo em Freud e em Marx: no marxismo, o fetiche oculta a rede positiva de relações sociais, ao passo que, em Freud, o fetiche oculta a falta (“castração”) em torno da qual se articula a rede simbólica.” ŽIŽEK, S. – Como Marx inventou o sintoma? In: ŽIŽEK, S.(org.) **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro, Contraponto, pg. 327, 1996. O que está explícito na obra lacaniana, via Politzer e Kojève, é a releitura da dialética hegeliana do senhor e do servo: o discurso do mestre lacaniano expropria o *Mehrlust* (mais-gozar) do outro, à semelhança do que acontece com a *Mehrwert* (mais-valia) da teoria marxista. Por outro lado, fica na sombra o modo como o discurso capitalista, que Lacan formalizou uma única vez em 1972 (comunicação não publicada), promove “um certo tipo de rejeição da castração em todos os campos do simbólico”, suspendendo a disjunção entre os lugares da produção e da verdade. Seria interessante poder discutir as convergências de Lacan e Adorno, principalmente quando este último conceitua o sistema de dominação moderna como “psicanálise às avessas”, forma de apropriação do conhecimento psicanalítico que estende às manifestações psíquicas do sujeito o controle exercido pela comunicação de massa e pelos regimes totalitários (ADORNO, T. – Ideologia. In: ADORNO, T.e HORKHEIMER, M. [orgs.] **Temas básicos de Sociologia**. São Paulo, Cultrix, 1973.). Lacan dedicou todo um seminário (o seminário 17 de 1969-70) ao tema do avesso da psicanálise sem uma única menção a Adorno. Esperemos que, lá pras calendas, o herdeiro intelectual e político, genro, “tradutor” e não-editor de Jacques Lacan, Mr. Jacques-Alain Miller, nos brinde com a publicação deste adendo necessário.

¹⁶ Um *pidgin* ou *creole* deste tipo seria algo como a linguagem que Alain Badiou reclama para a filosofia: “Que a filosofia seja uma filosofia daquilo que chamaria de *singularidade universal*. Quer dizer: daquilo que é, a cada vez, absolutamente singular, como um poema, um teorema, uma paixão, uma revolução; e contudo, para o pensamento, absolutamente universal. (...) Que a filosofia utilize uma língua flexível. Uma língua capaz tanto de citar e interpretar um poema como de citar e interpretar um axioma ou um teorema. Uma língua que *circule* entre o equívoco poético e a transparência científica.” BADIOU, A. – **Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, pg. 18, 2002.

¹⁷ “Entre esses outros dados, figura primeiramente a nova inseparabilidade entre ciência e ficção. Nenhuma utilização legítima da razão poderá mais garantir a diferença entre o que ela permitiria e o que seria do âmbito da ficção. Diferentemente da filosofia moderna dominante, que busca um ‘sujeito’ filosófico suficientemente depurado, suficientemente despojado de tudo aquilo que o leva à ficção para poder oferecer esta garantia, as ciências positivas não exigem de seus enunciados que eles sejam de essência distinta das criaturas de ficção. Elas exigem ? e é o ‘motivo’ das ciências ? que se trate de ficções muito especiais, capazes de fazer calar aqueles que pretendessem que ‘isto não passa de ficção’. Este é, a meu ver, o primeiro sentido da afirmação ‘isto é científico’. Por isso a busca de normas era vã. A decisão quanto ‘ao que é científico’ depende, sem sombra de dúvida, de uma política constitutiva das ciências, porque ela tem por escopo os testes que qualificam um enunciado entre outros enunciados, pretendentes e rivais. Nenhum enunciado obtém sua legitimidade de um direito epistemológico, que desempenharia um papel análogo ao direito divino da política tradicional.” STENGERS, I. – **A invenção das ciências modernas**. São Paulo, Ed. 34, pgs.99-100, 2002.

* “Metade de nossa política é feita nas ciências e nas técnicas. A outra metade da natureza se faz nas sociedades. Se reunirmos as duas, a política renasce.” LATOUR, B. – **Jamais fomos modernos**. São Paulo, Ed. 34, pg. 200, 1994.

OS INTELLECTUAIS E O FUNIL (DO BRASIL)

Somos um povo triste e indolente... desamorosos todos de uma terra muito feliz.

Afrânio Peixoto

Entre as elites de uma nação, nenhuma é tão decisiva quanto a elite intelectual. Cientistas, artistas e pensadores são os operadores simbólicos que inventam as máquinas de sonhar de um povo que, através delas, se apropria da língua que fala, recria as condições em que vive, as cenas que o obcecaram, a música que toca na rádio-cabeça. São tradutores e poetas ao mesmo tempo, espelho e lanterna, ideólogos e subversivos na mesma medida: explicam, criam e dissolvem, inventam, descobrem e reconfiguram a identidade nacional continuamente. Houve um tempo em que se acreditava que os intelectuais eram funcionários da superestrutura social (conjunto de idéias, moralidades e crenças) e, portanto, não teriam relevância na determinação das relações infraestruturais (i.e., econômicas) de exploração. O século XX, no entanto, se acostumou a problematizar não apenas a organização social e econômica, mas também, e com grande ênfase, um objeto difuso que tanto pode ser chamado de “cultura”, como “ideologia” e compreende vagamente os campos da arte, pensamento, comportamento, religião, visão de mundo, linguagem, consumo, sexualidade, etc.

No capitalismo senescente, pós-industrial, baseado mais na renda que na produção, dependente do espetáculo como forma de exploração de classe, a *intelligentsia* ganhou em importância: ela não está ali somente para velar ou legitimar as formas que assume a mais-valia, ela tem hoje papel de destaque na transformação de tudo e todos em mercadoria¹. A elite intelectual agora é recrutada tanto nos meios acadêmicos como nos meios de comunicação de massas, na moda, na propaganda e no *marketing*² e, diga-se, só restaram mínimas diferenças entre os técnicos da opinião pública que pululam na mídia e os intelectuais universitários. A crítica cultural

pós-moderna se compraz nesta aparente desmaterialização acelerada das relações produtivas, espelhando-a nos seus próprios suportes virtuais: simulacros e jogos significantes esvaziados da experiência corpórea da revolta – ficaram, a seu modo, mesmerizados pelas multidões atômicas, os solipsismos mediatizados, alienados/organizados por uma hierarquia da visibilidade a que ninguém escapa.

Umberto Eco divide os intelectuais em apocalípticos e integrados, Peter Sloterdijk classifica-os pelas suas relações com as massas: verticais ou horizontais, respectivamente, desprezadores ou aduladores dos muitos. É esta última categorização que nos interessa mais de perto como brasileiros, pois a nossa intelectualidade, ao menos uma parte significativa dela e que detém considerável parcela de poder e reconhecimento, é composta por ofendedores (que, portanto, privilegiam as relações verticais, hierárquicas) da cultura autóctone. Trata-se de um fato já observado com espanto por diversos brazilianistas, a tendência obsessiva e irreprimível dos nossos acadêmicos a explicar os motivos porque não funcionamos: parece que, ao tomarmos nossa identidade como objeto, acabamos atraídos irresistivelmente para uma peroração depressiva sobre as causas e os motivos de *nunca termos dado certo como país*. Em qualquer lugar do mundo intelectuais preferem criticar a fazer, maldizer o arbítrio que está longe e silenciar sobre o que acontece embaixo do seu nariz, lá como cá, a burguesia que fingem atacar é sua cliente e mecenas.

Não devemos esquecer que a mais-valia específica de que se nutre o intelectual, da qual ele é o explorador plenipotenciário e socialmente autorizado, é a pobreza de espírito da comunidade lingüística em que vive. Dessa forma, para usar o termo do sociólogo Francisco Oliveira, não se pode esperar que ele seja primariamente um produtor de *anti-valor*; vige, no mundo das idéias e crenças, a mesma lógica, por exemplo, do mercado de objetos hiper-caros: se muitos puderem ter uma Ferrari, ela passa a ser um Fiat. Em um meio cultural ralo e mesquinho, em meio ao acanalhamento disseminado da vida política e mental, é muito mais fácil açambarcar, dominar uns poucos gargalos e esfínteres, do que numa realidade

multicêntrica, dispersa e vária. Proliferação, germinação, formações rizomáticas, geração espontânea: tudo o que os caciques do pensamento não querem no seu quintal.

O que espanta no caso brazuca é o encarniçamento auto-agressivo, a pulsão autofágica, o boicote interno que marginaliza os brasileiros da sua própria identidade – em qualquer livraria, é mais fácil encontrar os autores clássicos ou contemporâneos da Espanha, Itália, Estados Unidos, França, Alemanha ou Portugal do que do Brasil e da América Latina. Não é, em absoluto, inconsciente tal prática: há uma nítida *conscientia sceleris* que preside ao crime doloso contra a (e da) cultura nacional. A brasilidade é uma cultura interpretante, de nascimento e opção, ela reúne e amalgama diversas referências; numa metáfora botânica, seria uma epífita, bromélia ou orquídea, crescendo em flora mista: América, África e Europa. No entanto, este caráter fundamentalmente híbrido convoca o horror do não simbolizável, o resto insuportável, o embuste dos domínios estanques do saberⁱⁱ. A comparação mais adequada neste caso é a das plantas rupícolas, que brotam sobre as rochas, impossíveis e milagrosas como o samba. *Batuque na cozinha sinhá num quê..*

Como explicar um país de 180 milhões de pessoas, em que as tiragens médias dos livros são edições de míseros mil, dois mil exemplaresⁱⁱⁱ? Por que é que os intelectuais que têm o canhão na mão (formadores de opinião em jornais, TVs, revistas e *sites*) são tão predispostos a agredir a produção nacional como é a regra? A revista de maior circulação no Brasil faz campanha contra o cinema brasileiro, jornais passam semanas sem resenhas de teatro, critica-se escritores como Paulo Coelho (só mesmo a magia explica alguém que vende livros no Brasil), Ivan Sant’Anna, Lya Luft e Patrícia Mello *porque seus livros são lidos*. Filosofar no Brasil, só em alemão; se você tiver uma idéia incrível aqui, faça uma canção, um *reality show*, um videoclipe ou uma novela.

Críticos de arte, literatura, filosofia, música, psicanálise, sociologia, cinema e televisão, deveriam nos ensinar a ouvir, ver, ler

(ou reler) as obras produzidas em nosso meio e não conduzir campanhas contra tais ou quais estilos e autores que não se coadunam a determinados critérios que estejam em voga. Este tema preocupou até gigantes como Drummond: não há fortuna crítica no Brasil, o que ele pôde comprovar após a morte de Manuel Bandeira. O tipo de crítico mais encontradiço por estas bandas é aquele que o escritor Martin Amis chama de “crítico leão-de-chácara”ⁱⁱⁱ na minha espelunca só entram gênios, de preferência já clássicos, ou seja, mortos. “Dos autores que me interessam poucos são brasileiros e quase nenhum está vivo”; esta é, pouco mais, pouco menos, a divisa de boa parte dos nossos acadêmicos. Chico Buarque queixava-se recentemente a escritores nacionais reunidos num badalado congresso literário: quem é que lê os contemporâneos?

Lima Barreto, o cineasta e o escritor, foram abandonados à própria sorte, Raul Pompéia e Olavo Bilac se difamaram publicamente até ao suicídio do primeiro, Castro Alves morreu, literalmente, de um tiro no pé, Clarice Lispector foi perseguida pelo crítico Álvaro Lins e por ninguém menos que Otto Maria Carpeaux^{iv}, Oswald atacou covardemente a Mário de Andrade, Pagu foi perseguida por Getúlio e pelo Partidão (na mesma época), Hilda Hilst foi espinhafrada por Wilson Martins, Taunay escolhambou as obras do Aleijadinho, Millôr Fernandes malhou impiedosamente Milton Nascimento no início de carreira, Ronaldo Bôscoli idem com Arnaldo Antunes, José Guilherme Merquior atacou sem dó Marilena Chauí, Tinhorão não pode aceitar Benjor nem Chico Science e esta lista se estende em qualquer direção, *ad nauseam*. Em nenhum dos casos supracitados se tratava da nobre instituição da polêmica, da diatribe que, por vezes violenta, é parte indissolúvel da livre discussão na *ágora* das idéias. Em todos estes exemplos o que transparece é abandono, desmemória coletiva, depreciação, ataque gratuito e desqualificação auto-imposta à cultura nacional. Não podemos nos reconhecer, estamos proibidos de nos gostar porque não terminamos nunca o luto de não termos sido aquilo que (confusamente achamos) *deveríamos* ter sido.

Há até um tipinho *cult* (ou seria *camp*), que nunca se eclipsa da vida mental brasileira: o intelectual da destruição, espécime que diz estar comprometido com a demolição do adesismo incondicional (o que não deixa de ser verdadeiro e necessário), a tendência à conciliação aparente, tão típica da nossa sociabilidade. O truque está em combater só um lado do problema. Historicamente, observamos que estes tipos iniciam como incendiários da sociedade, mas acabam açambarcando os postos-chave dela na fase bombeiro; deles aprendemos o quê e porquê deu errado em nós e na nossa cultura – mas não se lobia, nas arengas cínicas que nos impingem, nenhuma alternativa, a crítica se extingue na própria crítica e tudo é fazer mídia, ganhar nomeada. O patrono destes lepidópteros, cujo aparelho bucal é tão bem adaptado à sucção, foi sem dúvida Gobineau e dele, em linha sem interrupções até nós, passamos por Oliveira Viana^v – “a mania ariana do Oliveira Viana” (Manuel Bandeira) –, Paulo Francis* e seus êmulos moderninhos. A classe pensante (?) no Brasil esteve sempre organicamente ligada ao estamento burocrático, este xipófago do poder que sustenta o patrimonialismo estatal e vampiriza a iniciativa privada neste país há 500 anos.

A destruição como tática intelectual, e a lógica que lhe é pertinente, talvez seja mais adequada aos países centrais que aos periféricos; lugares em que capitalismo, liberalismo, social-democracia, etc., se sentem em casa e dispõem de uma longa tradição conservadora a lhes proteger interesses. Auto-crítica, fora dos círculos dourados da modernidade, precisa vir acoplada a uma proposição, um programa, caso contrário é apenas tiro no pé, chute no cachorro morto. Chutar a cultura brasileira é muito fácil, quem se importa? Golpear uma auto-estima e uma identidade já de si precárias é covardia tanta quanto bater em criança – *paideia* perversa e deliberadamente às avessas. Freud nos ensinou que a pulsão de morte, quando se volta para o exterior do psiquismo, se transforma em pulsão destrutiva. Pois bem, quando os nossos “intelectuais da destruição” levam a cabo a sua sanha demolidora, não estarão repetindo as feridas traumáticas de um país que foi construído à

força de genocídios e violências premeditadas? A criança que os nossos intelectuais perversos (no mau sentido do termo) batem é alheia: bate-se numa *outra* criança, porque eu e meus amiguinhos não somos parte disso que se chama cultura brasileira, somos um departamento de cultura francesa no além-mar. *Run baby, run.* Não morra Lola, corra Lola, corra.

A ordem é mantida para poucos, seqüestrando, no nível da distribuição, o progresso da maioria. É o velho refrão positivista explicado pelo samba-rap: “ordem para o povo e progresso para a burguesia” (Marcelo D2). Os estreitamentos, as angústias e os gargalos, a eterna dificuldade de distribuição explicam (?) que um país destas dimensões tenha sem-terra, sem-teto, sem voz, sem-lei... O amesquinamento da vida mental do país espelha fielmente as relações de poder que nele vigoram, demonstrando que até mesmo na classe privilegiada pela educação, o arbítrio não se atenua, a submissão é a regra e a rígida hierarquia autoritária se pulveriza em microfascismos: esta é uma terra dividida, um bolo repartido, não uma sociedade aberta. Tal e qual assunto, especialidade ou personagem costumam, entre nós, “ter dono”; tipo assim: “você não pode falar disso sem pedir para fulano(a)”. Cultura no Brasil é uma festa para poucos e bons, como dizia Ibrahim Sued: *sorry* periferia...

A semelhança do mapa, e da história, do Brasil com um funil é a metáfora de que parte a (excelente) peça “O funil do Brasil” de Sérgio Roveri. O funil do Brasil se assesta tanto no acesso à economia de mercado como à cultura; as melhores universidades públicas e privadas possuem dois funis: o de baixo, que se chama vestibular, é injusto relativamente, quem teve bons colégios leva vantagem; já o funil de cima, o acesso ao corpo docente universitário, fica na dependência das relações de compadrio, clientelismo e implica no inevitável e aviltante beija-mão^{vi}. Este é o mediador universal das relações sociais entre nós, o já famoso *favor*; pau-pra-toda-obra na *Terra Brasilis*. POUCOS, SE ALGUM, DOS CONCURSOS QUE ESCOLHEM NOSSOS INTELECTUAIS PROFISSIONAIS SÃO ESTRITAMENTE MERITOCRÁTICOS. Da mesma fôrma que

sai a corrupção político-econômica, sai a corrupção intelectual: a apropriação privada do público. Qual a diferença entre um concurso fraudado para professor universitário e uma licitação de obras ou serviços públicos “dirigida”? Você sabe com quem está falando?

Mais ou melhor, quantidade ou qualidade, “alta” ou “baixa” cultura. Há defensores do *mais* e há defensores do *melhor* entre os nossos intelectuais, o que aqui não há são os defensores do mais e do melhor – foi-se o tempo do “biscoito fino para as massas”. Cultura de todos e para todos, *horresco referens* do intelectual-cafajeste tão encontradiço nos países (ditos) emergentes. A cada vez que um amigo(a) lança um livro e escolhe cuidadosamente os convidados da festa de lançamento, a minha conclusão é de que não tem jeito: o poder vai mudar de donos, como sói acontecer, mas não vai mudar de modos. Gostaria muito de acreditar, como Joel Rufino dos Santos, que os “trabalhadores da cultura” podem realmente se virar para o Brasil e seus problemas, combater o fosso de renda, de direitos e oportunidades que separa as classes entre nós; mas acho que o elitismo e o servilismo são uma e a mesma patologia intelectual, um oxímoro incurável dos nossos pensadores^{vii}. O discurso universitário, no sentido que lhe dava Lacan, está sempre organicamente ligado ao poder, qualquer poder. Não se pode esperar que os beneficiários do arbítrio se cocem para destruí-lo, dar aos intelectuais, aos juristas do conceito, aos proxenetas das idéias, poder sobre as políticas culturais é suicídio – é por a raposa para tomar conta do galinheiro. A esperança, se é lícito tê-la, está do outro lado desse balcão, é de baixo que surge o dragão da maldade, o anjo vingador, o zé-ninguém. *Forget Paris...*

Filipe Douzel

¹ “Essa nova expressão do fenômeno ideológico das sociedades contemporâneas deixa de se caracterizar pela ‘simulação de uma pretensa autonomia’, dando lugar a um verdadeiro ‘deslocamento geológico’ entre as dimensões da superestrutura e da infra-estrutura, o que permite a sua penetração nas esferas mais íntimas da consciência e da produção cultural. O sistema de dominação faz com que a cultura, a política e a economia se fundam num único sistema onipresente, paralisando, assim, as forças que a ele possam se opor. Processa-se um verdadeira empobrecimento do mundo do espírito, adquirindo este um ‘caráter efêmero, pálido e impotente’, conforme assinalam os autores[Adorno e Horkheimer]. Ou seja, se havia anteriormente elementos contraditórios em uma cultura superior, transcendentem e alienados em relação à totalidade social, verifica-se, na sociedade contemporânea, uma verdadeira integração dos campos cultural e político no interior da esfera econômica. Trata-se de domínios que acabaram fundindo-se em um único sistema onipresente de dominação, resultando na repressão do conteúdo crítico da cultura, exatamente por ter desalienado aquilo que antes encontrava-se alienado. A ideologia passa a ser entendida como a totalidade dos produtos culturais, cuja manifestação se faz presente por meio de um conjunto de mercadorias ‘confeccionadas para atrair as massas em sua condição de consumidores’. Tudo é forjado para conduzir os indivíduos heteronomamente a uma adaptação à sociedade. A indústria cultural garante essa adaptação por meio de uma direção orgânica, convertendo o todo em sistema coeso.”

AMARAL, M. **O espectro de narciso na modernidade: de Freud a Adorno**. São Paulo, Estação Liberdade, pg. 23-24, 1997.

² O credo moderno se assenta na distinção clara dos domínios de cada disciplina; estas, deveriam ser reinos de linguagens e linhagens puras, decalcadas no ideal matemático e envoltos em fronteiras epistêmicas estanques: natureza, cultura e sujeito não se misturam e nem se confundem. Já a produção capitalista globalizada decorrente da modernidade nunca cessou de proliferar híbridos, “... quase-objetos, monstros da primeira, da segunda e da terceira revolução industrial, fatos socializados e humanos que se tornaram mundo natural.” LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo, Ed. 34, pg. 57, 1994. Para ultrapassar os recursos da naturalização, socialização e desconstrução que a crítica tradicionalmente propõe, é preciso ir além da sua prática “pura” e ficar aquém da presunção de termos sido, algum dia, modernos.

³ O mercado editorial brasileiro, salvo raras, raríssimas exceções, é uma piada (de mau gosto) e um parâmetro acurado do capitalismo meia-bomba aqui praticado. Como o universo de leitores/consumidores é extremamente ralo, e neste particular editores, governantes, educadores e agentes da cultura lavam mutuamente as mãos, garante-se o investimento (?) zerando os riscos. A esmagadora maioria dos livros publicados são bancados, integral ou parcialmente, pelos próprios autores, outro naco gordo é subsidiado por órgãos financiadores da pesquisa – o que *academiza* a produção nacional –, ou ainda, empresas editam sob encomenda para brindar clientes. No mais, existe o mundo encantado dos didáticos e paradidáticos (edições na casa do milhão), ou traduz-se o que já vendeu lá fora e toca o bonde, porque tererá não é verbo e crioula nunca foi madama. O círculo de ferro da ignorância, mãe da exclusão: sem políticas estatais, sem risco privado, sem público leitor; poucas casas editoriais de peso e tradição, somam-se a uma distribuição cartelizada e resulta um mercado com variedade, porém anêmico. Dois amargos vice-campeonatos da pátria de chuteiras: o país mais burocrático do mundo (perde para Chade) e, depois de Serra Leoa, o país mais desigual do mundo. Por que será?

⁴ Na monumental *História da literatura ocidental* em oito volumes, escrita em 1944-45 e publicada numa versão ampliada e revista em 1959, no Rio de Janeiro pelas edições O Cruzeiro, Otto Maria Carpeaux não menciona Clarice Lispector uma única vez. Isto, depois de ter recomendado a não publicação de seu romance de estréia, *Perto do Coração Selvagem*.

⁵ “O que está em jogo, com efeito, não é saber se o Brasil copia ou não a cultura estrangeira, e sim examinar por que as relações sociais internas impedem a maioria da população aceder à cultura, seja ela importada ou endógena. Nisso tinha razão Euclides [da Cunha], embora a partir de falsas premissas – o verdadeiro problema é a integração das massas pauperizadas ao país moderno, o que passa por seu acesso ao bem-estar social e econômico. O que está em jogo não é, fundamentalmente, o caráter nacional ou estrangeiro da cultura, e sim a dinâmica da sua apropriação política: que classes usam que segmentos da cultura e com que objetivos. Na ótica da apropriação, não importa a origem – nacional ou externa – dos conteúdos que estão sendo mobilizados; o que importa é o uso da cultura, seu funcionamento na estrutura de classes, a intencionalidade dos atores, os afeitos objetivos desse uso no sistema de privilégios. Será brasileira a cultura que contribuir para a abolição

desse sistema. Por esse critério, um sociólogo como Oliveira Viana é mais estrangeiro que se tivesse nascido na Lapônia.” ROUANET, Sérgio Paulo. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, pg. 362.

* Paulo Francis é um *case* de sucesso na fracassomania nacional. Depois de um início na esquerda, passou para a tropa de choque dos ultramontanos do cânone ocidental, credo religioso de 9 entre 10 intelectuais terceiro-mundistas. Nossa burguesia formou-se assistindo *Manhattan Connection*, enxergando o Brasil e o mundo a partir de um suposto “fora”, que nada mais é do que uma nostalgia da cultura eurocêntrica clássica. Este “olhar de fora” resgata imaginariamente a ferida narcísica da nossa *intelligentsia*, destituindo-a do exílio que representa estar incrustada num país cuja cultura é eminentemente popular. A nossa elite cultural cada vez mais tem a cara (e as taras) de Paulo Francis *et alli*; o diário da corte, percebemos hoje, era na verdade a crônica de um império paranóico. Mas quem nos contou isso foi um mestre vindo da periferia da indústria do entretenimento, basbaques da alta cultura só vêem o que já foi.

⁶ Andamos, andamos, sem sair do lugar. André Rebouças, negro, engenheiro, abolicionista, empresário, liberal defensor da monarquia parlamentarista, enfrentou em pleno Segundo Império as misérias que ainda hoje assolam este país: clientelismo, racismo, corrupção administrativa, burocracia e concursos universitários fraudados. **Cf.: CARVALHO, Maria Alice Rezende de – O Quinto Século – André Rebouças e a construção do Brasil**. Rio de Janeiro, Revan, 1998.

⁷ “Arte, idéias e crenças já não são o que eram no tempo de Picasso e Rodin: um espetáculo para humilhar as massas, fazendo-as acreditar que eram inferiores pela incapacidade de criar e fruir ‘a grande arte’ e a ‘filosofia superior’ originadas na Grécia. Arte, idéias e crenças (a *superestrutura* de Marx) são hoje o lugar em que se produz, predominantemente, a realização da mercadoria (mais-valia), a acumulação de capital e, em última instância, a exploração de classe. Hoje, as massas são autoras de sua própria exploração: o espetáculo é de todos para todos. (...) ... a telenovela das oito cumpre a sua *função espetacular* com muito mais vantagem e menor preço: integrando as massas a cada noite, humilhando-as com sua própria culplicidade.” RUFINO dos SANTOS, Joel – **Épuras do social - como podem os intelectuais trabalhar para os pobres**. São Paulo, Global, pg. 233, 2004.



LESBOS REVISITADA

Júlia Katunda

[coro de mulheres]

*Enforquemos tudo quanto é autoridade que nos quer estorvar
de gozar!*

Qorpo-Santo

Acordei com coceira no hímen.

Ana Cristina C.

*O povo, é preciso enganá-lo para seu bem. Ele não deve sentir
a verdade da usurpação, ela foi introduzida outrora sem razão, mas se
tornou razoável; é preciso que ela seja vista como autêntica, eterna, e
ocultar seu começo se não quisermos que ela logo desapareça.*

Blaise Pascal

No muito tempo em que venho me ocupando da misoginia observei, nas mais diversas situações clínicas, a sua natureza espectral: tão logo tentamos abordá-la diretamente a questão se esfuma, esboroa e perde consistência no momento mesmo em que se apresenta. Como a definiu Winnicott, a misoginia é um (re) sentimento de hostilidade em relação às mulheres originado na situação de desamparo da primeira infância. Conrad Stein fala deste repúdio ao feminino que se permuta entre Jocasta/Erínias/Esfinge: “irreconhecimento” (*méconnaissance*) de uma sedutora perversa que trazemos em nós¹. Por fantasmática que seja, a misoginia implica conseqüências nas várias formas de economia; o rebaixamento do *status* civil do sexo feminino é um fato social e psicológico ubíquo no tempo e no espaço, genuina-

mente multicultural, presente entre selvagens e civilizados, encontrado na pré, pós ou na modernidade — um universal à maneira ilustrada.

A feminilidade foi construída, ao menos no que tange ao mundo ocidental, como um rébus, uma metáfora da sexualidade — e é neste sentido que considero a psicanálise o procedimento desmetaforizante do feminino por excelência: nascida desta cultura, reabre nela o caminho que vai do sexual ao sagrado e, portanto, ao poder. Conhecemos outros constructos envoltos em brumas, marcados pelo enigma: a Lei, a forma-mercadoria e, de forma geral, todos os modos de legitimação da ordem estabelecida. A minha hipótese repousa na constatação de que esta não é uma associação fortuita, o repúdio à feminilidade tem a opacidade e a permanência das coisas que escapam à influência da crítica culturalista, é consequência de uma opção repressora no processo civilizatório, em particular daquele que se configura a partir do monoteísmo e atinge sua maturidade e plena eficiência na civilização capitalista.

A idéia de um estágio matriarcal, ou de direito materno (*Mutterrecht*), antecedendo ao sistema patriarcal encontra-se hoje francamente desautorizada frente ao registro histórico disponível². Não seriam aplicáveis nem termos como transição, evolução ou recalçamento: a distopia social da mulher é produzida precocemente no processo civilizatório, ou antes, confunde-se com ele. Mesmo no ocidente moderno, que tanto se vangloria das conquistas de direitos privados e públicos, uma relativa isonomia entre os gêneros foi e continua sendo exceção, anomalia restrita a períodos que associaram a acumulação de capital a uma extraordinária sofisticação intelectual³.

Se há uma gênese para o fenômeno, esta tem de ser procurada em estado nascente no estabelecimento do contrato social. Os laços sociais, que tão pouco têm de contratual, se constituem nos e pelos discursos que atravessam o espaço comunitário a partir da definição de um *principium divisionis*; este, submete

tanto o mundo natural como o universo social e os códigos neles circulantes a uma partição lógico-política. Não existe formação social, por mais incipiente que seja o seu aparelhamento burocrático, que desconheça critérios de inclusão/exclusão, grupos ou categorias dominantes e dominadas, em que a feminilidade não advenha como um segundo sexo, modelo, aí sim primordial, da construção do Outro antropológico⁴.

O que me leva a uma crua constatação: a crer no que se conhece acerca dos povos sem história, a mulher sai do estado de natureza na qualidade de *mercadoria*. Não se trata, ao menos a princípio, da condição servil ou de escravidão, mas certamente ela comparece como um bem artificialmente rarefeito e precioso⁵. Desapropriada de si mesma em benefício da *gens* no processo de aliança, a mulher passa a ser regida pela ordem econômica, distribuída segundo as regras desta última, revelando, sob a fachada das regras de filiação, os alicerces de um sistema de direitos de propriedade.

Tal como na lição marxista ortodoxa, a mulher/mercadoria, ao circular, se converte em referencial geral *pois uma mulher se troca por outra*. Dito de outra forma, o mistério da mercadoria e o hieróglifo social da feminilidade visam elidir o mesmo fato: a troca que associa, já traz, ainda que em germe, o incômodo do privilégio, a dominação e a necessidade do seu ocultamento⁶. Instaurando-se um regime de trocas (pessoas, bens e palavras) é necessário que a troca em si seja investida como um aí-desde-sempre, dimensão mítica e extra-temporal que lhe permita situar-se *fora* daquilo que é efetivamente trocado⁷. O que na troca deve permanecer velado é o arbitrário do seu fundamento, a marca simbolizante, que faz existir o que não existe, dando-se *in absentia*. Daí a necessidade da metáfora religiosa, da consagração de um espaço/tempo fundante em que o feminino é sagrado e tabu*.

A hierofania traduz o mundo real em termos humanos, isto é, designa-lhe um sentido, o que equivale a dizer que subor-

dina o real ao social. No movimento abrupto, de corte, que produz o sagrado está assentada a primeira e necessária inversão civilizadora: é o mundo que vem a ser através da sua sagração; não é o natural que engendra o sobrenatural, antes, é este que legitima todas as distinções ulteriores: natureza-cultura, deuses-humanos, homens e mulheres, vivos e mortos, os de dentro e os de fora, etc. O mito é esta aplicação sistemática de um princípio que possibilita a hierarquização do mundo natural e social, representando os antagonismos, exclusões e convergências na sua atribuição de consenso gnosiológico. A consagração de um espaço e um tempo sagrados, seja, a ordenação de um Cosmos, cria as condições de estruturação social condensadas no ritual mágico e mitológico, de cuja repetição cíclica depende uma dada comunidade para se reproduzir e permanecer como tal.

As narrativas míticas, as sagas, as cosmogonias, teogonias e antropogonias expressam uma dupla potencialidade: criação e (auto) reflexão de uma comunidade lingüística e também, indissociavelmente, lugar da ilusão, do artifício, da coerção mistificadora. Tanto o mito do “selvagem” como a religião do “civilizado”, em que pesem distinções formais e qualitativas, não diferem no essencial posto que *a mitologia já é uma ideologia**, nela, o sujeito já se encontra oculto de si pela dimensão da linguagem. Dimensão à qual a Esfinge deve reenviar o sobre-humano Édipo: os limites do pensável, horizontes do pesadelo. Se já foi possível enxergar na Oréstia o triunfo do direito paterno, na tragédia tebana há o triunfo das leis da *pólis* sobre as da *gens*. O passo seguinte das religiões adâmicas é sobrepor-se aos impérios, estados e nações: tanto o direito canônico, como a *sharia* e a *torá* têm pretensões de superioridade e transcendência em relação às leis dos homens.

Pensadores marxistas, como Robert Kurz e Immanuel Wallerstein, têm apontado que a persistência do racismo, do sexismo e do anti-semitismo no ideário liberal da filosofia das Luzes não são anacronismos acidentais, mas constitutivos da nova forma de positivação das relações de trabalho do capitalismo.

“Naturalizar” a desigualdade foi a via leiga que se encontrou para justificar *a posteriori* a assimetria dentro da estrutura econômica: traços genéticos, culturais ou sexuais explicariam as disparidades no desempenho de grupos e classes no âmbito da economia-mundo. “O racismo, como o sexismo, funcionou como uma ideologia que cria e delimita expectativas” (WALLERSTEIN, I. capitalismo histórico e civilização capitalista. Rio de Janeiro, Contraponto, pg.68, 2001).

“Freud decifrou o enigma da mulher”. Oswald não suspeitava em 1928, e eu levei muito tempo pra descobrir, que até o médico vienense sofria de alguns males catequistas. Abordar o tema da feminilidade obriga à espinhosa incursão no resíduo misógino da obra freudiana. Depois da decifração, Freud teimou — com rigor de educador centro-europeu — em enfiar a mulher num complexo sabendo que “na verdade, é quase impossível fornecer uma descrição que possua validade geral” (FREUD, S. Sexualidade Feminina. [1931], ESB, RJ, Imago, pg.241, vol XXI, 1988), já que as meninas não reagem de modo uniforme à castração e á proibição da masturbação. As dificuldades do mestre, compreensíveis para o seu tempo, se transformaram em limite acatado pela maioria dos analistas (dos mais variados gêneros e orientações), que em coro recitam: “...no Édipo, a menina entra castrada!”

Freud possuía o conceito da bissexualidade e não foi por acaso que nunca pôde ou quis dar a esse conceito a posição e extensão analítica que ele exigia. Fato que o levou a desconsiderar a experiência clínica dos colegas que “...embora tenham trabalhado por dezenas de anos, jamais encontram sinal da existência de um complexo de castração.” (FREUD, S. *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. [1925] ESB, RJ, Imago, vol XIX, 1988. pg.282). Alguns analistas, que nem sequer foram tão ousados, envolveram-se numa acesa controvérsia ao tentarem definir, como fez Melanie Klein, as forças inconscientes do órgão feminino por meio de caracteres positivos, isto é, em função de objetos parciais e dos fluxos: este leve desvio não supri-

mia a castração mítica, mas fazia-a depender apenas secundariamente do órgão — em vez de ser o órgão a depender dela. No Édipo, a mulher cai num duplo impasse não-dialetizável: ou já entra castrada, ou dele sai sem estar “realmente” castrada. O principal modelo identificatório feminino da tragédia do Édipo-Rei, Jocasta, encarna um ominoso predicamento das mulheres: mãe, incestuosa e, por fim, suicida. Deleuze e Guattari vão na direção do rompimento proposto mais à esquerda, como o dos movimentos de liberação feminina que afirmam: “nós não somos castradas” (DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo, capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa, Assírio & Alvim, pg. 63, 1966). (As psicanalistas deviam saber: sem as feministas, nós mulheres ainda estaríamos atrás do tanque).

Em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), Freud supera hesitações anteriores e estabelece o recorte da sexualidade, tanto para os homens como para as mulheres. Para ele, o genital feminino é re-significado pelo menino quando este se encontra sob a ameaça da castração; neste momento, as relações do menino para com a mulher passam a ser de “horror da criatura mutilada ou desprezo triunfante sobre elas” (op.cit. pg.281). Quanto à mulher, “quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser como o homem” (op.cit. pg.282).

Acompanhamos o pensamento freudiano, que ao dar ouvidos às queixas históricas desbaratou o conluio cínico de ginecologistas e maridos impotentes, executar um movimento de recuo. A partir de então, impossibilitada orgânica e psicologicamente de fruir da sensação momentosa de *ter* ou *ser* o falo na forma de pênis, a mulher desaparece sob o recorte ideológico do sexo único*. A *penisneid* é uma etapa psicosssexual da infância, desfeita assim

que se instaura uma sexualidade não-hierárquica; circunscrevê-la à posição feminina leva a uma Metapsicologia da Feiticeira — sem recuo em relação ao seu objeto⁸. Muito do que até hoje a psicanálise diz da feminilidade, pode ser dito da subjetividade.

Para a psicanalista Maria Rita Kehl, esta decisão foi tomada por Freud em 1923 no texto *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Aqui, segundo ela, o modelo teórico da sexualidade freudiano está maduro: o psiquismo humano é sexual e a sexualidade humana está toda ela permeada pelo psíquico. De um do lado está o órgão sexual masculino e as representações a ele associadas: fálico/ativo/sádico ou sujeito/atividade/posse do pênis=falo, constituindo *o grau zero da sexualidade*. Do outro, o genital feminino, correspondendo ao trinômio castrado/passivo/masquista ou posição de objeto/passividade/castração; realizando, *o grau menos um*, ou seja, “o lugar do desconhecimento do órgão sexual, do eterno mistério” (KEHL, M.R. *Deslocamentos do Feminino*. RJ, Imago, pg.241, 1998). A interpolação que obrigou Freud a escrever o texto consiste no aparecimento, ao término da maturação sexual, da vagina como órgão sexual da mulher — reconhecimento que produziria um efeito totalmente diferente do menos um causado pela ausência do órgão sexual. “A vagina valorizada como abrigo do pênis, herdeira do útero” (KEHL, op.cit. pg. 279), poderia vir a substituir no imaginário infantil a figura gorgônica da castração feminina.

“Um obstáculo poderoso”, no entanto, impediu a entrada deste conceito na teoria psicanalítica que se manteve em torno da oposição fálico/castrado, encobrendo para o imaginário social a sexualidade como diferença⁹. De modo que o argumento de Maria Rita Kehl conclui que “o importante na análise de mulheres é encontrar um destino para a *penisneid*” (KEHL, op. cit. pg 279). O repúdio da feminilidade, fonte última da resistência à análise em homens e mulheres, pensada sob o ângulo da legitimação da divisão social, ganha nova amplitude¹⁰. Até mesmo os fatores quantitativos ou pulsionais são, assim, pensáveis **a**

partir da moldura ideológica em que a anatomia se converte em destino. No capítulo final de *Análise terminável e interminável* (1937) Freud expressa esta ambigüidade fundamental: se, de um lado, recusa-se a “sexualizar a repressão em fundamentos biológicos, em vez de puramente psicológicos”; de outro, encerra o texto afirmando: “O repúdio da feminilidade pode ser nada mais do que um fato biológico, uma parte do grande enigma do sexo. Seria difícil dizer se e quando conseguimos êxito em dominar esse fator num tratamento analítico.” (FREUD, S. **ESB**, vol. XXIII, pgs.269-270.).

De acordo com Joel Birman, a grande intervenção freudiana na questão do feminino foi reinterpretar os modelos grego e clássico da histeria e, ao invés de persistir com a idéia da migração uterina pelo corpo ou de tratar a histeria como uma moléstia especificamente neurológica, Freud propôs um psiquismo submetido à sexualidade regulado pelos fantasmas. Modelo válido para ambos os sexos que franqueou às mulheres importância até então desconhecida. Birman nos conduz pela narrativa histórica da diferença sexual revelando, por exemplo, que no Renascimento, os primeiros atlas de anatomia humana descreviam apenas o sexo masculino.

“Prevalencia o conceito do sexo único estabelecido por Aristóteles que partia da teoria das quatro causas — **material, formal, eficiente e final** — e concebiam que, na geração dos seres, a mulher seria a sede e o vetor da causa material, cabendo ao homem o poder da causa formal. Evidentemente a causa material seria inferior à causa formal, justificando-se a superioridade masculina desde a geração dos seres, pois sem a forma, de nada valeria a materialidade feminina” (BIRMAN, J. *Gramáticas do Erotismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pg. 37, 2001). No mundo antigo, entendia-se que a transmissão da humanidade se dava exclusivamente através do homem, concebido ontologicamente como o princípio gerador e motor da concepção. Os conceitos de **atividade** associado ao sexo masculino e de

passividade associado ao sexo feminino foram cunhados na Antiguidade, quanto ainda era possível imaginar que uma mulher energizada poderia se transformar em homem *.

Na Renascença, a civilização ocidental passa da visão unificada do mundo medieval para a visão do mundo tendente à individualização e à fragmentação, separado do plano divino. O sujeito é pensado como solitário, abandonado por um deus que lhe virou as costas, desamparado com relação à verdade. Descartes propôs o uso da dúvida sistemática para responder a tal embate, já os filósofos empiristas dessacralizaram a dedução axiomática privilegiando a experiência e o particular sobre os universais. Saber ancorado na prática que permitiu, com quase duzentos de atraso, que o genital feminino passasse a figurar nos livros de anatomia. Até mesmo os ideais da Revolução Francesa foram insuficientes para sustentar a diferença sexual no terreno da igualdade civil. A recuperação burguesa do discurso revolucionário em breve período iria reafirmar a maternidade como a realização máxima a que podia aspirar a cidadã-fêmea. O biopoder, como diria Foucault, nunca esteve para brincadeiras. Para Birman, entretanto, o discurso freudiano teve o inegável mérito de resolver o intrigante *imbroglio* da imperfeição da mulher “ao articular a concepção de sexo único no contexto teórico da diferença sexual” (BIRMAN, op. cit. pg.186).

O que talvez deva ser levado em conta, caso não queiramos ser por demais panglossianos, é a tendência da vida psíquica e social em recuar ao *statu quo ante*. Uma vez que a psicanálise é credora majoritária dos discursos modernos sobre o feminino, maior é a sua dívida naquilo que não soube ou não quis avançar em relação às concepções de seu fundador.

Jacques Lacan trabalha a diferença sexual a partir dos planos imaginário e simbólico. Ao primeiro plano, corresponderia o plano das imagens, calcado na dimensão do corpo, organizador dos limites narcísicos do eu (*moi*). O segundo plano, o simbólico,

está ligado à dimensão do Outro e do inconsciente, onde o *je* se manifesta como sujeito do desejo. Para Lacan, há no texto de Freud uma certa indiscriminação que produz efeito muito particular quanto ao lugar da mulher na teoria e na clínica, uma vez que ela é portadora da evidência imaginária da falta. É assim que os desdobramentos dos efeitos da castração sobre o sujeito permaneceram na mulher freudiana, atados aos limites do corpo. “Se os psicanalistas se alinharam com Freud”, diz, isso se deve ao fato de que “a natureza do orgasmo vaginal” se manteve inviolável, pois as representantes do sexo no meio psicanalítico, “não parecem ter dado o melhor de si para a retirada desse laço” (LACAN, J. *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*. [1958], In: Escritos. RJ, Jorge Zahar, pg. 737, 1998).

Novamente a parte se impõe ao todo, sem, contudo, representá-lo; da vagina à sua portadora é um deslizamento metonímico, uma sinédoque vazia que prolifera absurdos do tipo: “a mulher é uma palavra única na língua, pois lhe falta referente”¹¹. Segundo os analistas lacanianos, mesmo que existam várias referências ao feminino, signos como o tom da voz, os gestos, os adereços ou o cabelo, são universais ancorados em padrões da moda, indicando uma ausência de traços identificatórios. Ora bolas, vácuo cheio, vácuo vazio, gozo-outro; se a mulher é “não-toda”, existe alguém “todo” que não esteja em surto psicótico? A exceção feminina não faz mais do que confirmar a regra.

Em *LeonardoDa Vinci e uma lembrança de sua infância* [1910], Freud escreve: “o menino recalca seu amor por sua mãe; coloca-se no seu lugar, identifica-se com ela e toma sua própria pessoa como modelo, escolhendo os novos objetos de seu amor por similitude” (FREUD, S. ESB, vol XI, pg 73, 1988). No famoso capítulo VII da *Psicologia das Massas* [1921], nos conta que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”, realçando-lhe a importância já que “ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (FREUD, S. ESB, vol XVIII, pg 115, 1988). Ainda sobre a

identificação, Freud em correspondência com Einstein, nos ensina que “uma comunidade se mantém unida por duas forças: a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais (identificação é o nome técnico) entre seus membros” (FREUD, S. *Por que a Guerra?* [1932] ESB, vol XXII, pg 201, 1988). A sexuação da mulher (ou do homem homossexual) não é oposta nem complementar à solução-padrão do conflito edípico masculino: o lugar da falta, a negatividade, são requisitos dialéticos do processo identificatório — do qual todos saem um a um.

Na virada dos anos vinte, no Além do Princípio do Prazer [1920], Freud se deparara com o momento em que uma criança pequena, deixada sozinha, considera diante dela os poucos objetos que povoam sua solidão — como, por exemplo, um lenço, um carretel — ; o que ela vê exatamente, ou melhor, como ela vê? Ela se vê no estupor da espera, sobre o fundo da ausência materna. Até o momento em que o que ela vê de repente se abre, atingido por algo que, no fundo — ou do fundo, isto é, desse mesmo fundo de ausência — , racha a criança ao meio e a olha. Algo, enfim, com o qual ela irá fazer uma imagem. O objeto eficaz, ainda que trivial e insignificante, autoriza o jogo e evidencia que o que vemos é suportado por uma obra de *perda*, e quanto deste algo visto *resta*. Seja qual for o ponto escolhido no quadro sutil, na ampla trama interpretativa proposta por Freud, na qual a renúncia volta a cruzar o júbilo, na qual a passividade reproduzida se torna ato de controle, na qual a vingança convoca uma estética, etc., é a *identidade imaginária* da criança, com efeito, que vemos aqui se instaurar. Afinal, a curiosidade epistêmica é a mola do devir psíquico.

Neste ponto, retomo um aspecto menos comentado da célebre moral do brincar (*morale du joujou*) de Charles Baudelaire: a liberdade de investigar *dentro* do brinquedo (o que acarreta sua destruição) é seletiva. Para Baudelaire, a subjetividade se realiza no instante em que as crianças falam com seus brinquedos e que os brinquedos se tornam atores do grande drama da vida. O surpreendente é que ele menciona a obstrução que sofrem as meninas,

que, ao invés de se entregarem à investigação pessoal, são instadas a reproduzir modelos perpetuadores de um *diktat* moral*. É neste momento que o recorte ideológico convoca a mulher ao funcionamento misógino, coibindo a construção de modelos alternativos de laço social, modelos que poderiam nos desobrigar do desolador trinômio: inibição, masculinização ou maternidade.

A feminilidade e seus destinos são, portanto, construções psicossociais, que, eventualmente entram em jogo numa análise. A discriminação e o preconceito não são facilmente postos de lado, como atesta a própria história da psicanálise. Como disse Simone de Beauvoir, judeus carregam a marca do Êxodo, os negros da escravidão e as mulheres, o estigma da sua fisiologia. Na análise de uma mulher pode (ou não) estar presente a inveja do pênis, assim como na análise de um afro-descendente pode se apresentar, ou não, a questão da “negritude”. É um equívoco que circula na díade analítica na qualidade de significante do mundo: pode vir de qualquer ponto do mapa. A *penisneid*, estágio misógino do desenvolvimento sexual, interpela o sujeito (mulher) enquanto indivíduo, ao (à) psicanalista cabe interpelar o indivíduo (feminino) enquanto sujeito¹².

O corpo teórico e a vertente clínica da psicanálise constituem um estranho familiar dentro da cultura ocidental. Psicanálise e marxismo são as “escolas de suspeita” deste cânone¹³; o aí-desde-sempre da tradição é a questão de ambas: a eternidade do inconsciente reflete-se na falta de história da ideologia. A psicanálise, ao fim e ao cabo, é uma ideologia entre outras, mas uma ideologia que desconfia. Até de si própria. Porque antes do ser, há a política.

O que você está falando, menina?
Estou falando que.
Que o que?
Que.
Vamos dizer que a menina, minha amiga,
Pretenderia o que?
Que.

Pagu 1960-1962

Agradeço a leitura rigorosa, generosa e atenta que Renata Puliti fez deste texto).

¹ “Acrescentarei hoje que este irreconhecimento funda igualmente a misoginia essencial da comunidade, misoginia fora da qual não haveria comunidade. Precisemos que não se trata aqui de uma comunidade de homens que seria oposta a uma comunidade de mulheres: o sexo real não está em causa. Misoginia, porque o nosso irreconhecimento dá lugar a uma projeção. Por outro lado, projetamos para fora a imagem da sedutora perversa; tanto é verdade, que não somos capazes de assegurar nossa coesão sem a fundar sobre a representação de um inimigo exterior que a ameace, inimigo que pode ser representado, a título de exemplo, pela figura da Esfinge. Por outro lado, restituímos em nossa ideologia o objeto do irreconhecimento sob uma forma disfarçada. Assim, toda a ideologia está impregnada de misoginia. Diria até que, em certo sentido, misoginia e ideologia são sinônimos.” STEIN, C. - **As erínias de uma mãe: ensaio sobre o ódio**. São Paulo, Escuta, pg.39-40, 1988.

² “O matriarcado parece ter sido apenas um conceito dos antropólogos do século XIX (Bachofen, Morgan) e um sonho nostálgico das primeiras feministas americanas. Nas sociedades históricas que conhecemos, não deixou vestígio algum.” DUBY, G.; PERROT, M. – **História das mulheres no Ocidente**. Afrontamento, Porto, vol.1, pg.16, 1993.

³ A Grécia eólica, a Provença do século XII, as cidades-estado italianas do *Quattrocento*, a Londres elisabetana, a República de Weimar, a Paris da Revolução e da Comuna, são exemplares no que tiveram de efêmero. Pode-se argumentar que nas regiões centrais do Ocidente a laicização da vida pública e privada logrou, principalmente no século passado, consolidar os direitos civis e políticos das mulheres; o que não se pode é esquecer que a civilização ocidental confunde-se, nos últimos quinhentos anos, com a civilização capitalista ? sistema econômico e político que interligou o planeta numa economia-mundo cujas benesses não estão ao alcance de 5/6 da população. As conquistas atribuídas ao liberalismo democrático dos estados-nações centrais (sistema político), tão alardeadas pelo capitalismo (sistema econômico), têm que ser analisadas sob o prisma do seu *elitismo* inerente.

⁴ Inspirada em Lévy-Strauss e Lévinas, esta é uma tese que percorre o livro **O Segundo Sexo** de Simone de Beauvoir e lhe permitirá situar a questão feminista além da formulação clássica da esquerda. Nesta perspectiva, a dominação feminina teria uma gênese histórica localizável dentro de uma série evolutiva: o surgimento da divisão do trabalho e da servidão, que rompem o modo de organização tribal. Friedrich Engels, que segue de perto as teorias de Lewis Morgan, situa na passagem barbárie-civilização o pedágio que cobra da mulher sua maioridade política, visto que anteriormente à divisão da sociedade em classes: “a divisão do trabalho é *absolutamente espontânea*: só existe entre dois sexos.” [grifo meu] Engels, F. **A origem da família privada e do Estado**. (1884) Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 15ª ed.,pg.178, 2000.

⁵ Adoto, para os fins deste artigo, a equivalência que Freud faz entre cultura e civilização, entre dispositivos técnico-científicos, políticos e psicológicos: “Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para satisfação das necessidades humanas; por outro lado, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível.” FREUD, S. O futuro de uma ilusão. [1927] **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, vol XXI, pg. 15-16, 1988. É precisamente na distribuição de riquezas e bens que está implicado o deslocamento das relações de parentesco para o campo da economia política. Na famosa passagem de acento maussiano encontramos em Lévy-Strauss a raiz desta mercadorização:

“Ora, a troca, fenômeno total, é primeiramente uma troca total, compreendendo o alimento, os objetos fabricados e esta categoria de bens mais preciosos, as mulheres.” LÉVY-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis/São Paulo, Vozes/EDUSP, pg. 100, 1976.

⁶ “Acresce ainda que a unidade de parentesco possui uma fixidez desconhecida por uma individualidade técnica na sua expressão mais simples. Enquanto essa última promove um sistema de distribuição em que os objetos trocáveis não possuem um padrão de medida perfeitamente estipulado, tal dificuldade já se encontra resolvida de antemão pelo sistema de parentesco, porquanto uma mulher se troca por outra a despeito das diferenças de graça e de beleza. A existência dessa medida, que o modo de produção tribal não logra obter na confluência de suas formas de distribuição, como acontece com o capitalismo, não viria elucidar por que o sistema de parentesco se converte no referencial de todas as trocas?” (...) “Desse ponto de vista, a lógica do parentesco não faz mais o que diz, a reciprocidade encobre a solidificação do poder, transformando-se num procedimento nitidamente ideológico.”

GIANNOTTI, J. A. - **Trabalho e reflexão: ensaios para uma dialética da sociabilidade**. São Paulo, Brasiliense, pg. 151 e 169, 1983.

⁷ “O simbólico não é nem um conceito, nem uma instância, nem uma categoria ou uma ‘estrutura’, mas um acto de troca e *uma relação social que põe fim ao real*, que dissolve o real e, simultaneamente, a oposição entre o real e o imaginário.” BAUDRILLARD, J. – **A troca simbólica e a morte**. [1976] Lisboa, Edições 70, vol. II, pg.21, 1997:

* “Uma mulher, ao mesmo tempo que se identifica com o sagrado, é sua rebelde mais irredutível? uma atêia em potencial.” KRISTEVA, Júlia, In: KRISTEVA, J.; CLÉMENT, C. O feminino e o sagrado. Rio de Janeiro, Rocco, pg.23, 2001.

“Nada se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política. Em nossas sociedades contemporâneas, talvez esta tenha se limitado a substituir aquele.” LÉVY-STRAUSS, C. – **Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 5ª.ed., vol I, pg. 241, 1996.

* Esta operação resulta na esquizo de um eixo da representação feminina; como no romance *Planolândia*, de Edwin Abbott (Conrad, 2002), as mulheres têm socialmente uma dimensão a menos que os homens.

⁸ No caso do “Homem dos Lobos” Freud critica a investigação psicanalítica tendenciosa dizendo: “Arriscar-me-ia aqui a assinalar que as

concepções antagônicas que se encontram na literatura psicanalítica atual são geralmente elaboradas segundo o princípio do *pars pro toto*. De uma combinação altamente composta, uma parte dos fatores operativos é destacada e proclamada como verdade; e, em seu fator, contradiz-se então a outra parte, junto com toda a combinação. Se observarmos um pouco mais de perto, para verificar a que grupo de fatores foi dada a *preferência*, descobriremos ser aquele que contém *material já conhecido de outras fontes ou aquele que pode mais facilmente ser relacionado com esse material*. (...) O que é deixado de lado, no entanto, e *rejeitado como falso, é precisamente o que é novo em psicanálise e peculiar a esta*. Este é o método mais fácil de repelir os progressos revolucionários e inconvenientes da psicanálise.” FREUD, S. História de uma neurose Infantil, **ESB**, Rio de Janeiro, Imago, Vol. XVII, 1988, pg.64 [itálicos meus]

⁹ “A manutenção de um ponto de vista enigmático sobre o querer feminino, a representação da mulher como continente negro da psicanálise foi o recurso encontrado por Freud para se manter ignorante a respeito do que ele não queria saber: a diferença fundamental entre homens e mulheres é tão mínima, que não há mistério sobre o “outro” sexo que uma pessoa não possa concluir consultando a si mesma.” KEHL, M.R. **Deslocamentos do Feminino**. Rio de Janeiro, Imago, pg. 227, 1998.

¹⁰ “Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como *um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente*, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificado das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social.” [*O itálico é meu*] FREUD, S. – Psicologia de grupo e análise do Ego. (1921) In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, vol XVIII, pg. 81, 1988.

* Há na psicanálise atual quem defenda, seriamente, o prolapso genital feminino como imagem-solução para a mulher que, à guisa de pistola, dissolveria a *penisneid*. Aristotélico!

¹¹ POMMIER, G. **A Execução Feminina**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pg 34, 1987. O mais certo, talvez, seria substituir a palavra “mulher” por “Papisa”; uma vez que para tal atribuição as mulheres não podem escolher, nem serem escolhidas. À palavra Papisa, realmente, falta o referente.

* “*Les pauvres petites imitent leurs mamans: elles préludent déjà à leur immortelle puérilité future, et aucune d’elles, à coup sûr, ne deviendra ma femme.*” BAUDELAIRE, C. Morale du joujou. In: **Les Fleurs du Mal**. Paris, Pocket, pg.215, 1999.

¹² Esta é, resumidamente, a notável inversão de Paulo Silveira dos termos da tese althusseriana de que “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos”: “A interpelação *ideológica* que ‘transforma’ os *sujeitos* em *indivíduos* é uma operação *inconsciente*, se quisermos ainda aqui acompanhar Althusser. Um dos méritos da descoberta freudiana, e certamente dos maiores, foi mostrar que o inconsciente *funciona*, isto é, que há uma *dinâmica*, mais ou menos conflitiva, que é própria ao inconsciente. Se levarmos em conta essa dinâmica, é possível pensar o funcionamento do inconsciente na *interpelação ideológica* em registros diferentes, mas articulados. Em primeiro lugar, aquele em que os *sujeitos* são ‘transformados’ em indivíduos. Por esta operação inconsciente, os indivíduos vêm precisamente ocupar o lugar dos sujeitos. A função ideológica dos indivíduos ao ocupar este lugar é a de fechar, de *encobrir a divisão*, a *falta* que caracteriza o *sujeito como desejante*. É como se o indivíduo, enquanto tal, pudesse *soldar* o ‘buraco’ (a divisão, a falta) da constituição subjetiva. Num outro registro, o efeito ideológico fundamental é o de *recalcar* (isto é, tornar inconsciente) o momento da constituição/interpelação dos indivíduos pela *Sociedade como Sujeito*. É este efeito que produz ‘naturalização’ da autonomia e da liberdade da *consciência* e da *vontade*, e, portanto, o valor de *verdade* com que consideramos esses aspectos ‘essenciais’ da ‘constituição’ do indivíduo e da individualidade.” (SILVEIRA, P. – Ideologia, indivíduo, sujeito. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, número especial, pg. 36, 1994).

¹³ “Marxismo e psicanálise são escolas de suspeita. Nem é confiável a percepção ‘ideológica’ com que o olho burguês vê a sociedade (é a crítica dialética às ilusões da consciência reificada); nem tampouco o olhar do ego, repuxado entre o id e o superego, está isento de projeções, repressões e desvios de toda sorte (crítica freudiana à ilusão idealista do sujeito onisciente). Marxismo e psicanálise nos mostram, por vias diversas, um homem enredado nas malhas da sua classe, da sua cultura, da sua constelação familiar, da sua infância, da sua educação, do seu próprio corpo. O olhar, para ambos, não se parece nada com aquele foco de luz permanente e intangível que o pensamento clássico idealizou para a segurança da sua própria visão da natureza e da sociedade.” BOSI, A. - Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, A. (org.) **O Olhar**. São Paulo, Cia. Das Letras, pg. 79, 1988.

A SÍNDROME DE D. PEDRO II

Filipe Doutel

Nem todo conservador é idiota, mas todo idiota é conservador.

John Stuart Mill

A forma tradicional de imortalidade para os médicos é batizar com seu nome alguma moléstia, estrutura anatômica, processo fisiológico, organismo patógeno ou fenômeno físico-químico. Assim, são termos corriqueiros entre os esculápios, o *Trypanosoma cruzi* (causador da doença de Chagas, batizado em homenagem a Oswaldo Cruz), o corpúsculo de Golgi (organela celular), o bacilo de Koch (causador da tuberculose), os sinais de Kernig-Brudzinski (indicativos de meningite), a doença de von Recklinghausen (neurofibromatose), etc., etc. O que pretendo aqui não é me imortalizar, nem batizar uma patologia nova — até porque se trata de uma enfermidade social já bem descrita entre nós —, mas sim personificar, para melhor compreender, uma atitude que é uma afecção específica da nossa vida nacional: o irreconhecimento do Brasil.

Há um quê de ingratidão e impropriedade neste desígnio: ingratidão, porque a figura em apreço foi um dos grandes mecenas da medicina deste país e impropriedade porque não foi ele, o Imperador D. Pedro II, o iniciador desta atitude, apenas seu reinado de quase 60 anos ajudou a decalcá-la em nosso espírito. Mas, se a síndrome carece da amplitude de uma alegoria, não é inteiramente arbitrária e descabida a personificação irônica da doença: “A imagem de nosso país que vive como projeto e aspiração na consciência coletiva dos brasileiros não pôde, até hoje, desligar-se muito do espírito do Brasil imperial; a concepção de estado figurada nesse ideal não somente é válida para a vida inteira da nacionalidade, como ainda não nos é possível conceber em sentido muito diverso nossa projeção maior na vida

internacional.” (HOLANDA, Sérgio Buarque de – *Raízes do Brasil*. [1936] Rio de Janeiro, José Olympio, 1979, pg. 1132.).

A vinda da família real para o Rio de Janeiro no começo do século XIX trouxe a vida da até então colônia para o centro do picadeiro da monarquia portuguesa. Muito antes do que imaginam os teóricos da sociedade do espetáculo, as famílias reais já proviam as massas do seu quinhão diário de dramaturgia cívica: a transposição administrativa da “elevação” a reino unido trouxe para o Brasil todos os ingredientes novelescos que acompanham o exercício da realeza. Do lado dos bastidores, montavam-se em solo brasileiro as estruturas peculiares do capitalismo luso: um feroz patrimonialismo de Estado, expressão política e jurídica do centralismo da Coroa, sócia majoritária e proprietária da nação.

Fato é que o segundo reinado foi, reconhecidamente, o momento de fixação de características indeléveis do Brasil e de seu projeto como nação moderna. A adoção de uma simbologia, o esboço de uma identidade, foram a obra, por vezes errática, por vezes cuidadosa, de um patriciado em conluio com a respectiva plebe. A saga imperial não foi, frise-se, um processo unívoco, inculcado à força de cima para baixo; se a pompa monarquista, as concessões e os títulos nobiliárquicos serviram para legitimar e enriquecer uma classe superior predadora, não foram menos importantes ao conferir um lustro carnavalesco à arraia miúda sedenta de pão e circo. Senão vejamos, o que poderia melhor servir a uma agenda carregada de festas, rituais e ídolos, do que a liturgia e os ademanos associados à realeza? Não eram estes modos e formas caros à população e aos próprios afrodescendentes?¹ O efeito da nobreza imperial no Brasil foi a sedimentação de uma comédia do grotesco, resumida na figura do imperador europeu em meio às bananas e índias seminuas: signo duradouro da opereta bufa que rege nosso destino político e cultural. Esta a caricatura: o herdeiro do mais puro sangue azul do ocidente (Habsburgo, Bourbon e Bragança) comparecia às feiras mundiais, verdadeira mania do século XIX, e se sentava na frente do estande brasileiro entre produtos tropicais e artesanias exóticas.

No título de Imperador hereditário tanto se pode ver uma caricatura de Napoleão (a quem D. Pedro I admirava), quanto de Francisco I da Áustria, ou uma associação burlesco-populista com o Imperador da festa do Divino Espírito Santo atribuída a José Bonifácio. O certo é que o nosso segundo monarca, apesar de protestante, não hesitou em aderir à cor local da ritualística dos trópicos, mantendo, no entanto, as regras do cerimonial da sua corte no passado medieval europeu — o ritual semanal do beijamão, tão caro a D. Pedro II, foi restabelecido. Os títulos da nobreza local foram buscados na onomástica indígena; o príncipe introduziu no seu vestuário, à maneira de um cacique, uma murça de penas de papo de tucano (!) e um manto com ramos de tabaco e café. Em meio às jovens e turbulentas repúblicas da América do Sul, este curioso reino parecia flutuar pacificamente na contramão da história. Como nos contos de fada, porém, um elemento deve necessariamente ficar excluído, precisamente aquele que é o fator que desequilibra e explica a trama — no nosso caso, esse elemento era o negro africano². É ele o grande ausente da profusão imagética que preside à fundação da iconografia tupiniquim (e este adjetivo, que passou a valer por “brasileiro”, só reforça a tese).

O Segundo Império instaura uma persistente dialética do ocultamento: o índio é glorificado nas artes, no protocolo, na heráldica, enfim, na arquitetura imaginária da nação — enquanto na realidade se exterminam sistematicamente as populações autóctones; já o africano, que não cessa de aumentar a sua parcela na composição demográfica e cultural do país, é eclipsado da simbologia pátria. Desta forma, fixam-se as contradições fundantes do desacerto identitário subdesenvolvido: o Brasil é o que não pensa ser e pensa ser o que não é. Mas, repito, não se trata de uma via de mão única, caso contrário teríamos de admitir que a plebe tem sido lograda continuamente pelas elites há meio milênio. O i-reconhecimento, ou seja, a conversão denegada (reconhecida e irreconhecida, portanto) do capital econômico e político em capital simbólico, tal como ocorre na construção de

representações ideológicas, é um empreendimento coletivo do qual todos participam — há dominados e dominadores certamente, mas não há enganadores e enganados³.

Tão forte é este engrama na cultura brasileira que ainda hoje, em pleno século XXI, é negado cinicamente aos afrobrasileiros o direito à representação política. O *rapper* MV Bill que o diga. Viu a sua proposta de fundação do Partido do Negro Brasileiro gorar porque os princípios “universalistas” do direito eleitoral e da lei magna brasileira não permitem tamanha restrição estatutária. O negro e a cultura negra são o estranhamente familiar (*das Unheimliche*) da história civil brasileira; já a escravidão é o cadáver no armário do capitalismo histórico, pretensa alvorda das relações de trabalho “livres” e “contratuais”*. A primeira constituição do Brasil, outorgada em 1824, não considerava os negros cidadãos. É um e o mesmo gesto natural com que pedimos perdão pela escravidão e recusamos discutir questões etno-políticas com os seus herdeiros diretos. Certos hábitos há que, uma vez criados, se tornam vícios irrefreáveis. No patropi é assim: branco faz na entrada e na saída.

O fruto duradouro e daninho do período monárquico é a estabilidade aparente, a aura de conciliação que passamos a afetar para uso externo e interno, o conservadorismo político-moral amasiado com um diletantismo técnico-científico; a criação do mito do homem cordial, do nacionalismo indianista, da democracia racial, são a camuflagem oficial das fraturas reais e históricas do relacionamento de classes e etnias no Brasil. O que torna D. Pedro II uma personalidade de eleição para batizar uma síndrome nacional é que nele se encarna à perfeição o desajuste de idéias e fatos, entre intenções e gestos, tão característico da nossa vida psicossocial. O mecanismo político que legitima o *favor* e transforma a *volubildade* em regra está expresso no Poder Moderador, herança do primeiro Pedro, bem como dos Andrada e Silva e da influência das teorias de Benjamin Constant. Esta mediação abstrusa, verdadeiro corpo estranho

alocado na divisão dos três poderes clássicos do republicanismo, estabeleceu os parâmetros da nossa minoridade política, da tutela civil, signo sob o qual se desenvolvem as tristes lutas da história política brasileira desde então.

O Poder Moderador, encarnado à perfeição na figura bonachona de Pedro de Alcântara e hoje redivivo nas relações promíscuas entre mídia e poder, é o mesmo que Frei Caneca não titubeia em chamar de “chave mestra da opressão da nação brasileira”. Meio que a contragosto, a comédia ideológica brasileira cumpre esta função didática, demonstrada por Roberto Schwarz: em meio à geléia geral, efeito da carnavalização generalizada dos laços sociais, se desmascaram as intenções do *gentleman* vitoriano, do jacobino aburguesado e as quimeras românticas do individualismo liberal. O Quarto Poder, tão bem travestido no parlamentarismo monárquico inglês do século XIX, tão fundamente enquistado na nossa vida pública e privada, não desaparece na República e pode ser encontrado atualmente onde sempre esteve: no fascínio midiático das massas pelo *celebrity system*. Otem como hoje, a vida privada da nobreza da fama serve perfeitamente para encobrir os vícios públicos da governança.

A Sociedade do Espetáculo não nasceu com o capitalismo tardio, a rigor, não nasceu sequer com o capitalismo histórico; o que interessa aqui captar é o parto de uma pantomima que terá vida longa no imaginário brasileiro. Escolher D. Pedro II como representante de uma cartografia imaginária não visa reforçar o privilégio, mas desconstruir uma história pomposa, feita de efemérides vazias e transições suaves; aquela idéia confortadora de que o nosso (sub)desenvolvimento foi feito de revoluções sem sangue, por homens cordiais, em meio a uma democracia racial e no seio de uma natureza generosa. No segundo império pode-se surpreender, *in statu nascendi*, a divisão que não cessará de retornar sob a forma de sintoma cultural, de patologia social típica aos países periféricos: o país oficial e o país real não têm como coincidir minimamente. Quando confrontadas estas instâncias, ao país oficial

caberá massacrar o país real. Assim foi Canudos, a Guerra do Contestado, a revolta dos Muckers, Candelária, Vigário Geral, Eldorado de Carajás, Carandiru, etc., — em cada um destes exemplos, históricos e cotidianos, não há verdadeira escolha: a matança se impõe como *realpolitik* inconsciente de um país irreconhecido.

O que deste período nos concerne diretamente é uma particularidade, que é também uma necessidade intrínseca comum às vocações imperiais antigas ou contemporâneas: a compulsão em refinar a produção e manipulação de imagens de modo a governar o grande número. Todo império é idólatra por vocação, centralizador por natureza, iconodependente por defeito de nascença. O que os nossos estamentos, castas, sesmeiros, senhores feudais, patriarcas, maçonarias e cabalas fizeram para se manter no poder, foi criar belas fábulas para entreter a patuléia. Então por que não poderíamos nos enxergar na figura contraditória do imperador precocemente envelhecido, o filho mais velho que o pai, imperador de uma terra de mestiços e amigo pessoal de Arthur de Gobineau *, este entusiasta da ciência e da tecnologia que promoveu, por puro conservadorismo, um dos maiores atrasos da nossa história⁴? O que pensar de um homem que teve o segundo aparelho telefônico do mundo, se entediou com o poder por meio século em um país e se coligou com as elites menos dinâmicas dele? Que manteve a moeda brasileira atrelada à libra esterlina durante o seu reinado e assim conseguiu travar os investimentos em infra-estrutura e industrialização? Que desviou o financiamento da economia da esfera privada, privilegiando os grandes rentistas quando da fundação do Banco do Brasil? Que após ter prolongado a matança da Guerra do Paraguai, sujando as mãos obedientes de Caxias e vergonhosamente submetido aos interesses ingleses, não mais governou efetivamente, pôs-se a viajar pelo mundo, desgostoso consigo e com o país que não amava?

Um fato inegável: a escolha de um modelo mais igualitário para o Brasil foi possível no passado e continua a ser possível no momento presente. Não importa se a superpotência mundial que hoje predomina sem oposição está ou não em fase de deca-

dência, se vão emergir os tigres asiáticos, a China, a Comunidade Européia ou o subcontinente indiano; o que se torna claro é que os países com potencial e criatividade para crescer serão mais e mais chamados a dar o seu recado em termos econômicos, sociais e culturais. No século XIX o Brasil poderia ter escolhido entre um barão de Mauá, empresário em um país agrícola, banqueiro interessado no desenvolvimento industrial, na montagem de um mercado de capitais, em construir estradas de ferro, em privatizar o Brasil, enfim, ou então permanecer atado, como fez o Imperador até ao último momento, aos senhores de escravos⁵. Mauá ou Pedro Banana? Podemos confiar no nosso potencial empreendedor ou vamos continuar nos entregando a tutores, pais da pátria, pais dos brancos? A questão de base, sempre adiada, sempre recalcada, continua a ser a autonomia — *commoditie* que não pode ser importada, herdada, comprada ou copiada. Este é, ainda, o dilema crucial do nosso caráter, da nossa história, do nosso projeto nacional.

As barbas brancas e pacíficas do Imperador D. Pedro II camuflam uma vida trágica: bebê, já era órfão de mãe, perde o pai aos dez anos, feito monarca aos 14, é expulso do país aos 64; na sua vida “é difícil notar onde se inicia a fala mítica da memória, quando acaba o discurso político e ideológico; onde começa a história, onde fica a metáfora.” (SCHWARCZ, Lília Moritz, *op.cit.* pg.21.). Nisto ele não se distingue de um menino de rua que conseguisse, milagrosamente, chegar a ser idoso: a maturidade precoce, conquistada na porrada e no artifício, impede que venha a se tornar *verdadeiramente* adulto. O Brasil, como outros países colonizados, pulou etapas no desenvolvimento como nação; recém-nascido, já foi engajado à força na grande aventura capitalista da globalização financeira e geográfica. A infância adiada cobra invariavelmente este preço: chegar a velho sem ser sábio, ter experiência sem aprender com ela. O Brasil, gigante adormecido numa adolescência em suspenso, não mostra a sua cara, não descerra as barbas postizas. Brasil fica no tempo da profecia, um lugar que não ek-siste.

A trajetória do advogado, poeta e abolicionista Luís Gama (1830-1882), autor das *Primeiras Trovas Satíricas* (1859), bem poderia ter servido de mote a este artigo. Filho de pai português e mãe escrava, com a morte desta, foi vendido pelo pai na infância e resgatado por si próprio na justiça aos 17 anos; posteriormente formou-se em direito e passou a trabalhar como defensor público, chegando a libertar 500 escravos. Poderíamos ver nele um negativo fotográfico, um antípoda da figura imperial, ilustrando a contrapelo a engrenagem da submissão ? mas ele descobriu algo mais, algo que irritou defensores e críticos do escravismo: a chave da submissão está na mão dos submissos. Não conseguimos fugir da famosa parábola de Hegel: é um fato claríssimo que quem faz as leis é o senhor, porém, cabe ao escravo vestir a dominação em seu corpo; a resultante desta dialética senhor/servo é que constitui o verdadeiro ator social, remetendo à articulação interna de interesses e classes que formam uma nação. A dificuldade que experimentamos a cada período histórico de fazer uma virada cultural e econômica, um pacto social que nos livre da condição de sócios minoritários, de subcapitalistas tropegamente aderidos a uma ordem mundial cada vez mais hegemônica, é porque no Brasil, parafraseando Joaquim Nabuco, não há verdadeiramente senhores, uma vez que nunca extinguímos *de facto* a servidão.

² Na coleção particular de 20 mil fotos, retratos, óleos, xilografias e litografias do Imperador D. Pedro II este *não aparece uma única vez ao lado de um negro*. Esta espécie de Museu Imaginário revela “... o que o imperador vê e, pela falta, aquilo que não vê ou quer esquecer. É assim que, se os trópicos aparecem a todo momento, *a escravidão está ausente, como um figurante oculto nas cenas*. Com efeito, é uma certa civilização que aparece representada, selecionando uma memória e um tipo de lembrança.” [itálicos meus] SCHWARCZ, Lilia Moritz – **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca dos trópicos**. São Paulo, Companhia das Letras, pg. 33, 1998.

³ “Não se submete o chefe à aristocracia territorial, ao senhor de terras, à burguesia, governando, em nome de uma camada, diretamente sobre a nação. Ele fala ao povo, não aos intermediários por este criados, do palácio à sociedade, em dois planos separados. Ele é o pai do povo, não como mito carismático, nem como herói, nem como governo constitucional e legal, mas o bom príncipe, ? D. João I, D. Pedro II ou Getúlio Vargas ? empreendendo, em certas circunstâncias, uma política social de bem-estar, para assegurar a adesão das massas. (...) Na base da pirâmide

mide, no outro extremo dos manipuladores olímpicos do poder, o povo espera, pede e venera, formulando a sua política, expressão primária de anseios e clamores, a política da salvação. Confundindo as súplicas religiosas com as políticas, o desvalido, o negativamente privilegiado, identificado ao providencialismo do aparelhamento estatal, com o entusiasmo orgiástico dos supersticiosos, confunde o político com o taumaturgo, que transforme pedras em pães, o pobre no rico.” FAORO, Raymundo – **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Porto Alegre, Globo, 6ª.ed., vol. 2, pg. 740, 1985.

* Cf.: FRANCO, Maria Sylvania Carvalho – **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo, Unesp, 2ª.ed., 1997.

* Segundo o autor do *Ensaio sobre a desigualdade das raças*, D. Pedro II foi a única pessoa de raça pura que encontrou no Brasil.

⁴ O personalismo centralizador é o dedo na ferida que a análise de Hélio Jaguaribe coloca na política brasileira em particular, e latino-americana em geral dos anos 60, demonstrando a sua fragilidade interna, no sentido de que não resiste às pressões das classes dirigentes e dos políticos profissionais de um lado e, de outro, não tem legitimidade para fazer frente às pressões de superpotências externas. Assim se origina um subdesenvolvimento que é eminentemente *político*, mais que qualquer outra coisa: “... a sociedade acusa uma tendência ao desenvolvimento econômico, cultural e social, ou porque se haja formado, em sua burguesia, um setor dinâmico de empresários, ou porque tenha desenvolvido em sua classe média, uma vanguarda tecnocrática que encaminhe a administração pública no sentido do desenvolvimento. Essa propensão ao desenvolvimento, todavia, não foi acompanhada por igual transformação política, continuando a formação e o exercício do poder, de acordo com a análise anteriormente procedida, a serem desprovidos de verdadeira representatividade.” JAGUARIBE, Hélio – **Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político: uma abordagem teórica e um estudo do caso brasileiro**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pg. 77, 1969.

⁵ A este respeito, confira o capítulo 21 “E o Imperador se curvou”, expressamente às páginas 260-261, do livro de CALDEIRA, Jorge - **Mauá: empresário do império**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

ONZE (TAAAAAAAAAAAT)

Filipe Doutel

O que é vivo não comporta cálculo

Franz Kafka

Bodhisattva quer dizer: “aquele cujo espírito é desperto e age com coragem”; tomado de compaixão pela humanidade, ele se torna o Grande Veículo, o Veículo de Diamante, que se manifesta como maravilhosa emanção do vazio, retesando o seu arco, dançando sobre cadáveres. Diferentemente dos santos (*arhats*), que escapam do círculo eterno de reencarnações renunciando em absoluto ao mundo, os *bodhisattvas* (podem ser masculinos ou femininos) se mantêm identificados a seus semelhantes e, na iminência de mergulhar no Nirvana, voltam ao *samsara*, onde renascerão para nossa felicidade. Acredita-se que possuam uma natureza angelical e que personificam a justiça e a força, a dissonância, a luta, a oposição e o extravio; urânicos e mercuriais, são criaturas que permitem a passagem, grandes liberadores (as), que tanto transgridem as leis humanas, como promovem a rebelião dos anjos. A ação que iniciam é individual, mas chega a desequilibrar a harmonia cósmica, a separação entre vivos e mortos; são intempestivos e desorganizam através da hipertrofia de um dos dez elementos que constituem a plenitude do universo, o círculo perfeito. Nunca há mais de onze *bodhisattvas* vivos em cada época histórica. Após o suicídio de Judas, são onze os apóstolos que saem pelo mundo a pregar a palavra de Cristo.

Os africanos atribuem onze buracos à mulher-mãe, o onze está na iridescência da asa do beija-flor, a tremulina que vai do rosa ao azul, amarelo pálido, branco, preto, vermelho rubi, violeta, calcedônia, escarlata, topázio e platina. O onze é uma das chaves numéricas da Divina Comédia, são onze os versículos do Apocalipse que explicam sua própria simbologia; onze perfazem

um júri e um time de futebol; na religião druídica, ele se completa no Festival de Beltrane em 1º. de maio — Carmina amatoria, turpia, nefaria —, quando se festeja a 2ª. metade do ano (a 1ª. inicia em novembro). O onze nos lembra as duas colunas ou pilares maçônicos: infinita misericórdia e infinita justiça; um mistifório; os 11 módulos do código de barras; Kaph e Tiwaz; (Daath); o hendecálogo, de inegável sabor machadiano, do fundador da Igreja de Satã, Anton Szandor La Vey que, entre outras coisas, recomenda: “não se queixe de algo a que você não precisa se sujeitar”. Conhecedor como poucos do assunto, Santo Agostinho pôde afirmar que o número 11 é o brasão do pecado.

O Sêfer Ietzirah adverte: “são dez e não onze”; para que saibamos que, se podemos trilhar o caminho das *sefirot*, não nos é dado alcançar O Infinito (Ên Sof), o vácuo inicial. O 11 de setembro (9/11) de 2001, que nos fez entrar à força no século 21, produziu uma interessante lenda urbana na qual William Shakespeare vira Nostradamus. O verso 911 da sua obra poética é o 1º. verso do soneto 66, que começa com um verso iniciado por um T: *Tyr'd with all these for restfull death I cry*, seguem-se 11 versos iniciados por A e o soneto termina em outro T: *Tyr'd with all these, from these would I be gone*.

No onze estão somados o 5 e o 6, que representam o micro e o macrocosmos. “Ó Deus que sois em 11 nos céus; que sois onze sobre a terra e que, em número de onze, viveis em glória nos ares, possa o nosso sacrifício vos ser favorável.” Assim falou o *Rig Veda*.

Onze é a *hybris*, a desmesura, a incontidência, o excesso que leva os homens a se confundirem com os deuses, a desprezar Poseidon e caminhar em pleno ar, a transbordar das atribuições temporais e dos lugares marcados — anuncia a renovação que pulsa ao fim de um ciclo completo, as novas escalas que se encontram nos extremos do gamut; traz a metamorfose, mas também a destruição adiada. O onze é o que vem depois da conclu-

são, o que habita a doença e o erro. Êxito temperado com sacrifício. Onze é quando duas idiosincrasias se conjugam, dois humanos se amam, cada um cada um; algo sobre reconsiderar e outros pensamentos instáveis. No onze, duas singularidades individuais não se dissolvem na dupla, o duo homogeneizado, a mitologia da dominação necessária, mas se auto-organizam numa estrutura conflitual, indefinidamente inacabada, até um fim natural ou autodestruição.

(Baseado em Sabine Stuart de Chevalier, *Discours philosophiques sur les Trois Príncipes ou la Clef du Sanctuaire Philosophique*, Paris, Quillau, 1781 e Francisco Sanches “*Quod nihil Scitur*” In: *Opera Philosophica*. Coimbra, 1577.)

RAMO DE AMEIXEIRA COM PICANÇO
(*LANIUS EXCUBITOR*)

... ou quase.
objeto
passagem
desencantamento &

flower
faint
feathr'd
corpus oh cast
clock
fashionable
fast
corpus my corpse

não-coisa
murmillos
poeira, rastros,
lugares-acontecimento
Trilhas

sombras.)
derramando
a terra velha suspira
giram, enferrujadas, as dobradiças do mundo
revolve o amanhecer
(No começo do dia

Philippe Égalité

A LIÇÃO DO CHEFE NHAMBIKWARA

o silêncio

o risco

são

inúteis

não há nada

feito

de

palavras

na floresta dos

signos

 crescem

grama

e

raiz

(enoveladas)

trama

de

sonho/escuridão

as imagens

(mesmo as dos espelhos)

formam-se

no

olhar

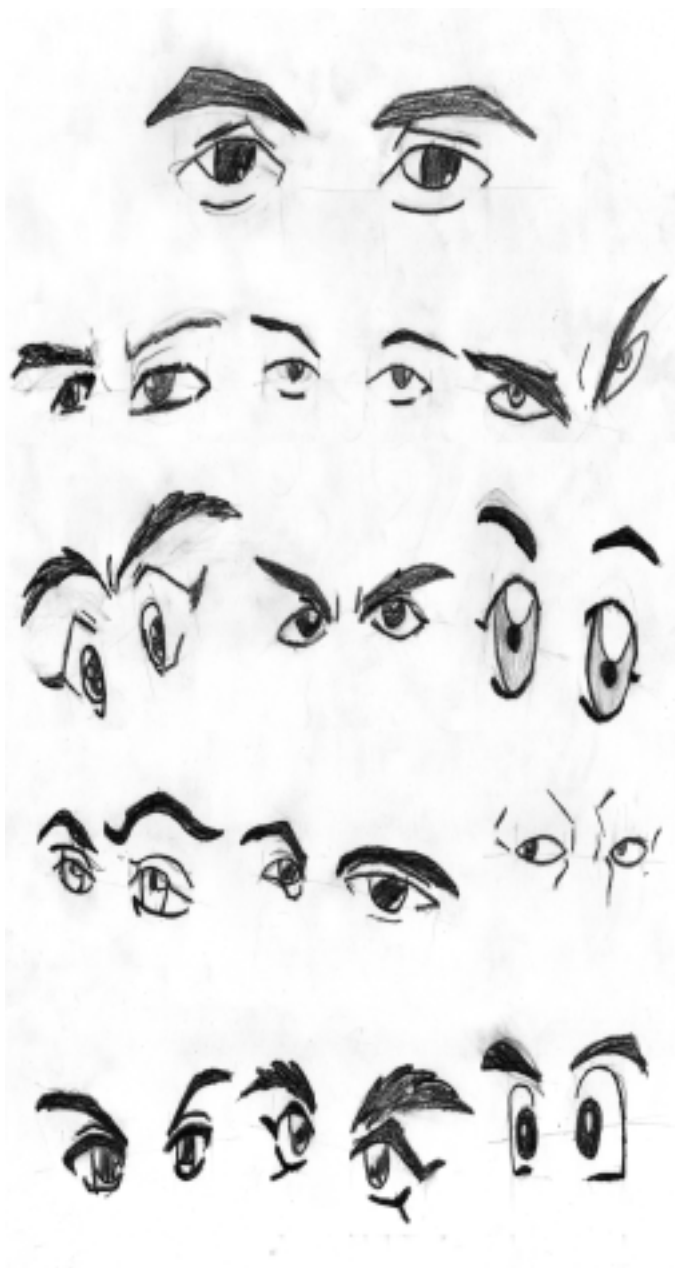
 circulam

entre

Equívoco

Esquecimento

Filipe Doutel



O CINEMA TEM NOÇÃO DE QUE NÓS O ASSISTIMOS?*

afetos são vermes que roem os invólucros da lembrança voragem líquida da lente da memória o mofo que recende na camera oscura da consciência — em tudo que deforma os ritmos da luz e do sangue os encontramos no Japão desocultam estes fluxos do desejo rompem-se as eclusas da noite imensa construída de trevas e espaço carta fechada de um destino a me ultrapassar por todos os lados sob beirais e cimalthas nas sombras dos portões de ferro a veneziana que as formigas contornam subindo a parede a beleza remida pelas idades que impregna as coisas espécie de alma das vidas vividas e daquilo que não poderá ressuscitar o amor é apenas isso um setembro guardado em papel de rebuçado (*rime riche* celofane e sépia) que todavia se apodera dos intervalos comerciais das pedras de cantaria dos antúrios da felicidade dos escombros

*** A pergunta é de Fernando Monteiro, mas, ainda que a execução** lembre o reino de Ozymandias, a idéia subjacente também lhe é cara: o filme como um rio, as tenebras após as luzes, a cloaca máxima que é um museu de tudo; esta é, talvez, a questão pânica: o que está em jogo no fato de poder existir alguma coisa como a arte? Ou ainda, “escrever o rio/ da palavra margem” (Maria Esther Maciel). André Breton pleiteava para os sonhos a capacidade de solucionar os problemas práticos da vida, Pasolini acreditava que o cinema podia falar a língua do sonho e da poesia; a invenção técnica serviria apenas (o que, convenhamos, não é pouco) para criar um código secreto, mais ou menos subordinado a uma lógica delirante, a gramática singular que impede que as obras de arte possam ser julgadas por critérios exteriores a si próprias interrupção como sentido, ruptura como forma. Se o cinema nos diz algo, o que se trata? E se ele for um hipertexto pictográfico, a despalavra holograma, visível, táctil, audível?

Filipe Douzel

DESPALAVRA?

Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da
despalavra.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
humanas.

Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades
de pássaros.

Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades
de sapo.

Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades
de árvore.

Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.

Daqui vem que todos os poetas podem humanizar
as águas.

Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo
com as suas metáforas.

Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes,
podem ser pré-musgos.

Daqui vem que os poetas podem compreender
o mundo sem conceitos.

Que os poetas podem refazer o mundo por imagens,
por eflúvios, por afeto.

Manoel de Barros, *Ensaio fotográfico*, 2000

BEL-SHAR-USSE VÊ A ESCRITA NA PAREDE*

Escrevo com sangue, até mesmo um ritornelo com *fermata lunga*; além do mais, quem hoje ainda duvida que as fotografias aprisionam a alma?

Explicações desnecessárias, porque em outra cena continuo sabendo que tudo não passa de um empréstimo: cronoscópios, o lírio, a mesa-lobo.

Estou no quarto. Em todas as alamedas procuro a língua alada que só os bebês conhecem.

(altercações, facas) e uma ordem:

— ... sonha o teu nome, Bafomé, não esqueças!

Quando uma manhã se estilhaça, não poderia saber que nela gravitam enlouquecidas sonâmbulas todas as realidades nas quais acordamos. Somente desperta o que lembramos de nós, o universo continua seu sono de eternidades; como o deus onfalópsico que engendra os mundos possíveis, sonhoso colosso no éter, para o deus-dançarino enquanto

No caroço da insônia fica o mapa da cabeça, o mijo e o medo de abismo e mesmo assim trouxe uma lagarta, ainda fria de tesação e espera. Ao voltar.

De manhã lavo uma cara que olha outra cara em um espelho, se lavando; lâmina de água escura que dissolve túneis e corredores que são dédalos ou cidades e pendem dos cílios e ramelas. Tudo continua sólido, invisível.

Filipe Doutel

* O Mane Mane, Tequel, Parsim (contado, pesado, separado). “O encontro dos espíritos é o sonho, o contato das formas é a realidade. Por essa razão, os pensamentos diurnos e os sonhos noturnos tocam os corpos e os espíritos. Devido a isso os pensamentos e os sonhos se dissipam por si mesmos em quem concentra o espírito. Acreditar no real sem se instruir e acreditar nos sonhos sem compreender são as eventualidades das transformações. Os verdadeiros homens da Antigüidade se esqueciam na vigília, dormiam sem sonhar. Não exprimem essas palavras o vazio?” Lie Tse (Liezi), *Tratado do vazio perfeito*, c. 742.

GEMINIANAS

A falsa baiana
sabe ser falsa
quando quer.

Quando não quer,
dá rasteira na própria sombra.

(enc
anta.)

Júlia Katunda

31/05/05



NAUFRÁGIOS

[Duas afirmativas, dois não e um nada]

Sejamos sinceros:
o capitalismo ganhou

Sejamos apocalípticos:
o capitalismo agoniza

Sejamos, por fim, honestos:
não dispomos de alternativas
viáveis.

Não resolvemos
o problema econômico
do masoquismo;
o claro enigma
do fetiche,
a servidão voluntária.

(A covardia moral do neurótico)

Nada é mais destrutivo

(nem cogumelos atômicos
furacões
bolhas especulativas
terroristas
tsunamis
cruzadas & jihads)

do que a nossa abulia onírica.

Filipe Douzel

REVOLUÇÃO TEM GOSTO DE BUCETA

Anêmona flor do sono
nísias ou nices
leilas florestas patrícias
erês da cor do abandono.

Sarafinas não-todas
lacerdas e mouras
menos-um(a)
eva tupinambá.

Porque rosas vicejam adélias
como bocas caxinxas
iaras explicáveis marias
bonitas.

Zapata, Bolívar, Toussaint Louverture, Che, Ganga
Zumba, Sepé Tiaraju, já fizeram
faça a *sua* revolução.

Filipe Doutel

O SEDES NA ABRAP?

Júlia Katunda

A discussão sobre a participação da psicanálise na regulamentação das psicoterapias, em curso nas comunicações entre Luís Hanns e Ana Sigal/Sandra Navarro, é de máxima importância. Muito do que diz respeito às condições objetivas de nosso trabalho como analistas e do trabalho analítico em si estão aí em jogo, o que espanta é que tão momentoso assunto não esteja sendo objeto de um profundo debate no Instituto Sedes Sapientiae. Mas talvez não seja tão surpreendente esta abulia, se levarmos em conta como têm sido historicamente conduzidos os assuntos de maior relevância política entre nós.

Quando acordarmos do nosso sonho de sermos um saber singular, um “ouro” que é imiscível ao “chumbo” das outras produções culturais e científicas, talvez já seja tarde. O projeto de lei conhecido como Ato Médico nos espreita, o mundo insiste em projetar as suas sombras para dentro da torre de marfim que as instituições psicanalíticas têm construído para si. Para mim, que insisto em trabalhar como psicanalista na rede pública, não podia ser mais clara a dificuldade que existe na psicanálise brasileira de considerar o meio social em que se encontra. Psicanálise e psicanalistas no Brasil deveriam se preocupar com problemas brasileiros, não parece óbvio?

Quantos projetos sociais para pessoas excluídas estão ligadas a instituições psicanalíticas e/ou psicanalistas? Por que, em nosso meio, a psicanálise se encontra implantada de forma tão poderosa na universidade e tão tímida nos serviços de saúde pública? Uma explicação clássica que me ocorre, é que enxergamos a nossa atividade e a nossa inserção social através de uma (falsa) consciência de classe. Somos os verdadeiros cartolas na Senegâmbia, importamos nossa identificação e filiação da psicanálise europeia, que, lá, se encontra ligada ao serviço público.

Portanto, a questão, me parece, não é SE vamos conversar com o resto da comunidade psi, mas QUANDO será que os nossos caciques vão permitir e os índios vão comparecer ao diálogo. Em termos de micropolítica, se tivermos suficiente auto-crítica, vamos admitir que temos levado zero em unidade epistemológica, transparência administrativa e tolerância com a diversidade teórica e prática, *dentro da própria psicanálise*. Não foi à toa que fracassou a Associação Psicanalítica Mundial e que os Estados Gerais da Psicanálise... bem, os Estados Gerais... que pena o falecimento do Derrida.

Certa de que me arrisco à “geladeira” por expor tão extravagantes pontos de vista, despeço-me,

outubro de 2004.



CARTAS 1 A 8

CARTA AO PAI

Filipe Doutel

“Sim, porque é evidente que, com sua pontaria habitual, o Quixote vai cair de novo, em cheio, nos conflitos, nos erros, na confusão e no medo, tornando a corromper a realidade com as mesmíssimas fantasias de outros carnavais. Mas resistirá, continuará resistindo, não, não cederá, não será jamais um burocrata especializado, um tecnocrata da sociedade consumista, continuará teimando em vencer a batalha contra as evidências, simplesmente porque precisa aferrar-se às últimas esperanças de não ser uma posta de carne insensível. E persistirá nessa missão inútil: está condenado a nela persistir porque, do contrário, cairá nas engrenagens da máquina de cortar carne e será castrado, evangelizado, anulado, amortilhado e triturado sem piedade, sem explicações, num suplício lento, tortuosamente eficaz. Sempre saberá que o único caminho é o da resistência, e resistirá, ainda que pra chegar à conclusão de que foi derrotado. Vencido sim, mas peleando, talvez porque a condição do homem seja o seu dever de escolher sempre as formas mais nobres e menos estúpidas de ser derrotado. E viverá nesse vazio, condenado à vizinhança dos imbecis, dos néscios, à companhia do desamor, porque esta é a sociedade do papel pintado, dos espelinhos de cores, das bundinhas rosadas, da pura palavra, da pura punheta, da incoerência e da futilidade. Sempre se perderá essa batalha. E isso é também uma mentira.”

Mempo Giardinelli

Pai,

Estou te escrevendo num dos momentos mais difíceis da minha vida. Esta é a hora da Criação, em que algo novo vai estourar. E dá medo. Te escolhi como confidente exatamente porque é isso que um pai não pode ser para o seu filho. **Con-fidere**, acreditar, ter fé, **faire confiance**, nada disso consigo sentir, aqui, na noite escura da alma. Mas, crê, também isto é importante agora.

E por isso, peço-te, aceita estas linhas como um presente. Bem sei o quanto gostas de mim e o quanto tens me ajudado sempre que julgas possível ou adequado — por vezes não alcanço os desígnios atrás dos teus gestos, a tua paidéia morde-e-assopra. Há uma ciclotimia nos teus movimentos de afeição que supera em muito a minha capacidade de interpretar augúrios e auspícios. *Sin embargo*, o que me está doendo de verdade neste momento é a incompreensão, sim, a torva incompreensão, que neste ponto exato da minha trajetória errática, parece vir de todos os lados. Estou ciente de ter escolhido o caminho das pedras, embora não tenha vocação para o martírio, o que piora bem o estado das coisas. Aliás, devo te dizer, uma vez mais, que tudo o que tenho feito sob a pomposa rubrica de “minha obra” e na dimensão mais comezinha da minha vida privada, é pautado justamente por uma ética não-sacrificial: ou se salvam todos, ou não se salva nenhum e nisto tenho sido absolutamente intransigente: ou bem a democracia é realmente para todos, ou não é democracia. Fodam-se as panelinhas. Pé em deus e fé na taba.

Talvez devesse ter palmilhado um caminho mais oficial, canônico, consagrado pelo uso; lembrás daquele livro esterquilínio que me destes num belo dia da minha adolescência —, chamava-se *Como fazer amigos e influenciar pessoas, de autoria do inimagável Dale Carnegie*. A recomendação de leitura vinha com o reforço de que os princípios contidos nele, muito claros e acessíveis a todos, — como na época dizias que devia ser a arte e o pensamento em geral — tinham te ajudado muito. Li-o, deves lembrar que já na época lia tudo que me caía à mão. Hoje, vejo que estavas coberto de razão. É essa a força motriz do dínamo enlouquecido que faz girar os engonços da sociedade em que vivemos: cinismo, igrejinhas, conluios, arrivismo, bajulação e mistificações. Só é pena que o sistema não seja de todo perfeito e, volta e meia, esta merda toda nos caía sobre a cabeça ou se meta mesmo embaixo dos nossos pés. Que estopada! Parece que nunca sou amigo das pessoas certas e nem tenho as influências que

abrem portas; é a minha sina particular de sofrer de uma certa forma de *misreading*, de ser um *gauche*, no futebol e na vida.

Poderia ter continuado placidamente na Santa Casa e seu glorioso Departamento de Saúde Mental, ou ainda na USP, onde faria uma carreira gradativa e segura, com doutorado (sempre julgado por uma banca amiga, é claro) e depois, *with a little help from my friends*, um pós-doutoramento — pago pela CAPES e CNPq — em Pittsburgh ou Londres. Nada mal, confessa. Me tornaria assim, pacientemente engolindo os sapos necessários e sendo enrabado hoje na certeza de que enrabarei amanhã, um espécime acabado de especialista. É bacana ser especialista em alguma coisa — qualquer coisa serve — é-se chamado para mil convescotes e até umas bocas-livres fora do país chamadas congressos internacionais (há sempre empresas amigas e verbas idem para ajudar); aí vêm, naturalmente claro, as aparições na TV, um pulinho no programa do Jô, cobra-se em dólar no consultório, onde se tem uma secretária obsessiva que só pode marcar para daqui a três meses. Bacana. Só que nunca serei um especialista, nunca, apenas pela teimosia e a devoção à palavra: amador. Nunca um profissional, experto, menos ainda um jurisconsulto, sempre um amador; porque amador é aquele que ama. E o amor, como diz aquele escritor português, o amor é fodido. Só mesmo um idiota (talvez seja irrelevante dizer o quanto Dostoiévski me fez sofrer com o príncipe Muichkine), um Policarpo Quaresma, ou até mesmo um filhinho de papai, poderiam recusar tal oferta. Um *enfant gaté*

Penso que está aí o nó górdio, o pomo da discórdia que ora grassa entre nós: tu te decepionaste comigo, vê-se; não enxergas em mim senão um *raté*, um cara cheio de inteligência e potencial, que, por não saber equacionar sua vida pessoal e/ou não ter adquirido uma sólida disciplina, se perdeu no limbo das promessas não cumpridas. Qualquer empresa está cheia desses tipos, não é mesmo? Não vejo como poderiam as coisas ter se passado de outra forma, tendo em vista a incomunicabilidade que isto sempre

causam. Não disse nada até hoje, é verdade; enquanto nada tive a dizer, nada disse. Acontece que uma anomalia selvagem se produziu e fiquei com esse beco em círculo, esse inferno particular que me obriga a montar máquinas desejanter, a esperar, sem prazo, norma ou direção, que esse algo se complete em mim e que venha, que surja por baixo e antes da palavra e faça um furo no muro do mundo. Creio que esta é uma forma mais ou menos conciliadora de encarar as coisas e, forçoso é reconhecer, bastante prática para conduzir doravante as relações entre nós.

Percebo, à distância, que não pretendes repetir o “erro” nos teus novos projetos pedagógicos; desta vez, tudo tem sido acompanhado mais em cima, o feitio é mais esmerado, o arremate é mais refinado, tudo é mais vigiado e também — ousou dizer, embora isso possa me custar caro ? MAIS ADMINISTRADO. Ecco lá! Eis um autêntico paradoxo: eu, que me horrorizo com as falhas do livre mercado em promover o desenvolvimento humano, na criação dos filhos sou um firme adepto do *laissez faire*, do Estado mínimo. Mas tudo isso são balelas. Seria muito bom para mim se o problema, o impasse em que me encontro, estivesse aí. Mas não, não é nada disso. Por isso é que deves ler este (des)arrazoado com uma boa dose de ironia, *cum grano salis*, não te estou endereçando uma queixa, como já fiz tantas outras vezes, das quais tenho que te agradecer a paciência com que as suportaste. Não, a coisa é muito outra agora, já não é o meu pai, real ou sonhado, que está em questão: é o mundo. Neste preciso momento, é o mundo que não está acreditando em mim, que não me publica, que não me chama para os seus simpósios, não me passa a bola e ignora completamente as babujices que estou berrendo no meio da praça, como esses iluminados do centro da cidade que discursam furiosos, com as veias do pescoço saltadas, aboletados em cima de instáveis caixotes de madeira.

Talvez já saibas que a maior cadeia de montanhas do mundo, o Everest, tem um pico, chamado K2, que hoje se tornou um lugar de romaria tão ignóbil que há fila (a bicha!) nas trilhas,

que por vezes só permitem a passagem, um a um. Poucas vezes o alpinismo social alcançou tão conseguida expressão! Pois bem, de livre e espontânea vontade, resolvi escalar o K2 ao contrário, pela inabordável face sul, a dos paredões, borrascas e escarpas impossíveis. Tenho a clara noção de que me devotei ao impossível, uma fantasmagoria imbecil e anacrônica: quero mudar o mundo, não vejo nenhum sentido na minha vida se não o fizer. Estou empenhado em mudar mentalidades, alterar paradigmas, arrebentar Weltanschauungs — neste ponto, começo a sentir que duvidas da minha sanidade e já debes estar pensando em me convocar para um jantar em território neutro. É inútil. Teremos muita dificuldade em retornar às conversas amenas e sinto, *malgré moi*, que precisamos admitir que nunca nos entendemos tão bem como nesta aporia segura em que ambos nos instalamos.

Dizem que ao ter filhos passamos a dar razão aos pais, coisa que te confirmo agora. O Carnegie Hall lá está, firme e forte, recebendo todo o tipo de eventos chiques na cidade dos vencedores; Mr. Carnegie amealhou uma boa fortuna ao ensinar as pessoas a não serem *losers*, seu nome está eternizado, repetido constantemente que é no calendário de “eventos” em que desfilam nossas “celebridades”. Todo mundo se esqueceu do *old guy*, do senhor Dale e sua foto na contracapa da edição em *paperback*. Só eu, *souteneur* de todas as emoções, não consigo esquecer aquele rosto redondo, limpo e positivo que me deu tão valiosos conselhos para a minha vida futura. Só eu acreditei a tal ponto na minha educação, que resolvi inverter toda aquela mentirada em um espelho para ver se achava uma verdade às avessas. *A Rebours*. Só agora me dou conta do imenso quadrúpede, catrumano metido a besta, que sou. O pavão misterioso, as iridescências do Koh-i-Noor, o obsceno pássaro da noite, essas são as avantesmas que persigo. Sou uma azêmola, um cavalo de tetas, um coiói, uma anta completa. Quando vejo os *fakes*, os filhos da puta que triunfam exatamente por serem filhos da puta e que as pessoas gostam mesmo é disso, sinto vontade de bater a cabeça na parede. Sinto

muita, muita raiva. Sobretudo dos esfíncteres, os hipócritas de sempre que sentam o cu em cima do pote de ouro que fica no final do arco-íris, os reguladores de fluxos, que dizem quem pode e quem não pode, os donos das boquinhas. Depois, já mais calmo, lembro do Norman Mailer: “os escritores não se enraivecem, se vingam”.

Parece que estou a toda hora falando de corda aos enforcados, usando *smoking* na festa do Havaí e de tanga para receber el-Rei; tenho medo de ser o único com o passo certo na parada militar daquela piada que sempre contavas. Lembras? Sempre conto muitas piadas aos meus filhos porque é disso que mais me lembro da minha infância, as piadas, os trocadilhos, a pilhéria fácil dos lusos desterrados. Fiz do exílio um lar, do nomadismo uma cadênciã. Sempre fiz amizade com os judeus, por instinto, por perceber neles o mesmo deslocamento, a capacidade de estar o mais dentro e mais fora possível de um lugar. Ao mesmo tempo. Assim como aquela carta, dirigida mas nunca enviada, ao senhor Hermann Kafka, esta também está sendo escrita febrilmente, de madrugada, atravessando uma noite branca. Apenas não pretendo me estender tanto, nem deixar, maravilhosamente como o atormentado Franz, as irreconciliáveis posições em suspenso. Esta será, ao contrário, a forma de publicamente voltarmos às boas; como sempre dizes, da família é preciso sentir saudades; estar perto e longe, presença e ausência, prazos, encontros inesperados, adiamentos necessários. Como quando se ama. Como quando se escreve.

Filipe

A MEU FILHO FILIPE

Filipe Augusto Ferreira

“A única maneira de castigar quem se ama
é sofrer em seu lugar”

Ghandi

Muitas foram as razões pelas quais gostei da última carta com que me presenteaste: pelo presente, pelo desabafo, pela confiança, pela confiança, pelos reconhecimentos, pelas reprovações, pela humildade, pela grandeza, pela eloquência, pelos retrospectos, pelas resenhas, pelas recordações, pela saudade, pela nostalgia, pela transparência, pela elegância dos reparos, pela amargura, pela clarividência e também pelas lágrimas que me permitiu derramar.

Valeu a pena ter vivido o que vivi, ter cantado o que cantei, ter chorado o que chorei, ter sentido o que senti, como diz aquele velho fado de Mauro Muniz.

Cada vez que leio a tua carta, o que, aliás, ocorre com outras que já me escreveste, perpassa na minha mente uma infinidade de detalhes do que foi a nossa vida até ao presente. O sentimento que prevalece é muito mais de saudade que de nostalgia. A saudade induz felicidade, a nostalgia traz sofrimento. Também não lamento o que perdi; outrossim, agradeço a Deus ter tido a vida e tudo o mais que tive.

E como a verdadeira viagem se faz na memória, continuo com toda a saudade, com toda esta bagagem sentimental, com toda esta gratidão por tudo o que tenho tido. Olhando para trás é que se compreende a vida; mas o sentido da vida só existe olhando-se para a frente.

Tudo o que consigo lembrar é positivo, gostoso, bonito. Por vezes penso que não existe nada que seja só bom, positivo, feliz. Porém, para me lembrar do que não é feliz preciso fazer esforço e inconscientemente faço um balanço que inexoravelmente é positivo.

Porém, (também tenho os meus poréns) não foi tudo bem planejado, bem executado e muito menos bem avaliado em minha vida. Reconheço quanta ignorância, quanta tibieza, quanta inconseqüência aconteceu no nosso núcleo familiar pela inexperiência, pela pusilanimidade e, porque não, por alguma irresponsabilidade da minha parte.

Não posso atribuir todos os problemas à natural falta de conhecimento e experiência que caracterizou e caracteriza parte da minha vida. Ainda hoje tenho muita dificuldade em lidar com a complexidade. É fácil gerenciar a normalidade. Não é fácil gerenciar o talentoso, o criativo e muito menos o destruidor criativo de Schumpeter.

Transladando este pensamento para a família, confesso que não soube, não sei e nem sei se algum dia saberei lidar com um filho bom, criativo, voluntarioso, egrégio em todos os sentidos e, usando uma expressão da vóvó Natália, um filho que tem uma alma muito maior que o corpo. Dá calafrios pensar que o teu filho é genioso porque é genial; assusta ver que ele está à frente do seu tempo; preocupa que seu corpo esteja aquém de sua alma.

Do outro lado, dá orgulho (idiota, por acaso) vê-lo se superar; conseguir baixar ao nível normal; escrever com a mão direita; conversar ao nosso nível; servir whisky às visitas na ausência dos adultos; precisar de um lar; lidar com a normalidade e muitas vezes com a mediocridade adjacente; ter de falar palavrão como quem toma um remédio; fazer terapia para ajudar a se ajustar à pequenez circundante; agir como um normal sendo uma mente superior; ter que viver no pretérito com um espírito no futuro do presente.

Dizer, hoje, que houve falhas e pior ainda querer arranjar explicações científicas para o inexplicável seria a maior estultícia, uma inépcia sem tamanho. O fato é que não se está (eu incluso) preparado para uma missão desta envergadura. No fim das contas todos sofremos: o sujeito, o verbo (ou seja, a ação), o objeto ou complemento direto, o indireto e os circunstanciais. Acho que até os advérbios e as vírgulas sofrem.

Não penso mais que és o único com o passo certo. Essa fase já superei. Não posso dizer que não tenho inquietação acerca do que venhas a fazer para mudar o mundo. Deves mesmo tentá-lo para não seres infeliz. Quando o conseguires já não caberás mais nele e aí recomeça tudo de novo. Talvez eu não te entenda muito e, por isso, não ajudo. Mas seja o que for que fizeres terás o meu amor e, como dizia Gide, “o amor é essencial para compreender o que difere de nós”.

Voltando agora ao sentido da vida, isto é, olhando para a frente, vou emprestar mais um ensinamento de Ghandi: “se eu pudesse deixar algum presente a você, daria além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E, quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo, a resposta e a força para encontrar a saída”.

Obviamente que quero voltar às boas contigo. Poderá não ser exatamente do jeito que ambos temos em mente. Mas vale tentar. Afinal o amor entre pais e filhos é, penso, o único indelével.

CARO SR. NELSON ASCHER,

Filipe Doutel

Apesar de nada entender do seu *métier*, permita-me expressar a minha mais profunda revolta com o seu artigo “O grande romance brasileiro”, publicado na Folha de São Paulo em 11/10/2004. Gostaria de lhe questionar não a forma ou o conteúdo, o fundo ou a figura, mas a *atitude*. Atitude que julgo comum a uma certa (e dominante) intelectualidade que é vezeira em achincalhar a identidade (ou a falta de) artística nacional e nada por no lugar. Tal maneirismo tem, certamente, antecessores notáveis: Gobineau, Oliveira Viana e, mais recentemente, Contardo Calligaris, Paulo Francis e seus êmulos, Diogo Mainardi e Daniel Piza. Recentemente, no caderno *Mais!* desse mesmo jornal (16/11/2003), o seu colega Silviano Santiago afirmava que os autores nacionais amesquinham a língua portuguesa durante os anos 90 e ficamos sabendo que, ao menos para ele, não existiram Marcelo Mirisola, Fabrício Carpinejar, Marcelino Freire, Evandro Affonso Ferreira, Ivana Arruda Leite, Juliano Garcia Pessanha – pra ficarmos numa lista tão arbitrária quanto restrita. O seu artigo parece perguntar onde está o grande romance brasileiro dos últimos 70 anos; já eu queria lhe perguntar: o que fizeram Carlos Heitor Cony, Pedro Nava, Lygia Fagundes Telles, Osman Lins, Érico Veríssimo, Josué Montello, Hilda Hilst, Sérgio Sant’Anna, Ledo Ivo, Jorge Amado, Antonio Callado, Fausto Wolff, Lúcio Cardoso, Ana Miranda, Marques Rebelo, Dyonélio Machado (em lista igualmente, descabidamente, limitada)?

Tendo cada vez mais a concordar com o escritor Bernardo Carvalho quando ele recusa uma “identidade nacional” para o Brasil e a sua produção cultural. O que a cultura brasileira, tal como outras culturas periféricas ao Ocidente, têm a propor é justamente o negativo de uma “identidade” no sentido em que esta questão se põe para norte-americanos e europeus. Somos sempre um arremedo, uma fusão de referenciais, hibridação e mutação, nômades e

mímicos – enfim, antropofágicos, como diria Oswald. Podemos encontrar este mesmo impasse em escritores como Salman Rushdie, Derek Walcott e V. S. Naipaul, por exemplo. O que quase não encontramos por aqui são os escritores panorâmicos *à la* Proust, Updike, Hugo, Mann ou Schnitzler; temos uma falha identitária, que, se de um lado inibe a literatura mural, os grandes painéis históricos, por outro, permite multiplicar as singularidades e pulveriza as questões que ocupam nossos criadores literários. Como escrever acerca de uma História que os nossos intelectuais e críticos se mostram tão zelosos em varrer para baixo do tapete? Para quem se escreve quando os nossos editores se mostram contentes com as tiragens de 2.000 exemplares e preferem descongelar no microondas os consagrados do exterior a arriscar nos nacionais? Que chance tem um país que não lê, quando a revista semanal de maior circulação no país se dedica a atacar escritores como Paulo Coelho, Ivan Sant’Anna e Patrícia Mello *porque são populares?*

O problema, penso, não está em nossos criadores, mas, antes, na nossa dita *intelligentsia* que parece, em todas as épocas e conjunturas, estar com as idéias fora do lugar. São os nefelibatas, os poetas em torres de ametista: noruegueses que tiveram o azar de nascer no Haiti; são imigrantes que, com poucos anos de Brasil, adquirem os hábitos dos que o exploram há meio milênio. Nos últimos 500 anos, senhor Ascher, o Brasil real vive em conflito com o Brasil oficial (imaginário como o primeiro, mas de efeitos bem reais); estranho muito que tenha esquecido, no seu diálogo fictício com a escritora finlandesa/búlgara, de lhe indicar Euclides da Cunha para entender o nosso século XX. Talvez *ela* tivesse matado a charada. O fato é que aqueles que têm um canhão na mão, p.ex.: uma coluna em veículo de grande circulação, como o senhor e os citados Calligaris, Piza e Mainardi, vão continuar a cuspir no prato que comem sendo bem pagos para isso. Se arriscar a mudar alguma coisa não é com vocês, não é mesmo? Isso agora tem um nome modernoso: são os intelectuais da destruição. Façam bom proveito do resultado.

_____ =0AAcabe com aquelas janelinhas que pulam na sua tel=

a.=0AAntiPop-up - =C9 gr=E1tis!=0Ahttp://antipopup/=0A

—

_=_XaM3_1112281654.2A.960507.42.18734.52.42.007.218158515

Content-Type: text/html; charset=iso-8859-1

Content-Transfer-Encoding: quoted-printable

<DIV style=3D"FONT-SIZE: 12px; FONT-FAMILY: verdana, arial">

<DIV>Carta ao Comit=EA Central:</DIV>

<DIV> </DIV>

<DIV>Estava eu ontem tratando da palestra da Xxxxxxx Xxxx e me dei conta =

de que qualquer ato que se refira ao curso de XXXXXXXXXXXXXXXX estah me cu=

stando caro demais: sao contatos, consultas e detalhes a acertar que me=

incomodam sobremaneira. Nao dah! Discordo, Xxxx, de que a minha relacao com os meus orientandos seja pessoal, eh profissio- nial isso sim. Aliahs, esse foi um ponto no qual sempre insisti: que fossemos profissionais, pois era disso que o nosso projeto se trataqva — um negohcio, negohcio que envolve idealismo, mas ainda assim negohcio. Portanto, como sou =

profissional sem ser mercenahrio (hehlahs, essa eh a minha perdicao=

), acredito que nao estarei dando o meu melhor na disposicao

anihmica e figadal em que me encontro. Os meus orientandos
nao tem nada a =

ver com isso e devem ser poupados. Considerem o uhltimo ato
da minha colaboracao com o curso, o que jah me parece excessi-
vo, a minha presenca na palestra de 13/05, recebendo a Xxxxxxxx
Xxxxxxxx que virah falar sobr=

e esquizofrenia. Se preferirem que eu nao esteja presente, acredi-
tem, serah para mim um grande alihvio — o fato eh que nao vou
mais mexer =

uma simples palha por esse proxeneta das idehias, esse vampiro
do pensam=

ento chamado xxxxx Xxxxxxxxxx. Quando as pessoas tem uma
coisa preciosa =

por um preco mohdico, elas tendem a depreciah-la — Xxxxx, vc
nunca v=

ai me perdoar por me ter traihdo. Quer um cigarro trouxa?, fica
com o maco!</DIV>

<DIV>Ssauda=E7=F5es psicolodram=E1ticas,</DIV>

<DIV> </DIV>

<DIV>P.S. 1)Xxxxx X=FAxxx, tenha a bondade de me desligar
do e-mail conjunt=

o por favor.</DIV>

2)O horror não vem nos visitar, colegas, ele jah estava comnosco

<DIV> </DIV>

<DIV>Filipe Doutel</DIV></DIV>

—_=_=_

QUERIDA TIA LUÍSA

Filipe Doutel

Fiquei feliz por sentir nas suas cartas a paz e o contentamento da vida familiar e, confesso, me animei com a retomada dos nossos vínculos e daquilo que Blanchot chamou de “conversação infinita”. Creio já lhe ter dito que as alegrias da vida privada são o único alívio para o naufrágio de uma vida pública esvaziata e politicamente inócua. Não é por acaso que os meios de comunicação se agarram à carniça dos detalhes banais das existências igualmente banais das celebridades — neste mundo que abriu mão de sonhar utopias (rogo-lhe, assista *Die fetten Jahre sind vorbei* de Hanns Weingartner e *Notre musique* de Goddard; Goddard ontem, hoje e sempre), só nos restou mesmo escarafunchar a vida sexual das marionetes da fama.

A nossa abulia onírica (*Impotentia exsomnia*) é muito mais preocupante e destrutiva que terremotos, cogumelos atômicos, furacões, buracos de ozônio, bolhas especulativas, tsunamis ou terroristas. Sejam sinceros: o capitalismo ganhou; sejam apocalípticos: o capitalismo agoniza; sejam, por fim, honestos: não dispomos de uma única alternativa viável.

No caso do nosso diálogo Brasil- Portugal, está claro para mim que descendemos ambos do experimento que criou a modernidade e integrou a economia-mundo, pulsa em nós a inquietude dos pioneiros e desbravadores, mas, pergunto-lhe: a) a nossa língua é uma “mãe suficientemente boa”?; b) o quanto é audível a poesia de Manoel de Barros e José Régio ou visível o cinema de Vasco Aspadés, Julinho Bressane? O que é possível dizer em *brasileiro* que não seja uma canção ou uma novela?

Queria parabenizá-la pelas últimas eleições legislativas; após esta eleição, como lembrou o Veríssimo, Portugal tornou-se não só o país mais ocidental da Europa, como também o mais à esquerda. Quase que posso ver o Víriato a mandar bananas

para o Velho do Restelo na eternidade. *Cela dit*, constatei recentemente o que foi repetido na família desde sempre, nossa semelhança em termos políticos: também participo de coletivos militantes (o trabalho de formiguinha, como bem disse), faço parte de entidades corporativas e realizo trabalho voluntário. Porém, é forçoso concordar consigo, sinto-me amplamente desiludido e desesperançado, a ponto de aderir ao cinismo generalizado.

E por quê? As razões não são simples, nem unívocas, mas é muito dolorido o fato de estar a ser neutralizado pela minha própria geração e pela geração que tanto admirei, pessoas que sofreram na pele a ditadura e hoje ocupam os postos-chave, os gargalos da sociedade brasileira. Porque este país tão imenso, tão vasto de riquezas naturais e humanas, é sempre controlado por cabalas, máfias, castas, concílios, gangues, nobres de sineta, comandos, igrejinhas e conluíus — uma bosta de estamento burocrático que sustenta o patrimonialismo estatal e não fode nem sai de cima há 500 anos. O banqueiro e político Olavo Setúbal disse certa vez que a economia não chegava para atender mais do que 60% do povo brasileiro e é por estas e outras que num país deste tamanho há pessoas *sem terra*.

Eu acuso sim senhor, em pleno estado de direito democrático, tomei um cala-boca disfarçado, um auto-de-fé silencioso e escarninho, e o pior: levado a cabo pelos antigos incendiários, que não se contentaram em virar bombeiros apenas, pois que se venderam ao desbarato, como *memorabilia* do Muro de Berlin, e se arvoraram ignominiosamente em censores e inquisidores; como dizia o Marcuse (que eles tiveram de esquecer), tornaram-se operadores do mais-de-repressão. O caso é que quando cheguei à cena *psi* para apresentar aquilo que aprendi na minha experiência clínica e percurso teórico, já encontrei tudo loteado; todos os lugares aqui têm dono, as oportunidades são para quem é da turma certa e para pertencer a ela é obrigatório um *felaccio* prévio — ritual de humilhação necessário desta maçonaria perversa, pois sem ele o iniciado não se tornará um

abusador depois. Tal como disse o filósofo nas horas livres e traficante nas outras, Fernandinho Beira-Mar, “tá tudo dominado”. Cara tia, na sociedade em que vivo não há espaços livres, tudo e todos têm dono.

A tia vai achar um despautério, mas é que cansei, estou farto de ser preto. Não imagine que me refiro a uma discriminação, real ou fantasiada, devido à minha origem; muito ao contrário, o que me prejudica no Brasil é ser brazuca por demais: usar demais autores brasileiros, pensar demais nos problemas locais, em resumo, ser preto quando a ordem tácita é “embranquecer”, i.e., europeizar ou norteamericanizar o discurso e os ademanos. A coisa tem fumos de teatro do absurdo e no entanto é um paradoxo comum e inerente à identidade terceiromundista: recalitrante, ambígua, lacunar; sempre com dificuldade de contar a própria história, resistindo atavicamente ao espelhamento e à representação. A comédia ideológica no Brasil é brejeira, maneirosa, carrega nas tintas do *nonsense*: todos trazem em si um ecletismo, que tanto se refere à genética como à *Bildung* e o resultado é um país que renega a inevitável condição híbrida que é própria aos colonizados. Como não se reconhecem têm de estar sempre a dar tiros no pé, fiéis herdeiros do povo de suicidas que Unamuno retratou.

As novelas brasileiras retratam histórias de Macondo, ambientadas na África e interpretadas por atores caucasianos (é obsessiva a presença de atores e modelos de olhos claros nestas plagas). Sofremos das famosas idéias fora do lugar, insistimos na sobrecasaca em pleno Haiti, somos os cartolas da Senegâmbia. A modos que eu, brasileiro luso-africano ou afro-luso-brasileiro, descendente da mui nobre e leal estirpe dos europeus nômades, sou condenado kafkianamente no Brasil por ser índio, negro e mameluco — ando a falar em corda aos enforcados, só pode.

Uma coisa me marcou na última visita a Portugal, a percepção de que o país, num processo que tem tudo a ver com o 25 de abril, passou a se dar ao respeito; um português hoje não

tolera que haja um subcidadão português ao seu lado (se for de outra nacionalidade, ainda passa...). Esta, e não a entrada na União Européia, é a razão profunda do atual dinamismo econômico e cultural do povo luso. No Brasil, não é a pobreza que explica os pobres, até porque este é um país rico, é antes a noção de que, se há pobres ao meu lado, a responsabilidade não é minha. Nem faltam cá hipócritas para cantar loas ao lirismo que há na miséria. Miserere nobis.

Não vou ficar a cansá-la mais com estas arengas de profeta do passeio público, vou é felicitá-la de novo pelo meu já querido primo Manuel. Envio-lhe anexo, à guisa de agradecimento chocho pelo livro do Paul Éluard, — acertou em cheio — um pequeno escrito da minha forja, já que sou Ferreira e porque dizer lavra seria muita pretensão. Espero, muito cá comigo, acertar o que não vi,

UM ABRAÇO DO SOBRINHO,

Porto, 21 de fevereiro de 2005

Olá querido sobrinho!

Que emoção senti-lo mais perto após tomar conta da encomenda que os correios me entregaram e que muito agradeço. Tenho, penso que todos os Ferreiras têm, um sentimento de espírito de família muito forte e não há dia algum que não passe em revista todos os elementos vivos e os já ausentes; não há vez nenhuma que na troca de telefonemas que eu e o seu pai fazemos com regularidade eu não pergunte pelos “rapazes” de São Paulo e pelos sobrinhos netos Irene e Dinis. Mas uma cartinha, um carinho, um “olá!” é mais saboroso e gratificante.

Lendo a sua carta saboreei afirmações que eu, já mais avançada na idade, aqui neste cantinho da Europa, também partilho. A diferença é que, para os padrões de cá não me sinto milionária, mas confortada com a reforma que pelo meu trabalho de 36 anos conquistei.

Assim, e posto isto, ao mesmo tempo que vejo em si uma lucidez espantosa, uma análise crítica refinada e burilada, pressinto um certo desencanto, um certo amargor e cepticismo relativamente a esta “aldeia global” que teimam realmente globalizar mas... maquiavelicamente — aceitem as leis dos poderosos, submetam-se a elas, não questionem, isto é o melhor para todos! (Pierre Bourdieu, para falar da violência simbólica não teria mais que procurar exemplos). Claro que isto é evidência para os que podem e/ou querem ver. Seja como for e como diz o poeta “há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não”. José Régio [*ilegal*] também célebre poema: “não sei por onde vou, só sei que não vou por aí...” Utópico? E não é urgente regressarmos à utopia como via mais construtiva para tornar possível a mudança apesar do neoliberalismo reinante e da bosta

derrapante do polvo estadunidense que aprisiona o mundo inteiro?

É urgente exercer o nosso direito à indignação face à corja de incapazes e corruptos ou então diletantes incompetentes (que não dizem de pé o que dizem sentados) e que servindo-se das tribunas que conseguem a qualquer preço, nada fazem — como bem diz — nada arriscam. Encantados com uma vidinha confortável é mais fácil nos esvaziarmos do humano, medíocres nas ações e no pensamento, é mais fácil pormo-nos à distância de atrocidades e injustiças. “Não há machado que corte a raiz ao pensamento”; só os chatos megalómanos, idelistas incômodos, ousam pensar que é possível mudar o mundo. Esquecem que, se a “arraia miúda”, nos seus espaços habituais, nas ações de todos os dias, se dispuser a alguma coerência mudam grandes coisas e causas.

Querido sobrinho, entendo seu grito de revolta, a sua decepção, a sua denúncia (até nisso somos parecidos!). Mas não baixe os braços. Eu tento não baixá-los utilizando as poucas armas que tenho ao meu alcance: solidariedade militante, participação em movimentos e causas, o voto... Ontem 20 de fevereiro, fui às urnas depositar um voto que espero (ainda) seja bem utilizado consciente de que, tal como Lenine afirmou, “a democracia representativa é a melhor forma do povo escolher os seus algozes”. Recuso-me a “entregar os pontos”, mesmo sentindo-me uma formiguita junto à pata de um elefante e , assim sendo, procuro construir, consciente da minha pequenez, o que, estando ao meu alcance, seria gritante escamotear.

Adorei ver as fotografias. Os seus filhotes estão muito lindos e crescidos. Apetecia abraçá-los... mesmo.

Gostaria de mandar mil coisas para todos mas receio não acertar. Dê-me algumas pistas e ficarei muito grata por isso. Entretanto, aqui lhe mando um pequeno livro de poesia de Paul Éluard de quem particularmente gosto. Quando puder e quiser

mande mais umas quantas letras (faz-me falta aqui para poder conversar consigo de coisa que, com o resto da família, é quase impossível) a esta tia sempre ávida de afeto dos que ama.

Quanto ao meu neto Manuel, o elemento mais novo de nossa família, ficará para um próximo episódio. Um beijo e todo carinho de que sou capaz para todos.

Tia Luísa

P.S. Afinal só hoje, dia 24, segue a carta

SENHORA AAAAA AAAA AAAA,

Filipe Doutel

Vamos nos entender: EU NÃO SOU SEU AMIGO, não fui e nunca serei. Amigos ou inimigos meus (vc não está em ambas categorias), não os escolho pela beleza ou inteligência, mas pela presença ou ausência de afinidades eletivas e *panache*. Ao me ver na seleta *mailing list* da sua correspondência eletrônica me ocorrem três coisas: *primo*, não quero nada com o seu círculo dourado de chiques e famosos; *secondo*, celebridades deslumbradinhas como vc não fazem parte da solução e sim do problema que tento resolver; *tertio*, há uma forma simples de moderar o exibicionismo infantilóide, ressuscitado pela ORKUT, do tipo, ‘olha só de quem sou chegando’: use a opção cópia oculta (Cco), schifaisfavoire.

O estilo *show biz* dá o tom por toda a parte hoje, como você bem sabe; o Panopticum Mundial se estabeleceu e o Grande Irmão da visibilidade comanda todas as lutas culturais contemporâneas, tendo se tornado o fator preponderante na hierarquização da sociedade burguesa — é a versão modernosa da Igreja medieval e da aristocracia do Ancien Régime: no lugar da desigualdade de nascimento, a de espaço de mídia; em vez do discurso homogeneizador da religião monoteísta, a espetacularização massmediática. Neste mundo que industrializou a cultura e canalizou os debates de idéias, intelectuais dispõem de poder real e era isto que vc não acreditava que eu fosse desrespeitar —deixar de pagar um pau para você é suicídio nesse ambiente e todos sabem disso. No mundinho ‘psi’ você é a diva, com as estrelices já clássicas: narcisista, ferozmente auto-centrada e incapaz de amar (você não sabe amar, meu bem...). Por essas, muito mais do que por outras, a sua análise pessoal é tecnicamente interminável.

No seu novo livro, já no prelo, vejo ecos das nossas discussões,mas, se bem me lembro, naquela época não podíamos avançar muito: era adentrar o território inimigo usando as armas

dele. Palavras suas que eram um passa-moleque disfarçado. Isto aqui ô-ô, é um pouquinho de Brasil ia-ia: primeiro, batuque na cozinha sinhá não quer, depois é convite VIP para o camarote da Brahma; começa dando os restos de comida aos escravos e termina em feijoada fina no Copa. *Nós quatro sabemos qual ressentimento estava em jogo.* Acho que compreendi a dinâmica da sua linha de produção: um seminário temático aqui, ali e acolá, pausa para reparos com os caciques da ortodoxia, chupinhagem dos simpósios com colegas (alguns citados, outros, devidamente omitidos) e... *voilà*, uma nova e brilhante contribuição da nossa vedete. Livros que já estão esquecidos antes de serem publicados, posições que são abandonadas sem terem sido defendidas; tudo meio que vai ficando para trás na sua vida, não é *darling*?

Reconheço, com fingida contrição, que não fiz, nem a si nem a ninguém, o necessário beija-mão por conta daquele meu problema de coluna que impede a flexão e sei o quanto isso causa moosa à nossa brasilidade, tão brejeirinha e autoritária ao mesmo tempo. O reino do pensamento, e nisso vc tinha inteira razão, não tem lugar para românticos e gente de estômago fraco; ser vítima da ingenuidade é fazer do orgulho próprio um carrasco. Por outro lado, em breve você vai estar arrependida de não ter feito picas para desamesquinhar a cena intelectual brasileira (cacife para isso você tem, baby). Lembra do convite para aquela discussão na fefeche —, pois é, convite de raposa para garça é assim: prato raso para quem tem bico longo. Na ocasião, mais uma das inestimáveis lições que aprendi com a sua pessoa: dos subterrâneos aos nimbos que formam a cartografia incerta dos sonhos libertários, todos os lugares já têm os seus domínios e cercadinhos neste país. No Brasil, rosna a elite sisuda e repete o povão-pé-no-chão, não tem essa de tomar posse dos espaços públicos ou privados, aqui há autoridade, não é a casa da mãe Joana não, aqui TUDO tem dono. Até a utopia.

O nome do problema na língua brasileira é que ela te trai, mais cedo ou mais tarde: não há fortuna crítica neste país.

Hélio Pellegrino era uma voz fundamental na psicanálise brasileira dos anos 50, 60 e 70; te pergunto: o que sobrou dele? A conclusão é melancólica, belezoca: nós não vamos só morrer, nós vamos desaparecer. Há uma descontinuidade entre as gerações, um mandato demencial, uma patologia comunicacional; a cada vez, há que se reinventar a roda, apagar os rastros, recommençar a tarefa sísifa. A minha geração bem poderia receber o bastão da sua, mas isso, descobri com dor, não será possível. Agora me diga, sem pestanejar, quem foi que provocou a “lesão no laço”? Proponho, sim, uma RUPTURA ? um rompimento do laço esgarçado, uma reconfiguração do pacto social; uma barra à barbárie administrada, a certas formas e procedimentos que urgem em ser proscritas de chez nous. O paradoxo requer meandros dialéticos: é necessário expor as grotescas falhas na transmissão, as fraturas da nossa história intelectual, moral, política e, *ao mesmo tempo*, romper definitivamente com a sociabilidade canalha que vive de reatualizar estes cortes e soluções de continuidade, omitindo-os. Não me submeterei. Nem a você, nem a ninguém, senhora dona.

Uma moralista assumida e uma ideóloga envergonhada é o que vc é; nesse sentido não a posso considerar uma digna herdeira de seu avô, o doutor Aaaaaa Aaaa. Ele, em que pese o crasso equívoco de suas idéias, ao menos defendia-as de forma muito menos elusiva e ambivalente que você e sua patota. Essa sua turminha, senhores do poder uma vez que escravos da mídia, fazem-se de bacaninhas e defendem o *satus quo* fingindo que o criticam, que digo, criticam a burguesia só para torná-la mais forte. Era isto que Barthes chamava de “vacina” crítica: para dar uns solavancos, vez que outra, nos burgueses (*épater les bourgeois*), aponta-se como erro aquilo que é acessório, escamoteando o essencial: a admissão de que o sistema é viciado ou que o viés é sistemático. Não adianta se vangloriar de não pertencer à academia, porque a academia, naquilo que ela tem de pior, está em você. Em você convivem tranqüilos o academicuzinho, o academicuzão e

o(a) intelectual *celebrity* (tipo Bernard-Henri Lévy): bonecas bombadas revestidas de *teflon* cuja luta político-cultural mais importante é magnificar o esplendor de si próprias.

Tenho tido que me acostumar a muitas coisas, a pior delas: à(os)s biscates da sua laia, a PSICANALHA. Mas tento evitar ao máximo o contato, ao menos, o contato evitável. Assim sendo, peço-lhe 2 obséquios:

- a) retire meu endereço eletrônico da sua lista
- b) vê se me erra, minal!

Passar bem madame,



ÔNIBUS 174, TELEVISÃO 171

Filipe Doutel

Não uma imagem justa, justo uma imagem.

Jean-Luc Goddard

Sou um selvagem, uma criança – ou um maníaco; mando embora todo saber, toda cultura, abstenho-me de herdar de um outro olhar.

Roland Barthes

A tragédia humana, social e midiática, transmitida ao vivo pela TV, dentro de um ônibus da zona sul carioca em 12 de junho de 2000, só não foi pior porque o cinema viu. Com o recurso das imagens geradas pela televisão e algumas entrevistas, o diretor José Padilha (*Ônibus 174*, Brasil, 2002) produziu um documentário que acompanha o desastre da vida de Sandro: órfão que presenciou o assassinato da mãe, menino de rua, ex-interno da Febem, sobrevivente do massacre da Candelária, até suas horas finais quando assassina uma das refêns e termina morto por asfixia dentro de um camburão.

Na película de 133 minutos fulgura o que esteve oculto nas 4 horas de transmissão direta. A história do “meu guri” Sandro, cabra marcado para morrer, mostra um maior abandonado sobrevivendo na linha tensa da drogadição, criminalidade e loucura de uma grande metrópole brasileira. Roteiro involuntário e macabro do nosso desastre social a serviço de uma poderosa lição de cinema. O olhar é uma coisa muito diferente do ponto de vista; um ilumina, o outro fixa; um é janela, o outro, espelho*. Numa comparação perversa o documentarista seria um *voyeur* que interfere na cena, o editor de televisão um escravo sexual da audiência-*dominatrix*. O cinema é uma pedagogia do olhar.

O que a TV não vê? A imagem plana, háptica, do tubo catódico e das bandas digitais está muito colada a seu próprio

código; na televisão persiste o problema de fundo e figura: ela ilude com linhas e pontos, o cinema com vazios. A TV não tem recuo de tempo ou espaço para sonhar seu objeto. À semelhança do cinema, sua forma lhe advém pré-moldada no recorte de uma *realpolitik* empresarial, no entanto, o imediatismo do formato televisivo favorece a “personalidade” em detrimento da “autoria”. A televisão é tão ideológica quanto o cinema, a televisão é mais democrática e menos libertária que o cinema.

O documentário aponta fraturas gravíssimas da nossa sociedade, nas quais o desfecho trágico poderia ter sido evitado. Começa pela ausência do “colchão” social, quase inexistente em países de terceiro mundo, em que o menino de rua ainda poderia ter sido salvo; até que chegamos à ação policial propriamente dita. O batalhão que se ocupou da ocorrência era de “elite” — paradoxalmente, tínhamos os homens certos, no lugar certo e na hora certa. O que os impediu de agir conforme as circunstâncias exigiam? A presença da mídia. O comandante dirigia as operações com o ouvido colado no celular, no qual o secretário de segurança lhe falava a partir do que via pela TV. O circuito fechado polícia-mídia-poder evitou a morte do seqüestrador em frente às câmaras, tolerou-o após o desfecho fatal para uma das re-féns, longe dos olhos dos (tele) espectadores.

Rente à realidade, a televisão interfere muito mais nela do que podemos captar; o olho televisivo é um voyeur que altera a cena. O surgimento da fotografia correspondeu à emergência do privado no público, ou antes, à criação de um novo valor social: a publicidade do privado. Já a televisão se constituiu no campo da cidadania, reconfigurando-o, delimitando seus planos, impondo as regras do imaginário público na subjetividade e vice-versa. O jornalista Eugênio Bucci, precisa os contornos desta metamorfose sutil, a televisão, ao menos entre nós, deixou de ser veículo: “A TV é mais, muito mais que um meio; é uma instância, confundindo-se com o próprio processo de constituição da inte-

gridade nacional e com o processo pelo qual os brasileiros se reconhecem como brasileiros.” (BUCCI, E. – Antropofagia patriarcal. In: **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. BUCCI, E. (org.), São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, pg.124, 2000.).

O peso que concessões estatais de televisão possuem em países em desenvolvimento não é novidade; são muito citados os casos da Televisa mexicana e da Rede Globo brasileira. O Brasil produziu um episódio emblemático, e novamente violento, desta interpenetração da ficção na vida civil das nações cuja formação política se faz via telinha. No segundo semestre de 1992 duas novelas mesmerizavam o público brasileiro intensamente: “De corpo e alma” (Glória Peres) na Rede Globo e o impedimento do ex-presidente Fernando Collor de Melo. A renúncia do então afastado presidente da república, que buscava assim evitar a cassação de seus direitos políticos, coincidiu com o assassinato da atriz Daniela Peres: a primeira página dos jornais do dia 29 de dezembro de 1992 ilustra o que nenhuma tese acadêmica conseguirá explicar. O Brasil não sabia qual era a notícia mais importante do dia. Realismo mágico na América Latina não é apenas uma estratégia ficcional.

Imagens são mediações entre o homem e o mundo, quando os humanos pré-históricos começaram a desenhá-las em suas cavernas há dezenas de milhares de anos, revolucionaram a relação que estabeleciam com ele. Esta magia iconográfica levou a uma espécie de loucura que foi combatida pela escrita, surgida aproximadamente há quatro milênios. A fúria anti-idólatra ecoa ainda nos filósofos pré-socráticos e nos profetas hebreus. A escrita, segundo o filósofo Vilém Flusser, surgiu para “rasgar” as imagens, traduzindo cenas em processos lineares, inaugurando a consciência histórica. As imagens técnicas, invenção da modernidade, são bem mais complexas: “Ontologicamente, as imagens tradicionais imaginam o mundo; as imagens técnicas

imaginam textos que concebem imagens que imaginam o mundo. (...) A aparente objetividade das imagens técnicas é ilusória, pois na realidade são tão simbólicas quanto são todas as imagens.” (FLUSSER, V. – **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro, Reluma-Dumará, pg.13-14, 2002.).

Um dos entrevistados por José Padilha no filme é um ex-secretário de segurança pública que sociologiza: Sandro faz parte da enorme massa de invisíveis da nossa sociedade, sua única maneira de ganhar visibilidade, sair do nada em que foi jogado, é o crime.

Ele disse que um dia chegava lá.

* “O ver, em geral, conota no vidente uma certa discrição e passividade ao menos, alguma reserva. Nele um olho dócil, quase desatento, parece deslizar sobre as coisas; e as espelha e registra, reflete e grava. Diríamos mesmo que aí o olho se turva e se embaça, concentrando sua vida na película lustrosa da superfície, para fazer-se espelho... Como se renunciasse à sua própria espessura e profundidade para reduzir-se a esta membrana sensível em que o mundo imprime seus relevos. Com o olhar é diferente. Ele remete, de imediato, à atividade e às virtudes do sujeito, e atesta a cada passo nesta ação a espessura da sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de ‘ver de novo’ (ou ver o novo), com o intento de ‘olhar bem’. Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor... Como se irrompesse sempre da profundidade aquosa e misteriosa do olho para interrogar e iluminar as dobras da paisagem (mesmo quando ‘vago’ ou ‘ausente’ deixa ainda adivinhar esta atividade, o foco que rastreia uma paisagem interior) que, freqüentemente, parece representar um mero ponto de apoio de sua própria reflexão.” CARDOSO, S. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, A. **O Olhar**. São Paulo, Cia. Das Letras, pg. 348, 1988. “**Olhar** tem a vantagem de ser móvel, o que não é o caso, por exemplo, de *ponto de vista*.” (...) “O olho que só reflete é espelho, mas o olhar que sonda e perscruta é foco de luz.” Alfredo BOSI, **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo, Ática, Pg 10 e 48, 1999.

A PROFESSORA EDIPIANA

Filipe Doutel

Há uma reiterada dialética entre a vida e arte, entre a verdade e o artifício. Uma manifestação daquela enantiodromia de Heráclito: tudo caminha rumo a seu contrário no mundo do espírito. E quando a literatura se torna perigosamente literária, quando os grandes criadores são suplantados por manipuladores de vocábulos, quando a grande magia se converte em mágica de music-hall, sobrevém um impulso vital que a salva da morte. Cada vez que Bisâncio ameaça terminar com a arte por excesso de sofisticação, são os bárbaros que vêm em sua ajuda: os da periferia, como Hemingway, ou os autóctones, como Céline: tipos que entram a cavalo, com suas lanças ensangüentadas, nos salões onde marqueses empoados dançam o minueto.

Ernesto Sábato

Algumas coisinhas que eu *precisava* dizer sobre o filme “A Professora de Piano” (*La Pianiste*, Michael Haneke, Áustria/França, 2001). Primeiro, o indispensável: é um filme asqueroso. Baseada no livro homônimo da escritora austríaca Elfriede Jelinek (Nobel de literatura em 2004) e roteirizada pelo próprio Haneke, a película atinge um zênite de pornografia e violência não-explícitas — especialidades do diretor que já contava em seu currículo *Funny Games* (1996) e “Código Desconhecido” (2000). Depois de uma carreira no circuito germânico, Haneke é hoje um ícone do cinema-porrada-na-boca-do-estômago, cinema da crueldade empenhado na necropsia da civilização ocidental. Neste time heterogêneo jogam, entre outros, David Cronenberg, Takeshi Kitano, Hal Hartley, David Lynch, Lars Von Trier, Nani Moretti, Bruno Dumont; pontas de lança da desconstrução de uma cultura mundializada que se pretende herdeira da antigüidade clássica e pioneira da modernidade.

Esta cinematografia passeia um certo olhar pela abjeção que habita, invisível e óbvia, o mal-estar contemporâneo: nem só de mentiras vive a indústria do sonho. E este é também um filme que já vimos, quando uma cultura ameaça desabar sob o peso de suas contradições e mentiras, uma geração de autores se apresenta para salvá-la — ou enterrá-la, conforme o caso. Foi assim com a literatura e filosofia alemã do pós-guerra, a música popular brasileira nos anos de chumbo e é assim com o cinema argentino dos anos 90 até hoje. A dissecação anatômica da violência, da qual Tarantino é o esteta, tem no Brasil a pegada firme de Beto Brant (“Os Matadores”, 1997; “Ação entre Amigos”, 1998 e “O Invasor”, 2001). O cinema já tinha percebido, desde “Um Cão Andaluz” (1928), que a espetacularização da brutalidade aponta para um velho conhecido nosso, aquele que *mistah* Kurtz encontrou no seu coração e no do Congo, que não está apenas de visita e nenhum fotograma pode expulsar: o horror, o horror.

A frase é arriscada, mas escapou: quem não está captando o que “Dogville” (Lars Von Trier, 2002) e “A Professora” estão dizendo, não está entendendo nada do cinema deste começo de século. Há os cegos que não viram, os que não querem ver e os que desvêm.

A mágica do cinema está nos mecanismos do inconsciente, vai do pictograma ao enunciado, circula entre os pólos da linguagem: sintagma e paradigma, condensação e deslocamento, similaridade e contigüidade. O *motion pictures* brota da substituição metafórica de um significante por outro, enquanto o significante oculto se mantém ligado com o resto da cadeia que desliza. Poderia dizer que “A Professora” é menos teatro e mais cinema que “Dogville”, o que nos levaria para a fronteira das (não tão) mínimas diferenças entre os gêneros; porém, prefiro abordar alguns elementos da narrativa fílmica do primeiro. Dentre estes, o piano é a metáfora inicial, instrumento cuja evolução condensa e sintetiza o período clássico da música européia que

vai do renascimento ao romantismo tardio. Tal como em outras produções recentes (“O Piano” e “Assédio”), o piano figura aqui como um *trópos* da Europa e sua cultura; a própria forma do continente europeu se assemelha a um imenso piano de cauda com o teclado voltado para a Ásia.

A segunda metáfora se refere à vida dupla da protagonista, magistralmente interpretada por Isabelle Huppert; pianista *virtuose* e exigente professora do Conservatório de Viena, especialista em Schubert — no centro do cânone ocidental, portanto. O rigor da professora, que mantém uma relação claustrofóbica e doentia com a mãe, se manifesta também na atividade docente: só o sofrimento e a obsessão levam aos píncaros de sublimidade que, segundo ela, a obra schubertiana exige. Ao aluno (Benoît Magimel) não resta escolha: sua juventude, beleza e entusiasmo devem se curvar à batuta rígida da submissão/humilhação sado-masoquista para entrar no jogo. O que está em cena no refinado círculo da música erudita não é a perversão (sexual), mas a perversidade (do social); o lado destruidor das exigências super-egóicas, apresentado sob a forma de rituais de auto-mutilação, configura o estágio final do famoso *goût de l'effort* do ideário liberal.

Os personagens pertencem à elite de uma sociedade elitista e serôdia, em que já se extinguiu o Sturm und Drang — Fausto se depara com a vida despida de ilusões românticas e sob o mandato perverso, recurso último que lhe permite conservar o leme da modernidade¹. Neste sentido, a perversão-chave da professora de piano é o voyeurismo, recurso com que mantém os investimentos de uma sexualidade frustrante. *Os objetos expostos são originais*, avisa um colecionador de violinos à mãe da pianista (Annie Girardot) durante uma festa; sublinha-se, assim, de um lado, o imobilismo do núcleo gerador e do outro, o ordenamento centrífugo da irradiação do fetiche. O Ocidente é hoje um grande museu de si próprio.

Já conhecemos o receituário do pessimismo velhomundista: o fim da história, o fim da arte, perversão,

nihilismo, o trágico da existência, a incomunicabilidade, a crise do sujeito, blá, blá, blá... É um pouco como aquela cena de *Titanic* (James Cameron, EUA, 1997), companheiros, vamos tocar a última valsa enquanto o transatlântico afunda². Na minha imodesta ignorância, tendo a desconfiar das teses de decadência associadas à chamada “sociedade do espetáculo”; muitos eruditos conservadores da Europa e dos EUA vêm na arte, na literatura, na música e na política do século XX a prova da degenerescência da cultura ocidental. Penso ao contrário: decadentismo, espetáculo, pão e circo, sempre fizeram parte da civilização ocidental, seja em Atenas, Roma, Weimar ou Versalhes. O que me parece é que o espetáculo comporta crueldade, mas não verdade*. Ou vamos esquecer que foram razões de Estado que assassinaram Sócrates, lá bem no começo da coisa?

A civilização ocidental, quase sinônimo de civilização européia, não poderia ter melhores covéis para o seu cadáver insepulto; depois de ter colonizado o mundo todo, depois de exportar seus ideais (e ideologias), agora nos brinda com lamentosas perorações, maravilhosos réquiens que não dispensam o auto-elogio e a derrisão. A Velha Dama viciosa não abre mão de suas manias obscenas, agarra-se como pode a uma social-democracia de fachada, ao estado de bem-estar social cuja erosão não consegue deter. Moribunda, a um dia jovem Europa que cavalgou o touro branco de preciosos chifres na Antigüidade, decreta o fim do sonho ilustrado.

Só não me peçam para carregar as alças desse caixão.

¹ “O *Fausto* começa num período cujo pensamento e sensibilidade os leitores do século XX reconhecem imediatamente como modernos, mas cujas condições materiais e sociais são ainda medievais; a obra termina em meio às conturbações espirituais e materiais de uma revolução industrial. Ele principia no recolhimento do quarto de um intelectual, no abstrato e isolado reino do pensamento; e se acaba em

meio a um imensurável reino de produção e troca, gerido por gigantescas corporações e complexas organizações, que o pensamento de Fausto ajuda a criar e que, por sua vez, lhe permitem criar outras mais. Na versão goethiana do tema de Fausto, o sujeito e objeto de transformação não é apenas o herói, mas o mundo inteiro. (...) O único meio de que o homem moderno dispõe para se transformar - Fausto e nós mesmos o veremos - é a radical transformação de todo o mundo físico, moral e social em que ele vive. A heroicidade do Fausto goethiano provém da liberação de tremendas energias humanas reprimidas, não só nele mesmo, mas em todos os que ele toca e, eventualmente, em toda a sociedade à sua volta. Porém, o grande desenvolvimento que ele inicia - intelectual, moral, econômico, social - representa altíssimo custo para o ser humano. Este é o sentido da relação de Fausto com o diabo: os poderes humanos só podem se desenvolver através daquilo que Marx chama de 'os poderes ocultos', negras e aterradoras energias, que podem irromper com força tremenda, para além do controle humano. O *Fausto* de Goethe é a primeira e ainda melhor *tragédia do desenvolvimento*.” BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Cia. Das Letras, pgs. 40-42, 1986.

²“Dilacerada entre Auschwitz e Hiroshima, entre a impossível lembrança da Shoah e o insuportável terror do apocalipse nuclear, cortada ao meio pela guerra fria, cética em relação à construção comunitária que lhe propõem tecnocratas e políticos, a Europa dos anos 50 deixou de acreditar no futuro. Não é surpreendente, pois, que nessas condições reine a maior desorientação entre os intelectuais. Alguns deles reagem, como vimos, lançando-se no ‘engajamento’, defendendo o modelo americano, o modelo marxista ou um improvável ‘terceiro caminho’. Outros, porém, estão longe de compartilhar esses entusiasmos ideológicos. Entre os artistas e os escritores, o pessimismo é geral. O absurdo reina no teatro (Ionesco, Adamov). A incomunicabilidade triunfa no cinema (Antonioni, Resnais). O mesmo desespero, a mesma recusa da ‘civilização’, a mesma cólera fria inspiram as telas de Dubuffet, os romances de Beckett, os aforismos de Cioran (*Manual de decomposição*, 1949; *Silóismos da amargura*, 1952). De Paul Celan a Primo Levi, de Nicolas de Staël a Mark Rothko, de Lucien Sebag a Nikos Poulantzas, um número impressionante de criadores e pensadores decidem, nas décadas seguintes a 1945, pôr fim à vida.” DELACAMPAGNE, Christian – **História da Filosofia no Século XX**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pg. 233, 1997.

* “Heródoto nos lembra que, em 494, o poeta Frínico resolveu encenar uma tragédia sobre a tomada de Mileto, guerra que teria ocorrido dois anos antes. Os espectadores atenienses se desmancharam em lágrimas, o poeta foi punido em mil dracmas, e proibido de contar outra história real.” Paulo Henrique Fernandes Silveira, *História e Estória*, 2005 (texto inédito).

A REGRA DO JOGO

Filipe Doutel

O mundo contemporâneo apresenta o quadro do capitalismo imperialista liberal depois de triunfar sobre seus últimos dois desafiantes, o fascismo e o comunismo: assim falaria o marxismo, caso não tivesse falecido.

Crítica póstuma, com a qual o sistema não tem qualquer preocupação. Chama-se o sistema, simplesmente. Não permite a paz, garante a segurança, por meio da competição. Não promete o progresso, garante o desenvolvimento, pelos mesmos meios. Não tem outros. Suscita as disparidades, solicita as divergências, o multiculturalismo lhe convém, mas com a condição de um acordo sobre as regras do desacordo. O que se chama consenso.

Jean-François Lyotard

Onde se encontram as maiores resistências à sociedade aberta? Na grande escala dos países e blocos continentais, nos fluxos desterritorializados de capitais e ideologias, ou na micropolítica do desejo individual? Construir uma comunidade leiga de cidadãos livres, interligada globalmente, comportando todas as diversidades sem exclusões, é a tarefa social que se desenha para este novo século em que estamos vivendo. O desafio a superar não é mais a velha luta de classes entre burguesia e proletariado que, segundo Karl Marx, precedia o advento do socialismo e do comunismo. Talvez o buraco esteja ainda mais em baixo, como queria o filósofo Georg Hegel, lá na divisão fundamental que os seres humanos estabelecem entre si: senhores e escravos.

O estado de servidão ou de escravidão é uma modalidade de violência distintiva do *Homo sapiens* ao longo da sua história. Legalmente, a escravidão foi abolida na maior parte do mundo; na prática, a servidão imposta pela exclusão econômica, apenas a deslocou para as periferias — do primeiro e do terceiro mundo. E o que fazer com os párias pós-modernos? Na casa grande e senzala da globalização, os excluídos não mais são dóceis alienados ou *hobos* nômades captáveis em subempregos; eles vão até à escola e chaci-

nam professores e colegas, eles desviam *boeings* para cima de edifícios, explodem trens e metrô. A nossa cultura da visibilidade total impingiu aos deserdados do sistema um círculo de ferro de invisibilidade/exclusão que os faz preferirem matar e morrer a continuar “de fora”. *Cría cuervos... e te quitarán los ojos.*

O século vinte completou militarmente o dezenove. Os estados-nação mais poderosos se enfrentaram em conflitos generalizados nas Guerras Napoleônicas (1800-15), na Guerra Franco-Prussiana (1870-71), na Primeira (1914-18) e na Segunda Grande Guerra (1939-45). Ao final, sobraram dois blocos que representavam formas de produção e sistemas políticos antagônicos. Com o fim da Guerra Fria, simbolizada pela queda do Muro de Berlim em 1989, desfaz-se também esta polaridade. Os antagonismos ocidente/oriente, pobres/ricos, primeiro/terceiro mundo, norte/sul, esquerda/direita, viram-se subitamente esvaziados de sentido. Chegou a ser sugerido que, na luta darwiniana pela sobrevivência, tinha sobrado apenas um sistema, a democracia liberal. Por conseguinte, a história com H maiúsculo terminara, faltando apenas ajustes circunstanciais até que todos estivessem de posse dos seus sonhos de consumo, balançando na rede da aldeia global. Ao estado-potência que restou, os EUA, sobraram as inevitáveis comparações com o Império Romano*. Todo o sonho do Iluminismo resultou numa beligerante epopéia de estados-nação, que, agora, reunidos num clube de oito sócios majoritários, almeja ser parlamento, tribunal e polícia mundiais.

O que se tem visto é que o próprio processo de mundialização passou a definir uma nova, violenta (e falsa) divisão: Islã versus mundo “livre”. A mais descarada mistificação intelectual do momento é considerar os muçulmanos não-ocidentais. O islamismo é produto direto das religiões universalistas e abrámicas, a saber, judaísmo e cristianismo — como estas, também acredita no deus único, na eleição dos fiéis, no castigo dos infiéis e no Juízo Final. Choque de civilizações uma oval, o

Ocidente não perde o hábito de inventar cruzadas para encobrir seus pecados. Esta divisão não se tornou, ela mesma, uma nova forma de polaridade, o Deus-Mercado gira livremente uma nuvem de um trilhão de dólares por dia em todos os recantos da terra. *One world*. O efeito colateral de se viver neste mundo unidimensional é que o inimigo do sistema está sempre dentro de casa, do outro lado do espelho, pronto a nos trazer de volta o estranhamente familiar que foi recalçado. “Coisas” como a Coréia do Norte, Slobodan Milosevic e a Al Qaeda, não correspondem às noções clássicas de estado totalitário, ditador e grupo terrorista, respectivamente. São antes organismos híbridos, mutantes, difusos, que dificultam a feitura de uma máscara nítida para o “Mal”. São pós-modernos sem nunca terem sido modernos, mas são nossos, os nossos *freaks*.

A direita e a esquerda, outra polaridade mandraque, propõem visões opostas de como devemos “globalizar”. A esquerda defensiva, repaginada de social-democrata e apoiada no bem-estar social, formula uma globalização humanista e civilizadora, mas sataniza o aspecto financeiro. A direita, aproveitando a incompetência dos herdeiros da Internacional Socialista, perdeu o medo de se assumir e atingiu um zênite na cena política mundial — quer a globalização tecnoeconômica, mas sem integração étnica, sem direitos das mulheres e minorias, sem acordos de proteção ecológica, etc., etc. Terceira Via é uma proposta bem aos moldes do que seria o perfeito idiota pós-moderno: erguer ao mesmo tempo uma economia mais eficaz, uma sociedade mais justa e uma unidade planetária que leve em conta as diferenças. Isso só pode ser coisa de gente boazinha.

Jogar ou brincar são as formas de significar uma perda, uma ausência fundamental; foi o que Freud percebeu enquanto via seu neto brincar de *fort da*. O jogador compulsivo, vide Dostoiévski, não sublima a falta e nem incorpora a regra: ele joga sempre e sempre joga para perder. A maior vantagem de se jogar

um jogo é seguir regras que valem para todos. Parece pouco, mas alguns biólogos garantem que, jogando todos, todos ganham. Especula-se que, ao incorporar algum tipo de regra comum às relações entre membros de uma espécie “social”, todos saem ganhando, a “sociedade” se complexifica e a chance de sobreviver aumenta. Nas espécies sem cooperação todos os encontros com outras criaturas, ainda que da mesma espécie, implicam numa escolha binária: lutar ou fugir, caçar ou ser caçado. Entre os milagres de colaboração que a sociedade humana já realizou, a arte e a ciência se destacam; com elas, contavam os pensadores da *Aufklärung* educar a humanidade. O cinismo ilustrado se encarregou de enterrar tais utopias.

Na cultura *pop*, entretanto, vez por outra surgem fulgurações. O grande cinema dá tudo a todos... em imagens. É o que nos lembra Jean-Luc Godard comentando o recente filme de Robert Altman, “Assassinato em Gosford Park” (Gosford Park, EUA, 2001), refilmagem de “A regra do jogo” (*La règle du jeu*, 1939) de Jean Renoir. Afirmo Godard que em Renoir tudo passa pela câmera e em Altman, não. Injustiçado Academia que lhe negou o Oscar de melhor filme, Gosford Park, pelo contrário, explicita o que era elíptico no filme anterior: no olho frio do cinema estão nossas últimas esperanças de subverter o dispositivo da servidão humana, criadouro de todas as bestas do Apocalipse. O assassinato em Gosford Park trata da cláusula maldita do acordo: as massas sonham seu Leviatã, inutilmente, porque não haverá verdadeiramente senhores enquanto houver escravos. Não se pode subjugar ninguém num mundo aberto; mesmo injusto, o mundo não pode ter dono, nada pode ser virdraça quando o estilingue está ao alcance de todos.

“Os jogos se fazem sozinhos; é você que mete um pauzinho para frear a roda.” (Julio Cortázar).

* Curiosamente, a saga recém completada *Star Wars* de George Lucas, tem mais a dizer sobre o nosso tempo do que a maioria das análises sociológicas e políticas contemporâneas. De acordo com a cultura jedaica do mundo das galáxias distantes, duas inflexões correm em aparente paralelo: no plano individual, o homem excepcional – O Escolhido, o filho sem pai humano da Força – torna-se a encarnação do Mal; no plano social, a República, a federação de planetas e raças que comanda a galáxia, sob a ameaça de uma coligação inimiga, transforma-se em Império. Esta é a superioridade sardônica do mitologema *Star Wars* frente às baboseiras *cult* de Matrix: O Ungido, aquele que deveria vir nos salvar, torna-se um Anti-Cristo; o “senador” investido das prerrogativas de César, comandante-em-chefe da polícia mundial, está em conluio secreto com as forças do mal, que, aliás, lidera. Se você notar qualquer semelhança com o planeta em que vive, chame o ladrão!

ÁFRICA, TERRA SANTA

Filipe Doutel

A mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, lama, escuridão, Medo. A mata abriu valas camufladas de folhas sob os pés dos homens, barulhos imensos no silêncio da noite, derrubou árvores sobre os homens. E os homens avançaram. E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos. Zeus ajoelhado diante de Prometeu. E Prometeu dava impunemente o fogo aos homens, e a inteligência. E os homens compreendiam que Zeus, afinal, não era invencível, que Zeus se vergava à coragem, graças a Prometeu que lhes dá inteligência e a força de se afirmarem homens em oposição aos deuses. Tal é o atributo do herói, o de levar os homens a desafiar os deuses. Assim é Ogun, o Prometeu africano.

Pepetela

Nkosi sikeleŌ i Afrika

(“Deus abençoe a África”, hino tradicional africano).

Quatro meganegócios dominam o globo nesta virada de século e milênio, exploram lucrativamente os falsos problemas. São empreendimentos humanos que misturam, paradoxalmente e em altas doses, civilização e barbárie:

1. Armas/drogas
2. Petróleo
3. Capitais especulativos/sistemas bancários
4. Fundamentalismo religioso

Todas as grandes corporações que atuam nos segmentos de mercado listados acima, necessitam de crises e convulsões

sociais periódicas ou crônicas para prosperar. Quando as crises não vêm, elas são inventadas; quando países não existem, eles podem ser inventados. África e Oriente (?) Médio, regiões em crise contínua, são falsos problemas patrocinados por interesses transnacionais. África e Oriente (?) Médio não existem.

Mama África, minha mãe, Axé, Shalom, Insh-Allah! Os gregos a chamaram de Líbia, os romanos a batizaram com o nome que dura até hoje; em grego *afriké* quer dizer sem frio, em latim *áfrica*, a ensolarada. Do continente negro vieram o HIV, o vírus Ebola e, muito provavelmente, o *homo sapiens* como nós o conhecemos hoje. A África teve seus filhos espalhados pelo mundo por conta da escravidão, uma das primeiras empresas multinacionais da era moderna. A África e seus filhos são responsáveis por boa parte da alegria do mundo em que vivemos. Nos esportes, na moda, nos espetáculos e, principalmente, na música, todos ouvem a sua voz. Faça a experiência, ligue o rádio em qualquer lugar do mundo e em breve você estará sendo embalado por uma voz negra. Não cabe duvidar, os africanos e seus descendentes globalizaram a alegria.

A África, por outro lado, é um continente imaginário cujas fronteiras arbitrárias foram desenhadas por sucessivos impérios, que se mantém obstinadamente flutuando a 20 km do chão real das coisas. Para Laymert Garcia dos Santos, há uma falência geral do projeto moderno no continente. A cultura da violência banha de norte a sul seus mais de 30 milhões de quilômetros quadrados; do Trópico de Câncer ao de Capricórnio, a África é uma grande chaga a céu aberto, uma catástrofe ecológica, política, sanitária e histórica. Lá o ser humano é rebaixado todos os dias, a corrupção grassa e o negociismo predatório miscigenado ao ódio tribal, dificulta qualquer tipo de solução negociada. Lá nos acostumamos a situar o Coração das Trevas. Um massacre na casa dos milhões de humanos em solo africano não vale uma ex-Iugoslávia. Todos os cidadãos do mundo,

beneficiários da alegria que ela semeia e sustenta, precisam resolver o problema cujo nome é África.

O Oriente (?) Médio, parte do mundo em que a África se liga com a Ásia, sofre dos mesmos males, com a agravante de ter embaixo dos pés a maior parte do combustível que move este planeta. A receita macabra se repete: fronteiras traçadas na régua, países inventados por interesses econômicos, governados por testas-de-ferro tirânicos, guerras endêmicas motivadas por ódios étnico-religiosos e miséria para a esmagadora maioria do povo. Na África e no Oriente Médio se pode observar a *waste land* que a marcha da globalização deixa atrás de si. No centro da África, ainda hoje, há um país de fancaria: parlamento, instituições e povo não contam, seus verdadeiros donos estão em solo europeu e incluem um político francês co-autor da Constituição Européia.

Mas há uma grande diferença: da África vem a alegria e a carne mais barata do mercado, do Oriente (?) Médio vem a ideologia. Na cidade de Jerusalém, as 3 grandes religiões monoteístas (islamismo, cristianismo e judaísmo) fincaram pé declarando o solo sagrado. Terra que, exatamente por ser santa, vive banhada de sangue. O conflito entre israelenses e árabes é um equívoco histórico em moto contínuo, sinalizando tanto uma anárquica compulsão à repetição imanente ao capitalismo, como o cariz inequivocamente sacrificial e autocrático do deus sozinho*.

O preconceito, consciente ou inconscientemente, é um caso de horror faustiano às origens: origem individual, no caso das mulheres; da espécie humana, no caso de africanos e afrodescendentes; e da religião monoteísta, no caso dos judeus.

Dois filmes recentes apresentam o microcosmo misógeno em que se estrutura o cotidiano do fundamentalismo judaico e islâmico. Laços Sagrados (*Kadosh*, França/Israel, 1999) de Amos Gitai e Caminho para Kandahar (*Safar e Ghandehar*, Irã, 2001) de Mohsem Makhmalbaf, descontadas as peculiaridades folclóricas,

se equivalem no fundamental. A mascarada do enigma/exceção do segundo sexo, reificação do feminino na condição objetiva “a menos” das mulheres, é levada às últimas conseqüências. Nesse universo as mulheres invariavelmente são moeda de troca para a reprodução e inexistem a diversidade sexual $\frac{3}{4}$ verdadeiros enclaves pré-freudianos. As mulheres africanas ainda podem ser vendidas e mutiladas, mas os bons cidadãos do primeiro mundo sempre podem se escandalizar a uma distância segura.

Organismos como as Nações Unidas e os tribunais internacionais têm se mostrado incapazes de lidar com a perversa geopolítica atual. Miséria e massacres não se equivalem: mais vale uma Iugoslávia que um Ruanda. Como afirmou o historiador Eric Hobsbawm, a globalização avançou em quase todos os aspectos, economicamente, tecnologicamente, culturalmente, até lingüisticamente, exceto um: política e militarmente.

Quanto vale, ou é por quilo?

* “A única lei reconhecida pela república é a liberdade. Quando cortam a cabeça de Luís XVI, em janeiro de 1793, na praça da Revolução, é de Deus que cortam a palavra. A república e, portanto, a interlocução, só pode fundar-se no deicídio; ela começa pela afirmação niilista de que não existe Outro.” LYOTARD, Jean-François – **Moralidades Pós-Modernas**. Campinas, Papirus, pg. 189, 1996.

DE COMO HARRY POTTER REINVENTOU PAULO FREIRE

Filipe Doutel

A infância: seu diminuto, sua desproporção entre cabeça a corpo, entre desejo e vontade de saber, já é perversão. Ser criança é um erro. O erro se disfarça, a esse disfarce se nomeia ser adulto, mas não há adultos no mundo, há apenas quem ostente no corpo a intumescência dos seus anos, a gravidez da idade, os hábitos que, justificando-se a si mesmos, ganham o tom solene das suíças de Patinhas, suas polainas a cobrir patas descalças. Toda criança é um câncer que cresce.

Marcelo Coelho

Toda a criança sabe: de vez em quando sai o Piaget e entra o Pinochet. Mesmo que essa não seja a proposta pedagógica explícita dos pais, volta e meia o couro come, a cuíca ronca. A pedagogia, por mais que os terapeutas da mídia entoem o mantra da volta dos “limites”, tem hoje uma forma de consenso: o construtivismo. A idéia de que a criança pode construir o saber, fazer do conhecimento algo que se incorpora prazerosamente, foi obra de filósofos, lingüistas, psicanalistas, pediatras, educadores, psicólogos e reformadores desde a segunda metade do século XX, no Brasil e no mundo — Sigmund Freud, Melanie Klein, Bruno Bettlheim, Donald Winnicott, Paulo Freire, Maria Montessori, Mathew Lippman, Alexander Neill, Lev Vigotsky, Rudolf Steiner, Jean Piaget, etc., estão, de uma forma ou de outra, vinculados a esta transformação na forma de educar.

Os pedagogos contemporâneos admitem sem sustos o que há 200 anos levou o Divino Marquês para a prisão: educar é, em boa medida, submeter sadicamente o bom selvagem que há na criança. Tornar-se um animal social, deixar de ser infante, são operações às quais preside *necessariamente* uma violência simbólica, interpretação inescapável e primária sem a qual o desejo não

se humaniza e o humano não se torna um ser de linguagem. A questão passa a ser o *quantum* de violência repressiva secundária se aceita que esteja imiscuída neste processo. É irônico, e não é mero acaso, que os mais modernos métodos e filosofias de ensino ocidentais preguem hoje o que já faziam os índios brasileiros desde sempre: deixar os curumins em paz. Um velho preceito da medicina, *primo non nocere* (primeiro não prejudicar), passou a ser venerado na educação.

Ao redor do mundo, castigos corporais (o “Pinochet”) têm sido banidos como métodos aceitáveis de inculcar regras, condutas e até o aprendizado no ambiente escolar. A exceção no mundo ocidental, até bem pouco tempo atrás (1999), era a Grã-Bretanha — justamente onde aconteceu Summerhill. Pois é também inglês um fenômeno da literatura infanto-juvenil: o romance seriado da *Bildung* do bruxo Harry Potter (previsto para 7 livros, correspondentes aos anos letivos da Escola de Bruxaria de Hogwarts e ao curso secundário inglês). Sobre a qualidade especificamente literária da obra de J. K. Rowling, confio em Ana Maria Machado: “tão bom (ou quase) quanto os livros de João Carlos Marinho, Pedro Bandeira, Marcos Rey, Ruth Rocha e Ziraldo”. * Na verdade, o que me interessa em Harry Potter é o que ele tem de libertário, o quanto sua educação visa a liberdade.

A maneira como o personagem da escritora escocesa, ex-funcionária da Anistia Internacional, se encontra com as idéias do psicólogo suíço me foi sugerida ao ler as críticas feitas a ele (personagem) pelos cristãos radicais norte-americanos. Além das óbvias acusações de satanismo (bruxaria ainda é tabu no *Bible Belt* ianque), desobediência aos mais velhos e desrespeito às regras, Harry Potter foi acusado de quebrar regras, violar as leis de seus próprios pares — a comunidade wicca, portanto. Esta acusação é rigorosamente acurada: por diversas vezes, Harry e seus amigos Rony e Hermione, são descritos em situações em que deliberada, consciente e premeditadamente transgridem as leis

vigentes no mundo da feitiçaria. Seria isto, o apelo anárquico que se percebe em séries como *South Park*, *The Simpsons* ou Bob Esponja, o que apela de forma tão inequívoca à imaginação juvenil?

Lembrei-me, então, de uma faceta menos conhecida da obra de um dos primeiros pesquisadores “psi” a propor (e a praticar) a transdisciplinaridade; Piaget, além de estudar o desenvolvimento da inteligência, também descreveu os estágios daquilo que chamou de moralidade infantil. A última destas fases, atingida em torno de dez, doze anos de idade e coincidindo com o desenvolvimento final da capacidade de abstração, é o estágio da moralidade autônoma, quando deveres e regras passam por um crivo de responsabilidade pessoal na sua aplicação. Este momento também pode ser descrito como uma ética pós-convencional, em que o julgamento moral transcende os valores locais de grupos ou sociedades particulares e passa a ser pautado por valores “universais” (p.ex.: direito à vida, o princípio da igualdade entre seres humanos, etc.)*. Ou seja, mesmo que a minha comunidade diga que é justo e legal praticar violências contra minorias étnicas, mulheres e indivíduos de classes marginalizadas, ou ainda, fazer guerra santa contra outros povos, algo em mim estará ciente de que tais mandamentos são injustos e me custará um dilema moral cumpri-los. Entre outros motivos, é por isto que não aceitamos mais o argumento “apenas cumpri ordens”, nos chamados crimes contra a humanidade.

Ora, é precisamente de sujeitos autônomos que os grupos religiosos não querem saber, pessoas capazes de se autodeterminar moral e eticamente, de tomar posições e assumir responsabilidades frente às questões complexas da vida civil. Harry Potter, como outros heróis de histórias infantis, nos é apresentado durante a travessia da formação escolar e da educação sentimental que, não por acaso, são concomitantes ao desenvolvimento moral. O que a religião não aceita, de uma forma geral, é ver a infância “conspurcada” pela realidade, é saber que as próprias

crianças não aceitam mais os diques que as “protegem” de um cotidiano sujo. As classes dominantes precisam de uma história pasteurizada para colonizar o imaginário infantil com suas utopias políticas de faz-de-conta**.

Não faltam ao bruxinho inglês inteligência e perspicácia para captar as ambigüidades éticas e a violência do mundo adulto — manipulação da mídia, assassinatos, corrupção da justiça e racismo estão presentes no mundo mágico —, o que ele carece, entretanto, é de traquejo na hipocrisia social. Harry Potter, entre outras virtudes, tem o dom de explicar às crianças o inexplicável: certas transgressões são aceitáveis (embora condenadas publicamente), porque estão a serviço das elites. Compreender isto, mais os enigmas do sexo, é o que crescer significa. Quanto mais cultural é o ser, maior a sua infância (Paulo Freire).

E aqui chego ao nó deste artigo: é claro, e todos concordam, que educamos nossos filhos para a autonomia; educar, como ensinava Paulo Freire, é o mesmo que libertar. O problema é que o mundo está se marimbando para estes nobres propósitos, o mundo não é “construtivista”: um lugar em que cada um constrói suas competências com paciência e segundo seus meios e recursos. O mundo é cínico, ameaçador e violento — e isto precisa também ser ensinado às crianças. Ou então faremos como Luís XIV: expurgam-se as cenas pesadas dos clássicos para o príncipe — *ad usum delphini*. A pedagogia de Hogwarts forma cidadãos para um mundo perturbador, a magia de Harry Potter consiste em usar da fantasia para melhor conhecer a realidade.

“Quando nos perguntamos por que meios um certo nível moral pode ser mantido em uma sociedade humana ou animal, só descobrimos três deles: a repressão dos atos anti-sociais, o ensino moral e a prática do apoio mútuo. E visto que todos os três foram praticados, podemos julgá-los por suas obras.”

(Piotr Kropotkin).

* MACHADO, Ana Maria – **Texturas: sobre leitura e escritos.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pg.220, 2001.

* PIAGET, Jean – **Le jugement moral chez l'enfant.** Paris, PUF, 1973.

** “Disney exorciza a história: magicamente expelle o elemento reprodutor social (e biológico) e fica com seus produtos amorfos, desoriginizados e inofensivos; sem suor, sem sangue, sem esforço, sem a miséria que estes produtos criam ineludivelmente na classe proletária.” DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand – **Para ler o Pato Donald.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2ª.ed., pg. 77, 1978.



HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Filipe Doutel

Já é hora de os indivíduos aprenderem que ninguém pode conceder-lhes o que eles próprios não souberem realizar.

Errico Malatesta

Era uma vez um enorme reino subdesenvolvido que ficava muito, muito, distante do centro do mundo. Era um reino inacabado e em muitas coisas diferente do habitual: uma praga de madrinha obrigava aquela terra rica a viver como se pobre fosse; o Rei vivia às custas da nobreza, esta, às custas da Viúva e o populacho vivia ao Deus-dará; por último, e não menos importante, o califa era eleito por sufrágio popular.

Certa vez, elegeu-se para cacique deste País de Cocanha um príncipe da academia. Uma vez investido da púrpura imperial, o régulo levou a cabo um ambicioso projeto de modernização: fortaleceu a moeda e privatizou os serviços públicos. Os ricos potentados do norte e os agiotas reinóis se assanharam com a moeda real e a privatária — a ralé, de seu lado, acreditou que, enfim, aquele reino imaginário deixaria de ser tão, tão, distante.

Ao fim deste reinado feliz para os nobres rentistas e infeliz para os pobres produtores, foi eleito um sapo barbudo que iludiu o povo com sua origem plebéia. O novo soba e seu partido batráquio mostraram ser uma maçã encantada: vermelha por fora, mas corrompida por dentro. Finalmente se desfizera o sortilégio secular e os súditos descobriram que a tal monarquia eleitoral — que julgavam tratar-se da princesa democracia —, pode mudar as moscas de quatro em quatro anos, mas não remove a merda acumulada em quinhentos.

Moral desta estória amoral: a corrupção não é sistêmica, a corrupção *é* o sistema.

A VIDA ÍNTIMA DOS CIBORGUES

Filipe Doutel

Somos todos transexuais. Assim como somos mutantes biológicos em potência, somos transexuais em potência. E não é questão de biologia. Somos todos simbolicamente transexuais.

Jean Baudrillard

O ciborgue é o híbrido que todos já somos.

Singularíssima pessoa.

O ciborgue é Jano, *work in progress*, criatura da realidade social e criatura ficcional. Ela atravessa basicamente 3 limiares: humano/animal, orgânico/máquina e físico/não-físico.

Tecnicamente falando há 4 tipos de ciborgues:

- c. de restauração
- c. de normalização
- c. de reconfiguração
- c. de potencialização

O transexo seria um ciborgue de reconfiguração. Prefiro achar que os transgêneros são ciborgues sexuais. Subjetividades de caráter experimental. Em moto-contínuo.

Sexo como ligação ritual entre o homem e a natureza. Mas também: com a técnica, i.e., ciência e arte. Tecnologias de si mesmo.

O sexo é uma estratégia biológica de diferenciação e complexificação dos indivíduos pluricelulares.

“Algumas obras são pensadas levando-se em conta alguns lugares, outras obras transformam o corpo em lugar, mas

em outras os lugares formam uma obra — uma obra com um corpo ideal.” (Sérgio Romagnolo)

Buda, Cristo, Krishna: ciborgues. A carne do divino numa forma nunca antes ousada.

O corpo, espelho partido da história. (Evgen Bavcar)

Palavra inglesa: CYBORGS = CYBernetic + ORGanismS (1960)

Cibernética: Norbert Wiener (1948), teoria geral dos sistemas, estudo de sistemas e mecanismos de controle e regulação em seres vivos e máquinas.

Tecnovisionários: *Achtung!*

A cibernética foi desenvolvida para derrubar os aviões na Primeira Guerra. Para proteger a Rainha, uma nova balística.

O computador foi construído durante a Segunda Guerra Mundial.

A *internet* é uma invenção do Pentágono.

Em grego: *kubernetes*, *piloto* ou dirigente. Kubernetiké, arte de pilotar ou governar.

Latim: *gubernare*, controlar ações e condutas, exercer autoridade.

Homens e mulheres-bomba, estetização do Real. O corpo: campo de batalha do contemporâneo.

Videomagos do ciberespaço, ouçam:

“Um homem sem culpa e sem compaixão, apático e feliz como um torturador, frio como um assassino, contido como um cientista, eficiente como uma máquina. Eis, no extremo, o perverso erguido como modelo de indivíduo do mundo administrado. Seja

dominador ou dominado, o perverso há de encontrar satisfação na injustiça e aceitar o consumismo como seu *ethos*.” (Conrado Ramos)

A (des)medida do ciborgue haverá de ser a psicose, não a eficiência neurótico-burguesa. O pensamento psicótico remodela.

A subjetividade ciborgue é uma forma de pensamento selvagem. Não pensamento *dos* selvagens. O ciborgue tem menos de um colecionador que de um *bricoleur*, seu corpo-obra-eu nunca está pronto. Ele sempre acrescentará algo mais, implicando transferências, libido mutante, parcialidades pulsionais, indeterminação.

Afetar o inorgânico ou desafetar o humano?

“Na verdade, não tem sentido o homem querer desviar-se das máquinas já que, afinal de contas, elas não são nada mais do que formas hiperconcentradas e hiperdesenvolvidas de certos aspectos de sua subjetividade – e estes aspectos, diga-se de passagem, justamente não são daqueles que o polarizam em relações de dominação e poder.” (Félix Guattari)

O ciborgue procede por *assemblage*, seu ego é uma colagem de códigos, referências, corpos, identidades, signos, eus.

Por isso a referência ao transexual: no cadinho do esquizo, pluralidades, lentidão e metamorfose. Dispersão e ineficácia: máquinas de Tingly, *ready mades*, *looping* infinito.

“As máquinas organizam a produção, assim como uma comunidade organiza o sentido desta produção.” (Antonio Negri)

O ciborgue, desrazão técnica

Mixagem, edição, *cut-'n-paste*, montagem, redes de sentido, são o romance familiar do ciborgue. *Borderline* arte-ciência: faça você mesmo, arte digital. A terceira geração das máquinas, de reprodução mais do que de produção.

A cultura do virtual já estabilizou alguns mitos conformistas (*kerygma*); o dogma central é o código: reza a cartilha que todos os atos de linguagem, pensamento, afetos e sensações seriam transcritos e, no limite, processáveis à maneira de informações. A era da reprodução não matou a arte, nem a libertou, apenas foram gerados outros impasses, mutações icônicas, velamentos.

O híbrido é cheio de som e fúria.

“O *dub* foi a maneira que os produtores musicais e engenheiros de som jamaicanos inventaram, desde meados dos anos 60, para fazer música e pensar a música. As canções deixaram de ser encaradas de maneira linear. Os sons passaram a ser montados não linearmente antecipando a maneira de editar textos/barulhos/imagens (o cortar-e-colar ou *cut-and-paste*) que se tornou dominante a partir da personalização dos computadores. O *dub* não é uma forma, mas um modo de agenciamento de formas.” (Hermano Vianna)

Cyberpunks, hackers, livre-cientistas utópicos! Lembramos quantas revoluções nos traíram.

A ética é uma zona de fronteira nos confins do que estava prescrito, são precisas novas bordas, singularizar cada acontecimento em seu instante de invenção; novas regras para novos universos.

“Uma nova linguagem global de sinais virtuais, ícones, píxeis 3-D será a língua franca da nossa espécie. Em lugar de usar palavras, nós nos comunicaremos em auto-editados cliques selecionados das selvas caóticas de imagens armazenadas em nossas pulsações. Em lugar de uma engenharia reprimida, a ‘imagenharia’, a fabricação de realidade eletrônica: aprender como expressar, comunicar e compartilhar as maravilhas dos nossos cérebros com os outros.” (Timothy Leary)

MISSA DE ESQUERDA

Filipe Doutel e Marco Aurélio Monteiro Peluso

Dia confuso, chuva de verão — estou no meio da cidade de lama, dos cruzamentos alagados, as proliferações do entulho. A cidade é a nossa falha coletiva, este fracasso lamentável; por toda parte os miseráveis, os cães sem dono, o lixo, as putas magras, o surro e a poeira acumulados. As bocas-de-lobo transbordando detritos, os ratos, os rios de esgoto enxurrando garrafas *pet*, e carros, muitos carros.guardo o que está na outra margem. Um pouco de medo pelo morto, medo e tanto pelos vivos, de verdade mesmo fujo de corações e rostos, o instante de espera quando o gesto toca o sono arrancando-lhe o penúltimo disfarce. (Devo ter lido isso em algum lugar). *¡Qué falsa blancura de sepulcro!* o Homem a Caminho Está.

O caminho: quase sete horas, escurecendo aos poucos, horário de verão. Perdi o sentido da rua. Não há como estacionar, estudantes passam e tudo chove. Por que são ainda tão poucos os estupros e as chacinas, por que os intermediários, os jogadores, assassinos e cartéis já não tomaram todos os territórios? Perco a preferencial, todos os mapas invertidos. No meio do trajeto há o desvio de uma combinação, que será cambiada num atraso útil e explicações convenientes. Com ela no carro velho, subimos a rua Caiubi. Tanto e tanto que não me molho mais; minha amiga voltou a ser estudante, nesta nova encarnação será médica talvez. Fala-me de projetos de vida e ideais, o que me recorda asperamente o fato de continuar sem saber o que eu sou. Vamos encontrar pessoas que conhecem o seu próprio nome e falam de seu lugar no mundo. Todo cuidado é pouco.

Uma vela outra vez. As ruas se chamam ministro, doutor, coronel e desembargador e todos estão mortos enquanto atravessamos a paisagem de sementes como chumbo dos pesadelos. Trânsito parado sem nenhum motivo, quando as encruzi-

lhadas estão cheias, é porque a cidade está acesa, à solta. Sinto que estou preso apenas pelo congestionamento, qualquer sacudida e a força de coriolis pode me jogar fora da órbita. Uma vaga. Minha cabeça continua: o melhor lugar para roubarem o carro. Aí está a igreja de São Domingos. A amiga e a chuva iam me esquecendo: dois anos sem meu pai; odeio-as por algumas quadras, a pé e agora quase sem chuva. *Ora essa, eles estão sossegados, emparedaram-me nas suas vociferações, nunca ninguém saberá o que sou, ninguém me ouvirá dizê-lo, mesmo que o diga, e não o direi, não poderei, só tenho a linguagem deles, sim, sim, talvez o diga, mesmo na linguagem deles, só para mim, para não ter vivido em vão, e também para poder me calar, se é que isso dá direito ao silêncio, e nada é menos certo, os senhores do silêncio são eles, são eles que decretam o silêncio, sempre os mesmos, todos cúmplices, todos cúmplices, paciência, quero lá saber do silêncio, direi o que sou, para não ter nascido inutilmente, eu vou lhes dar a algaravia.*

Falamos de mártires, cegos e ratos; concordamos que os dois últimos formam as multidões, as legiões. Temos nossas próprias noites. E os mistérios: de luz em Teerã; os santos-músicos de Vrindavan (mistérios dolorosos); as doze esposas de Alma-Ata, mistérios gozosos; o salto plataforma das travecas de Jerusalém: mistérios gloriosos. Os guardas mais fortes são colocados junto ao portão que a nada conduz e isto, acrescentou, talvez pelo fato de ser o vazio uma coisa muito vergonhosa para ser divulgada*.

Uma igreja aconchegante até. Missa de sétimo dia do pai de um amigo.

Houve no Egito um deus que se tornou Deus e passou a matar os outros deuses. Vingativos, os humanos assassinaram o Seu filho único, pois que era um deles, pelo que Ele os castigou inventando a propaganda e enviando, a cada ciclo, profetas caolhos que lhes exigem renovadas cotas de submissão e sangue. Deus não chorou a morte do Filho e nem chora as nossas tampouco, a nós cabe chorar a Sua enquanto durar a eternidade.

— Vivo entre, qualquer aqui me desampara; e uma profissão de fé: estar sempre do lado errado, um caranguejo, uma esquizo, priondrogadofêmeatranscoisaumseteumr&p, a infecção agora entre os “nossos”. O Homem do Povo: qué apanhá pula aqui. Um homem que se propõe construir a si mesmo está assumindo o papel do Criador, segundo uma determinada maneira de ver as coisas; ele é antinatural, blasfemador, abominação das abominações. Sob outro ângulo, pode-se ver carisma nele, heroísmo em sua luta, em sua disposição de arriscar: nem todos os mutantes sobrevivem. Banditismo por uma questão de classe.

A maioria dos bancos vazia, negros como as naves. O padre, na verdade, um pouco distante, lá longe o altar, microfonia, a voz embargada, ouço ecos? Não se escuta muito bem. Refocilam-se entre as colunatas laterais os heraldos do *maalstrom*: cunilínguos, feladores, cabisondos e mineteiras. Uma pausa de vários compassos e percebo que chove novamente; sorrio, é verdade que procuro escondê-lo, ao sentir o ar envolver também a mim. Vou descomprimindo (são 9 corpos e oito partes da mente). Os cânticos, o padre de óculos falando em pleibéque, serpiginando pelo caminho-da-minhoca; por defastio, acidente ou método, às vezes, atingimos um curto relance da natureza íntima das coisas, a dança. Então eu caí nas profundezas e ouvi o Rei Amarelo sussurrando à minha alma: é uma coisa terrível cair nas mãos do deus vivo. Desde o começo outra vez.

Erefuê. Filósofos heterodoxos hindus garantem que a terra logo-logo hã se transformará num indescritível pântano de violência bestialidade dor. Conquistamos o direito de estar aqui, sem conforto, ameaçados, mas juntos, o homem ouvindo a confissão da mulher, a mulher com um filho do homem no seu sangue. E os dois com a lembrança de um filho que morreu. *Jahannum gehenna muspellheim*.

Agora se deve rezar, *fist fucking* em voz alta e de pé. Sim, sim, ele rezou sim, quebrado, mofino, abandonado pela língua que nos aprendeu e diabético e deprimido e amauro vidente

com a morte a lhe roçar as fimbrias; a bela façanha, o velho truque de abusar dos fracos. Colossos de capa branca fingem o silêncio da pedra. (A verdade de uma coisa só pode ser o conjunto de todas as coisas, e pior, isto é parte do gravíssimo problema). Extraviei o missal, desaprendi as rezas, só me ficou esta oração do Fausto Wolff:

Gostaria de crer na história da adolescente de quinze anos que acreditava trazer no ventre o filho de Deus; na do filho do carpinteiro que pregava amor e justiça. Sempre quis acreditar nele, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e até na vida eterna. Eu gosto dele porque era pobre e maltratado como todos vagabundos errantes; como eu. Depois, desde os tempos de Constantino, descobriram que podiam fazer bom uso do crucificado. O cobriram de jóias, o banharam em perfume e o trancaram num palácio bem longe do povo. Gosto dele porque foi inventado pelos pobres que não agüentavam mais a tirania do Deus-Pai, aliado dos governantes, que pedia ao seu povo para ser dócil às autoridades e servia de consolo às privações impostas pela vida. Fazia com que os pobres se conformassem e ainda aliviava qualquer sentimento de culpa dos poderosos. A hostilidade inconsciente a um Deus que só favorecia os ricos no grande Nordeste que era a Judéia ocupada por Roma, fez com que os pobres deificassem o Cristo, o homem sofredor com o qual se identificavam. Nessa irmandade cristã primitiva, a assistência econômica, o apoio mútuo, o comunismo, enfim, tinham um papel predominante. Um dia, porém, Roma descobriu as vantagens do cristianismo e Deus-Cristo se tornou sócio do mercado, participando dos lucros. Pois entre os muitos papas escrotos, não houve um chamado Clemente I que disse aos pobres que eles deviam agradecer a Deus pela existência dos ricos que foram postos na terra para ajudá-los?

Deixo-me levar pela massa ao final - epifanias masturbatórias -; lá na frente, ela, espremida no corredor por uma cerca-viva de conversas. Uma irmã se levanta. Tristians. Carregar um fiapo de consciência que acaba. Estou chegando por entre a multidão à fila de cumprimentos: a maquia que carneia o touro: *banderillas*, estocada, fim. Arriscar-se a dizer é inútil, não há nada

que possa ser feito com palavras, na floresta dos signos crescem a grama e a raiz enoveladas numa trama de escuridão e sonho; as imagens, mesmo as que vêm de espelhos, são formadas pelo olhar e, assim, tudo circula entre Equívoco e Esquecimento; no caso das pessoas, esta arbitrariedade faz delas personagens.

O adro evacua, voa um pássaro porta adentro *. Penso se falei algo para a irmã e suas tetas. Qual é o nome deste pássaro. Asas azuis, corpo acinzentado, do tamanho de uma rolinha; adeja no céu impossível da abóbada em *trompe l'oeil*. Parece perdido, aflito. Vi-o desaparecer atrás da mureta que encerra o cruzeiro. Minuto, minuto, hora e nada do pássaro. S. Sant'Anna.

Devenir coisa-bicho, enlouquecer o subjétil. O segredo do sucesso (e do desaparecimento) consiste em distinguir aleatoriamente com a fama um grupo de pessoas infelizes por causa dela, sustentado por milhões de infelizes por não tê-la. Ciranda à moda do maluco é o experimento em moto-perpétuo, teratologia, estranha mestiçagem entre *zoè* e *bios*, fisiologia e narração, genética e biografia; e também uma maneira trágica de ser artista: inviabilizando a performance, o asseio.

Estamos aqui reunidos porque alguém morreu, viemos reatualizar os laços, refazer a rede, mas não é isso que faz doer. De um jeito ou de outro perdemos, ou estamos perdendo, ou vamos perder, algo ou alguém. Não é tão ruim: a morte nos obriga a reconhecer uma verdade. E a verdade só é verdadeira quando traz mais desgraça e tristeza aos seres humanos; desta forma, quando mostra outra coisa, além de maldade, é ilusão e não verdade.

A mulher do brâmane que trazia as frescas águas do riacho entre as mãos numa esfera de cristal, o santo cuja água podia acender lamparinas, o vidente cujo lapso de memória é o sopro divino, o verdadeiro paranóico para quem tudo se organiza em esferas aconchegantes ou ameaçadoras em torno da pulsação central de si próprio, o sonhador cujos jogos de palavras exploram fétidos poços

e túneis de antigas verdades, todos eles agem essencialmente em função da relevância da palavra, ou daquilo que a palavra, como um anteparo, está ali para nos proteger. O Verbo é um símbolo e um prazer que suga os homens e as cenas, árvores, plantas, fábricas e chineses. Depois, a Coisa se torna o Verbo e volta a ser a Coisa, viva como a carne da ferida do mendigo, mas deformada e entrelaçada num padrão fantástico. Já é uma (quase) palavra que executa o ato.

Finda a missa, minha amiga em lágrimas, enquanto tenta sorrir e se despedir dos outros. Malditos são os que recusam o fakezinho, e são tão poucos, tão poucos, tanto melhor para os senhores da opinião, os oráculos, operadores de esfínteres, que se lambuzem nos seus *celebrity systems* ubiqüitários, que se fodam, que se fodam os momentos ensaiados, tudo, os registros em tempo real, a marcha dos acontecimentos, a pira sacrificial, anátema para quem abjura, que diferença há do fetiche Deus para o onipotente mercado? O espetáculo se resolve na crueldade liberta enfim, sem gesto, sem distopia, e por que não dizê-lo — , sem a graça. Em torno dela guirlandas, alvéolos, guarnições de minúsculos seres miraculantes. É a pura verdade: vejo em kirlian. Que a fome esteja convosco minha boca 'inda tem bosta do beijo do teu cu.

Qual pode ter o ninho aqui dentro? A toda volta ninguém olha para cima (reprovação geral), alguns até murmuram ao longe. São Domingos é o quilombo do pássaro azul-cianose. Santo peregrino, doutrinador; evitou, dentro do possível, queimar os hereges albigenses, preferia desafiá-los para a dialética, reconduzia-os pela oratória. Na sua iconografia constam, além do Livro, um cachorro, um archote e uma estrela. A estrela refere-se às querelas com os astrólogos, provavelmente, embora o archote tenha de ser relacionado com as escrituras, que traz na mão direita, traduzindo a problemática união do Logos com a Caritas. O cão simboliza a busca do homem, as viagens tão constantes em sua vida, mas, contraditoriamente, também o medo dos caminhos e a tendência a desenvolver tuberculose.

a despedida

Um dia as ninfetas de Edo compreenderão que todos os negócios de Deus acabam sendo administrados por Shaitan - não é o destino comum dos ídolos o iconoclasmo, das aparições a evanescência, das coisas, transformarem-se no seu contrário? O maior dos mentirosos e o grande ilusionista, eles nunca faltam, a mão esquerda e a mão direita da matança. A chuva parou definitivamente.

Pergunta: O que é o oposto da fé?

Não é a descrença. Definitiva demais, exata, fechada. Ela própria uma espécie de crença.

É a dúvida.

Saio, já esquecido de um pássaro que nunca existiu. Πο Δοπορε (Haí vem todomundo). Janeiro se foi com seus crepúsculos tardios, janeiro de duas caras me adverte para não contar segredos. O juramento que faço agora vale mais e tem mais peso, porque experimentei o que digo, eu não conheço apenas a esperança, mas também o sofrimento, o perigo, a solidão e a morte. Como posso lamentar o que tem sido a minha glória? “O que fazer se só os cães, os gatos, os bebês e os loucos podem nos ouvir? Os vivos, como estão mortos, não respondem”.

* N. do A.: Quando a censurei por utilizar demais as frases dos outros ela respondeu: “Sabe o que Sinhô disse para Heitor dos Prazeres, o verdadeiro compositor de *Jura*? O samba é que nem passarinho, é de quem o agarrar”.

* N. do O. (Ornitólogo): Pela descrição subsequente, e a bem de uma certa precisão, há grande probabilidade de se tratar aqui de um sanhaço-cinzento ou, cientificamente, *Thraupis sayaca*. Farid ud-Din Attar descreve o pássaro que era todos os pássaros e a língua em que ele(s) falava(m) (*mantic uttai*). Seja como for, andamos às voltas com o problema da representação, a notação, sempre parcial, de uma série que é infinita em possibilidades. Deus. Arte, dizia Mondrian, é só substituto, suplência, para um mundo carente de beleza. Quando a arte da reprodução, e o seu cortejo de inevitáveis *similia*, recobrir todas as coisas que nos cercam, recomeçaremos a busca — agora em sentido inverso. E esta nova demanda, que trocará conceitos por acontecimentos, cenas por fatos, *eidolon* por imagens de 3ª. geração, *verba* por *res*, númenos por fenômenos, ainda assim, será arte.

THE SOFT MACHINE

O Brasil, desde a idade trevosa das capitâneas, vive em estado de sítio. Somos feudais, somos fascistas, somos justicadores.

Machado Penumbra

A liberdade é uma dívida que o povo tem para consigo próprio, para com o mundo, para com as crianças que nascerão.

Mikhail Bakunin

Se existisse, o Brasil seria incrível.

O Brasil existe, mas não funciona, ou melhor, o Brasil não existe, mas funciona (mal); se o Brasil fosse uma ilha, seria a ilha da fantasia, da contradição, do futebol, da corrupção, da mulata, do suíngue, do carnaval, da cordialidade; se o Brasil fosse um país, era a república musical guarani, federação dos povos da floresta, a Roma negra, o matriarcado de Pindorama, a utopia selvagem, o arraial de Canudos, a nação inacabada de Cunhambebe, o país (como não verás nenhum) de Ganga Zumba, Bequimão, Calabar e Sepé Tiaraju; se o Brasil fosse um continente, seria a Nova Atlântida, a Serra das Esmeraldas, a Panamérica, Vera Cruz, o El-Dorado, a terra prometida de Tupã e Nhanderuvuçu; se o Brasil fosse um inferno, seria um balneário de turismo sexual, matadouro de gente, um abismo social, uma Europa às avessas, um paraíso fiscal, uma África do futuro — carnificina e cocaína. Felizmente, o Brasil não é longe daqui. Jack Soul Brasileiro (a)...

O que se pode esperar do Brasil?

Alegoria da simulação, há um conto de Jorge Luís Borges em que os cartógrafos de um Império, no afã da maior verossimilhança e detalhe possível, acabam por desenhar um mapa que cobre completamente todo o território representado. O declínio desta China imaginária assiste ao moroso esgarçamento e final

diáspora dos fragmentos daquela totalidade mítico-político-histórico-semiótica. Contemplando estas ruínas, reconhecemos que o território já não precede o mapa, nem lhe sobrevive. O ponto-de-vista sofre a erosão contínua das multiplicidades, a representação é parcelada em olhares, acontecimentos, singularidades. A realidade latifundiária sofre uma reapropriação, na aparência democratizante, que a reparte e estratifica ao infinito através da liquidação de todos os referentes; neutraliza-se a elusiva fragmentariedade do Real, a partir deste momento ele passa a ser *produzido* e, portanto, trata-se já de um *hiper-real*. Será preciso, doravante, não estarmos iludidos na caverna platônica *high tech*: o que sobrevive ferozmente é a metáfora do Império.

America's business is business gostam de repetir os norte-americanos, embutindo no deslizamento metonímico o sentido continental: *eles* são os americanos. Exauridas as metrópoles europeias no pós-guerra, os Estados Unidos da América (do Norte) passam a emprestar uma face novomundista ao domínio imperial. Sem feitorias ou colônias, sua economia, cultura e poderio militar são os fetiches de uma onipresença sem fissuras: o Moloch insaciável do deus-mercado. Esta América ainda inabordável somos nós.

No turbilhonamento deste redivivo Baal pode-se até mesmo rastrear a dissolução dos grupos tradicionais: estados, nações, comunidades, classes, etnias, regiões, microestruturas estatais e subestatais, camorras, redes de tráfico, tudo lhe interessa, tudo lhe é indiferente². Não há diferença formal entre as franquias globais da Al Qaeda e uma corporação multinacional. A integração econômica, mola propulsora da interligação planetária desde o alvorecer da modernidade, fez do dinheiro o árbitro universal, fiador de toda potência e verdade. É o mercado que regula a sociedade, efeito da interpretação selvagem da infra sobre a superestrutura, que transmuda a tudo e todos no cínico que conhece o preço de tudo, mas já não sabe o valor de mais nada*.

A primeira empresa em escala transnacional do capitalismo moderno foi o comércio de seres humanos.

Tudo que era sólido desmanchou-se no ar. O dinheiro realizou o que para o deus único só foi pensável: sua ubiqüidade, onisciência e onipotência desconhecem a castração³. Só a mercadoria é universal, os sistemas que a distribuem chamam-se apenas “O Sistema”. Deus sabia de tudo e não fez nada.

Enquanto a alta cultura se esterilizou no silêncio inocente de intelectuais desengajados, a cultura *pop*, paradoxalmente, tratou de levar a Escola de Frankfurt para o cinema. Filmes como A Montanha dos Sete Abutres (*The Big Carnival*, Billy Wilder, EUA, 1951), Rede de Intrigas (*Network*, Sidney Lumet, EUA, 1976), Truman Show (Peter Weir, EUA, 1998) ou Matrix (Andy & Larry Wachowski, EUA, 1999), entre outros, tematizam a problemática relação do nosso tempo com o virtual, a ascensão das mídias e da indústria de propaganda. O gerenciamento da sociedade administrada apostou estrategicamente nos modos de produção simbólica e nas táticas de (re)apresentação social; no capitalismo tardio, pós-industrial, a forma conspícua da mercadoria é o espetáculo, sucedâneo do mercantilismo monopolista⁴.

Um dos contrastes essenciais entre a nossa época e os *crazy sixties*, é que, conservadores ou progressistas, ninguém mais é contra ou a favor; todos hoje maldizem e aceitam placidamente o “Sistema”. Conhecemos a sua implacabilidade, tememos os humores do mercado, caprichoso e idiossincrático como os deuses antigos. Todos se acostumaram a servir a um mestre que odeiam em sã consciência, daí a nossa forma peculiar de melancolia cínica⁵. Se nem mesmo a Natureza ou o Inconsciente são imunes à mercantilização e ao bombardeio midiático, uma vez que ninguém é exterior ao seu tecido sem margens (*world wide web*), então, todos aceitam a inevitabilidade do arrastão globalizado. Uma dos aspectos assustadores dos atentados de 11 de setembro de 2001 é o perfeito timing televisivo por parte dos que planejaram a matança; a

maior superprodução feita originalmente para a TV. Nunca houve e não há algo como um choque de civilizações: o islamismo é cria do ocidente, os *jihadistas* foram treinados pelo ocidente.

Nestas quatro últimas décadas, o núcleo duro do conservadorismo reacionário se transferiu para instituições internacionais tais como o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio, o Fórum Econômico Mundial, etc., além de passar a controlar a grande mídia dos países-chave. A partir desta base supra-nacional, e com a esquerda em como cerebral, ficou fácil para a finança mandar sem oposição. Os altos custos das campanhas eleitorais, na prática, acabam deformando o cerne do processo democrático, uma vez que a mão invisível do mercado e o dedo de Deus dos meios de comunicação sempre despejarão suas fichas em qualquer aventureiro que se comprometa a manter intacto o *status quo**. O mito de que todos os países se desenvolverão a níveis semelhantes com o triunfo do sistema capitalista utiliza-se da mesma noção de progresso que direcionou a revolução burguesa. O dessecamento da capacidade crítica, o esgotamento que se verifica nas propostas de esquerda, é proporcional à dose de hipocrisia de que necessitamos para justificar um sistema que serve a dez países centrais e deixa 5/6 da população mundial aquém da possibilidade real de fazer parte do jogo⁶. No pós-moderno, não se reprime a sexualidade, mas a política.

Enquanto se entretêm na crítica perfunctória da terceira revolução industrial, os intelectuais pós-modernos babam com as novas categorias de “trabalho imaterial” — produto de uma classe de trabalhadores, na qual estão incluídos, chamados de operadores simbólicos. No circuito maior da desrealização do mundo desaguariam, por assim dizer, naturalmente, os processos de virtualização da economia e da cultura. Em que pese a nova roupagem, transparece o antigo vício dos discursos do saber: suplementar e legitimar as instâncias móveis do poder. “Es-

quecer” que o trabalho abstrato também decorre do dispêndio concreto de tempo, pensamento e ação, é a forma (pós) moderninha da alienação; limitar os conflitos contemporâneos a combates simulados ou lutas simbólicas, equivale a exterminar espécies mutantes de crítica do presente⁷.

No atual estágio do capitalismo globalizado, o que temos é uma superpotência militar e econômica, mais ou menos integrada ao “concerto” dos estados-nações mais desenvolvidos. Que esta superpotência precise invadir países produtores de petróleo, chama-se guerra ao Eixo do Mal; que o dólar livre-flutuante dependa da China compradora é um detalhe; que os excedentes da ciranda rentista dependam da especulação nos chamados mercados emergentes, é outro detalhe que ocupa apenas um punhado de especialistas. Que a antiga epopéia de nações beligerantes esteja em transição para uma hegemonia de blocos regionais, também não incomoda demais os analistas; que a civilização capitalista, como todas as outras que a precederam, chegue a um ponto terminal — aí já é anátema. Sob pena de incomodar os “integrados”, não se pode abordar o declínio de um sistema absurdo que acumula, para acumular mais. Ante o risco de desagradar os “apocalípticos”, não é de bom-tom pensar o que viria depois do fim⁸.

Não basta decretar o fim da história, o fim da ideologia, o fim da arte e da ciência — o criticismo bacaninha precisa requentar John Lennon: o sonho acabou.

Descartado o pensamento utópico, tudo se reduz a uma série recursiva de happenings auto-limitados, eventos disciplinados pela lógica da visibilidade compulsiva. A paródia suprema é reencontrar os intelectuais da mídia, figurinhas carimbadas dos meios de comunicação, a cada vez que estes se propõem um exercício (masturbatório) de “auto-análise”*. A imaginarização acelerada dos fluxos sociais fecha-os em zonas de conforto, regiões precárias de consenso nas quais o Real traumático irrompe, de quando em quando, para estourar as bolhas especulativas. As re-

des discursivas de hoje não passam de máfias religiosas organizadas pela iniciação midiática: só aparece o que é bom, o que é bom aparece. Nada deve perturbar este avesso do sonho: a única lei do espetáculo é a crueldade.

“- Brasil, qual é o teu negócio?”. Começa em frei Vicente do Salvador (1564-1637), uma tradição de pensadores ocupados em definir a especificidade da cultura e da sociabilidade brasileira, questão identitária que traduz nossa presença na divisão internacional da produção cultural e econômica. Na contramão da nostálgica (suposta) excepcionalidade que nos constituiu e do futuro (sempre adiado) que nos aguarda, a engenharia social da brasileiridade pode se fazer um lugar na cultura mundializada. Macunaíma tangendo seu alaúde, *flâneur* da megalópole passeando pela era das incertezas, aquém e além do bom ou mau selvagem locatário de uma terra paradisíaca. Germinam aqui, paradoxalmente gestadas num dos países mais desiguais do mundo, formas utópicas de subjetivação e convivialidade. A música popular brasileira mostrou durante todo o século passado uma inesgotável capacidade de galvanizar as realizações culturais de alto nível do país, fabricando um verdadeiro “biscoito fino para as massas”.

Talvez a melhor metáfora do Brasil-problemão seja a do sociólogo Francisco Oliveira: somos um mamífero que põe ovos. O ornitorrinco-Brasil tem uma pelagem capitalista, mas por dentro se reproduz botando o ovo do patrimonialismo estatal: o Estado é um sócio-patrão que representa e é representado por um estamento burocrático. Resulta um sarapatel de país que tem a segunda pior distribuição de renda e a segunda maior burocracia do mundo. Como é que uma tal comunidade não arrebenta nas costuras? Simples, a sociedade brasileira mantém uma política ativa de extermínio do homem jovem, pardo e pobre — a guerra civil não declarada do patropi mata, por ano, mais que uma ex-Iugoslávia, um Afeganistão e um Iraque somados. A antropofagia cultural falha como significante nacional ao esbarrar no canibalismo real. O desajuste de princípio entre a realidade local e as ideologias e insti-

tuições importadas, fazem do Brasil e dos países do terceiro mundo um laboratório das mazelas da dita “democracia liberal”. Viver com as idéias fora do lugar é muito perigoso.

Voltemos à questão inicial: qual pode ser a contribuição americana para a aldeia global? Teríamos criado o homem cordial, pioneiro da pós-modernidade¹⁰, “Homo excentricus, em casa no mundo todo, exilado em toda parte”¹¹? Seríamos o verdadeiro *melting pot*, a tão cantada em prosa e verso democracia racial? Quando Freud flava do mal-estar na civilização (leia-se, ocidental), teve o cuidado de mencionar povos “primitivos” que desenvolveram uma cultura em que não se praticava a repressão institucionalizada. Melhor dizendo, os povos sem história, na América ou fora dela, já tinham descoberto e praticado o que ainda causa escândalo na voz de anarquistas e etnólogos¹²: é balela reformar o estado; o que se precisa é combatê-lo, mantê-lo sob o jugo da opinião pública, suscitar novas formas de associação e organização acima e abaixo de estados nacionais senescentes e fascistas. O que as sociedades “primitivas” já sabiam é que não há excedente de mercadoria sem contrapartida em gozo e repressão — o jogo da troca é desigual, a autonomia e a liberdade são o seu preço.

Os utopistas da tecno-democracia não perderiam nada em conhecer a sociedade tupinambá. Se o futuro não quiser repetir o passado, talvez deva visitar a pré-história em busca de inspiração.

Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar

Júlia Katunda e Filipe Doutel

¹ É neste sentido que Jean Baudrillard falará do simulacro, um real fabricado, moldado a partir de interesses específicos e que configura um modelo de totalitarismo *sub specie aeternitatis*. Cf. *L'ordre des simulacres*. Paris, Gallimard, 1975.

² “O mundo contemporâneo apresenta o quadro do capitalismo imperialista liberal depois de triunfar sobre seus últimos dois desafiantes, o fascismo e o comunismo: assim falaria o marxismo, caso não tivesse falecido. Crítica póstuma, com a qual o sistema não tem qualquer preocupação. Chama-se o sistema, simplesmente. Não permite a paz, garante a segurança, por meio da competição. Não promete o progresso, garante o desenvolvimento, pelos mesmos meios. Não tem outros. Suscita as disparidades, solicita as divergências, o multiculturalismo lhe convém, mas com a condição de um acordo sobre as regras do desacordo. O que se chama consenso.” LYOTARD, J.-F. - **Moralidades Pós-modernas**. Campinas, Papirus, 1996, pg. 179.

* De Bretton Woods ao Consenso de Washington passaram-se 50 anos exatos. A estrutura do capital financeiro no pós-guerra foi o resultado da derrota que os norte-americanos impuseram às idéias de Keynes em 1944. Nesta época, Lord Maynard Keynes advogava como política de estabilidade monetária e econômica para o mundo do pós-guerra, que 90% dos investimentos seriam para a infra-estrutura e produção e 10% para a especulação. A partir do governo Nixon este sistema começa a ser desmantelado progressivamente, até que em 1994, segundo relatório da UNCTAD (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento), 95% do capital envolvido nas trocas internacionais já se destinava à especulação.

³ “A mudança estava no ar em todo o *Oikumene*. O período de 800 a 200 AEC foi chamado de Era Axial. Em todas as principais regiões do mundo civilizado havia gente criando novas ideologias, que continuam a ser cruciais e formativas. Os novos sistemas religiosos refletiam as novas condições econômicas e sociais. Por motivos que não entendemos inteiramente, todas as principais civilizações se desenvolveram segundo linhas paralelas, mesmo quando não havia contato comercial (como entre a China e a área européia). A nova prosperidade levou ao surgimento de uma classe mercantil. O poder passava das mãos do rei e do sacerdote, do palácio e do templo, para o mercado. A nova riqueza levou ao florescimento intelectual e cultural, e também ao desenvolvimento da consciência social. A desigualdade e a exploração foram tor

nando-se mais visíveis à medida que o ritmo da mudança se acelerava nas cidades e as pessoas começavam a compreender que seu comportamento podia afetar o destino de futuras gerações. Cada região desenvolveu uma ideologia distinta para tratar desses problemas e preocupações: taoísmo e confucionismo na China, induísmo e budismo na Índia, e racionalismo filosófico na Europa. O Oriente Médio não produziu uma solução uniforme, mas no Irã e em Israel, Zoroastro e os profetas hebreus desenvolveram respectivamente diferentes versões do monoteísmo. *Por mais estranho que pareça, a idéia de 'Deus', como as outras instituições da época, desenvolveu-se numa economia de mercado, num espírito de agressivo capitalismo.*" [itálicos nossos] ARMSTRONG, K. – **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo.** São Paulo, Cia. Das Letras, pg. 38, 1994.

⁴ Aqui se apresenta uma estratégia de dois tempos em relação à cultura de massas: em primeiro lugar, é necessário demonstrar o caráter ideológico que assumem os produtos culturais massificados enquanto dissimuladores dos mecanismos de reconversão do capital econômico em simbólico e, portanto, legitimadores privilegiados do discurso da classe dominante. Tudo isto é ponto pacífico e se tornou a pedra angular da crítica cultural levada a cabo pelo pensamento social de esquerda no século XX: "A denegação da economia e do interesse econômico que, nas sociedades pré-capitalistas, se exercia, em primeiro lugar, no terreno do qual foi preciso excluí-la para constituir como tal a economia, encontra assim seu refúgio de predileção no domínio da arte e da cultura, lugar do puro consumo, de dinheiro, é claro, mas também de tempo não conversível em dinheiro. Reduto de sagrado que se opõe de maneira sistemática e ostensiva ao universo profano e cotidiano da produção, refúgio da gratuidade e do desinteresse em um universo dominado pelo dinheiro e pelo interesse, o mundo da arte propõe ? como, em outros tempos, a teologia ? uma antropologia imaginária obtida pela denegação de todas as negações, operada realmente pela economia." (BOURDIEU, P.- Les modes de domination. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, juin, n. 2/3, p. 132, 1976. Tradução de Maria da Graça Jacintho Setton.). Em segundo lugar ? e assumindo uma posição bem mais polêmica ? há que se reconhecer o caráter transformador que está envolvido na simples idéia de uma civilização voltada para o grande número. O consumo de massa remete ao culto da *visibilidade* (culto leigo, é certo, mas que não renuncia a uma certa liturgia da consagra

ção, da fusão numa totalidade representada continuamente no espaço público e privado), cuja chancela está em questão quer se trate de mercadorias, displays, movimentos de minorias e excluídos, publicidade, notícias, subculturas urbanas, embalagens, circuito da arte, organizações rurais, música popular, moda, arquitetura, etc. Todos os anseios que tais atividades enformam não estão, a princípio, normatizados e tranqüilamente incorporadas aos regulamentos do sistema mercadológico, há sempre um momento de desconhecido e de confrontação no horizonte destas assimilações. A (oni)presença da semiotização midiática não obedece a uma lógica única e unidirecional, os enclaves de resistência aí se inscrevem segundo a imprevisibilidade que lhes é própria; mesmo a ilusão do acesso generalizado ao consumo não deixa de ser um socialismo às avessas: “a exposição do consumo é a antecipação parodística de uma situação utópica.” (Enzensberger, 1970, op.cit.) A conhecida tese de que o capitalismo explora apenas necessidades fictícias é apenas uma meia verdade; a suposta imposição de necessidades falsas, é muitas vezes a falsificação e exploração de necessidades reais e legítimas, sem as quais o processo parasitário da publicidade seria inócuo. É assim que se estruturam, por exemplo na indústria cinematográfica e na música popular, as relações entre o “independente” ou “underground” e o “mainstream” ? circuito retroalimentador e permeável nos dois sentidos. Por isso não devemos recusar apressadamente o aspecto crítico, e até mesmo subversivo, de que a cultura pop freqüentemente se reveste e, no fundo, necessita.

⁵“Somos ilustrados, estamos apáticos, já não se fala de um *amor* à sabedoria. Já não há nenhum saber do qual se possa ser amigo (*philos*). Já não nos ocorre amar o que sabemos, antes nos perguntamos como nos acomodaremos a isso sem que nos convertamos em estátuas de pedra. (...) O cínico moderno é um anti-social integrado que rivaliza com qualquer *hippie* na subliminal carência de ilusões. Nem sequer a si mesmo seu olhar claro e perverso se manifesta como um defeito pessoal, ou capricho amoral do qual deva se responsabilizar privadamente. Psicologicamente pode-se compreender o cínico da atualidade como um caso-limite de melancólico, um melancólico que mantém sob controle os seus sentimentos depressivos e, até certo ponto, consegue trabalhar. Com efeito, no caso do cinismo moderno, a capacidade de trabalhar de seus portadores é um ponto essencial... apesar de tudo e depois de tudo. Faz muitíssimo tempo que pertencem ao cinismo difuso os pos

tos-chaves da sociedade, as diretorias, os parlamentos, os conselhos administrativos, a direção das empresas, as cátedras, os consultórios, faculdades, chancelarias e redações.” SLOTERDIJK, P. - **Crítica de la razón cínica**. Madrid, Taurus, pgs. 12, 33-4, 1989.

* Curiosamente, este é um conservadorismo “reformista”, pois dedica-se a pregar e implantar reformas (leia-se: destruição de garantias sociais), que tornem tudo sempre mais fácil para a operação do onipresente mercado.

⁶ “A literatura sobre desenvolvimento econômico do último quarto de século nos dá um exemplo meridiano desse papel diretor dos mitos nas ciências sociais: pelo menos 90 % do que aí encontramos se funda na idéia, que se dá por evidente, segundo a qual o *desenvolvimento econômico*, tal qual vem sendo praticado pelos países que lideraram a revolução industrial, pode ser universalizado. Mais precisamente: pretende-se que os padrões de consumo da minoria da humanidade, que atualmente vive nos países altamente industrializados, são acessíveis às grandes massas de população em rápida expansão que formam o chamado Terceiro Mundo. Essa idéia constitui, seguramente, uma prolongação do mito do *progresso*, elemento essencial na ideologia diretora da revolução burguesa, dentro da qual se criou a atual sociedade industrial. (...) O aumento relativo do número de privilegiados dos países periféricos não impede, entretanto, que se mantenha e aprofunde o fosso que existe entre eles e a maioria da população de seus respectivos países. Com efeito, se observamos o sistema capitalista em seu conjunto, vemos que a tendência evolutiva predominante é no sentido de excluir nove pessoas em dez dos principais benefícios do desenvolvimento; e, se observamos em particular o conjunto dos países periféricos, constatamos que aí a tendência é no sentido de excluir dezenove pessoas em vinte.” FURTADO, C.- **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pg.86-7, 1974.

⁷ “Já que ninguém se interessa pelos interesses das massas, ao menos no que têm de historicamente novos, eles continuam relegados a um terreno relativamente desconhecido. Eles vão, indubitavelmente, muito além dos objetivos representados pelo movimento trabalhista tradicional. Assim como, na esfera produtiva, cada vez mais as indústrias de bens e da consciência se fundem e se mesclam, também subjetivamente. Quanto às necessidades, há momentos materiais e imateriais fortemente entrelaçados. Neste contexto, carregam-se velhos motivos psicossociais (prestígio social, modelos de identificação), mas surgem

também novos motivos poderosos, que são utópicos. Do ponto de vista materialista, nem uns nem outros podem ser desconsiderados. (...) É absolutamente evidente que a indústria da consciência nas atuais formas de sociedade não pode satisfazer nenhuma das necessidades das quais ela vive e que por isso as deve estimular, a não ser em formas ilusórias de jogo. Entretanto, o que interessa não é desconstruir suas promessas, mas torná-las ao pé da letra e mostrar que elas só podem ser cumpridas por meio de uma revolução cultural.” ENZENSBERGER, H. M. - **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. São Paulo, Conrad, pg. 60 e 64.

⁸ “O Sistema Mundial Moderno está chegando ao fim. Mas serão precisos no mínimo mais 50 anos de crise terminal, ou seja, de ‘caos’, antes que possamos ver surgir uma nova ordem social. Nossa missão atual e nos próximos 50 anos é a missão dos utopistas. Trata-se da tarefa de imaginar e empenhar-se em criar esta nova ordem social.” WALLERSTEIN, I. – **Após o liberalismo: em busca da reconstrução do mundo**. Petrópolis, Vozes, pg.17, 2002.

* Há em curso nos EUA uma concentração sem paralelo na história da mídia/entretenimento, que não nos deixa com inveja porque isso já é nosso feijão com arroz. O Quarto Poder de lá está assim, são 6 irmãs-gigantes tendentes a se fundir em uma ou duas: 1) Viacom-CBS-MTV; 2) Murdoch-FoxTV-HarperCollins-WeeklyStandard-NewYorkPost-LondonTimes-DirecTV; 3) GE-BNC-Universal-Vivendi; 4) Time-Warner-CNN-AOL; 5) Disney-ABC-ESPN; 6) Comcast. O Poder Moderador mostra seus músculos.

⁹ “Musicólogos nacionais adotam definições acadêmicas que vêem na sincopação o ‘irregular’, a exceção à regra. Não percebem as conseqüências paradoxais no caso brasileiro, que o que é ‘irregular’ no samba brasileiro seja aquilo que o caracteriza, o mais comum, simplificando: a regra. O paradoxo só pode ser desfeito se considerarmos que a síncope não é um conceito universal da música, mas sim uma noção criada a partir das necessidades de prática musical clássica ocidental e, como tal, de validade restrita.” MEIRELLES SANTOS, M. R.- **Samba: comunicação, cultura e identidade nacional**. Rio de Janeiro, UFRJ, Tese de doutoramento, pg. 38, 2002.

¹⁰ “Parece irônico que os estudos culturais nas sociedades ditas desenvolvidas ou centrais tenham começado a adquirir traços contestatórios

e mesmo militantes, a militância das minorias, com vinte ou trinta anos de atraso em relação às sociedades latino-americanas, justamente quando, nestas, as fortes ondas de contestação e militância político-culturais já havia arrefecido. (...) Afinal, a desconstrução da racionalidade bem comportada, a abertura de brechas na ordem estabelecida, a atração pela imprevisibilidade das descobertas e da alteridade, tidas como tônicas da sensibilidade pós-moderna, são ingredientes congênitos das culturas latino-americanas. As experiências de tempo e espaço movediços e polimorfos, as incertezas políticas, as mestiçagens étnicas, o nomadismo do desejo, os hibridismos culturais, os descentramentos da identidade produzidos pelas sombras do outro estão de tal modo entranhados na constituição da nossa cultura que pouca ebulição os debates pós-modernos estavam fadados a produzir em nós. Pós modernos já éramos.” (SANTAELLA, L. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: **Crítica das práticas Midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. PRADO, J.L. (org.), São Paulo, Hacker, pg. 50-1, 2002).

¹¹ *“Homo excentricus*. Em casa no mundo todo, exilado em toda parte. Seu terreno de caça é a cosmópole, a cibépole, a *urbs* da democracia universal, da sociedade civil universal, em que todas as identidades serão múltiplas, em que todas as cidadanias se interpenetrarão. Nesse mundo inventado à imagem do tupinambá, não há nem matriarcado nem patriarcado. Nem totem nem tabu. O tabu é a tirania do pai morto, o festim totêmico é a tirania da comunidade. Em vez disso, a organização democrática do clã dos irmãos. Desterritorializado, esse clã vai ocupar em breve o mundo inteiro. Porque fome de tupinambá é grande demais. É uma fome transcultural, transtribal. Catiti catiti, imara notiá, notiá imara, ipeju.” (ROUANET, S.P.- **Manifesto Antropofágico: 70 anos depois**. Jornal do Brasil, 22/08/1998).

¹² “Tudo se passa, com efeito, como se essas sociedades constituíssem sua esfera política em função de uma intuição que teria nelas lugar de regra: a saber, que o poder é, em sua essência, coerção; que a atividade unificadora da função política se exerceria, não a partir da estrutura da sociedade e conforme ela, mas a partir de um mais além incontrollável e contra ela; que o poder em sua natureza não é senão um alibi furtivo da natureza em seu poder. Longe, portanto, de nos oferecer uma imagem terna de uma incapacidade em resolver a questão do poder político, essas sociedades nos espantam pela sutileza com a qual elas a coloca

ram e regularam. Elas pressentiram muito cedo que a transcendência do poder encerra para o grupo um risco mortal, que o princípio de uma autoridade exterior e criadora de sua própria legalidade é uma contestação da própria cultura; foi a intuição desse ameaça que determinou a profundidade de sua filosofia política. Pois, descobrindo o grande parentesco entre o poder e a natureza, como dupla limitação do universo da cultura, as sociedades indígenas souberam inventar um meio de neutralizar a virulência da autoridade política, Elas escolheram ser elas mesmas as fundadoras, mas de modo a não deixarem aparecer o poder senão como negatividade logo controlada: elas o instituem segundo sua essência (a negação da cultura), mas justamente para lhe negarem toda potência efetiva.” CLASTRES, P. – **A sociedade contra o estado – pesquisas de antropologia política**. São Paulo, Cosac & Naify, pg.61, 2003.

DE OMNI RE SCIBILI, ET QUIBUSDAM ALLIS

A felicidade da fêmea

é uma felicidade

brejeira.

Viva a moçada!

Gênia?

só a Jeannie...

Apenas os idiotas são coerentes até ao

FIM.